

UMA HISTÓRIA PARA VOCÊ SE DIVERTIR,
DA AUTORA DO WATTPAD

ALESSANDRA FERREIRA

Um Acordo Imperfeito



LIVRO UM | SÉRIE "O ACORDO"

UMA HISTÓRIA PARA VOCÊ SE DIVERTIR,
DA AUTORA DO WATTPAD

ALESSANDRA FERREIRA

Um Acordo Imperfeito



LIVRO UM | SÉRIE "O ACORDO"

Um Acordo Imperfeito

PERIGOSAS NACIONAIS

Alessandra Ferreira | Copyright 2019

Preparação de texto e revisão:

Alessandra Ferreira

Capa, arte, diagramação:

Alessandra Ferreira e Marcella Castro

Para acompanhar outros trabalhos da autora:

Wattpad: @alespeziali

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

A presente obra é protegida pela lei 9.610 de 10/02/1998, não podendo o seu conteúdo ser armazenado ou reproduzido através de qualquer meio sem o consentimento da autora.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O QUE OS LEITORES ANDAM DIZENDO

SOBRE

UM ACORDO IMPERFEITO?

“Eu disse que essa família era o rebanho de loucos!

Já estou com saudades desse povo, amei

acompanhar essa história (im)perfeita e preciso do

próximo livro urgente!” - **@genildarodrigues58**

“Parabéns por essa história sensacional! Foi muito

divertida, adorei as várias trocas de emoções ao

longo dos capítulos. Foi uma obra maravilhosa” -

@mismiranda

“Como nunca tinha lido esse livro antes? Amei

cada capítulo e me diverti horrores” -

@barbaraprado7

“Maninha, eu ri tanto que estou tossindo” -

@escarleteraissa

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

“Eu ri tanto, mas ri tanto, que acredito que os vizinhos pensaram que enlouqueci. Foi demais” -

@regyjesuslivroseafin

“É oficial, eu amo esse livro!” -

@camilaamasorvete

“Eu acho que nunca ri tanto em um livro” -

@carolineornellas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

SINOPSE

SELO DRAMALHÃO MEXICANO DE QUALIDADE®

Alana e Beto viviam uma linda história de amor, até o dia em que um drama mexicano os assolou e os boatos se espalharam: traição com a própria irmã termina em divórcio!

Desolada, a nossa Paulina Bracho juntou suas malas e partiu para longe, porém um anúncio inesperado a deixa sem saída: sua prima Tatiana passará um ano fora e fará uma festa de despedida para toda a família.

Agora, após três anos, Alana precisa colocar seus pés no lugar onde jurou nunca mais pisar: a praia do pôr do sol.

Desesperada e sempre louca, ela então propõe a seu

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

melhor amigo, Arthur, a coisa mais descabida

possível: que ele finja ser o seu noivo por sete dias.

O que poderia dar errado nesse acordo

(im)perfeito? Oras, quase tudo!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

INTRODUZINDO... UM ACORDO

IMPERFEITO

“A usurpadora!

Esperando pelo seu amor

A usurpadora!

Você machuca meu coração”

- **La Usurpadora, Pandora.**

ALANA

Março de 2015 (2 anos e 11 meses atrás)

— Vou sair de casa. — anunciei com as mãos trêmulas, enquanto colocava a minha mala no chão. Meu marido não disse nada. Seu silêncio era como um veneno que eu precisava engolir e então eu prossegui, vendo-o sentado em nossa cama com a cabeça baixa: — Estou decidida.

— Você está decidida. — ele falou, quase num

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sussurro. Não fazia nem dez minutos desde que ele tinha chegado da última operação feita com a Polícia Federal, que levou quatro dias. Eu estava cansada de me sentir sozinha e, mesmo quando o Beto estava em casa, a distância entre a gente parecia tão grande que era como se eu ainda estivesse solitária. — Pensei que nós tivéssemos que decidir esse tipo de coisa juntos.

— Juntos! — eu ri, imediatamente levando uma mão até a boca para evitar que o riso se transformasse num choro. Eu não queria chorar, eu queria parecer firme, ainda que por dentro eu estivesse desmoronando. — Qual foi a última vez em que nós estivemos de fato juntos, Roberto?

Você precisa me relembrar, porque parece que faz anos! Dois, para ser mais exata!

Dois anos era o tempo em que nós estávamos casados. Tudo bem, as coisas não começaram a dar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

errado logo do início do casamento, mas eu estava falando sem pensar.

— . — eu o vi abrir a boca para dizer alguma coisa, mas depois ele mordeu o lábio para refrear as palavras e desistiu. Ele parecia cansado. Que bom. Era bom saber que eu não era a única a me sentir um lixo com toda a situação.

— Você não vai dizer nada. — eu falei baixo e com

decepção, deixando sem querer que uma lágrima escapasse. Parecia que, depois que a primeira saiu, todas as outras vieram com muita facilidade.

— Eu prefiro ficar calado a magoar você, Alana. Se eu abrir a boca agora, é isso o que eu vou fazer.

— Você *já está* me magoando! — eu gritei. Céus, não era bem isso o que eu tinha previsto, mas parecia que tudo o que era relacionado a nós, nos últimos tempos, envolvia uma dose extra de drama.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Minha reação ao menos chamou sua atenção.

— Eu sei. — ele assentiu e finalmente se pôs de pé.

Eu o vi caminhar até mim e apenas chorei mais. Eu

chorei, chorei e chorei, porque chegamos ao nosso

limite e não sabíamos como consertar as coisas

entre a gente. Nós estragamos tudo. Uma vida

inteira de cumplicidade jogada pelo ralo.

Senti as mãos do meu marido me tocarem e ele me

puxou para si, afagando minha cabeça enquanto eu

soluçava contra o seu peito.

Não me deixe ir embora.

Por favor, não me deixe ir.

Aconteça o que acontecer, me peça para ficar.

Diga que vamos encontrar, juntos, uma saída para todos esses problemas.

— Eu vou sair de casa. — repeti, depois de longos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

minutos em seus braços. Não parecia saudável que eu estivesse procurando consolo justo no único responsável pela minha tristeza.

Me afastei e ouvi seu suspiro.

— Para onde você vai, Alana? Para a casa do seu pai? Do vô? Você sabe que eles são a minha família também, certo?

Eu sabia que ele estava apenas dizendo o óbvio, que era ridículo que eu saísse de casa e corresse para o único lugar onde nós continuaríamos nos vendo com tanta frequência quanto nos víamos no

nosso apartamento, mas mesmo assim eu me irritei.

— Eu dou o meu jeito, Roberto! Eu alugo um lugar e vivo sozinha!

— Por Deus do céu, você não tem nem condições de fazer isso!

Um tapa na cara doeria menos. Pouco me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

importava se ele falou ou não aquilo na maldade, doeu.

— Sim, não tenho! Por *sua* culpa! Mas não se preocupe, porque eu vou arranjar um novo emprego!

— Minha culpa. — ele repetiu e me olhou, incrédulo. Notei pelo seu olhar que nós saíamos da zona do drama para entrarmos na zona de discussão. Por mim tudo bem. No momento, eu conseguia lidar melhor com a raiva do que com a dor. — O que mais é minha culpa, Alana? Me fala! O que aconteceu antes de você pedir demissão do

seu trabalho também é minha culpa? Porque parece que, do seu ponto de vista, a resposta é sim!

— Você fala como se fosse... — tentei encontrar palavras, mas falhei, e então voltei a falar sobre a minha demissão: — ...Eu precisava do seu apoio, Beto! Eu não conseguia sair de casa, eu mal

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

conseguia levantar da cama, quanto mais ter forças para ir ao trabalho! — eu estava andando numa linha tênue entre a raiva e o drama, novamente. — Você, por outro lado, se enfiou de cabeça no seu! É incrível o número de operações que você andou fazendo desde então!

— Você faz parecer que eu tenho escolha! — ele balançou a cabeça sem acreditar. Eu sabia que ele estava puto, mas dane-se, porque eu também estava e há muito tempo.

— Você deveria ter, numa situação como essa! Não é qualquer coisa, Beto! A NOSSA FILHA

MORREU!

Eu gritei as palavras e comecei a soluçar, daquele jeito que a gente fica quando chora demais e não consegue mais pronunciar as palavras, senão de forma entrecortada. Peguei minha mala e saí em disparada, tentando não me desequilibrar porque,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

caramba, estava pesado!

Eu não fazia a mínima ideia do que iria fazer quando eu colocasse os meus pés para fora do nosso apartamento. Talvez eu fugisse mesmo para a casa do meu pai. O que era patético. Meu pai era tio do Beto. Quer dizer... Não o meu pai de verdade. Nós não éramos primos. Eu era filha adotiva, e o pai me acolheu após a morte dos meus pais biológicos. Mas a questão aqui não era essa, e sim a seguinte: toda a nossa família morava junta. Toda. Na orla da praia do pôr-do-sol, quatro casas enfileiradas abrigavam: (1) nossos avós; (2) o meu

pai e a minha irmã mais velha; (3) tia Nice, mãe do Beto; e (4) tia Sandra, seu esposo e a Tatiana, minha prima e melhor amiga. Fugir para lá era como ficar dando voltas em círculo. Inútil.

— Alana? — escutei o Beto chamar e não parei.

Num instante, ele se colocou entre mim e a porta

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

principal. Spider, nosso cachorro que ganhou esse nome por ter a mania de querer subir em tudo, pulava em nossas pernas. Quando ignorado, porém, ele se sentou e nos observou. Parecia entender que o assunto era sério. — Me perdoa. — o Beto disse.

— Me perdoa. — ele repetiu. — Eu deveria ter estado aqui quando aconteceu.

— Sim, deveria. — concordei e não consegui encará-lo, porque meus olhos estavam embaçados pelo choro. — Mas não estava. Eu te liguei uma porção de vezes, mas você não me atendeu! Eu só queria que você estivesse comigo, mas ao invés

disso...

— Alana, eu não estava com a Cristiane! — ele me cortou, sabendo onde eu iria chegar. — Quer dizer... Eu estava, mas a trabalho!

— Ela rejeitou a minha ligação no seu celular, Beto!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, e depois isso resultou numa discussão enorme entre a gente! Mas nós estávamos em operação, eu te falei! Não sei mais o que fazer para você acreditar!

— Eu vi, sozinha, a nossa filha morrer com cinco meses de gestação e você não estava comigo porque essa mulher tinha intimidade suficiente para rejeitar uma ligação da sua esposa! — insisti, magoada.

— Alana-

— Preciso de água. Água com açúcar. — implorei, não permitindo que ele falasse. Eu não queria

ouvir. Não queria.

Me aproveitei do momento em que o Beto foi até a cozinha e abri a porta. Eu não conseguia lidar com essa conversa agora. Por sorte, o segundo andar não era tão longe da garagem e eu não demorei para

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

percorrer o caminho, indo pelas escadas. Destravei o alarme do carro e joguei a mala sobre o banco do passageiro, ciente de que não iria demorar muito até que meu marido se tocasse de que eu saí.

Girei a chave na ignição e respirei fundo. Eu não tinha condições de me manter morando de aluguel, mas pelo menos por uma ou duas noites eu poderia me dar ao luxo de hospedar-me em algum lugar.

Quando engatei a ré, porém, senti o coração pular ao notar o Beto andando na direção do meu carro.

Droga.

— Alana, abre a porta! — ele pediu, dando duas batidas no vidro. — Por favor!

Eu não disse nada, apenas balancei a cabeça. Não iria abrir. Precisava de um tempo para pensar em tudo, porque as coisas entre nós desmoronaram de uma forma que eu não fazia ideia se ainda

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

conseguiríamos arrumar.

Ameacei arrancar com o carro, fazendo com que ele saísse um pouco da vaga, e o Beto segurou firme na maçaneta.

— Abre a porta, Alana! Para de fugir, porra! — ele estava irritado, quase fora de si. Orei em silêncio para que esse bate e boca no estacionamento não chamasse a atenção de ninguém.

Quando o Beto desistiu de tentar me convencer, eu finalmente terminei de dar ré.

Vi o seu olhar e sabia que ele estava desolado, mas talvez uma atitude drástica e algumas noites sozinhos era o que a gente precisava para colocar a cabeça no lugar e tomar alguma decisão.

Eu desabei em choro assim que virei a primeira esquina.

Quando a gente se reencontrar, não me deixe ir

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

embora.

Por favor, não me deixe ir para sempre.

Aconteça o que acontecer, me peça para ficar e nunca mais ir.

Diga que vamos encontrar, juntos, uma saída para todos esses problemas.

[...]

Eu precisei de um final de semana inteiro sozinha para conseguir esfriar um pouco a cabeça.

Tranquilei meu pai dizendo que eu estava bem, porque o Beto tinha ido até a casa dele me procurar, e depois enviei uma mensagem ao meu marido pedindo que ele me desse um tempo.

Não esperei pela sua resposta. Desliguei o aparelho e passei o sábado e o domingo numa pousada

simples. Chorei muito. Eu sequer sabia que dava para chorar tanto assim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Chorei pelo nosso casamento, que estava por um fio, e pela filha que perdemos. Chorei pelo nosso distanciamento e pelas nossas discussões. Chorei porque nós tínhamos uma história linda, desde a infância, e justo quando deveríamos escrever os capítulos mais bonitos dela, o que era para ser uma história de amor acabou se transformando num dramalhão sem fim.

Num desses meus chororôês, enquanto tomava um suco e observava o mar da sacada da pousada, a dona do local se aproximou de mim e perguntou se estava tudo bem. E eu, Maria do Bairro que era (embora mais tarde eu viesse descobrir que na verdade eu era a Paulina Bracho, com uma irmã tão maquiavélica quanto a Paola), contei tudo a ela.

— Seu marido está sofrendo também, querida. —

ela disse, afagando meus cabelos. — Vocês dois perderam uma filha e não estão sabendo lidar com

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

isso, cada um a sua maneira. Será que não é mais fácil vocês unirem forças e passarem por isso juntos, ao invés de separados? A batalha é menos cansativa quando não se está sozinho.

A batalha é menos cansativa quando não se está sozinho. Eu me lembraria de guardar aquela frase.

Então, no domingo a noite, eu dirigi de volta para o nosso apartamento. Não fazia ideia de como iríamos superar tudo, mas eu estava disposta a passar por cima do que fosse, em nome de salvar o nosso casamento.

Pelo menos foi isso o que eu pensei, até estagnar completamente na porta do nosso banheiro.

De início, não tive reação.

Demorei alguns segundos para reconhecer a minha irmã, que havia acabado de colar sua boca na do

Beto. Os dois debaixo do chuveiro. Ela ainda

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estava vestida, mas ele estava sem camisa.

Meu marido e minha irmã.

Meu marido.

E minha irmã.

Dei um passo a frente e parei, mas devo ter feito

algum barulho, porque ela abriu os olhos e me

fitou. Vi um sorriso surgir e desaparecer de seus

lábios, antes do Beto notar algo de errado e

cambalear para o lado, tentando escorar-se na

parede.

— Alana? — ele arregalou os olhos e encarou

minha irmã. Ele estava bêbado? — Não é o que...

— Se poupe dessa frase ridícula! — balancei a

mão, sentindo os olhos marejarem. Céus! Eu me

recusava a chorar ali, na frente dos dois. — Há

quanto tempo isso está acontecendo pelas minhas

costas?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu nunca tive uma boa relação com a Carina, porque ela jamais me aceitou como sua irmã. Ela jamais aceitou dividir comigo a atenção do pai, depois que sua mãe os abandonou, porém eu não imaginaria que ela chegaria àquele ponto. De me trair daquela forma. E o Beto... Eu nunca pensei que ele seria capaz de partir o meu coração daquela maneira.

Talvez ele não estivesse tão disposto quanto eu, a salvar o nosso casamento.

Levei uma mão ao peito, porque a dor era tão forte que parecia física. Não era só um casamento que terminava ali. Era uma amizade de anos com o meu melhor amigo. Era a chance de um dia eu e a Carina termos um relacionamento de irmãos. E, pior do que isso: os almoços de domingo na casa de nossos avós e as reuniões de família nunca mais seriam as mesmas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Alana, não aconteceu nada! — o Roberto tentou dizer, tropeçando nas próprias palavras e também nos próprios pés.

— Não mente para ela, Beto! — minha irmã pediu, mas ele mal a escutou. Eu, porém, estava atenta a tudo.

— É por isso que as coisas estavam tão estranhas entre a gente? — questionei com a voz embargada e ele deu um passo na minha direção, mas em seguida levou uma mão até o estômago e imediatamente se ajoelhou de frente para o sanitário. — Não acredito nisso... — falei enquanto o via vomitar e olhei para a minha irmã. — Seja honesta comigo, Carina. Há quanto tempo isso vem acontecendo?

— Desde a morte da Helena. — ela foi direta e eu quase tropecei para trás, tamanho o baque. O Beto ergueu a cabeça, assustado, e tentou se colocar de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pé.

— Alana, isso não... Carina, porra, por que você...

Ele parecia desnordeado. Talvez não esperasse que ela fosse me dizer algo.

— Já ouvi o suficiente. Por favor, continuem o que estavam fazendo.

— Alana? — o Beto gritou quando eu lhes dei as costas. Meu peito doía e minha garganta parecia querer explodir, tamanho o nó que se formou nela. Na nossa casa! Eles estavam me traindo na nossa casa, enquanto eu estava fora tentando pensar numa maneira de salvar essa porcaria de casamento!

— Ah, tem mais uma coisa! — parei no meio do caminho e me virei, encarando a expressão de babaca mentiroso no rosto do Roberto. — Eu quero o divórcio.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

[...]

Fevereiro de 2018 (dias atuais)

— Querida... — Arthur ergueu seus olhos cor de oliva do livro que lia, se não me engano, algo relacionado a como ficar milionário investindo pouco, e suspirou. — Você está louca!

Ora, ora, tudo bem.

Eu meio que já esperava por isso.

Na letra de sua música, "The Scientist", o Coldplay já nos alertava: nobody said it was easy, ou, em português, ninguém disse que seria fácil.

Mas a questão era que eu precisava convencê-lo, nem que para isso eu tivesse que apelar para os golpes baixos. Eu sabia que o meu melhor amigo tinha um coração de manteiga, portanto, só era preciso fazer uso das armas corretas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Escuta... — inclinei-me sobre a mesa do café, lançando-lhe o meu olhar de cão caído da mudança.

— É a despedida da Tatiana, ela vai ficar um ano fora! Nós somos como irmãs, você sabe.

— Irmãs que não se veem a um bom tempo. — ele pontuou, frio e cruel. E assertivo também, devo admitir.

— Digamos que isso seja irrelevante no momento!

— eu disse, tomando um gole do meu café que já estava horrivelmente frio. — Pense comigo,

Arthur: eu passei semanas — pausa para a ênfase

— *se-ma-nas* (!) encarando o convite que ela fez

questão de enviar pelos Correios. De Sedex, ainda!

Não é como se eu quisesse ir, mas eu preciso! —

outra pausa — Eu pre-ci-

— Pare de falar assim, por favor. — Arthur pediu, cortando-me.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Enfim... — abanei as duas mãos. — Eu jamais iria me perdoar se perdesse um dos momentos mais importantes da vida da Tatiana. Você me entende?

— Não.

— Oras!

— É só um ano fora, Alana! O que é um ano? Tá, são trezentos e sessenta e cinco dias, mas isso não é nada perto dos três anos que se passaram desde a última vez que vocês se viram. Por que você não manda um postal?

— É sério? — cerrei os olhos e o vi dar de ombros.

— Que ser humano hoje em dia envia postais, Arthur? Por favor, você está sendo insensível!

— Veja bem... — Arthur deixou o livro de lado, apoiando os cotovelos na mesa da cafeteria onde estávamos. — Vamos recapitular juntos, tá bom? Você está pedindo para que eu deixe a minha vida e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

o meu trabalho em São Paulo por sete dias, que entre num avião com destino a um lugar totalmente desconhecido e que então finja, para pessoas igualmente

desconhecidas,

que

nós

somos

namorados. Por favor, Alana, você não pode bancar

a ofendida para o meu lado só porque eu não

concordo com uma loucura dessas!

Tudo bem.

Soava um pouco ruim quando as palavras saíam da

boca dele, ainda mais com aquela entonação de

voz, porém tudo nessa vida é uma questão de

otimismo e perspectiva, e o Arthur estava sendo um

pouquinho pessimista.

— Vai ser maravilhoso! — tentei. — Se você quer

a minha opinião sincera, você está precisando

muito de férias! Acho que a luz daquelas salas

fechadas da empresa não tem lhe feito bem e, além

do mais, eu sei que você tem muitos dias

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

acumulados na casa.

— Sabe? Bom, claro que sabe, porque você é uma

enxerida! — Arthur disse. — De todo o modo,

agradeço

a

preocupação,

mas

estou

me

suplementando com vitamina D.

— Caramba Arthur, eu estou desesperada! —

apelei para o drama. — Não é possível que você, o

meu melhor amigo, vá me deixar ir sozinha para a

cova dos leões!

— Ótima ilustração. Pois saiba que você não está

só, Deus é contigo.

— Argh! — lhei taquei um sachê de açúcar e então

outro e mais um.

— Programas de família são uma droga. — ele

disse, tentando desviar dos ataques. — Por que

você não diz que tem coisas melhores para fazer?

— Um: porque seria grosseiro e cruel com a Tati.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Dois: porque eu não tenho. E, falando sério? Não posso passar a minha vida inteira fugindo, afinal de contas, a minha família toda está lá.

Percebi quando o Arthur entrelaçou seus dedos uns nos outros e me observou com a cautela de quem analisa um criminoso.

— O que? O que foi?

— Eu já sei. Isso tudo tem a ver com o Beto, né? — ele disse, começando a compreender a minha situação. E, embora eu não gostasse da ideia de falarmos sobre o assistente do satã, talvez fosse justamente isso o que faria o Arthur se compadecer do meu sofrimento.

Afinal, nós eramos os sócios fundadores da Associação dos Cornos Anônimos.

Me lembro como se fosse ontem do dia em que nos

conhecemos, afogando as mágoas num bar. Arthur

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sofria porque a ex-noiva o tinha trocado por um
ricaço de setenta e oito anos, três meses e dezessete
dias (os detalhes são por conta dele), e eu sofria
porque o meu ex-marido havia me traído com a
minha própria irmã, depois de ficar bêbado na
nossa casa.

Eu e Arthur concordamos que a vida era uma bosta
e dali nasceu uma bela amizade. Foi ele quem me
arrumou um trabalho no setor administrativo da
Tec&Tel, uma empresa de tecnologia e telefonia da
qual ele era coordenador de projetos. Desde então
nós nunca mais nos separamos, embora nossas
diferenças sejam catastróficamente (bela palavra)
gritantes.

— Beto não! É Ro-ber-to! — eu corriji Arthur. —

Nunca mais se refira ao tihoso dessa forma
carinhosa! E sim, com toda a certeza ele vai estar

lá, a não ser que o inferno se recuse a liberá-lo, o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que seria ótimo! Enfim, esse é um dos motivos pelos quais eu preciso de você. Imagina só, passar sete dias convivendo sozinha com o cara que ferrou com a minha vida? E se ele estiver prestes a se casar outra vez? Não, pior! E se ele estiver namorando a Carina?

Carina, Carina, Carina.

A cobra.

Falemos sobre ela novamente.

Todo bom drama mexicano tem a sua grande vilã, o problema é que, no meu caso, ela calhou de ser a minha própria irmã.

Tudo começou quando eu ainda era um pequeno bebê e os meus pais eram muito amigos do senhor César Speziali. Eles eram tão, mas tão próximos, que após falecerem num acidente de carro, foi o César quem se tornou o meu pai adotivo. Um pai

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que eu aprendi a amar como se fosse meu de verdade. A mãe da Carina, uma maluca que fugiu para viver a onda zen da vida, havia abandonado a filha e o marido, e eu me tornei a terceira integrante daquela pequena família. Ou, para a minha irmã, a intrusa.

Sempre a intrusa. A indesejada.

Foi por causa disso que a Tati largou o posto de prima e assumiu o de irmã de verdade, fazendo de nós um trio: eu, ela e o Beto. Sempre foram os dois a me proteger, quando a Carina implicava comigo ou quando estragava os meus brinquedos.

E aí, conforme eu, a Tati e o Beto crescíamos, nós nos tornávamos cada vez mais próximos. Na festa de dezoito anos do Beto, eu o beijei pela primeira vez. Foi o meu primeiro beijo, aos dezesseis. Eu, a garota órfã que ganhou uma família e um amor para a vida inteira, vivia finalmente o meu conto de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

fadas. Nós nos casamos em abril de 2013, aos meus vinte e dois anos de idade e ele, aos vinte e três, sendo que o Beto faria vinte e quatro no dia quatorze de maio e eu faria vinte e três no dia vinte e seis de junho. E o resto vocês já sabem: eu descobri que o príncipe encantado era na verdade o lobo-mau, e que havia também uma irmã-postiça má.

Então, quase três anos após a minha fuga de Fortaleza para São Paulo, eu precisava voltar.

Arthur era a minha única esperança de passar por tudo de uma maneira pelo menos um pouco digna.

E foi por isso que eu insisti e lhe propus:

— Vamos fazer um acordo: sete dias comigo. Sete dias numa cidade paradisíaca, com muito sol, praia e nada de trabalho. Daí, quando voltarmos, eu prometo me empenhar para tirarmos o projeto da nossa própria empresa do papel.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Arthur me encarou por um segundo e depois bufou, ainda contrariado.

— Isso é maluquice, e sete dias é muito tempo!

— Sete dias, na verdade... — ergui o indicador. —

É tudo o que você precisa. É tempo suficiente, aliás, para você ter uma síncope nervosa e morrer de estresse caso não tire um tempo para descansar.

— Ou eu posso ter uma síncope nervosa e morrer de estresse caso aceite essa sua ideia. Alana, isso é coisa de filme, não de vida real! Na vida real, pessoas não agem dessa forma imatura!

— Tá, tá! Tudo bem! Já entendi! — eu começava a tirar a minha última carta da manga. — Não tem problema, tá tudo certo. Eu irei passar por tudo isso sozinha, está decidido. Pode ser, claro, que eu volte tão humilhada e arrasada que precise gastar todo o meu salário fazendo sessões com uma terapeuta,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mas eu irei superar.

— ...

— É uma vida cruel. Mas saiba, Arthur, que sempre que você precisar de mim, para qualquer loucura que seja, eu estarei aqui.

Sempre *mesmo*. Porque é para isso que os amigos existem.

— ...

— Enfim... — me levantei da cadeira. — Vou pagar a minha conta e não irei mais te atrapalhar com esse assunto, tudo bem?

— Isso é... — ele gaguejou. — Loucura. A sua família pode descobrir e dar tudo errado, Alana!

— Eu sei! — concordei, mudando a postura e me

sentando

novamente.

—

Estou

totalmente

ciente

dos

termos

e

assumo

todas

as

responsabilidades!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não está coisa nenhuma! Droga, Alana! Por que

eu tenho a leve impressão de que você vai ficar

insistindo nessa ideia pelo resto da semana?

Aquilo era uma pergunta retórica, certo?

— Por favor?! — juntei as mãos, implorando, e me

ajoelhei à sua frente, sem nem me importar com o local onde estávamos. É, eu sei, um jogo muito baixo.

— ALANA?! — ele chamou e olhou para os lados, envergonhado.

— Diz que sim?! Diz que eu posso agilizar as nossas passagens?!

— Levanta daí, pelo amor de Deus!

— Heeeein, eu posso?

E lá estava, finalmente: o suspiro dos derrotados.

— Ok, Alana!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Oh! — me levantei de repente, surpresa. Eu havia conseguido?! — Eu, hã... Obrigada, obrigada, obrigada, Arthur! — tomei seu rosto entre as minhas mãos, depositando alguns beijos em sua bochecha.

— Argh, sério, não faz isso! — ele se desvencilhou, rapidamente pegando um guardanapo

e passando pelo seu rosto, onde eu havia deixado rastros melados de café.

— Eu juro que lhe devo uma!

— É, você me deve. — ele concordou com a testa franzida, visivelmente preocupado. O melhor a se fazer era dar logo o fora, antes que o Arthur mudasse de ideia.

Afinal de contas, pessoas sãs mudariam de ideia.

Até eu mudaria de ideia!

E eu, vocês ainda vão perceber bastante, não sou

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

uma pessoa cem por cento sã.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

CAPÍTULO UM

"Apenas tenha certeza de que onde quer que vá,

Você sempre poderá voltar para o seu lar"

- **93 Million Miles, Jason Mraz.**

ALANA

Um riso nervoso e estranho, bem parecido com o som que uma garça engasgada faria, saiu da minha garganta assim que eu e Arthur entramos num táxi, após desembarcarmos do nosso voo.

Imaginei, por um instante, a minha versão de dezessete anos encarando a minha atual versão de vinte e sete e balançando a cabeça, como se estivesse muito decepcionada. Afinal, como eu

havia

conseguido

transformar

uma

vida

supostamente promissora num filme de sessão da tarde?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ergui os olhos para o Arthur, sentado ao meu lado

no banco de trás, e tentei repassar o texto outra vez:

— Oi, família. Esse daqui é o meu magnífico
namorado, Arthur. — sorri e movimentei os braços,
apontando-o. — Nós nos conhecemos em... Ai,
céus!

— O que foi? — ele me encarou, tirando os olhos
da tela de seu celular.

— É que assim... Eu não queria dizer que a gente se
conheceu tomando um porre por causa de chifre,
né? Pensei, sei lá, em algo mais chique. Tipo cena
de filme. Que tal essa: eu estava andando na rua,
era um dia frio, a gente se esbarrou e os meus livros
caíram. — pausa para mudar a entonação de voz.

— "Oh meu Deus, me perdoe! Eu deveria olhar por
onde ando!" — outra pausa para encarar o Arthur.

— Essa sou eu falando, lógico. Mas então, você
ergueu seus belos olhos provocantes e a gente se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

fitou por alguns segundos, como se o tempo

congelasse. Você sorriu e falou, num duplo sentido implícito: "Eu também deveria olhar por onde ando. A-ten-ta-men-te".

O taxista tossiu.

Arthur riu e olhou pela janela.

— Bravo, incrível! Você dará todos esses detalhes para a sua família?

— Não, não! — balancei as duas mãos. — Mas posso dizer a eles que foi bem romântico. Não é assim que muitos casais se conhecem nos filmes?

— Não faço ideia. Odeio romances.

— Amargurado. — zombei. Em seguida, abri a minha bolsa e procurei pelo pacote de salgadinho que havia me custado espantosos dez reais no aeroporto de São Paulo. Eu estava nervosa, e uma Alana nervosa só quer se entupir de porcarias.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você deveria se alimentar melhor. Seu colesterol agradece. — Arthur opinou, torcendo o

nariz para as minhas bolinhas de queijo fedorentas.

— E você deveria passar o texto comigo. Já pensou no que dizer, caso o pai queira saber quais são as suas intenções?

— Ele não faria isso, não é possível! — Arthur riu, despreocupado. — Pais fazem esse tipo de coisa com namorados adolescentes. Você é uma mulher de vinte e sete anos, mora sozinha, já foi casada. Ha-ha-ha. Aquele ali realmente não fazia ideia de quem era o meu pai. De todo o modo, achei melhor não deixá-lo a par naquele momento. Quanto mais tranquilo o Arthur estivesse, melhor seria para nós. De nervosa bastava eu.

Afinal, jurei para mim mesma que evitaria ao máximo colocar os meus preciosos pés na praia do

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pôr-do-sol novamente, mas eu sabia que, a partir do momento que fizesse isso, seria como voltar no tempo. Não só há quase três anos, que foi quando

parti, mas também a um tempo bem mais distante...

— *Pega, Laninha!* — *a Tati gritou, depois de lançar o frisbee.*

Corríamos pela praia e era um dia de sol das férias de janeiro. Eu, muito magrela, de aparelho nos dentes e no auge dos meus onze anos, dei apenas dois passos antes de topar com o Beto.

— *Ah, não!* — *lamentei, caída de bunda no chão e sacudindo*

os

meus

cabelos

recém

lavados. — Poxa, Beto! Por que você não tenta ser menos atrapalhado? Veja só, o meu cabelo agora está todo sujo de areia!

— *Alana?!* — *ele chamou o meu nome enquanto ria. Vivíamos aquela fase horrenda da puberdade,*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

aquela cujas fotos da época você faz questão de esconder a sete chaves, e o Beto era só um pré-adolescente muito alto, muito magro, e com algumas espinhas no rosto. E, claro, muito desengonçado.

—

Você

está

na

praia! — ele completou como se fosse óbvio. E era.

Chateada, me coloquei de pé enquanto a Tatiana

cruzava os braços, entediada pela nossa demora

em retornar para a brincadeira.

— Mesmo assim, dá um trabalhão enorme lavar o

meu cabelo! Por que você não toma mais cuidado?

— E por que você é tão chata? — ele rebateu e,

após largar o frisbee no chão, me pegou pelas

pernas.

— Ei, me solta! — eu gritei. — Beto, é sério, me

solta! Eu vou gritar o pai, quer ver? Ô paiêeee?

— *E eu vou lavar todo o seu cabelo em um*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

minuto! — ele riu, correndo comigo em direção ao mar.

Lembro-me de ter ficado furiosa num primeiro instante, mas logo estávamos nós três, eu, ele e a Tati, gargalhando e pulando ondas no mar enquanto nossa avó nos chamava para tomar café da tarde.

Foi uma das férias de verão mais divertidas que eu já tive...

— Alana? — Arthur chamou e eu o encarei, alheia à realidade.

— Oi, desculpe! Estou um turbilhão de sentimentos.

— Eu imagino.

— Imagina?

— Não. — Arthur negou, pensando melhor. — Eu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

não tenho sentimentos.

— É verdade, senhor Coração Congelado.

— E então... — ele se endireitou. — Como eu devo me comportar, exatamente?

Nós já havíamos falado sobre isso, mas não custava nadinha repassar.

— Só tenta ser normal, por favor. Em primeiro lugar, nada de suas frescuras com limpeza e com comida. E finja ser um homem apaixonado. Isso é crucial!

— São muitas exigências. — ele se queixou, anotando tudo no bloco de notas do celular. Franzido o cenho.

— Que diabos você está fazendo?

— Tomando notas?

— É? E como isso funciona? Você vai ficar com o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

celular na mão enquanto encenamos na frente de

toda a minha família? "Oh, perdão, me deem um minuto! Preciso verificar o que a Alana disse, sobre eu ser um namorado falso perfeito!".

— Cuide do seu papel que eu cuido do meu, ok? — Arthur piscou para mim e eu enfiei a minha cabeça entre os bancos da frente, chamando a atenção do motorista.

— Ei, moço? O senhor gostaria de ser o meu namorado de aluguel por uma semana?

Ele me olhou por um segundo, confuso.

Provavelmente estava pensando que havia pegado um par de loucos no aeroporto. O que, de certo modo, não estava longe de ser verdade.

— Desculpe, querida. — o taxista finalmente disse, levantando sua mão esquerda. — Mas eu sou casado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

[...]

Quando eu era criança, o meu pai disse algo que me

marcou: não importava o fato do sangue dele não correr pelas minhas veias, eu tinha uma família que me amava muito. Não, mais do que isso: eu tinha um lar.

— *Pode ser que daqui uns anos, filhota, você ganhe asas e queira fazer voos mais altos. Pode ser que um dia você vá embora. E eu vou ficar muito orgulhoso de ver você crescer. Então você encontrará lugares que te abrigarão, mas esses lugares serão apenas casas. Porque lar é aqui. Não importa onde você vá, você sempre poderá voltar para o seu lar.*

Meu lar.

Estava tudo como eu me lembrava: na orla da praia do pôr-do-sol, quatro casas bem juntinhas eram

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

como um letreiro que dizia: bem-vinda de volta! A última delas, lá no cantinho, era a que unia a todos nós, como um elo: a casa dos nossos avós.

Naquela tarde, o mar estava calmo. Faltavam algumas horas para o sol se pôr e eu podia avistar, majestosa, a ilha onde se encontrava a fonte de renda da nossa família: a Pousada Speziali. A ilha ficava bem próxima da costa, mas o acesso era feito apenas por barcos ou lanchas. Eu adorava fazer o trajeto de ida e volta, fosse junto do vovô, do pai, da Tati, ou do... Do traste.

Pensar nele, naquele instante, foi como acionar um alarme interno de pânico. Afinal, depois de anos fugindo, nós estávamos prestes a ficar cara a cara outra vez. O que eu faria? O que *ele* faria? O que diríamos um ao outro? Nos cumprimentaríamos cordialmente e fingiríamos costume, ou agiríamos como dois estranhos?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Arthur? — chamei, fincando meus pés no lugar.

— Eu acho que não consigo.

— Que? Como assim não consegue? Não consegue

o que? Andar?

— Eu acho... — o encarei e levei uma mão ao peito. — Eu acho que estou tendo um ataque de pânico!

Era para ser uma cena dramática, mas Arthur, o insensível, cruzou os braços e me encarou com incredulidade.

— Raaaaan huuuunf, raaaaan huuuunf. — tentei puxar o ar, fazendo alguns barulhos esquisitos.

— Alana, eu voei três horas e meia para estar aqui, e eu odeio altura! Portanto, trate de obrigar o ar a entrar nesses seus pulmões covardes e faça o que tem que fazer!

Parei com a cena e o olhei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você odeia muitas coisas, né? Que coração amargurado!

— Sim. Agora mesmo, aliás, estou odiando ficar parado aqui. Que calor do inferno!

— É, eu sei. — concordei e abanei meu rosto com uma mão. — É que o satã mora bem próximo daqui, a algumas quadras. Estamos a poucos metros das chamas.

Quer dizer... Pensando bem, o Roberto *morava* a algumas quadras dali, isso quando éramos casados. Ele bem que poderia ter se mudado. Ele poderia...

— Santo Jesus Cristo de misericórdia!

— Você está rezando? — Arthur me olhou estranho.

— Não, mas deveria! Arthur, e se o traste se mudou novamente para a casa da tia Nice? Ah meu Deus,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

como é que eu vou sobreviver ao terror desses dias, tendo de encarar a sua cara de mentiroso e...

— Por favor, me dê aqui a sua mala. — ele pediu, tomando-a da minha mão e cagando baldes para o meu dilema.

Dei alguns passos para frente, catatônica.

— Você está andando feito uma múmia. — Arthur alertou. — Se for agir assim na frente dos seus familiares, me avise para eu pegar o próximo voo de volta e me poupar da vergonha alheia.

Ele mal havia fechado a boca e um tiro o fez pular, deixando a minha e a sua mala caírem no chão.

Seus olhos se arregalaram e a sua pele, já pálida, ficou ainda mais branca. Isso me fez sair do meu transe.

— TIRO! — o Arthur exclamou, abaixando-se. —

Que diabos você está fazendo, Alana? Vão acertar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

você!

— Para de bobagem, não vão nada! — falei com tranquilidade e a porta da frente da casa do meu pai foi escancarada.

— Finalmente! O bom filho à casa torna! — seu César Speziali praticamente gargalhou, com a sua espingarda na mão.

— Pai! — corri na sua direção, deixando para trás um Arthur semi-morto.

Abraçar meu pai era uma das melhores sensações da vida. Desde a minha partida para São Paulo, nós tínhamos nos visto pessoalmente apenas quatro vezes, e em todas elas ele é quem foi me visitar. Pai coruja mesmo.

— Senti tanto a sua falta! — falei, afastando-me um pouco para encará-lo. — Que engraçado. Os cabelos andaram ficando mais brancos, hein?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Que brancos o que? Respeite seu pai, Alana Speziali! — ele disse e levantou o olhar, observando enquanto o Arthur tentava, ao mesmo tempo, recuperar-se do susto e carregar as nossas malas. Para quem não queria passar vergonha, era uma cena... Peculiar. — E quem é o calça frouxa ali?

— Arthur, vem cá! — chamei e a encarada que ele

me deu dizia que ele queria me matar. — O Arthur é o meu namorado, pai. — menti.

Aos poucos, o sorriso foi sumindo de seus lábios e sua testa se franziu.

— Namorado.

— Sim, eu disse que traria alguém. Só não precisava assustá-lo, porque eu não contei a ele que o senhor é militar aposentado. Sabe como é, relacionamento recente. Mas foi paixão a primeira

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

vista. O Arthur é um... — dei-lhe uma olhada, vendo-o subir as escadas da sacada quase cuspiendo os pulmões. — ...Um cavalheiro. Doce e gentil.

— Precisa de ajuda, filho? — o pai ofereceu, sério.

— Não. Obrigado, senhor. — ele dispensou, finalmente se colocando na nossa frente. — É um prazer conhecê-lo. — Arthur estendeu a mão.

O pai o examinou por um longo segundo e então lhe deu um apertão tão forte que, juro, quase fez

meu amigo gemer de dor.

— Você sabe pescar, rapaz?

Lá íamos nós...

— Se eu sei pescar? Bom, já pesquei com meu pai, mas eu era muito pequeno. Faz um tempo.

— É? E atirar, sabe? — o pai insistiu e eu revirei os olhos. — Guardo uma espingarda maior do que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

essa aqui, lá na beira da minha cama.

— Hã...

— Pelo visto não, mas vai aprender, porque nós vamos passar um tempo juntos. Eu e você.

Arthur me olhou com os olhos DESSE tamanho, assim que o pai nos deu as costas.

— Vamos, vou acomodar suas bagagens.

— hahaha. — soltei uma risadinha singela, tentando quebrar o clima. — Não liga não! O pai é engraçado assim mesmo, Arthur! Ele tem um ótimo senso de humor!

— Ah sim, e antes que eu me esqueça: — seu César continuou, como se eu não estivesse falando dele. — Quartos separados, vocês dois! E podem ter certeza: as paredes dessa casa têm olhos e ouvidos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ah, e elas tinham *mesmo*. Ô família de bisbilhoteiros! Menos eu, é claro. Eu nunca.

— Obrigado por avisar que seu pai tem um jeito BEM diferente de dar boas vindas. — Arthur cochichou no meu ouvido enquanto andávamos.

— Desculpe. Tenho certeza de que vocês vão se dar bem.

O pai tinha essa mania de implicar com os rapazes que eu conhecia, isso desde a minha adolescência. Quando soube que eu e o traste estávamos juntos, foi a primeira e única vez que ele não ameaçou atirar num namorado meu.

Antes ele tivesse o feito.

Evitaríamos muita dor de cabeça, se seu César tivesse se oposto a nós dois como fazia com todos os outros...

— *Hoje elas estão brilhando mais forte, você*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

percebeu? — o Beto perguntou, encarando o céu.

O mar estava agitado naquela noite, mas nós nem nos importávamos com as ondas que iam e vinham, molhando os nossos pés e canelas.

Quando pequenos, dizíamos que os nossos pais, isto é, os meus pais e o pai dele, tinham virado estrelas lá no céu. Lembro-me de que todas as noites parávamos para notá-las. Era um ritual só nosso, e que estranhamente mantínhamos mesmo depois de crescidos. Beto não era mais um pré-adolescente desengonçado, era um homem. E nós havíamos nos beijado pela primeira vez na noite anterior.

— *O que você acha que eles estão pensando? — eu*

quis saber, sorrindo e o observando. Eu não me cansava de observá-lo. O vento que agitava os seus cabelos, a sua barba por fazer... Tudo nele era tão lindo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— *Eu acho que eles estão felizes.*

— *Felizes por nós?*

Beto sorriu.

— *Sim. — e concordou, puxando-me pela cintura e aproximando os nossos rostos. Ele tinha um perfume amadeirado que me fazia querer ficar abraçada a ele para sempre. — Felizes por nós, com toda a certeza.*

— *Eu devo me preocupar com o que está acontecendo aqui? — uma voz rouca bem acima de nossas cabeças nos interrompeu e me fez pular.*

— *Pai?! — o encarei, assustada. Ele tinha os braços cruzados, observando-nos da sacada da casa de nossos avós. Seus olhos tinham um tom*

severo, mas ele... Sorria.

— *Se preocupar? É claro que não, tio César!*

Porque eu amo a sua filha! — Beto gritou, de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

braços abertos. Em seguida, deixou escapar uma

gargalhada e me abraçou, girando-me no ar. — Eu

amo a sua filha e ainda vou me casar com essa

garota!

[...]

— Seus avós estão lhe esperando para o café da

tarde. — o pai disse, chegando a cabeça para dentro

do meu quarto. Meu antigo quarto, que eu

costumava ocupar quando ainda morava ali.

— Claro, pai. Eu e meu namorado já estamos indo.

Ele assentiu e então girou o corpo para sair, mas

pareceu mudar de ideia e pigarreou.

— Laninha, esse rapaz...

— Arthur?

— Sim, Arthur. Quero saber mais sobre ele, a

começar pelo nome completo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pai! — revirei os olhos. — Arthur não tem uma ficha criminal.

— Tem certeza? Nenhuma passagem pela prisão?

— Olha só, fica tranquilo. — sorri e peguei uma camisa fresquinha. Quase três anos em São Paulo me fizeram desacostumar do calor de Fortaleza. — De verdade, pai. É mais fácil *eu* ter passagem pela prisão do que ele.

De fato.

— Bom, eu espero que você não tenha, embora eu não duvide! — o pai riu e então se retirou para que eu pudesse me trocar.

Renovei a maquiagem e, depois de ficar pronta, dei alguns passos em direção a porta, mas parei.

A casa dos meus avós era a Suíça daquele lugar, o ponto neutro. Lá era onde todo mundo se encontrava. Sabe-se lá o que me esperava, ou quem

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estaria por lá.

Caminhei até a sacada do meu quarto e tentei
espiar. Tinham alguns carros estacionados. Um era
o do meu pai, os outros eu não fazia ideia de quem
eram os donos.

— Você está pronta? — o pai tornou a aparecer na
porta e eu o encarei.

— Sim. Estou sim. Arthur já terminou de se trocar?

— Já e está nos aguardando na sala.

— Ótimo. — sorri.

Acompanhei o pai pelo corredor, porém parei de
andar logo que passamos pela porta do quarto da
Carina. Eis um ponto no qual eu ainda não havia
pensado muito: nós teríamos de nos cruzar todos os
dias. O que era péssimo.

— Sua irmã está no trabalho. — o pai informou,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

notando o meu olhar. — Nós tivemos uma conversa na semana passada, e eu acredito que vocês não terão problemas uma com a outra.

Engraçado o pai dizer isso, porque a vida inteira, desde crianças, eu e a Carina tivemos problemas uma com a outra. Muitos.

— Claro. — assenti. — Eu espero que sim.

Me obriguei a voltar a andar e, embora as minhas mãos tremessem um pouco, eu ergui a cabeça.

Não era eu quem devia estar tão apreensiva, e sim *eles*. Afinal, quando assinei os papéis do divórcio e peguei o voo para São Paulo, apesar de ferida emocionalmente, eu levei comigo a minha dignidade intacta.

Eu dei a volta por cima, afinal.

E eu estava ali, após quase três anos; recuperada, plena, fingido costume e com um namorado novo.

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

Ah, Carina e Roberto...

Vocês não imaginam o prazer que é estar de volta!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

CAPÍTULO DOIS

"O que eu devo fazer sem você?

É tarde demais para juntar os pedaços?

Muito cedo para se desfazer deles?

Você se sente tão abatida quanto eu?

Seu rosto, ele faz meu corpo doer.

Isso não vai me deixar em paz"

- **Always, Gavin James.**

BETO

Matar tempo para fugir da minha família vinha se tornando um caminho sem volta.

Depois de correr por quase duas horas pela manhã, lá estava eu: ignorando, pelo segundo dia consecutivo, uma ligação da Tatiana.

Sua mensagem de texto chegou logo depois do toque do telefone cessar:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

"Eu sei que você ainda está de férias da polícia, Beto! Também sei que você já chegou de viagem! Pare de me ignorar!"

Empurrei o portão de ferro à minha frente e fiz a minha rota habitual, decidido a de jeito nenhum botar os meus pés na casa dos meus avós antes de ser realmente necessário.

Quando parei de frente para as lápides, deixei um punhado de flores em cima de cada uma. Sempre

que arranjava tempo eu dava um jeito de ir visitá-los e apenas ficava ali, em silêncio.

Naquele dia, no entanto, uma senhora que vinha caminhando aos trancos e barrancos parou ao meu lado. Ela não disse nada, então eu presumi que talvez eu devesse falar alguma coisa.

— Bom dia. — cumprimentei. — Precisa de ajuda?

— apontei para a sua bangala e ela sorriu, fazendo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

com que muitas rugas se formassem ao redor de seus olhos.

— Bom dia, filho. Depende. Se puder me devolver o vigor dos meus vinte anos, será de grande valia.

— Talvez eu não seja a pessoa ideal para o serviço, mas lhe aviso quando reencontrar o meu. — falei com bom humor, fazendo-a rir.

— Qual é o seu nome, rapaz?

— É Beto. — lhe estendi a mão. — Roberto, na verdade. E a senhora é...?

— Maria da Consolação, mas pode me chamar só de Maria. É como todos me conhecem.

— É uma honra te conhecer. — beijei sua mão, da mesma forma como eu fazia com a minha avó. Em seguida, rejeitei outra ligação da Tatiana.

— Eu vinha passando e te avistei. Sempre visito o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

meu marido, e me lembrei de que te vejo por aqui com frequência. Uma graça que você traga flores, porque a maioria das lápides está totalmente abandonada.

— Ah sim. — cocei a testa com o polegar. — Os mortos não recebem flores, eu sei, mas fazer isso já se tornou um hábito.

— Sim, claro. Mal lhe pergunte, quem você vem visitar? — ela questionou.

— Meu pai e minha filha.

Imediatamente, um vinco se formou em sua testa.

Fazia um sol forte e eu lhe ajudei a se sentar numa

das lápides, a fim de se sentir mais a vontade para continuarmos com aquela prosa repentina.

— Perdão... — ela retomou. — Mas você não é novo demais para já ter enterrado uma filha?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Na verdade, nós a perdemos com cinco meses de gestação. Ela não chegou a nascer. — expliquei e suas sobrancelhas arquearam com a compreensão.

— Entendo. Isso é... Sinto muito.

— Eu também sinto. — enfiei as mãos no bolso da calça e fitei o céu azul acima de nossas cabeças.

Não era do meu feitio sair falando sobre isso para o primeiro estranho com o qual eu cruzasse, mas aparentemente os idosos tinham algum tipo de poder sobre a minha boca. Especialmente os que pareciam apenas querer alguém para conversar, como era o caso daquela senhora.

— Você tem filhos? — perguntei.

— Sim, dois. — ela disse e levou a mão enrugada

até o pescoço, puxando uma correntinha com um relicário. Senti a boca secar ao notar aquele objeto, mas me forcei a sorrir. — Elias e Rosa. — Maria

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

me mostrou uma foto de seus filhos quando crianças. — Ambos frutos do meu casamento com o Pedro.

— Elias e Rosa, um casal. Sorte a deles, porque eu sou filho único. — a encarei com uma careta. — Sempre quis um irmão.

— Seus pais desistiram de ter mais um?

— Meu pai morreu muito cedo, eu mal tinha completado três anos. Não deu tempo, na verdade.

— expliquei e ela assentiu.

— O meu marido também se foi muito cedo.

Basicamente, eu criei meus dois filhos sozinha.

— Imagino que não tenha sido fácil ser mãe e pai ao mesmo tempo.

— Não mesmo! — ela riu, como se tivesse se

lembrado de muitas situações. — Ser um só já nos
deixa malucos, quiçá ser dois!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— . — sorri fraco e encarei o nome da Helena na
lápide. Minha filha. Vez ou outra eu me pegava
pensando em como ela seria, caso a gestação não
tivesse sido interrompida. Se teria os meus olhos,
ou os olhos da mãe. Qual seria a sua voz, a sua cor
favorita, ou qual seria o dia do seu nascimento. Era
triste que a única coisa que eu sabia sobre ela era a
data em que ela se foi. Pior ainda: eu nem estive lá.

— Helena. — a senhora ao meu lado disse,
arrancando-me do meu devaneio ao ouvir o nome
da minha estrela. Dona Maria tinha os olhos fixos
nas letras da lápide. — Você e sua esposa tiveram
outro filho depois da Helena partir?

Dessa vez eu precisei rir.

— Não. A gente se divorciou.

— Ah.

— . — dei de ombros e chequei o relógio.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Estar de férias me proporcionava um monte de horas vagas e isso estava começando a me deixar meio louco. A primeira quinzena eu passei fora, envolvido num projeto social com um grande amigo da polícia, mas a segunda quinzena vinha sendo um inferno. Fora as ligações frequentes da Tatiana, eu ainda precisava arranjar formas de ocupar a cabeça e não pensar no fato de que eu iria, uma hora ou outra, obrigatoriamente cruzar com a Alana. Isso me deixava bem pouco feliz.

— Que pena, presumo que vocês fossem um jovem casal. — dona Maria disse. — Perder um filho é um baque muito grande, sinto muito por vocês.

— Obrigado. — assenti e decidi que não queria mais render aquele assunto. Pelo visto, a visita do dia seria mais curta do que o previsto. — Bom, eu tenho que ir. A senhora precisa de ajuda? Aceita

uma carona?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ah não, meu querido. Vou ficar mais um pouco.

Gosto de vir falar com o Pedro, acho que me sinto menos sozinha na ilusão da companhia dele.

Não posso dizer que eu não a entendia.

— Tudo bem, mande um abraço meu. — brinquei e sorri fraco. — Foi bom te conhecer, dona Maria. A gente ainda se encontra.

— Claro. Isto é, se a minha hora não chegar antes e eu partir.

Falando assim ela até se parecia com os meus avós, especialmente com o meu avô. Aquele velho cabeça dura.

— Eu realmente espero que isso demore muito a acontecer.

— É? Pois eu não! Viver é para os fortes, meu filho, e eu já estou um pouco cansada. — dona Maria sorriu e deu duas batidinhas no meu ombro,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pondo-se de pé. — Apesar de que, de todo o modo, a maioria das pessoas só tem sobrevivido.

Balancei a cabeça ao absorver suas palavras e fiquei alguns segundos vendo-a caminhar para longe.

E era mentira, o que aquela senhora dizia?

Não, não era.

[...]

No final da rua onde eu morava, tinha um vilarejo de pescadores. Era bem próximo da orla da praia.

Eu costumava passar por lá para ir correr pelas manhãs e, vez ou outra, quando me sobrava tempo, comprava alguma coisa no comércio local.

Um dia, enquanto estava no caixa e ainda com a roupa do serviço, um escarcéu do lado de fora me chamou a atenção.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ô seu Beto! — o Dimas, dono do lugar, gritou.

— Corre aqui, é ladrão!

Levei a mão até o coldre num gesto automático, mas assim que botei meus pés na calçada o garoto a minha frente arregalou os olhos.

— Tô roubando não, tio! — ele negou enquanto Dimas o segurava pelo braço. — Eu ia pagar, eu juro!

— Moleque mentiroso da *mulesta*! Ôxe, e você acha que é a primeira vez que te vejo por aqui? O garoto negro não parecia ter sequer uns quatorze anos. Dei alguns passos a frente e ele me encarou com medo.

— Ô seu polícia, eu ia pag-

— Onde você mora? — perguntei, interrompendo-o.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Moro logo ali, ó! — ele apontou com o queixo, já que os braços estavam sendo segurados. — No

finalzinho da rua. Não me prende não, seu policial, porque se eu for preso a minha mãe me mata!

Senti o canto da boca querer se erguer num sorriso, mas me forcei a ficar sério. Em seguida, olhei para o Dimas.

— Pode soltar o garoto, eu cuido disso. Mas ó... — eu o encarei. — Se você correr, eu vou atrás.

— Sim senhor. — ele engoliu seco.

— Ô seu Beto, muito obrigado. — o Dimas começou a falar. — Esse moleque vive rondando a minha loja, é um ladrãozinho sem vergonha!

— Como eu disse, eu cuido disso. Pode voltar para o seu trabalho. — o dispensei e ele soltou o garoto, que bufou com chateação.

— Droga, tio! Eu disse que ia pagar! — ele

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

exclamou após o Dimas nos deixar sozinhos na calçada. Em seguida, levou uma mão até o bolso da bermuda velha e tirou algumas moedas de lá. Era

pouca coisa, mal dava dois reais. Isso me amoleceu o coração.

— Qual o seu nome?

— É Joca!

— Só Joca?

— Joaquim, mas eu não gosto! É nome de velho! Agora sim eu deixei que um sorriso fraco surgisse.

— Vem. — botei uma mão em suas costas. — Vou te levar até a sua casa. Onde é que você mora, de verdade?

— No final da rua, tio! Tem um cômodo de esquina, é lá que eu moro! Mas eu não tô indo pra lá, eu tô indo trabalhar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Trabalhar. — franzi o cenho e cruzei os braços.

— Quantos anos você tem mesmo?

— Ih... Deu ruim! — ele mordiscou a bochecha por dentro, ciente de que tinha falado demais. — Tenho dezoito, tio.

— Dezoito, jura?

— De pé junto ainda.

— Mas vá gostar de falar mentira, hein?! — lhe empurrei, obrigando-o a andar.

— Ou, ou! Aonde é que a gente vai?

— Para a sua casa. Quero falar com a sua mãe.

— Tá maluco, seu polícia? Se eu aparecer lá com você, ela vai achar que fiz bobagem! Já disse que eu não ia roubar, eu tenho dinheiro! Sou pobre, mas sou honesto!

— Então me fala a sua idade de verdade, porque

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ninguém aqui nasceu ontem. Quantos anos você tem? Doze?

— Que doze o que? — ele me olhou feio. — Tem dois fios de barba no meu queixo!

Bufei um riso enquanto caminhávamos pela rua. O

Joca podia até pensar que eu era bobo, mas eu

notava os seus olhos o tempo todo atentos,

procurando um jeito de fugir sem que eu pudesse pegá-lo. Se achando mais esperto que um policial armado. O moleque era corajoso pelo menos.

— Escuta aqui. — parei de andar e o encarei. Em seguida, me agachei na sua frente. — Vamos fazer um combinado, pode ser? Você vai ser cem por cento verdadeiro comigo, e em troca eu te levo até o mercado e te faço uma compra.

— Uma compra lá no seu Dimas? Ah, ele vai me expulsar de novo!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não, lá não. A gente vai em outro lugar. Pode ser? — voltei a perguntar.

— Poder até pode, mas daí a minha mãe vai pensar que eu roubei!

— Eu digo a ela que foi um presente meu.

— Mas aí, se me ver com você, ela vai achar que eu aprontei!

— Quantos anos você tem? — insisti, ignorando

seus argumentos e a tentativa de ir me enrolando.

O Joaquim até pensou em resistir, porém encolheu os ombros e se rendeu.

— Tá bom. Eu tenho treze.

— Treze, certo. E onde é que você trabalha?

— Faço malabarismo no sinal, tio. Sei que é errado, a mãe até me alertou de que eu tinha que fugir se a polícia aparecesse, mas meu pai saiu de casa e a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mãe tá desempregada!

— Entendi. E você estuda?

— Estudo sim, no Brandão.

— Olha para mim, Joaquim! — ordenei com a voz

que eu usava para me impor e ele me encarou. —

Pensei que nós tivéssemos um combinado, mas

parece que você ainda está tentando me passar a

perna!

— Foi mal, tiôooo! Mas é que... Ah, eu não gosto

de ir para a escola não!

Me coloquei de pé novamente e levei uma mão até a sua nuca, fazendo-o se mover na marra. Nós já estávamos no final da rua e eu apontei para uma casa muito simples e muito pequena, que era só tijolo e reboco.

— É ali que você mora?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Cê vai me levar para longe da minha mãe? — ele perguntou cheio de medo.

Nem tive tempo de responder, porque a porta de madeira apodrecida se abriu e a figura de uma mulher negra e magra nos fitou.

— Ah, Joaquim... — ela balançou a cabeça de um lado para o outro, confusa e apavorada.

Ao não escutar de mim nenhuma resposta e ao ver a mãe ali parada, o Joca bem que tentou correr, mas eu levei a mão até o coldre e ele gelou.

— Não atira não, seu polícia! — o garoto ergueu as duas mãos, gritando.

Tomei um fôlego e parei diante dele, falando com calma:

— Não vou atirar, Joaquim. Eu sou policial, meu trabalho é ir atrás de bandido e, se preciso, atirar.

Você é bandido, por um acaso?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— N-não. — ele negou com a voz trêmula.

— Eu também não acho que você seja. Agora para de tentar fugir, ou eu vou precisar ser mais duro com você.

— Moço? — sua mãe me chamou com os olhos cheios d'água. — O que foi que o Joca aprontou, hein?

Troquei um olhar cúmplice com o garoto e voltei a atenção para a sua mãe.

— Joaquim não aprontou nada, ele estava comprando uma fruta e o Dimas o confundiu com um ladrão.

O que, pensando agora, era uma atitude racista e

digna de queixa.

— Soube que seu filho tem trabalhado no semáforo e também soube que ele está sem estudar. Você tem um minuto para conversarmos?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A partir daquele dia, eu firmei um acordo com o Joaquim e sua mãe: ele até poderia dar os seus correios para ajudar em casa, contanto que fosse para a escola todos os dias.

O que, aparentemente, não estava acontecendo naquele início de tarde.

Parei o carro no semáforo, depois de sair do cemitério, e abri o vidro para poder chamá-lo.

— Ei, Joca?

Seus olhos escuros procuraram por mim e seu sorriso se abriu ao me ver.

— Beto! — ele correu até a janela do meu carro. —

A gorjeta da segunda-feira é mais caprichada, hein?

Vê se dá uma moral, porque hoje eu tô no talento!

Ri da sua cara de pau e assenti.

— É, mas só depois d'eu ver você chegando da

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

escola. E não tenta me passar a perna, porque aí eu vou ser obrigado a ir ter uma conversa com a sua mãe.

— Ah, coé Betôoo? — ele foi logo reclamando.

Duas semanas que eu estive fora e esse moleque achava que poderia me passar para trás.

— Pensei que nós tivéssemos combinado que era isso ou nada.

— Ah, mas é que... — ele abriu a boca para argumentar com suas lorotas, mas desistiu ao notar minha expressão irredutível. — Se eu for para a escola, eu posso ir nadar na sua piscina?

— Só se a sua mãe autorizar. — falei e o semáforo abriu. — Agora se manda e vá se arrumar!

— Para ir nadar?

— Para a escola, Joaquim! — eu disse em tom de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

censura, fingindo nem ver enquanto ele lamentava
(pela ordem e por chamá-lo pelo nome todo).

Fui rindo o restante do caminho, porém o riso
cessou logo que eu entrei com o carro na minha
rua. Pela sua cara, a Tatiana parada à minha porta
estava bem indignada.

— Ah! — ela aplaudiu assim que eu parei e acionei
o controle para abrir o portão da garagem. — Só
assim para conseguir falar com você, não é mesmo
Roberto Speziali?

— Meu Jesus, você deve estar mesmo muito
desesperada. — constatei, arrancando com o carro.
Quando fechei a porta do motorista, já do lado de
dentro, a Tati me olhou com censura.

— Nosso avô quer falar com você!

— Peça a ele para ligar.

— Como se você atendesse, né Beto?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Dei de ombros e procurei pela penca de chaves no bolso da calça, ganhando tempo.

— Ele disse que tem que ser pessoalmente! — a Tati insistiu.

— Claro que ele disse isso! — revirei os olhos e abri a porta da sala. Depois, me joguei no sofá. — Quer uma água? Um suco? Você já é de casa.

— Beto, o assunto parece ser sério! Aparentemente, alguém está roubando a pousada. Estamos praticamente falidos.

Ergui meus olhos da tela do celular.

— Você me ligou dezessete vezes?

— Você ouviu o que eu disse?

Soltei o ar com cansaço e assenti.

— Sim, ouvi. E não faço ideia de como isso pode ser possível. Quem é que tem acesso às finanças da

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pousada?

— Hã... Eu, você, os nossos pais e tios, a Carina,
nossos avós...

— São pessoas de confiança, Tati.

Na medida do possível.

— Beto, o dinheiro está sumindo! O valor que
fecha não coincide com o que entra! Você poderia
parar de ser leviano e encarar a situação com
seriedade? Bosta!

— Ok. — assenti e massageei as têmporas. Era só o
que faltava. — Ok, ok! E o que eu posso fazer?

— O vovô quer reunir toda a família para fazer um
comunicado a respeito.

Lógico!

— Por que é que tudo nessa família vira um evento,
hein? — me queixei, sentindo-me, de repente, de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mau humor.

— Porque é um assunto familiar, Beto! Você tem a
sua vida independente, mas a pousada é o sustento

da maioria da família, inclusive dos nossos avós. —

a Tati amoleceu o tom e sentou do meu lado no sofá. — O vovô tem tido uns picos de pressão e eu fico preocupada dele se sobrecarregar demais.

— É, pois é, mas ele te escuta? Porque ele não me escuta! Nunca! A dieta que o doutor passou da última vez, adivinhe? O nosso avô decidiu por conta própria que era bobagem!

Tatiana riu e botou os pés para cima, jogando as pernas sobre o meu colo.

— O vô é teimoso que nem você. Pensando bem, você teve a quem puxar. A propósito, como anda a sua saúde?

— Melhor impossível. — desconversei, antes que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ela começasse com o sermão e os termos clínicos.

— Hum. Massageia meu pé aí, vai! Eu mereço, depois de vir andando até aqui.

— Cadê o seu carro? — perguntei enquanto

estralava os dedos, disposto a fazer o que ela havia me pedido.

— Vendi.

— Vendeu?

— Vendi. — ela repetiu. — Preciso de grana para passar o ano fora, e a situação não está muito favorável. Resumindo: tô na bosta.

Não dava para acreditar num negócio desses.

— Tatiana, por que é que você não pede ajuda?

Você é orgulhosa demais, e depois se acha no direito de vir falar de mim!

— As finanças da família não vão bem, Beto. Eu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estou te dizendo agora. Além do mais, posso me virar por enquanto e de quebra ainda perder uns quilinhos. Quem sabe assim eu não fisgo um gringo enquanto estiver fora?

— Vou te ajudar.

— Vai nada, não quero! — ela me chutou e só

então eu notei os seus pés pretos.

— Ê porcariada! — me queixei, passando uma mão na outra para me livrar da sujeira. — A água de suas casas está sendo racionada também?

— Não, mas é que eu tô pagando promessa, seu cabra da peste conversado! — a Tatiana riu. — Não lavo o pé até encontrar um namorado decente.

— Credo! — torci o nariz. — O que houve com o último?

— Ele disse que não conseguia me acompanhar, porque eu sou hiperativa demais e porque dou uns

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

surtos do nada. Até parece!

— É, até parece.

— Ôxe! — a Tati cruzou os braços. — Você está sendo irônico comigo, Beto? Pois eu acredito que sou bem normal. O Emerson é que era devagar demais, nós estávamos em sintonias diferentes.

— Para quem nasceu numa família de doidos, sua

opinião é suspeita.

— Ó! Você fala como se tivéssemos vindo de um hospício.

— É *quase* isso.

— Minha nossa, Roberto! Quanta consideração com os seus familiares! Pensa que ninguém notou que você está fugindo da gente? A desculpa é sempre o trabalho, mas qual é a justificativa de agora? Quase vinte dias de férias e você ainda não colocou os pés por lá!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu estava fora, você sabe. Voltei faz poucos dias. — expliquei com cansaço.

O negócio de ser família é que não tinha como se afastar totalmente quando as coisas não iam bem.

Na minha, especialmente, tentar fazer isso vinha acompanhado de um monte de cobrança. O

problema era que há muito tempo eu vinha me sentindo fora de sintonia com todo mundo, e é

complicado quando você não consegue se sentir parte da própria casa.

Não tinha só a ver com o que aconteceu com a Alana, embora isso fosse um fator de peso. Tio César, por exemplo, nunca mais foi o mesmo comigo depois do nosso divórcio, e ele costumava ser como um pai. Mas tinha a ver também com o fato de que eu me sentia um pouco deslocado perto de todos eles: uma família de completos doidos extravagantes e eu, que sempre fui mais na minha.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Às vezes eu me perguntava se não era a Alana a filha legítima. Faria todo o sentido se descobrissem, algum dia, que na verdade eu é que era o filho adotado.

— Tudo bem, Beto. — a Tatiana disse, decidida a não cutucar. — Não vou mais insistir, já que você sabe bem o que está fazendo. Mas e então, o que eu digo para o nosso avô? Você vai a reunião?

Precisamos de você...

Encarei os meus próprios pés, encurralado e muito pouco satisfeito por ser colocado contra a parede.

— Ok, Tati. — suspirei. — Eu estarei lá.

Minha prima me fitou com os olhos cerrados, claramente duvidando de mim.

— Você está blefando?

— Não. Eu te dou a minha palavra.

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

E, embora praticamente ninguém acreditasse nisso, eu costumava cumprir com o que eu prometia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

CAPÍTULO TRÊS

"Nós mantemos este amor numa fotografia

Nós fizemos estas memórias para nós mesmos

Onde nossos olhos nunca fecham

Nossos corações nunca estiveram partidos

E o tempo está congelado para sempre"

- **Photograph, Ed Sheeran.**

ALANA

Talvez eu fosse para o inferno.

Não me espantaria caso o Roberto viesse me buscar durante a noite, gargalhando em meio a uma nuvem de fumaça e com um tridente na mão.

Afinal, mentir para dois velhinhos devia contar como um pecado muito sério, correto?

Ainda mais quando os dois velhinhos em questão eram fofinhos, simpáticos demais, inofensivos e te

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

enchiam de comida gostosa.

Eu estava falando dos meus avós.

Era ruim ter de mentir para ambos, mas era isso ou a minha dignidade indo embora pelo ralo. E, dadas as circunstâncias, eu precisava me agarrar àquela mentira para sobreviver aos sete dias. De todo o modo, também, já estava feito. Eu já havia inventado lorotas para o meu pai.

— Namorado novo? Oh, minha querida! Que belo rapaz! — minha avó sorriu de forma doce, depois d'eu apresentar o Arthur. — Sentem-se, por favor! Fiquem a vontade! Eu preparei um café da tarde bem especial!

— Ótimo! — comemorei, olhando para os lados em busca de mais alguém. — Estou mesmo faminta!

— Ela sempre está, é impressionante. — Arthur comentou e eu o olhei feio.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ah! Ha-ha-ha! — soltei uma risada contida e graciosa, na medida do possível. — Ai, como ele adora brincar!

— Vocês fizeram boa viagem? — o meu avô perguntou, tirando os olhos de seu jornal.

— Sim. Foi um voo tranquilo. — assenti. — Como você está, vovô?

— Como sempre, mas pior. Com o pé na cova. — ele declarou e a minha avó lhe deu um tapinha no

ombro.

— Não fale bobagem, por Deus do céu!

Ele não se importou, apenas inclinou-se sobre a mesa e pegou um punhado de açúcar, jogando tudo dentro de sua xícara de café.

— Imagina! O senhor está ótimo, vô. — sorri. — A vô está certa, não fique falando esse tipo de coisa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sua avó não está tão certa assim. — meu pai reapareceu de sabe-se lá onde, juntando-se a nós.

— Seu avô anda fazendo algumas extravagâncias.

— Ah, não comecem! — ele bufou feito uma criança.

— É? Que tipo de extravagância?

— Ele anda tendo alguns picos de pressão, mas se recusa a seguir a dieta do doutor. — minha avó disse e me serviu um leite quente.

— É verdade isso? — eu o olhei feio.

— Esses médicos não sabem de nada! Além do

mais, o meu problema não é esse! Tem outra coisa me gerando dor de cabeça!

— Outra coisa? Qual?

— Falarei sobre isso mais tarde. — ele me assegurou. — Não quero encher você e o... — ele

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

apontou para o meu namorado de mentira.

— Arthur. — o próprio respondeu.

— Arthur, isso. Não quero enchê-los com os nossos problemas, mas é um assunto crítico.

— Você está me deixando preocupada, vô.

Era só o que me faltava, mais uma bomba! Qual era a de agora? Não bastava de escândalos na nossa família?

— A pousada está sendo roubada. — o pai disse e eu arregalei os meus olhos.

— Como é?

— Bom, é o que suspeitamos.

— Vô? — eu olhei para ele, assustada.

— Nós não sabemos exatamente o que há de errado. — ele disse. — Pode ser só o resultado de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

uma má gestão, mas pelas contas, o mais provável é que alguém de nossa própria família esteja... — ele fez um gesto com a mão, como se estivesse pegando algo para si às escondidas.

— Oh meu Deus! — me exaltei, cuspiendo sem querer algumas gotas do meu café com leite.

Arthur, ao meu lado, se mexeu com inquietude. —

Vocês suspeitam de alguém?

— Todos são suspeitos, até que se prove o contrário. — tio Ricardo, pai da Tatiana, foi quem respondeu.

Ergui os meus olhos com surpresa e, no ato de me colocar de pé, esbarrei na minha xícara.

— Tio!

— Jesus! — Arthur exclamou, dando um pulo de gato.

— Oh! — eu o encarei, vendo o estrago em sua

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

camisa. — Ai céus, que desastre! — peguei um
guardanapo, levando-o até o seu peito.

— AAAAH! — Arthur gritou. — Está quente!

Quente demais!

— Tira a camisa! — sugeri com desespero e ele me
olhou como se eu fosse louca.

— O que? Não!

— Como não?

— Não vou ficar nu na frente dos seus familiares!

Que tipo de ideia é essa?

— Oras, rapaz! E por um acaso você anda ficando
nu na frente da minha filha? — meu pai se pôs de
pé, intrigado.

Olhei para a mesa de café e notei a jarra de água.

Num impulso, eu a peguei.

— Não senhor, não foi o que eu quis dizer! —

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Arthur saltava de um pé para o outro, parecendo agonizar.

Era a minha obrigação salvar sua pele, literalmente.

Então, num outro impulso, *splash!* Joguei todo o conteúdo da jarra em sua direção.

— Ufa! — passei a mão pela testa quando um silêncio sepulcral se instaurou. — Pronto. Agora é só você se trocar.

Arthur ergueu os seus olhos. Seu rosto todo estava molhado, e seu cabelo grudava na testa. Sua camisa, antes branca e seca, agora era transparente e ensopada.

Oh-oh.

— Vou buscar uma toalha. — minha avó foi a primeira a quebrar o silêncio dos presentes. — Eu já volto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ai, *benzinho*... — me aproximei do Arthur com o rabo entre as pernas. — Me perdoe, *vida*. Você se machucou?

— Eu... — ele começou a falar, mas se conteve. Seus olhos encontraram os meus. Ele queria me matar. — ...Está tudo bem, *querida*. Foi só um... Pequeno acidente.

— Se eu soubesse que causaria todo esse estardalhaço, talvez eu tivesse chegado mais devagar. — tio Ricardo brincou e eu fui até ele de fininho, dando-lhe um abraço.

— Olha só, se não é o tio mais legal do mundo!

— Pudera, né? Eu sou o único! — ele riu, cutucando-me a cintura. — Faz um bom que não te vejo, hum? Quem é o rapaz?

— Ah, esse? Arthur é o meu namorado. — falei, apontando casualmente para o meu amigo mais

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

molhado do que pinto na chuva. — Tu? — chamei

e ele me olhou estranho. — Esse é o meu tio Ricardo.

— É um prazer. *Tu*. — tio Rick o cumprimentou, apertando sua mão. Arthur assentiu, esforçando-se para ser simpático. O olhar do meu tio veio até o meu rosto, como se ele estivesse apreensivo, e seu sorriso vacilou por um instante. Logo em seguida, porém, ele emendou: — É bom saber que você está de namorado novo, Alana. Está feliz?

— Muito.

Meu nariz iria começar a crescer a qualquer instante.

— Ótimo, é o que importa. Então eu acho que também estou. — ele piscou, dando-me uma batidinha na testa.

Sorri como se estivesse tendo um derrame e a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

minha avó retornou com a tolha.

— Ah, pobre rapaz... Tome aqui, seque-se!

— Santo Cristo, o que houve nessa cozinha? — tia Sandra, mãe da Tatiana, se achegou e trouxe junto dela a tia Eunice, mãe do... Mãe do traste.

— Nhá... — fiz um sinal de casualidade com a mão e expliquei com bom humor, antes de ir até elas: — Só um acidentezinho de nada!

Bom, pelo menos metade da família já tinha ido.

Aparentemente tudo havia corrido bem, exceto por um probleminha de percurso.

Agora, meus amigos, só faltava a *outra metade*.

[...]

Quando criança, a sala de livros do meu avô

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

costumava ser um dos meus lugares preferidos da casa. Foram muitas as vezes em que ele me contou histórias, algumas dos seus livros, e outras mais mirabolantes tiradas de sua própria cabeça. De toda a forma, eu nunca me cansava. Sempre insistia, animada: "Conta mais, vovô".

Naquela tarde, em especial, eu sorria de forma saudosa enquanto corria os olhos pelo cômodo. Era como se as lembranças fossem tão vivas que eu poderia até tocá-las, caso quisesse. Me aproveitei do fato de que o Arthur tinha ido tomar um banho e se trocar e me joguei de cabeça naquela viagem no tempo.

Havia muitos porta-retratos ali na estante, cada um contando uma história diferente. Num deles, uma Alana chorosa sorria meio murcha ao lado de sua bicicleta. Mas também... Pudera, né?

— *Eu vou contar até três, filhota. E então vou te*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

soltar. — o pai disse, tentando me encorajar.

Eu tinha uns cinco ou seis anos naquela época, e estava prestes a andar de bicicleta pela primeira vez. Detalhe: sem as rodinhas. Carina, por ser um ano mais velha, sempre debochava de mim por eu ainda não conseguir fazer algo tão simples.

— Está pronta? Um... Dois...

Antes mesmo de chegar ao três o pai me soltou e eu, ainda insegura, dei as minhas primeiras pedaladas.

Sozinha.

— *É isso aí, garota! — ele comemorou e eu gargalhei, feliz por finalmente ter conseguido.*

Carina até então nos observava de longe, mas não parecia gostar do que via.

— *Olha, Nina! — eu a gritei. — Eu também consegui!*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela desceu de sua bicicleta cor de rosa e andou até onde eu estava. Me lembro de quando ela me empurrou e do quanto eu abri o maior berreiro, em partes por causa dos meus joelhos ralados. Mas foram as suas palavras que realmente me machucaram de verdade:

— *Qualquer uma consegue fazer isso, sua idiota!*

Sorri fraco para aquela foto, recordando-me com tristeza do episódio. Em seguida, voltei a atenção para uma foto minha e da Tati. Era o meu aniversário. Tínhamos as pontas do cabelo pintadas de papel crepom rosa, o que naquela época era simplesmente o máximo.

— Que saudade disso... — murmurei sozinha. Era uma lembrança bem mais feliz, com certeza.

Nós adorávamos passar as tardes juntas, fazendo as unhas e lendo a revista *Atrevida*. Também era um

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

super programa irmos até a locadora para pegarmos um monte de filme de terror. Depois, nós dormíamos juntinhas na mesma cama. Duas cagonas.

Ri sozinha e passei a mão pela estante, parando finalmente na frente de uma terceira foto.

Eu costumava adorar aquela.

Era tão... Inusitada. E divertida. E inocente.

O Beto e eu estávamos na praça. Nós havíamos acabado de sair de casa para o meu primeiro dia na escolinha e a tia Nice e o meu pai, que são irmãos, haviam parado para que eu pudesse me acalmar.

Eu estava bem chorosa naquele dia, agarrando-me à minha lancheira da Pocahontas como se ela pudesse me salvar do que estava por vir.

— *Não fica assim, Laninha... — a versão de sete anos do Beto pediu. Ele tinha algo escondido atrás*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

das costas. — Você vai ver, lá tem um montãaaaoo de brinquedos!

Funguei, limpando o nariz na manga do meu moletom do Piu-Piu, e olhei dele para o meu pai.

— *Vamos filha. — ele me encorajou.*

— *Você promete que não vai me deixar sozinha, Betinho? — pedi, fanha, para aquele que até então era o meu melhor amigo.*

— *Eu prometo. — o Beto assentiu e deu um beijo*

nos seus dois dedos que estavam cruzados, o médio e o indicador.

— Valendo o que se descumprir a promessa?

— Valendo... Hum... — ele pensou. — Dez tazos da minha coleção!?!

— Onze!

— Dez!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Onze! — eu começava a sorrir, mas levei uma mãozinha à boca. Fazia poucos dias que a fada do dente havia visitado o meu quarto, se é que me entendem.

O Beto balançou a cabeça e me estendeu um ramallete de flores, todas recém colhidas do jardim local.

— Dez.

Olhei para elas admirada. Eu adorava margaridas, eram as minhas flores prediletas!

— Tá bom, vai! Dez. — eu finalmente assenti,

*pegando-as para mim e abrindo um sorrisinho
banguela.*

Segurei aquele porta-retrato e senti os olhos
marejarem. Ah, céus... Que bom seria se nós
tivéssemos uma máquina do tempo, que nos
permitisse reviver momentos como esse. A vida às

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

vezes passava tão rápido... Corri o dedo por nós
dois e me perdi naquela lembrança gostosa.

— Saiba que você está me devendo uma porção de
tazos, apenas pelo tanto de promessas que
descumpriu. — sussurrei e quase deixei aquela foto
cair, quando o meu comentário foi inusitadamente
rebatido:

— Falando sozinha, Alana Speziali?

Virei-me com surpresa e juro que tentei sorrir, mas
os meus lábios tremeram e, de repente, eu não era
mais a Alana, mas sim uma hiena tendo
convulsões.

— Ah, Laninha! — a Tati correu até mim,
envolvendo-me num abraço muito apertado. —
Que saudade, irmã! Que saudade! Nós sentimos
tanto a sua falta!

— Sentiram? — eu ri e chorei, tudo ao mesmo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tempo. Uma verdadeira montanha-russa de
emoções.

— Lógico que sim! É claro, sua bobona! Ohana,
não se lembra?

Obviamente eu me lembrava.

E tinha como me esquecer?

"Lilo & Stitch" era simplesmente o nosso desenho
preferido. Perdi a conta de quantas vezes nós o
assistimos, deitadas no enorme tapete da sala de
estar da nossa avó.

— Ohana quer dizer família. — eu disse,
enxugando os olhos.

Tatiana também sorriu com emoção, antes de

completar:

— Sim. E família quer dizer nunca abandonar ou esquecer.

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

CAPÍTULO QUATRO

"Hakuna matata, é lindo dizer

Hakuna matata! Sim, vai entender!

Os seus problemas, você deve esquecer

Isso é viver, é aprender

Hakuna matata!"

- Hakuna Matata, O Rei Leão.

BETO

Alguns minutos antes do final do capítulo

anterior...

— De nada pela carona. — eu disse para a Tatiana assim que parei o carro na porta da casa dos nossos avós. — O seu uber deu... — chequei o painel de horário. — Dezesseis reais e trinta e dois centavos. — Ficou doido, é? — ela riu. — Deus te pague, porque euzinha aqui não vou pagar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ah, pois é. Por falar em pagamento, me passa a sua conta. — pedi e ela fechou a expressão numa carranca.

— Eu já disse que não quero o seu dinheiro, primo. Estou me virando bem, se precisar de qualquer coisa eu juro que te falo.

— Jura nada.

— Eu prometo que sim. — ela me garantiu. — Mas só se você também me prometer uma coisa.

— Hum... — murmurei. — Que coisa?

— Que você vai parar de se esconder de nós quando estiver chateado. Somos sua família, Beto. Somos imperfeitos? Com toda a certeza, mas nós nos importamos com você e sentimos a sua falta. Você tem se distanciado muito e isso me preocupa.

— Não precisa se preocupar comigo, Tita. — lhe chamei pelo apelido que só eu costumava usar, que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

era Tati ao contrário.

— Preciso sim, bobão. Afinal, quem é que vai ficar no seu pé e ir te buscar na porta da sua casa durante esse um ano que eu estiver fora?

— Se está tentando dizer que vai sentir a minha falta, saiba que eu também vou sentir a sua. Exceto pela parte das dezessete ligações. — brinquei e a Tati sorriu.

— Estou tentando dizer isso *também*, mas tem mais. Beto, por favor, escuta com muita atenção o que eu vou te falar, tá?

Eu me ajeitei e esperei por uma frase de efeito,
talvez até mesmo um provérbio chinês, mas então a
Tatiana simplesmente começou a...

Cantar.

Melhor ainda: não era qualquer música.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Hakuna Matata...

— Ai, minha nossa. — suprimi um riso.

— É lindo dizer... Hakuna Matata... Sim vai
entendeer! Os seus problemas, você deve
esquecer... Isso é viver! É aprender! Hakuna
Matataaaaaa! — a Tati solou e em seguida me deu
um cutucão, divertindo-se as custas da minha
expressão. — Você sabe o que significa Hakuna
Matata?

— É uma pergunta retórica? Ou não?

— Significa "sem problemas", ou "não se
preocupe". — ela me sacudiu. — Tudo bem?

— Tudo bem. — assenti, curioso. — Mas posso

saber o porquê disso?

— No fundo você já sabe, Beto. Pare de se fingir de besta, homem! — ela me empurrou e levou a mão até a maçaneta do carro. — Você volta mais tarde?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Estarei aqui. — lhe assegurei, ainda bem pouco feliz com a ideia.

— Até mais então. — a Tati sorriu e saltou para o lado de fora.

Abri o porta-luvas para checar se tinha levado a minha carteira, pois precisava abastecer, e acabei me distraindo por um segundo. Quando ergui os olhos, foi como se eu previsse a cena em câmera lenta: a Tati se virou na minha direção, dando-me mais um tchau, e tentou me dizer alguma coisa, algo como "se você não vier, eu te busco". Nesse mesmo instante, um rapaz descia a rampa da casa dos nossos avós totalmente molhado. Quando dei por mim, já era. Mal tive tempo de avisar.

— Santo Deus! — desci do carro e caminhei em direção aos dois. A Tati estava caída e o rapaz estava agachado. Ambos passavam a mão na testa. Quando se encararam, a primeira coisa que a minha

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

prima disse foi:

— BOSTA!

— Tudo bem, Tita? — estendi a mão para lhe ajudar a se colocar de pé.

— Infortúnio! — o homem (ainda no chão) resmungou. — O que mais falta acontecer? Cair um raio na minha cabeça?

— Hã... — murmurei, confuso. Tatiana cambaleou para o lado e eu a segurei.

— Acho que tive um traumatismo!

— Precisa de ajuda, irmão? — ofereci ao desconhecido,

que

negou

com

um

aceno

impaciente.

— Estou ótimo. Essa... Moça quase me atropelou!

— Perdão, eu? — Tatiana franziu o cenho. — Você

é que vinha descendo a rampa feito um maluco. A

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

propósito, quem é você? Espero que não seja um

ladrão, porque o meu primo aqui... — ela apontou

para mim. — ...É policial.

— Tita...

— Não sou um ladrão! — ele ralhou, pondo-se de

pé. — Eu sou... Espera! Quem são vocês?

— Perguntei primeiro! — a Tati insistiu e ele

bufou.

— Ótimo. Que seja. Sou Arthur.

—

Como

assim?!

Isso

não

quer

dizer

absolutamente nada! Arthur de onde? Da parte de quem? — Tatiana cruzou os braços, impondo-se.

— Da parte... Da parte da Alana, oras! De quem mais seria? — o rapaz informou e eu enrijei no lugar. Tatiana parou por um segundo, confusa.

— Da parte da Laninha? Você...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sou o namorado dela. — ele disse, aprumando-se.

— Ah! — a Tati riu. — Ha-ha-ha... O na...

Namorado! Ora bolas! — ela me encarou com preocupação, embora tentasse sorrir.

Tomei um fôlego.

Antes eu tivesse ficado no carro. Ou em casa. Ou,

sei lá, na África, fazendo missões. Qualquer opção seria melhor do que estar ali, ouvindo aquilo.

— E vocês? — o NAMORADO da Alana quis saber, parecendo um pouco mais simpático. —

Espera, já sei! Você deve ser a Tatiana, né?

— Isso! — ela assentiu, sorrindo largo.

Agora é que vinha a parte boa.

— E você...

— Roberto, prazer. — lhe estendi a mão, acabando

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

logo com aquilo. Agora quem estava mal humorado

era eu. — Bom, eu vou indo. Até mais tarde, Tati.

Até mais... Arthur.

— A gente se vê. — ele assentiu, sério, e eu dei as costas antes que iniciássemos um momento estranho.

Quando botei a mão na maçaneta do carro, a

Tatiana me segurou pelo braço.

— Beto, tá tudo bem?

— Tudo. — menti.

— Hakuna Matata, lembra?

— É, que seja.

Péssima hora para vir falar frase do Rei Leão.

— Ser forte não é fingir que não está chateado. Ser forte é ficar triste, mas saber que amanhã é um novo dia e que em breve as coisas vão melhorar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ter essa consciência já é meio caminho andado, tá?

Balancei a cabeça e ri de nervoso.

— Beleza, Tita! Desde quando você tem se tornado a prima conselheira?

— Eu? Desde nunca! Faça o que eu falo, mas não o que eu faço.

Sorri sem vontade e assenti.

— Ok.

— Vem cá. — ela segurou minha mão. — Você se lembra de quando a gente era adolescente e eu quase me afoguei?

— Depois de tomar o seu primeiro porre escondido e depois pular da pedra direto para o mar? — me obriguei a puxar na memória, aceitando preencher a cabeça com *qualquer coisa* que não fosse a Alana e seu namorado. — Me lembro sim, você quase se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

matou.

— Pois é. — a Tatiana riu. — Você segurou a minha mão muito firme e não a soltou até que o tio César aparecesse para nos ajudar. É isso o que família faz, não é? Se você se afogar, eu te seguro. Posso até me afogar junto, mas não vou soltar a sua mão. Tá entendendo o que eu estou te dizendo?

— Aham. Fica tranquila, não vou encher a cara e pular de lugar nenhum. — desconversei. —

Prometo.

— Tá bom. Mas se você quiser apenas encher a cara, me chama que eu te faço companhia.

— Vou considerar a ideia. — pisquei e me despedi

da Tatiana, seguindo o caminho de casa mais arrependido do que antes, por ter prometido me enfiar em qualquer bagunça envolvendo as finanças da pousada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

[...]

Definitivamente, aquele era o dia das visitas no meu portão.

Quando dobrei a esquina de casa, meio aéreo e sem saber muito no que pensar (ou melhor, sabendo, mas querendo evitar), o meu cachorro ingrato esperava por mim. Acionei o controle da garagem e ele entrou correndo, mal me dando tempo de olhar para a sua cara de pau.

— Então é assim. — resmunguei, descendo do carro. — Ótimo!

O Spider bebia sua água como se tivesse passado os três últimos dias numa excursão pelo deserto.

— Você vem aqui, come e bebe às minhas custas, e

depois some sem nem dar notícia?

Até com o cachorro eu estava mal humorado.

Incrível como algumas coisas têm o dom de acabar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

com o resto do seu dia!

— Não, não! Não vem não, pode parar! — me esquivei quando ele tentou pular em mim. — Deve ser mal dessa família, sumir sem dar satisfação!

Qual é o problema de vocês, afinal de contas?

Spider parou e jogou a cabeça para o lado, me encarando. Tirei a chave do bolso, mas tornei a olhar para ele.

— Não me faça essa cara não! Acha que pode voltar assim, como se nada fosse? Ir embora sem dizer nada e depois reaparecer nessa naturalidade toda?

— ... — ele ganiu e levantou as duas orelhas, atento. Aquilo queria dizer alguma coisa? Eu esperava que não. Seria bem esquisito, se agora eu

começasse a desenvolver um dom especial de me comunicar com um cachorro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tá bom, eu sei que você pode voltar. É a sua casa. Tanto faz. Só não é certo! Digo... Não o ato de voltar, mas ir embora e depois... Ah, dane-se! — me irritei, abrindo a porta da sala.

Era só o que faltava, eu ter que me explicar para ele!

Me sentei no sofá e enterrei a cabeça entre as mãos, puxando os fios de cabelo com uma frustração bem mal contida.

Meu cachorro veio atrás, aquela imundície.

Mesmo irritado, levei uma mão até o seu focinho e lhe acariciei.

— Eu já sei qual é a sua queixa. — falei,

plenamente

consciente

de

que

eu

estava

desabafando com um cachorro. E que muito

daquilo pouco tinha a ver com ele. — Você vai

dizer que eu não estava te dando atenção. Que eu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estive ausente e fora por muitos dias. Eu sei,

desculpa, o pai estava viajando. Vem cá! — bati na

minha perna e ele pulou, apoiando as patas

dianteiras na minha calça. — Só não vá me dizer

que você também arrumou uma namorada nova

pela rua, hein?

O Spider latiu. Que merda isso queria dizer? Era

um sim?

Não era possível que era a porra de um sim.

— Espero que isso seja um não. — comentei e o fiz

descer, esticando o corpo sobre o sofá de forma que

eu ficasse deitado de barriga para cima.

Meu cachorro, carente que só, enfiou o focinho
debaixo da minha mão e pediu por mais carinho.
— Sua mãe voltou, você já soube? — inclinei o
pescoço para encará-lo. — Pois é! Só espero que
você, caso chegue a encontrá-la, não vá todo cheio

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de gracinha para o lado dela. Não preciso te
lembrar de que ela foi embora por quase três anos,
certo? Que sumiu sem dar sequer uma notícia,
depois de assinar aquela porra de papel de divórcio!
Fechei os olhos por um instante e suspirei.

Inspirei e expirei.

— E eu já sei o que você está pensando. — retomei
e mudei o tom de voz: — *Ah, Roberto... Você bem
que mereceu, seu traidor mentiroso, ser humano
ausente e sem escrúpulo...* Blá-blá-blá, foda-se!
Não estou me isentando cem por cento da culpa,
mas ninguém nesse circo todo parou para realmente
me escutar. Eu digo escutar *mesmo*, você tá me

entendendo? Eu aposto que não! Mas eu também não vou mais ficar me explicando... Cansei! — ergui as duas mãos. — Tô cansado! Tudo o que tinha para dar errado já deu, de todo o jeito. Fazer o que agora?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Vi quando o Spider me olhou e depois me deu as costas, saindo para eu sei lá onde. Talvez fosse dormir, coisa que eu mesmo não vinha conseguindo fazer bem há um bom tempo.

Cachorro ingrato.

Encarei o teto e ri. De nervoso, é lógico.

Porque o problema de chutar o balde e de jogar a merda toda no ventilador, é que eu sabia muito bem que depois eu iria lá catar de novo.

[...]

— *Onde está o sorriso?* — *minha mãe perguntou e eu, a Alana e a Tati sorrimos.*

Era o aniversário de dezesseis anos da Alana e ela

havia acabado de assoprar as velas do bolo. Ainda com uma expressão de alegria no rosto, ela se desvencilhou do abraço e correu até a sacada, buscando por três estrelas no céu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Fui até lá um pouco tímido, receoso se ela gostaria ou não do presente.

— Fiquei sabendo que os nossos pais estão te desejando felicidades. — arrisquei e a Alana me olhou. Então, tirei o embrulho do bolso e estendi a minha mão. — Feliz aniversário, Laninha.

Era um relicário preso a um cordão de prata, que carregava a nossa foto preferida de quando éramos crianças. O dia em que a Alana não queria ir para a escola. Não que, depois daquilo, ela tivesse mudado de ideia em relação a ir para o colégio.

— Isso é tão... É lindo, eu adorei! — ela sorriu, encantada.

— *É... Hã... Se um dia você for para Nárnia,
poderá levar a gente para qualquer lugar que seja.
A Alana achou graça e revirou os olhos.*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— *Que bobagem é essa? Nunca irei para lugar
nenhum, Beto. Sozinha não.*

Espantei a lembrança com um aceno, como se fosse
uma mosca enxerida.

Eu estava a ponto de ter um troço. Levei a mão até
o portão da casa do nosso avô e recuei. Talvez eu
pudesse mentir e dizer que fui chamado de última
hora para o trabalho. Que era uma emergência.

Eu até cogitei a ideia, mas em seguida me obriguei
a enfrentar logo o problema.

Não fui eu quem sumi por três anos. Eu sempre
estive ali. Eu tinha a liberdade de ir e vir da casa
dos meus avós e isso era normal. Porque, afinal, eu
não fui para lugar nenhum.

— Pfff... — deixei o ar escapar pela boca. — Que

merda, Roberto. Grande coisa!

Ajeitei a camisa e subi. Curiosamente, a casa estava

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

bem silenciosa. Talvez eles estivessem na sala de reuniões do nosso avô. Fiz menção de ir até lá, mas estagnei no lugar. Eu iria tomar uma água antes.

Entrei na cozinha e apoiei os dois braços no balcão.

Deus devia estar olhando para mim, naquele momento, com muito constrangimento. Sendo honesto, até eu faria isso se pudesse. Afinal, eu saía de casa todos os dias, sem a segurança de que iria voltar, eu enfrentava bandido e o escambau todo, mas tremia na base na hora de reencontrar a minha ex-mulher. Que papelão.

— Deixa de ser idiota! — falei para ninguém mais do que eu mesmo, mas o problema todo é que eu não havia notado que não estava sozinho no cômodo. Infelizmente, só fui perceber isso quando um copo se chocou contra o chão.

— Droga! — ela xingou e ergueu os olhos.

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

Que curioso, não?

A Alana havia tirado a palavra *exata* da minha boca.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

CAPÍTULO CINCO

"E se você dissesse algo que talvez fosse verdade...

É difícil tentar decifrar quais partes eu deveria acreditar"

- **Million Reasons, Lady Gaga.**

ALANA

Eu mal tive tempo para reagir. Quando dei por mim e notei o sangue na minha mão, eu só pude abrir a boca e dizer:

— Estou tendo uma hemorragia!

— O que? — Beto balançou a cabeça, parecendo voltar a si. Ele fez menção de se aproximar de mim, mas eu dei um passo para trás.

Meu coração estava batendo tão rápido que eu pensei que fosse ter um treco.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Aparta-te de mim! — ordenei, erguendo a mão que estava boa. Por mais um pouco eu fazia o sinal da cruz. — Oh céus! San... Sangue!

Eu não sabia para o que olhava: se para a cachoeira que escorria da minha mão, ou se para o meu ex marido parado sem saber o que fazer.

— Coloca a sua mão debaixo da água, enquanto

isso eu vou pegar um esparadrapo ou um band-aid

com a vó! E cuidado com os vidros no chão!

Senti a boca secar ao ouvir a sua voz assim,

formando uma frase inteirinha. Fazia muito, mas

muito tempo que eu não a escutava.

— Mas que patifaria é essa aqui? — o pai apareceu,

olhando de mim para o Roberto.

— Ajuda ela, tio. Eu vou buscar um curativo. —

ele pediu e nos deixou a sós.

— Não é possível! — o pai resmungou,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

aparentemente indignado. — Vocês mal se

reencontraram e isso já começou em desastre! O

que houve?

— Eu quebrei um copo. — expliquei, apontando

para o chão.

— Minha nossa senhora! Você tentou... — o pai

sinalizou e eu demorei um segundo para entender.

— Não, pai! Como pode pensar isso de mim? Não

tentei jogá-lo no Roberto! — embora, cá entre nós, essa não fosse uma má ideia.

Minha cabeça estava rodando um pouco. Era pelo sangue perdido ou era pelo momento?

— Acho que vou desmaiar.

— Não exagere, é só um cortezinho de nada!

Não era um cortezinho de nada, era... Era um rombo bem no fundo da minha alma!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vem aqui, filha. — o pai me guiou até a pia. Em seguida, abriu a torneira e eu fiquei observando enquanto o sangue escorria e ia embora. Em menos de um minuto, minha mão estava limpa. Que coisa, não? — Pronto.

— Aqui. — o Roberto surgiu das profundezas do inferno, me fazendo saltar com o susto. — Não tinha esparadrapo, mas eu acredito que o band-aid sirva. Não me parece um corte tão fundo.

"Ni mi pirici im cirte tãî findi", a minha *eu*

mental imitou, feito aquele garotinho da série Full House.

Quem era ele para julgar o tamanho do meu corte e da minha dor?

Um enxerido, isso sim.

— Obrigada. — agradei contra a minha vontade, mostrando que eu era uma mulher muito bem

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

educada.

O Beto suspirou enquanto o meu pai abria o bandaid e o colocava sobre o meu machucado.

— Vou limpar a bagunça. — ele enfim disse.

— Ah, certo. *Agora* você fala isso. — murmurei e o pai me olhou com censura. Em minha defesa, eu não poderia deixar essa passar. Não sei se o Beto escutou, porque ele não disse nada. — Obrigada, pai. — agradei e peguei outro copo no armário. Da forma como eu estava, uma açúcar para acompanhar a água iria bem.

— Eu espero você na sala de reuniões. Não demore. — o pai disse e simplesmente saiu, me deixando a sós com o... Tinhoso.

— Então... — eu me escorei no balcão, vendo-o recolher os cacos de vidro. Estava decidido: eu precisaria fingir costume. — ...Como vai?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Beto levantou a cabeça um pouco, acho que para ter certeza de que eu estava falando com ele.

— Bem. E você? Como vai a vida em São Paulo?

— Esplêndida! — tentei, mas acabei achando que soou um pouco artificial demais. — Para não dizer... Magnífica! — é, talvez não tenha melhorado muito.

— Hum. Que bom.

Enchi o copo de água até a metade e tomei tudo num gole só. "Hum. Que bom"? Isso era tudo o que ele tinha a dizer?

Fiz a egípcia e o observei de rabo de olho.

Eu queria que ele tivesse ficado calvo. Ou, sei lá,
que tivesse caído um pouco do cabelo pelo menos.
Talvez engordado alguns quilos. Perdido um ou
dois dentes. Não era justo que ele estivesse tão
bonito. Eu também não me lembrava dele ser tão

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

alto.

Mentira. Eu me lembrava sim.

— Pronto. — Beto jogou os cacos de vidro na
lixeira e se ergueu. Ele me olhou e eu resisti a
vontade de jogar os cabelos para o lado, feito um
comercial de shampoo.

— Ótimo. Nosso avô está nos esperando para a
reunião.

— É. Pois é, então... Vamos. — ele gesticulou.

Quando Arthur me disse que ele e o Beto já haviam
se trombado, eu quase tive uma síncope. Só fiquei
tranquila porque ele me assegurou de que tinha dito
que era o meu namorado, e que o assistente do satã

pareceu não ter gostado da informação.

Status: bebendo as lágrimas do inimigo.

Dei as costas para o Beto e me pus a andar na sua

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

frente. Não vou mentir e dizer que eu estava cem por cento plena. Na verdade, 98,7% de mim estava muito nervosa por ter estado frente a frente com ele, mas o outro 1,3% estava bem orgulhoso.

— Ah, aí estão vocês! — o meu avô sorriu ao nos avistar. — Alana e o meu neto desnaturado! Que bom que já se viram!

Ah sim, que ótimo.

Me afastei o mais rápido que pude e fui até o meu lugar à mesa, que a propósito era ao lado do Arthur.

— Desculpe a demora, meu amor! — eu disse.

Nem muito baixo e nem muito alto, mas o suficiente para *vocês sabem quem* escutar. — Tive um imprevisto e acabei cortando a mão.

— Jura? — Arthur fitou o curativo. — Espero que

— Você tenha lavado isso direito. Milhões de bactérias podem se proliferar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Chutei-lhe a canela e sorri, antes que ele começasse a falar lorotas.

— Hã-hã-hã! Claro, meu amor! Estou ótima!

Inclinei-me um pouco, como se fosse beijar sua bochecha, e sussurrei em seu ouvido:

— Não começa! Faz alguma coisa romântica.

— Fazer o que? — ele sussurrou entredentes, mantendo um sorriso genérico no rosto.

— HAHHAHAHAHAH! — eu ri alto, empurrando-o de leve como se ele tivesse me dito algo muito engraçado. — Ai! Você é ótimo, amor!

Notei o Beto puxar uma cadeira com uma força talvez um pouco desproporcional e me ajeitei outra vez.

— Talvez, só uma sugestão, você pudesse ser um pouco mais singela. — Arthur sugeriu baixinho e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

eu o olhei sem entender.

— Você acha que eu estou exagerando?

— Você obviamente está. Parece um pavão quando quer se mostrar.

— Quem faz isso são os machos, não as fêmeas! — rebati de cara fechada e encerrei aquela conversa, já que o nosso avô batia sua colherzinha de açúcar na xícara (para chamar nossa atenção). — Acho tão chique fazer isso. — cometei achando graça e a Tati riu, concordando.

— Bom, estamos quase todos aqui.

QUASE.

— Minha neta, Carina, ainda não pôde comparecer. Mas vamos começar assim mesmo. Como a grande maioria já sabe, a nossa pousada tem passado por maus bocados. Estamos tendo alguns problemas financeiros e precisamos investigar a causa, embora

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ela me pareça muito óbvia: estamos sendo roubados.

Nem um "oh", nem "ah". Todos ali já estavam cientes da bomba.

Estreitei os olhos e comecei a pensar em quem entre nós seria capaz de tamanha atitude estapafúrdia. Então, de repente, eu entrei no meu modo detetive. Como naquela brincadeira de piscar e achar o criminoso.

Hum...

Tio Rick parecia bem sério, prestando atenção a tudo o que o vovô dizia. O meu pai tinha os braços cruzados, também muito atento. Tatiana estava anotando as informações num bloco de papel.

Vovó, tia Nice e tia Sandra aparentavam estar abaladas com a ideia de termos um traidor na família. Já o Roberto... Ora, ora... Ele parecia um

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pouco incomodado.

— Desculpa, vô, mas quando a Tatiana me falou sobre essa hipótese eu não consegui entender como isso pode ser possível. — o Beto disse. *Hum.*

Conte-me mais. — Todas as pessoas que têm acesso às contas são gente de confiança, correto?

Talvez a solução seja mais fácil do que

imaginamos:

vamos

verificar

as

últimas

movimentações das contas bancárias!

O vovô parou por um segundo, pensando no que o Roberto havia lhe dito. Ele passou o indicador e o polegar pelo bigodinho branco e então assentiu para si mesmo.

— Não é tão simples assim, meu neto desnaturado!

Você mais do que ninguém deveria saber disso, já que lida com casos complexos: estamos falando de

caixa 2, esse tipo de crime não deixa pistas tão óbvias.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Arthur? — cochichei, intrigada de um modo que não consegui conter. — Você não acha estranho?

— O que?

— Essa atitude do tihoso?

— Não sei. Você acha?

— Um pouco. — admiti. — Como se ele quisesse descartar logo a possibilidade de investigarmos o caso.

— Ér... Não sei... — ele franziu o cenho. — Mas não acho que deveríamos falar sobre isso aqui.

— O que o senhor está propondo, vovô? — perguntei em voz alta. — O que podemos fazer para ajudar?

— Bom... — ele pigarreou. — Eu obviamente não quero dar trabalho a nenhum de vocês, especialmente numa semana tão corrida quanto

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

essa, mas todos já sabem que eu estou com praticamente os dois pés na cova e que não posso me esforçar muito.

Beto estalou a língua e balançou a cabeça.

Atenta.

— Portanto, eu gostaria que nós pudéssemos nos unir para criarmos um novo plano de ação para a pousada. Algo que possa nos fazer recuperar. Se nesse meio tempo nós chegarmos à conclusão de que os problemas não são somente administrativos, então outras medidas serão tomadas.

— Que tipo de medida, pai? — tia Nice quis saber.

— Algo como contratar um detetive, ou eu sei lá.

Não posso pensar muito, estou exausto.

Beto murmurou alguma coisa.

Duplamente atenta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Enfim... — vovô sorriu. — Alana e seu

namorado,

Arthur,

trabalham

no

setor

administrativo de uma grande empresa em São

Paulo. Não é?

Encolhi os ombros, encabulada.

A *Tec&Tel* não era uma empresa *tão* grande assim.

— Na verdade- — Arthur começou a dizer, porém

eu o interrompi.

— Sim! O Arthur é... Herdeiro. De um grande patrimônio. Ele é diretor da empresa, não é amor?

— eu o encarei e ele esbugalhou os olhos. — E

nem é a empresa dos pais dele. Na verdade, o

Arthur chegou a esse cargo porque ele mereceu!

— Oh, ótimo, que bom saber! — meu avô assentiu

e o Beto permaneceu de cabeça baixa. — Isso quer

dizer que vocês serão muito úteis para o serviço.

Roberto? — ele chamou. — Você pode ajudar me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

acompanhando até as reuniões dessa semana, já que está de férias? Tenho dois ou três fornecedores e parceiros para visitar.

Vi quando o Beto hesitou por um momento, mas depois acabou concordando.

— Posso. Tudo bem.

Tio Ricardo, que até então estava quieto, se ofereceu para auxiliar no financeiro. Ele era contador.

Nós ficamos um bom tempo discutindo mais algumas coisas triviais naquela reunião, que durou cerca de quase uma hora e meia. Em um dado momento, o Roberto nos pediu licença e se retirou.

Eu o segui com o olhar até que ele passasse pela porta, e então falei para o Arthur:

— Talvez nós devêssemos investigar.

— Que? Não, não! Espera! Em primeiro lugar... —

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ele cerrou os dentes. — Que história é essa de diretor de empresa? De ter assumido um cargo porque eu me-re-ci?

— Shhhh! Ainda tem pessoas nessa sala! — chamei sua atenção e me pus de pé. — Contenha-se, Arthur! Eu vou ao banheiro, ok? Não surte. Saí pelo corredor quase dançando, conforme prendia o xixi. O plano era bem simples: ir até o banheiro, esvaziar a bexiga e voltar.

Mas daí, meus amigos... Daí eu os vi.

Roberto e Carina.

Me abaixei rapidamente, a fim de ficar fora do campo de visão deles e engatinhei.

— Droga... — sussurrei, parando rente à parede da sala de estar onde ambos se encontravam. Por que eu estava escondida ali feito uma maluca?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Era melhor voltar para trás naturalmente e fingir que nada havia acontecido. Eu estava a ponto de engatar a ré, quando escutei a voz estridente da minha irmã:

— Eu não vou fazer isso, Roberto!

Uepa!

Fazer o que? O que ela não iria fazer? Ela parecia nervosa.

— Olha Carina, tanto faz, eu não tenho nada a ver com a sua vida! Mas, embora você tenha se esforçado muito para acabar com a minha, eu vou te dar um conselho: acho que você deveria contar para a nossa família!

— Fruuuuta que partiu! — levei a mão à boca, expressando-me como Eleanor Shellstrop quando ficou presa no *lugar bom*.

— Isso não é da sua conta, Roberto! — ela

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

gralhou.

Me levantei devagar e me aproximei mais um pouco, inclinando-me para ouvir melhor o babado. Eu só não contava que eu fosse tropeçar no meu próprio pé.

Ops.

— Alana? — Beto franziu o cenho ao me ver espatifada no chão.

— Eu... — tentei me levantar. Bom, essa era uma boa hora para me tornar um jabuti e sumir dentro do próprio casco. Bichos sortudos. — Eu estava indo ao banheiro para... Fazer xixi.

— Jesus Cristo, que susto! Vem aqui. — Beto me estendeu a mão, ajudando-me a ficar de pé. — Se continuar nesse ritmo, você vai ainda hoje para um hospital.

Tomei ciência de suas mãos me tocando e me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

afastei. Em seguida, olhei para a Carina. Ela me encarava não como se estivesse morrendo de

saudade, mas sim com um olhar mortal. Eu estaria falecida caso ela fosse o Ciclope.

Então, sem ter muitas opções, sorri como Gavin Mastodon (o menino meme).

— Você estava ouvindo atrás da porta? — ela me acusou de repente e eu fiz a expressão mais indignada que consegui. O retrato do ultraje.

— O que? Nãaaao! Por favor, quantos anos vocês acham que eu tenho? Eu estava indo ao banheiro, já falei! A propósito, oi para você também, irmã!

Caramba, foi uma atuação bem convincente! Digna de Oscar, eu diria.

Carina ainda permanecia estática e eu tentei sair de fininho. Desaparecer, talvez. Esse era um bom momento, aliás, para desenvolver os meus poderes

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de mutante. De repente, se eu fechasse os olhos e...

— Olha só, Alana. — *bom, não deu muito certo.* —

O pai veio conversar comigo há alguns dias, então

vamos combinar uma coisa? Você não se mete na minha vida e eu não me lembro de que você existe.

Combinado?

Ah, quer dizer que agora ela vinha com esse papo de não me meter na vida dela? Engraçado que ela não pareceu pensar nisso, quando se enfiou com o meu marido debaixo do chuveiro da minha casa.

— Vocês duas, por favor... — o Beto pediu, pressionando a própria testa com a mão. — Já chega! A Alana estava indo ao banheiro, pronto.

Está resolvido. Pode ir.

— Obrigada. — não que eu precisasse da sua permissão. Aliás, pensando bem: que grosseria!

Fiz menção de sair dali, mas a Carina veio feito um

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

furacão de onde estava, esbarrando no meu ombro e quase fazendo com que eu caísse no chão outra vez.

Hum. Nervosinha.

Me ajeitei como pude e franzi o cenho.

Será que eu tinha ouvido algo tão indevido assim?

Ergui os meus olhos para o Beto e ele suspirou.

É, Roberto Speziali. Estou atenta a você.

— Espero que vocês duas não fiquem nessa discussão durante toda a semana. — ele falou e eu arqueei as sobrancelhas, confusa.

— Eu não sabia que você e a Carina eram amigos.

— Não somos.

— É verdade! — eu ri. — São *amantes*.

— Alana... — o Beto respirou fundo e eu ergui a cabeça, tomando cuidado para não deixar a coroa

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cair e para não transparecer o quanto me abalava tocar naquele assunto. — Não vou entrar nessa discussão com você.

— Graças a Deus!

— Até porque, o que eu tinha para dizer você deveria ter ouvido há três anos.

Oras!

— É, você tem toda a razão. — concordei. — *Até porque...* — repeti o início de sua frase. — O meu namorado não iria gostar nada de me ver entrando em detalhes sórdidos com você, a respeito da noite em que...

— Tá bom, já chega! — ele ergueu os dois braços, me interrompendo. — Você seguiu a sua vida, eu segui a minha, eu e a Carina não somos amigos.

Fim de história.

Eu senti a minha língua *coçar* para não soltar

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

nenhum comentário ácido. O melhor a se fazer, naquele caso, era correr até o banheiro e esvaziar a minha pobre bexiga. Dane-se o Roberto, eu não estava nem aí!

— Pois é. Fim de história. — assenti e lhe dei as costas.

Foi só quando me sentei à privada que eu realmente

comecei a compreender a magnitude da conversa
que eu havia acabado de xeretar.

E então...

— Céus! — o xixi até parou de sair por um
segundo. — Não acredito! Roberto e Carina podem
estar roubando a pousada!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

CAPÍTULO SEIS

"É sempre em tempos como este

Quando eu penso em ti

E me pergunto se você alguma vez

Pensa em mim

Porque está tudo tão errado

E meu lugar não é

Vivendo na tua preciosa lembrança"

- A Thousand Miles, Vanessa Carlton.

BETO

Eu e a Alana havíamos começado muito bem, isto é, com o pé esquerdo. Para ficar perfeito só faltava mesmo piorar um pouco mais.

— Um brinde à harmonia da casa! — ergui uma taça imaginária e bufei, pronto para ir embora depois que ela me deu as costas e me deixou na sala de estar dos nosso avós.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O plano era esse: eu iria para a minha casa, tomaria um banho e engoliria algum remédio que, se Deus quisesse, me ajudaria a dormir até o dia seguinte.

No entanto, no momento em que tive esse pensamento, tudo me leva a crer que o Todo Poderoso respondeu-me com um "*não quero*".

— Onde pensa que vai, neto desnaturado? — a voz do meu avô me fez parar quando eu já cruzava a sala, em direção à porta de saída.

— Embora. — me virei parcialmente, com a mão pairando a um palmo da maçaneta. — Já finalizamos a reunião, certo?

— Sim, está terminada, mas a sua avó preparou um pequeno jantar para a família. — ele anunciou e a minha primeira reação foi negar com a cabeça.

Jantar com a família? Passo.

— Estou sem fome, vô.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É mesmo? Você terá coragem de fazer essa desfeita, depois de todo o trabalho que a sua avó teve?

Ah pronto.

— Eu tenho um compromisso. — menti e chequei meu relógio de pulso, que marcava nove e vinte e cinco da noite.

Meu avô se aproximou e eu recuei um passo. Eu conhecia muito bem aquele olhar. Velhinho manipulador.

— Estou velho e prestes a bater as botas, que compromisso pode ser mais importante do que um jantar com o seu avô? Pode ser o último, pense nisso.

— Não começa! — ergui a mão, cortando-o. —

Para início de conversa, o senhor nem tem permissão para jantar numa hora dessas! O que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

aconteceu com as restrições que o doutor fez? O senhor certamente está pensando que pode brincar com a sua saúde dessa forma, não é?

— Escute aqui, Roberto Speziali... — meu avô apontou seu dedo enrugado na altura do meu peito.

— Não use esse seu tom de ordem para cima de mim, não sou um dos seus bandidos! Se eu morrer amanhã, não venha chorar arrependido no meu caixão! Eu dispenso suas lágrimas!

— Ah, que ótimo! — me irritei com o jogo baixo e passei por ele, fazendo o caminho de volta. Era

tudo o que eu queria: um jantar de família para ficar de espectador de romance alheio.

Adentrei a cozinha com insatisfação e a minha avó sorriu para mim. Mas não se enganem, essa senhorinha simpática era a maior cúmplice daquele velho chantagista.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vamos servir o jantar na sacada, Beto. Você pode me ajudar com essa travessa? — a vó pediu e eu caminhei até ela bem pouco feliz.

— Me deixe te ajudar também, dona Portíria. — Arthur se ofereceu. Me contive para não revirar os olhos feito um adolescente de dezessete anos, afinal, eu tinha vinte e oito.

— Oh, que gentil. — ela se derreteu.

Revirei os olhos.

Não me orgulho, mas revirei.

E depois fui andando até a sacada pensando em mil e um motivos para conseguir ir embora antes dos

primeiros quinze minutos dessa tortura psicológica.

Quando pus os meus pés do lado de fora, porém, eu

quase tive um troço. Tinham quatro lugares

disponíveis para eu me sentar: os dois primeiros

eram, oficialmente, os lugares dos nossos avós. O

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

terceiro era ao lado da Carina. O quarto, de frente

para a Alana.

Talvez eu pudesse me jogar da sacada.

Obriguei meus pés a se arrastarem, larguei a

travessa sobre a mesa e escolhi a minha última

opção. Se eu mantivesse contato visual apenas com

o meu prato, talvez eu conseguisse não observar

enquanto Alana e Arthur ficavam se chamando de

amor para cá, amor para lá. Que inferno.

— Estou muito feliz por estarmos todos reunidos!

— a vó disse assim que se juntou a nós,

interrompendo meus pensamentos. — É muito bom

quando podemos ter momentos como esse assim,

juntos. Por causa disso, nós vamos agradecer.

Beto? — ela tocou meu braço e eu a encarei. —

Você pode fazer uma oração?

— Eu? — franzi o cenho, confuso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Por que eu? Eles estavam fazendo um jogo comigo? Incorporando o Jigsaw? Por que ela não pedia ao meu avô, ou a qualquer um dos meus tios, ou... Merda. Não dava para começar a fazer um show ali.

— Tá. — assenti.

Quanto mais rápido isso acabasse, melhor.

— Hã... Deem as mãos. — eu pedi e fechei os olhos. Pigarreei. Franzi o cenho. Vamos lá. — Deus... Obrigado pela nossa família. Obrigado por esse jantar e pela vida da nossa avó que o preparou. Obrigado por... Por dar saúde ao nosso avô, mesmo que ele seja um velho teimoso que não escuta ninguém. É isso, amém.

— Uou! — Tatiana riu, aplaudindo. — Belas palavras!

— Não enche. — falei para ela, mas sorri.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu gostei da parte do velho teimoso. — tio Ricardo comentou enquanto nos sentávamos.

Arrastei a minha cadeira e, de repente...

— ...E obrigada por você estar aqui comigo, amor.

Amém. — ouvi a voz da Alana e ergui um pouco os olhos, para vê-la de mãos dadas e sorrindo para o seu namorado.

Algo dentro de mim pareceu se remexer. Um monstro não requisitado que eu não estava disposto a deixar acordar, mas que parecia ter vontade própria.

— Sirvam-se, fiquem a vontade! — a minha avó disse, mas eu permaneci parado. Senti quando alguém que estava de pé se aproximou do meu ouvido, e então esse alguém falou:

— Disfarça a cara de ciúme. — era a minha mãe.

— Apesar de que, você bem que merece.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Me levantei com raiva.

Peguei o meu prato mesmo contra a minha vontade e enchi com um punhado de salpicão. Já bastava as minhas vozes internas me torturando, eu não precisava de uma ajudinha extra.

Estava decidido a manter meus olhos apenas na minha comida. Quando levei a mão até a colher do arroz, porém, eu tive de encarar a Alana. Ela tinha tentado pegá-la junto comigo.

— Por favor. — cedi, meio sem jeito.

— Obrigada. — ela evitou me olhar. — Quer arroz, amor?

— Sim, querida.

Foda-se. Decidi jantar sem o arroz. Dane-se esse grão superestimado. Me sentei outra vez e percebi que a Tatiana estava tentando falar alguma coisa

comigo, de pé do outro lado da mesa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que? — perguntei sem emitir som, apenas movendo os lábios.

— Hakuna Matata.

Ah, mas vá se foder o Timão e o Pumba!

Eu iria engolir aquela comida e dar o fora.

— E então, irmã... — Carina do nada começou a falar de forma casual e todos à mesa se voltaram para ela. — Conte-nos mais sobre como você conheceu o seu novo namorado.

Isso era sério?

Eu não ia erguer os olhos.

— Por que eu falaria sobre isso para você, Carina?

— Vocês duas, não comecem! — tio César alertou.

— Estamos tendo um momento agradável em família!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Claro, muito agradável.

— Pensando bem... — a Alana recomeçou. — Vou contar para *toda a nossa família* como eu e o Arthur nos conhecemos. É uma história engraçada, né amor?

— Claro. — ele concordou e os dois cochicharam alguma coisa entre si.

Vó Portúria sorriu.

— Oh, vamos lá! Eu adoro histórias de amor!

Enfieei uma garfada de comida na boca e mastiguei sem vontade.

— Bom, nós estávamos andando pela rua. Era um dia de clima ameno em São Paulo, os pássaros cantavam e o sol brilhava fraco ao fim da tarde.

Dane-se.

— O Arthur estava apressado para uma reunião

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

com investidores americanos e eu havia acabado de sair de uma livraria. Foi então que, de repente...

— A gente se esbarrou. — ele completou e ambos riram um para o outro. Sei disso porque eu estava observando.

— Foi como se o tempo congelasse, sabe? Até música de fundo tinha!

— Jura? — tia Sandra sorriu. — Quer dizer então que vocês têm uma música própria? Que romântico, e qual era?

— Thinking Out Loud.

— A Thousand Miles.

Os dois falaram juntos e eu franzi o cenho.

— A Thousand Miles? Da Vanessa Carlton? — Tatiana perguntou.

— Sim, As Branquelas. Adoro aquele filme! —

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Arthur disse.

— Ha-ha-ha-ha-ha! — a Alana riu. — O Arthur é muuuito piadista! Demais! Claro que não era a música que o Latrell canta! Era Ed Sheeran!

— Não entendi, acho que vocês estão inventando essa parte. — Carina comentou. — E como era isso? Tinha banda e violinos? De onde vinha o som?

— Era... De uma loja de instrumentos musicais! — Alana explicou, olhando feio para a irmã. — Mas, continuando, nós nos esbarramos e o tempo congelou. Sabe... Sabe quando você cria uma conexão imediata com alguém?

Enfiei outra garfada na boca.

— Foi assim, sem explicação. Uma paixão forte e a primeira vista. — ela disse e suspirou. — Uma paixão que não demorou a se transformar em amor.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Me engasguei.

Tentei tossir, mas havia algo bloqueando a minha traqueia.

Uma azeitona?! Merda, eu havia engolido uma maldita azeitona inteira, com caroço e tudo!

Arredei a cadeira para trás com força, tentando respirar.

— Beto? — minha mãe me chamou, confusa.

Eu a encarei com desespero e levei uma mão ao pescoço, sendo que a outra eu bati na mesa.

Tentei puxar o ar. Nada.

— Meu Deus, ele está tendo uma parada cardíaca!

— tia Sandra praticamente gritou.

Neguei com a cabeça e apontei para o meu prato, vendo todos eles se levantarem para me acudir.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ele está sufocando! — Tatiana entendeu o que eu queria dizer e alguém — meu avô — me deu dois tapões nas costas.

Não adiantou, mas doeu.

— Afastem-se! — a Tati pediu, correndo até onde eu estava a ponto de desfalecer.

Francamente? Eu sabia que não deveria ter ficado para aquele jantar, era só o que me faltava! E o pior

de tudo não era nem morrer, mas sim a causa da morte: homem de vinte e oito anos morre engasgado com uma azeitona. Patético. Eu havia pensado em outras formas de partir dessa para melhor, talvez algo mais heroico e que envolvesse a minha profissão.

— Ajudem ele a ficar de pé! — minha prima ordenou e os meus tios, Ricardo e César, me ergueram. Meu peito estava começando a queimar,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

então talvez fosse a hora de começar a pedir perdão pelos meus pecados. Já bastava o inferno em vida, eu não queria passar a minha eternidade nas chamas.

Senti a Tati me abraçar por trás. Ela levou as duas mãos até a altura da boca do meu estômago e pressionou com força, como se estivesse tentando me erguer. Eu sabia o que ela estava fazendo, porque nós costumávamos ter esse tipo de

treinamento na polícia.

Deus... Me perdoe porque eu não tenho sido um homem de muitas orações. Me perdoe por estar sendo um neto e um filho ausente, não é por mal. É que não estou sabendo lidar com a minha família no momento.

— Vamos, sua azeitona teimosa! Saia já daí! — a Tati ordenou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Me perdoe porque eu estava cometendo o pecado do ódio enquanto jantava nessa noite. E talvez uma porção de outros pecados também, mas não vou saber nomeá-los agora. Ah, talvez eu tenha mentalizado um ou dois palavrões.

Minha visão vacilou um pouco e eu pensei que fosse desmaiar, ou que meu espírito iria em direção a uma eternidade de luz — pelo menos assim eu esperava.

Me perdoe por ter sido um marido e um pai ruim,

eu também não fiz por mal. Na verdade isso é que é o pior: faço um tanto de coisas estúpidas sem ter realmente essa intenção. Inclusive, encher a cara naquela noite e...

Tive minhas preces interrompidas quando a azeitona fez o caminho de volta, desobstruindo a passagem de ar. Meus tios me soltaram e eu me sentei no chão. Na verdade, eu praticamente me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

joguei.

— Beto?

— Filho?

— Primo?

— Você está bem?

— Graças a Deus!

— Eca, joguem isso fora!

— É por isso que eu odeio azeitona!

— Chama o SAMU!

Fui puxando o ar com força, sentindo a visão se

estabilizar outra vez e o aperto no peito ir diminuindo até sumir.

— Beto? — Tatiana parou à minha frente, agachando-se. — Você está melhor?

— Estou vivo. — falei com um fiapo de voz. —

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Obrigado.

— Minha nossa! O que está acontecendo com vocês hoje? Querem ir para um hospital? — tio César questionou, olhando de mim para a Alana. Me pus de pé com a ajuda da Tati e tornei a me sentar na cadeira.

— Pensei que você estivesse tendo uma parada cardíaca. — tia Sandra disse casualmente e a minha mãe pousou a mão no meu ombro.

— Filho?

— Estou bem, não se preocupe. — tentei sorrir depois de tamanha humilhação pública. — Podem continuar o assunto. — gesticulei e fingi não notar

quando a grande maioria dos presentes ali se entreolhou.

— Hã... — tio Ricardo balbuciou. — Que tal se falássemos sobre a minha filhota aqui, que irá se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

formar e viajar em poucos dias?

— Claro, ótima ideia! — a Tatiana imediatamente concordou. — Vamos falar sobre a minha formatura, eu estou tão ansiosa!

Eu não sabia se dava graças a Deus ou se lamentava pela mudança de assunto, afinal, era muito óbvio que todo mundo estava pisando em ovos por minha causa. Por pena de mim. Que sensação agradável.

— Tatiana escolheu um vestido maravilhoso, o único problema é que ela se recusa a usar salto alto!

— tia Sandra falou como se esse fosse o fim do mundo. Quisera eu que meus problemas fossem desse tipo.

— Saltos são superestimados, uma verdadeira imposição dessa sociedade! Vou usar tênis! —
minha prima se defendeu. — Eu já até os

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

customizei, acostumem-se!

— Pois eu acho deselegante. — Carina opinou, ao que a Tati revidou:

— Pois eu não estou nem aí!

— Vocês duas também vão começar? — tio César questionou de mau humor.

— Não. — elas disseram juntas.

— Eu acho legal. — a Alana se intrometeu. — É o estilo da Tati, ela merece usar o que quiser depois de passar longos anos se matando de estudar.

— Obrigada, Laninha.

— No meu tempo não tinha essas coisas. — o vô comentou. — Eu não tenho ensino superior, só fui até o segundo grau. Minha formatura foi uma entrega simples de diplomas, onde eu pedi a mão

da avó de vocês.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ah, Pedro... — vó Portíria riu. — Que lembrança boa! Nós nos cortejamos por alguns meses e então nos casamos. Foi um amor rápido, assim como o de vocês. — ela apontou em direção ao Arthur e a Alana.

Desisti de revirar a comida.

— Rápido, mas fervoroso! — o vovô riu e os dois se encararam, cúmplices. — Mas claro, eu digo fervoroso depois do casamento.

Ah meu Deus!

Me pus de pé num rompante.

Imaginar os meus avós entre quatro paredes estava no topo da lista das coisas nas quais eu não queria ter de pensar de jeito nenhum. Especialmente naquele dia, que na minha opinião já vinha sendo longo demais.

— Vocês dois, controlem-se! Por favor! — eu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

apontei para ambos e suspirei. — O papo está ótimo, mas eu preciso ir embora.

— Mas já? — minha avó questionou. — Tem sobremesa na geladeira, aquele arroz doce cremoso do jeito que vocês gostam.

"*Vocês gostam*". Ou seja, do jeito que eu e a Alana gostávamos que a vó fizesse quando éramos crianças.

Já chega disso.

— Fica para a próxima, vó. Obrigado pelo jantar.

— Nós é que dizemos obrigada, por você não ter morrido engasgado. — Tatiana riu e eu concordei com um aceno de cabeça.

— É, de nada.

Beijei a mão da minha avó, tomei bênção da minha mãe e apertei a mão do meu avô. Em seguida, corri

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

os olhos rapidamente por todos os presentes.

— Boa noite para todos.

— Boa noite, neto desnaturado. E até amanhã. — o meu avô disse assim que eu já lhes dava as costas.

— Amanhã?

— Amanhã. — ele assentiu. — Tenho uma reunião com um fornecedor às 13:00, em Sobral.

— Em Sobral. — eu repeti. Isso era bem longe, mais ou menos umas três horas e meia de carro.

— Sobral. — ele sorriu. — Você me pega às 09:30?

Não era bem o que eu queria, especialmente porque o meu avô não estava muito bem de saúde para viajar distâncias tão grandes, mas pelo menos não era outra reunião de uma hora e meia com a família inteira. Dos males, o pior.

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

— Tudo bem. — eu finalmente disse. — Estarei

aqui às 09:30.

A verdade, porém, é que eu nunca deveria ter dito aquilo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

CAPÍTULO SETE

"Agora, que faço eu da vida sem você?

Você não me ensinou a te esquecer

Você só me ensinou a te querer

E te querendo eu vou tentando te encontrar"

- Você não me ensinou a te esquecer, Caetano

Veloso.

ALANA

— Alana, acorda! — alguém me chacoalhou, interrompendo o meu soninho gostoso. — Levantate e anda, em nome de Jesus!

Abri os olhos, grogue, e tentei focar o Arthur. Ele estava orando? Notei que já era manhã, porque o quarto onde eu dormia estava iluminado pelo sol.

— Quem morreu? — murmurei com preguiça e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ajeitei a cabeça no travesseiro, mas o Arthur me sacudiu.

— Acorda, estou falando sério!

— Estou acordada! — falei com mais convicção, embora isso não fosse uma grande verdade. Meu espírito ainda estava repousando. — Que desespero é esse, homem?

— O seu pai bateu à porta do meu quarto e me convidou para um passeio a sós. Ele disse que

vamos pescar.

— Jura? — eu sorri. — Que bom! Você vai adorar, é tão relaxante. Vai ser excelente para os seus nervos.

Ele riu, um pouco incrédulo.

— Não Alana, você não está entendendo... O seu pai quase me deu um tiro quando nós chegamos aqui ontem!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Também não é para tanto, Arthur! — revirei os olhos e joguei as pernas para o lado de fora da cama. — Ele só estava brincando, o pai sempre gostou de intimidar os meus namorados.

— Ah, lógico! Que brincadeira normal! — ele disse, exasperado.

Bocejei e notei que fazia um lindo dia de sol, excelente para pegar uma praia. Eu estava mesmo precisando me bronzear, afinal, eu queria estar da cor do pecado para o desespero dos inimigos.

— Não se reprima, Arthur. Vai ser legal. —

incentivei e me pus de pé.

— É, não se reprima, que bom! O que eu digo para o seu pai, caso ele pergunte quais são as minhas intenções? Aliás, há quanto tempo nós dois estamos juntos? E qual é, sei lá, a sua cor preferida?

— Diga que a sua intenção é me fazer feliz. —

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sugeri. — E que estamos juntos há, hum, cinco meses. A minha cor preferida é verde. Qual é a sua, a propósito?

— Azul.

— Ótimo. — assenti. — Acho que temos informações suficientes. Vou tomar um banho e curtir uma manhã de praia.

— Ah, lógico! — ele voltou a surtar. — Você vai curtir uma manhã de praia enquanto eu passeio com o seu pai intimidador!?

— Minha nossa! Ele não vai atirar em você e nem

te jogar para os tubarões, fique calmo! Eu aposto como vocês se tornarão grandes parceiros, é só você não começar com as suas esquisitices.

— Beleza! Maravilha! — Arthur morrinhou e foi indo até a porta, mas então eu me lembrei de uma coisa muito primordial:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ei, podemos falar sobre algo importante mais tarde? Envolve o sumiço misterioso do dinheiro da pousada.

— É, podemos, né? Se eu ainda estiver vivo. A propósito, você me deve várias! — ele jogou na cara e saiu.

Que estresse.

Tomei um banho cantarolando e me sentindo a própria personagem da Disney, com os pássaros voando ao redor. Tudo estava indo bem e o plano seguia perfeito. Penteei os meus cabelos e tomei um café da manhã caprichado. Talvez eu pudesse

chamar a Tatiana para ir à praia comigo.

Joguei óculos escuro, protetor solar e toalha dentro de uma bolsa e caminhei até a casa da minha prima.

Que dia esplêndido, o que poderia dar errado?

— Bom dia, Alana. — tia Sandra sorriu ao abrir a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

porta.

— Tia, oi. A Tatiana está?

— Não, ela saiu faz uns cinco minutos e está na casa do seu avô. Parece que aquele teimoso se sentiu mal outra vez e não quer ir ao médico.

Deixei o sorriso morrer no rosto e fiquei imediatamente preocupada.

— Entendi. Então eu acho que vou até lá, espero que não seja nada sério.

— Me chame qualquer coisa.

Eu concordei e corri até a casa dos meus avós. Por lá, o cenário na sala era basicamente o seguinte: minha avó segurava a mão do vovô, a Tatiana

aferia sua pressão e o Beto estava de pé claramente preocupado.

— O que houve? — questionei e todos me olharam.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bom dia, Alana. O nosso avô teve um pico de pressão. — Tatiana explicou. — Parece que já está estabilizando, mas nós precisamos ir ao médico fazer alguns exames.

— Eu já disse que não vou!

— É mesmo? Então pronto, está decidido! Nós o levaremos contra a sua própria vontade! — o Beto falou com impaciência, como se eles já estivessem discutindo sobre aquilo antes d'eu chegar.

— Querido, escute os seus netos. — vovó Portíria falou com amor. — Eu também estou lhe pedindo, faça isso por mim.

O vovô morrinhou qualquer coisa para si mesmo e depois ergueu os olhos em direção ao neto traidor.

— Não posso deixar de ir à reunião de hoje.

— Dane-se a reunião, vô! É a sua saúde!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O Roberto tem razão. — eu opinei, ainda que fosse contra os meus códigos de ética concordar com o tihoso. — O fornecedor vai entender caso você precise remarcar a reunião, afinal, esse é claramente um motivo de força maior.

— Oras, vocês não sabem é de nada! — meu avô respondeu com impaciência, daquele seu jeitinho rabugento. — O que o fornecedor vai pensar é que não vale a pena continuar a parceria com um velho moribundo e pé na cova! Não posso me dar ao luxo de perder essa reunião!

— Vovô... — a Tati choramingou, mas ele ergueu um dedo.

— A não ser que você vá com o meu neto desnaturado, Alana.

— O que? — nós dois falamos juntos.

— De forma alguma! — o Beto negou. — Eu vou

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

levar o senhor ao médico.

— Pois eu só arredo os meus pés daqui se for nas minhas condições, então pare de querer mandar em mim! — ele decretou. — E a propósito, as minhas condições são: Tatiana me leva ao médico e você e Alana vão até a reunião. Estamos tratando de assuntos profissionais e não podemos nos dar ao luxo de sermos influenciados por questões pessoais, portanto tomem prumo vocês dois!

— Eu ainda não acho uma boa ideia. — falei de forma nervosa, ignorando o seu sermão. Se pudesse voltar ao tempo, eu teria impedido o Arthur de ir pescar com o meu pai. Aquilo só podia ser um pesadelo, ou a ideia do purgatório. — O Arthur pode não gostar.

— Chame-o para ir junto. — vovó sugeriu.

— Não dá, ele foi pescar com o meu pai! —

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

expliquei e finalmente o Beto teve a decência de falar algo útil:

— Posso ir sozinho, pronto! Estamos resolvidos!

Contanto que o senhor vá ao médico, eu vou até Sobral.

— Como assim ir sozinho? — meu avô rebateu. —

O que você entende de assuntos administrativos, Roberto? Alana é a *expert* nessa área, você é apenas o motorista!

Hum, uau, gostei!

Obrigada, vovô. Me senti importante.

— O que você diz sobre isso? — o Beto me encarou com má vontade e eu tremi nas bases.

O que eu dizia sobre aquilo? Oras! *Sai de retro, Satanás!* Mas, por outro lado, era a saúde do nosso avô que estava em jogo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Mordi o lábio inferior e chorei internamente. Que

os céus e todos os anjos estivessem comigo...

— Tudo bem. — cedi. — Que fique claro que eu só farei isso pelo senhor. — encarei meu avô e vi sua expressão se suavizar um pouco. A Tatiana soltou o ar com alívio.

— Obrigada, Laninha. Esse cabeça dura precisa ir ao médico urgentemente.

— Vou pegar os seus documentos, querido. — vovó disse.

Suspirei derrotada e o Beto me chamou.

— O que foi? — *Traste, tormento da minha vida!*

— São nove e quarenta e seis, estamos atrasados.

Você consegue se trocar rápido?

Céus, socorro!

— Eu acho que sim. Fico pronta em cinco minutos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— falei um pouco atordoada e lhe dei as costas.

Talvez essa fosse a hora de começar a recitar o Pai

Nosso.

[...]

— Quer que ligue o ar condicionado ou o vento está bom? — o Beto perguntou assim que nós passamos o primeiro quarteirão.

— O vento está ótimo. — respondi e chequei o meu reflexo pelo retrovisor.

Eu havia passado um batonzinho e um blush, ambos bem basiquinhos. Queria parecer bonita, mas não como se eu estivesse tentando mostrar isso. Atraente, mas sem ser espalhafatosa. Como se eu tivesse levantado da cama e, oh céus, estou naturalmente bela!

Sorri com a ideia, porém logo um pensamento pavoroso me atacou. Droga! Eu havia passado

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

desodorante? Eu não me lembrava.

Levei um braço para trás do encosto do banco como se eu estivesse me espreguiçando e depois inclinei um pouco a cabeça, dando uma cheiradinha

discreta. Olha, pelo menos não estava com um mau odor.

— Quer reclinar o banco? — o Beto questionou e eu me assustei, ajeitando-me. — Você parece um pouco desconfortável, e é uma viagem relativamente longa.

— Estou ótima. — dei de ombros. — Estava apenas treinando uns movimentos do pilates.

— Movimentos do pilates?

— Sim, todo lugar é um potencial para se exercitar.

As vezes estou andando na rua e, oh, dou uma esticadinha aqui e outra ali.

— Hum, entendi.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pois é. — assenti e olhei para o lado de fora.

Nós estávamos na Avenida Beira Mar, parados no semáforo. O Beto checkou o endereço para onde íamos e o jogou no GPS do celular.

— Espero que a gente não fique perdido. — comentei com temor e ele negou.

— Não vamos, é uma rota tranquila. Pode ligar o som se quiser.

Eu queria. Afinal, qualquer coisa era melhor do que um silêncio estranho entre a gente. Liguei numa rádio qualquer, mas, de repente, a voz do vocalista do AC/DC gritou aos nossos ouvidos:

*I'M ON THE HIGHWAY TO HELL, ON THE
HIGHWAY TO HELL (ESTOU NA RODOVIA
PARA O INFERNO, NA RODOVIA PARA O
INFERNO)*

Confesso que me arrepiei toda.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Aquilo era um sinal? A caminho do inferno com o

próprio
assistente
do
satã
ao
volante?

Misericórdia!

Troquei de rádio rapidamente.

Não vejo mais você faz tanto tempo, que vontade que eu sinto... De olhar em seus olhos, ganhar seus abraços, é verdade eu não minto... E nesse desespero em que me vejo, já cheguei a tal ponto... De me trocar diversas vezes por você, só pra ver se te encontro... Você bem que podia perdoar, e só mais uma vez me aceitar, prometo agora vou fazer por onde nunca mais perdê-la... Agora, que faço eu da vida sem você? Você não me ensinou a te esquecer, você só me ensinou a te querer e...

Foi a vez do Beto trocar de rádio abruptamente, parecendo extremamente incomodado. Olhei para

ele com curiosidade e o mesmo deu de ombros.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não curto muito Caetano Veloso. — ele se explicou e eu pensei "desde quando"?

Quando dei por mim nós estávamos ouvindo uma música estranha, algo sobre quicar, descer, subir e quicar de novo, fora algumas outras coisas para crianças acima de dezoito anos.

— E você gosta disso? — apontei para o som, horrorizada.

— O que? Não! — o Beto pareceu verdadeiramente constrangido. — Pode trocar, por favor!

Mudei novamente, esperando por qual seria o próximo desastre, mas fiquei feliz quando uma dessas músicas internacionais e neutras preencheu o vazio.

Embora estranha, a viagem de ida até que foi bem tranquila. Não trocamos muitas palavras e parecíamos dois desconhecidos, porém estávamos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

nos comportando de modo civilizado. Assim, chegamos a Sobral faltando pouco menos de quinze minutos para a reunião.

Felizmente as coisas com o sr. Eusébio, o fornecedor, também caminharam bem. Saíamos de lá com um contrato renovado e isso era ótimo.

Eu só poderia espalhar florzinhas de gratidão por ai. Uau, destino! Arrasou!

— Podemos parar para almoçar agora, pode ser? — o Beto sugeriu, já que tínhamos comido apenas um lanche que mal dava para tampar o buraco do dente. Eu estava sedenta por um prato feito, ou por qualquer porcaria que me desse sustância.

— Por mim tudo bem. — assenti e o rapaz responsável pelo estacionamento correu até nós.

— Ô chefia, deixa eu te falar... Soube que houve agorinha mesmo um acidente na estrada principal,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

então é melhor evitar voltar por lá. Tem um retorno a uns dois quilômetros daqui, e de lá vocês podem seguir por um caminho alternativo.

— Nossa... Mas você sabe se esse caminho é tranquilo? — o Beto perguntou e eu me tremi toda, sentindo um mau pressentimento.

— Totalmente, vocês têm GPS?

— Temos sim. — o traste confirmou. — Obrigado pela informação, irmão.

Mordisquei a unha do mindinho e o Beto analisou o mapa do GPS, balançando a cabeça como se estivesse entendendo tudo.

Vinte minutos depois, porém, a situação era essa aqui:

"Vire a direita em quatrocentos e oitenta e dois metros" — a mulher do GPS falou com a sua voz calma.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu acho que estamos perdidos. — comuniquei o óbvio e o Beto negou.

— Não. Estamos apenas tendo dificuldades com a rota.

— Ah, sim, entendi. E qual é a diferença?

— Toda, Alana! Não estamos perdidos!

"Em quatrocentos e cinquenta e cinco metros, curva acentuada a esquerda" — o GPS tornou a dizer. Parando para prestar atenção agora, a pobre mulher parecia mais confusa do que nós.

— O rapaz disse que havia uma estrada alternativa, mas até então nós estamos apenas seguindo em linha reta. Onde vamos parar desse jeito?

— Alana, está tudo sob controle. — o tihoso disse com convicção, enquanto estreitava os olhos e observava o caminho com curiosidade.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Aham. Pensa que me engana, filho do pai da mentira?

— O que você está fazendo, afinal de contas?

— Procurando um padrão. É tudo uma questão de explorar o local.

— Explorar? Explorar o que, Roberto? É uma estrada de terra! Só tem mato por aqui e... Ai, céus!

Isso me lembra *Olhos Famintos* e aquele espantalho pavoroso! Não é assim que todo filme de terror começa?

"Em três metros, permaneça a sua direita"

— Veja bem... — o Beto apontou, ignorando meu comentário. — Aquela árvore ali à frente se parece um pouco com as árvores da estrada principal, então talvez... Não. Se bem que...

Digitei algo na barra de pesquisas do meu celular, ao mesmo tempo em que ia ficando parcialmente

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

irritada.

— Ano de 1845! — li em voz alta. — Stephen Meek se recusou a pedir informações e foi o

responsável pela morte de vinte pessoas enquanto
pilotava um trem. Vinte pessoas!

"Curva suave à esquerda"

— Não vamos morrer, pare com isso! — o Beto
bufou, cortando-me.

—

Talvez

pode

ser

que

a

gente

não

morra *agora*, mas certamente poderemos morrer de
fome depois de ficarmos rodando eternamente por
essa estrada inabitada! Além do mais, parece que
vai chover!

— Tá, mas o que você quer que eu faça, Alana?

Peça informações para Deus? O GPS parece mais
perdido do que nós.

— Ah, então *agora* você admite que estamos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

perdidos?! Se tivesse feito isso onde ainda havia vida humana, nós bem que poderíamos não estar aqui! Se bem que, como foi mesmo que você disse? Estávamos tendo apenas uns problemas com a rota.

— eu ri com vontade, só pelo prazer de poder jogar aquilo na sua cara. — Ai, ai... Você e essa sua mania de negligenciar situações importantes!

—

Perdão,

mas

estamos

falando

sobre

a *situação* presente, certo? Porque eu espero que sim! — ele disse com irritação e eu o encarei.

— Lógico, Roberto! Sobre o que mais seria?

— Eu é que te pergunto!

"Em duzentos metros, vire a dire-"

— Dane-se! — ele correu o dedo pela tela do celular e desligou o GPS.

— Nossa, que bom! Agora sim ficaremos a esmo!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu devia ter prestado mais atenção na premonição que eu tive de que ficaríamos perdidos, ou no recado que o falecido vocalista do AC/DC, Bon Scott (que Deus o tenha), havia tentado me passar. Aquilo ali era literalmente o caminho para o inferno.

O Beto morrinhou alguma coisa com impaciência e então, ao passarmos por um buraco, o carro deu um tranco e eu pulei no banco do passageiro.

— O que foi isso? — perguntei com temor e o vi congelar, como se não acreditasse. — Fomos atingidos?

— O que? Atingidos pelo que? Olha, quer saber? Me espera aqui. — o Beto pediu e desceu do carro,

desligando-o. Ele deu alguns chutes na roda da frente, a que ficava do lado do motorista, e torceu a boca com insatisfação.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É algo sério? — enfiei a cabeça para o lado de fora e ele negou.

— O pneu furou, mas eu tenho um estepe no porta-malas. — o Beto explicou e inclinou-se sobre a janela, abrindo a parte de trás do carro.

Tirei o cinto e cacei alguma coisa com a qual eu pudesse me abanar. Tinha um envelope pardo no banco traseiro e eu achei que aquilo poderia ser bem útil para espantar o calor do inferno (literalmente).

— Não, não, não! Não pode ser! Como assim? — ouvi o Beto resmungar e depois soltar um xingamento. Será que isso era um sinal ruim?

— O que houve? — questionei num tom mais alto e ele abriu a porta do carro, jogando-se sobre o

banco do motorista.

— O estepe não está lá atrás e eu não sei como é

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que isso é possível! Não me lembro de tê-lo tirado!

— Como assim ele não está lá atrás? — parei de me abanar e o traste franziu o cenho. Em seguida, ele arrancou o envelope das minhas mãos. — Ei!

— O que pensa que está fazendo com isso?

— Espantando o calor!

O Beto abriu o porta-luvas e tirou de lá um jornal velho, jogando-o no meu colo.

— Oras, o que tem de tão importante nesse envelope?

Então, nesse mesmo momento eu pensei: Minha nossa! Será que eram os documentos comprovando a sua falcatrua junto da minha irmã malévola?

O Beto não me respondeu, apenas abriu o porta-malas outra vez, se levantou, jogou o envelope misterioso lá dentro e o fechou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Anotado.

— O que vamos fazer agora? — perguntei com desespero, vendo um raio cortar o céu.

— Vou ligar para o reboque, porque não dá para seguir em frente assim.

— Oh, é sério? E como você vai passar a localização exata para eles? Nós estamos nas profundezas do inferno, Roberto! Se bem que, nesse caso, talvez você realmente conheça o caminho.

— Eu não vou nem me dar ao trabalho de responder isso. — ele disse e pensou por um momento, depois coçou a testa com o polegar e me olhou. — Olha... Nós vamos ter que empurrar o carro para o acostamento e ir buscar ajuda. É o jeito.

É o jeito??????

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

Como assim é o jeito?

Ah meu Deus, eu estava quase tendo um treco!

Afinal de contas, como é que um dia tão
potencialmente perfeito havia se transformado no
meu pior pesadelo?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

CAPÍTULO OITO

"Não há chance de apagar, deixa demorar

Lembrar você é bom demais! Vivemos tanta coisa,
lembra?

Tanto pra acertar, o tempo pra curar

A mágoa que ficou pra trás valeu minha vida
inteira"

- Hoje lembrei do teu amor, Tiago Iorc.

BETO

Nós estávamos andando debaixo de um sol quente há pelo menos uns dez minutos. Confesso que vez ou outra eu me sentia tentado a reclamar do calor, mas então um raio cortava o céu e eu pensava se não seria muito pior caso estivesse chovendo. Pelo menos eu conseguia avistar algumas casas ao longe, o que significava que estávamos perto da civilização e, conseqüentemente, de sombra e água

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

gelada.

— Podemos morrer eletrocutados por um raio, vi no *Discovery* um caso trágico. — a Alana disse de repente, parecendo cansada. Seus cabelos estavam presos num coque bagunçado e seu rosto estava todo molhado pelo suor. Eu queria que tivesse um jeito dela não precisar passar por isso.

— Não vamos. — falei.

— Você também disse que não estávamos perdidos, e aqui estamos nós!

É, aquilo era verdade.

— Desculpa, eu acreditei no direcionamento daquele rapaz. Talvez a gente até estivesse no caminho certo, vá saber? — eu comentei e a vi parar, apoiando as mãos nos joelhos. — O que foi?

— Eu acho que vou desmaiar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Franzi o cenho, mas a Alana não parecia estar brincando. Seus lábios estavam brancos e ela cambaleou para o lado, parando a uns três palmos do chão antes d'eu segurá-la.

— Ei, Alana? — chamei com preocupação e apoiei seu corpo no meu, agachado.

— É o fim da minha vida. — ela sussurrou. — Vou morrer aqui, nos braços do diabo. Ao menos me enterre num lugar digno e diga ao Arthur que eu o amo.

— Pare de falar bobagem, por favor! — eu pedi e cocei a cabeça, dividido entre o que fazer e ignorando a parte do "diga ao Arthur que eu o amo". Tenha dó! Eu não poderia seguir em frente e deixá-la ali, de jeito nenhum, então só me restava partir para a opção menos agradável: — Vou te carregar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que? — ela riu bem fraco. — Não vai não! Um pingo de água caiu na minha testa. Eu acho que Deus estava fazendo um jogo comigo. Se eu acreditasse nesse negócio de carma, eu poderia até dizer que estava pagando pelos meus pecados em vida. Mas eu preferia chamar aquilo de lei do retorno.

— Eu... — Alana gaguejou quando eu a ignorei, pegando-a no colo. — Eu te repreendo! Me solte agora mesmo, Roberto Speziali!

— Se eu te soltar, então você terá que ir a pé. E

você quase desmaiou. — eu disse e recomecei a andar.

Não era bem a coisa mais agradável do mundo, tê-la nos meus braços e tão próxima daquele jeito. Na verdade era torturante e fazia a minha cabeça fervilhar com muitas lembranças, porém era a única

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

alternativa.

— Pensando bem, você até que merece. — a Alana falou fraquinho e eu a olhei em dúvida. Será que eu estava pensando em voz alta? Não era possível que agora eu também estivesse começando a ficar doido.

— O que?

— Me carregar nesse calor.

— Ah sim. — concordei e senti mais pingos de água caírem na minha pele. Em seguida, um trovão quase fez com que eu tropeçasse de susto.

— Será que a gente pode ir um pouco mais rápido?

Tenho medo de raios assim, a céu aberto. — a
Alana sugeriu e eu me contive para não falar nada.
Não era como se eu pudesse engatar outra marcha.
Quando eu finalmente parei de frente para um
comércio,
a
realidade
é
que
estávamos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

encharcados. Caía uma dessas pancadas de chuva e
eu pus a Alana no chão, sentindo os braços doerem
por tê-la carregado por tanto tempo.

— Moço, boa tarde! — cumprimentei o homem
que estava do lado de trás do balcão da lanchonete.

— Será que você poderia me dizer onde é que nós
estamos? A gente se perdeu e o meu carro furou o
pneu no meio da estrada.

— Nossa! Vocês estavam indo para qual lugar, rapaz?

— Fortaleza. — eu e a Alana respondemos juntos e um vinco surgiu na testa dele.

— Fortaleza? Ih, mas essa estrada aqui não leva para lá não. Vocês estão indo em direção à Mumbaba. Na verdade, estão no início da cidade.

— Mumbaba. — repeti sem acreditar. Que boa notícia. Eu morava no Ceará desde que nasci e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

nunca sequer tinha ouvido falar no nome desse lugar. — Será que eu consigo achar uma oficina por aqui? Ou talvez um lugar onde eu consiga um estepe?

— Olha, conseguir até que consegue. Tem o Zequinha a umas cinco quadras daqui, mas com essa chuvona forte eu acho complicado vocês voltarem pela estrada de terra. Os carros costumam atolar que é uma beleza!

— Como assim você acha difícil voltarmos? — a Alana questionou, claramente preocupada. — Vamos ficar presos aqui, é isso?

— Pelo menos até a terra secar. — o dono assentiu com uma tranquilidade que em nada refletia o meu estado de espírito. — Se vocês quiserem usar o meu telefone para falar com alguém, fiquem a vontade. Tem uma pousada no final da rua, acho que vocês conseguem passar a noite. Apesar de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que, a cidade está um pouco cheia por causa de um evento religioso.

— Nós não vamos ficar! — a Alana negou prontamente, me olhando em pânico. Seus cabelos estavam molhados e grudando em sua blusa, agora quase transparente. Desviei o olhar e me incomodei quanto notei o dono da lanchonete dando uma espiada.

— Se realmente não for incômodo, vou usar o seu

telefone. — me coloquei na sua frente para tampar

a visão e observei a Alana de rabo de olho. —

Tentarei falar com alguém lá da nossa casa, para avisá-los que estamos aqui e para saber notícias do vô. Quer ligar para o Arthur?

O meu celular estava sem sinal naquele fim de mundo.

— Sim, mas vou ligar do meu aparelho. Tem rede,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ó. — ela disse e apontou para a sua tela. Esnobe.

Depois, torceu os cabelos e olhou para o homem enxerido atrás do balcão. — Moço, eu posso usar o seu banheiro para me secar?

— Claro, claro! — ele sorriu. — Tem folhas de papel por lá, fique a vontade.

Eu a vi se afastar e então liguei para a minha avó, explicando que estávamos perdidos a caminho de Mumbaba (?), mas que tentaríamos voltar o mais rápido possível e, se Deus ajudasse, ainda naquele

dia.

"Oh, que horrível!" — ela disse num tom de voz lamentoso — "Mas tudo bem, meu querido. Seu avô já está em casa, repousando e tomando a medicação certinha. O médico aumentou a dosagem para controlar a pressão"

Eu concordei com um aceno de cabeça, embora ela

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

não pudesse ver.

"Que bom, vó. Me parece que o celular da Alana tem sinal, então qualquer coisa vocês podem ligar para ele. Se não atendermos, é porque estamos na estrada. Avise a minha mãe e o tio César, por favor"

Encerrei aquela ligação maldizendo totalmente o bendito homem que nos tinha dado as coordenadas erradas. Afinal, graças a ele eu me encontrava perdido numa lanchonete no meio do nada, cujo proprietário estava, até a pouco, secando a minha

ex mulher. Eu tinha certeza absoluta de que havia seguido o que ele havia me dito. Não era possível que fosse só teimosia da minha parte, como a Alana fez questão de afirmar uma porção de vezes.

— Bom... — entreguei o telefone para o homem.

— Obrigado. Vou me secar e depois procurar pelo... Zezinho, certo?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Zequinha. — ele me corrigiu.

— Esse mesmo. — assenti e tirei uma nota de dentro da minha carteira, entregando-o. — É para o lanche da mulher que foi lá dentro. Nós estamos sem almoço até agora.

— Ah, lógico, lógico! Pode deixar, vou preparar um bem especial. Para o senhor também?

— Não, só uma água e um café. — neguei, muito mais cansado do que com fome.

Fui até o banheiro na tentativa de ficar um pouco menos encharcado (não funcionou), e quando voltei

a Alana estava sentada à mesa e devorando um sanduíche. Me sentei de frente para ela e peguei o meu café, soltando o ar com frustração. Não queria ter de fazê-la andar mais e a chuva lá fora caía com insistência, porém a ideia de deixá-la a sós com o dono do estabelecimento não me era agradável.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu avisei a nossa avó. Nosso avô está bem e já está em casa, o médico apenas aumentou a dosagem da medicação. — falei e a Alana me olhou de boca cheia.

— Oh, shim, shim (sim, sim)! — ela assentiu e engoliu. — Que bom! Vou ligar para o Arthur também, você não vai comer?

— Estou satisfeito. — ergui minha xícara de café e observei enquanto ela mexia no teclado de seu celular. Em seguida, ela o levou até a orelha.

Não era possível que aquilo não fosse de propósito!

"Alô, amor? Sou eu" — ela sorriu toda melosa. —

"Você não vai acreditar no que aconteceu! Acho que você já sabe, mas eu precisei vir com o Roberto até Sobral, porque o meu avô teve um mal estar. O negócio é que nós acabamos nos perdendo na volta, o pneu do carro furou e está chovendo bastante.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Mas a notícia boa é que nós paramos numa lanchonete e que já nos indicaram um mecânico, então eu volto ainda hoje. Tá bom, vida?"

Deixei o café de lado por um segundo e encarei o teto. Esse era um bom momento para estar temporariamente surdo.

"O que? Me buscar? Não, está tudo bem! Para falar a verdade, o moço daqui nos disse que é difícil transitar com carros pela estrada de terra molhada.

Mas nós vamos dar um jeito, tá? Eu tô morrendo de saudade de você..."

Hum.

Cerrei o punho e dei um gole no café, que a

propósito queimou a minha boca.

— Porra! — xinguei baixo, irritado comigo mesmo.

A Alana me olhou esquisito, mas então voltou a sorrir toda derretida.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

"Claro, vamos dormir juntos quando eu chegar..."

Arqueei a sobrancelha e a Alana riu como se ele tivesse lhe dito algo muito engraçado.

Como assim dormir juntos? Era dormir de dormir, ou...

"HAHAHAHAHAHAHAHAH Ai, amor! Para com isso!"

Procurei pelo açúcar em cima da mesa e taquei no café, pois de amargo já bastava o gosto na minha boca (e o meu humor naquele momento).

Era só o que faltava! Dei graças a Deus quando um grupo de pessoas adentrou a lanchonete, pois assim eu poderia me distrair com qualquer outra coisa que não fosse a Alana e suas declarações.

"Huum... Ok. Até mais tarde, tigrão!" — ela disse

e eu cuspi o café. Não somente pelo apelido

(ridículo, por sinal), mas porque eu tinha

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

acidentalmente jogado sal no lugar de açúcar.

— Nossa! — tossi, pegando um punhado de

guardanapos.

A Alana me olhou com bastante curiosidade,

embora eu tenha quase certeza de que ela estava

mesmo

era

fingindo,

com

aquele

ar

de

desentendida.

— Céus! O que houve, Roberto?

Eu deixei a xícara de lado e peguei a garrafa de

água, abrindo-a. Dei um longo gole para tirar
aquele sabor horrível da boca e então a encarei.

— Você já está acabando o seu lanche? Temos que
ir procurar o mecânico.

— *Temos?* Desculpe, mas eu não sou nem um
pouquinho útil nesse caso. — ela negou. — Te
espero aqui.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Obviamente não.

— Não, você não vai me esperar aqui! — neguei de
volta e a Alana me olhou com dúvida.

— E por que não?

— Porque eu não vou te deixar aqui sozinha, oras!

Não faço ideia de onde estamos!

— Ah Roberto, não é para tanto! Eu passei os
últimos três anos andando sozinha por aí, sei me
virar!

— É? — cruzei os braços. — E eu passei os
últimos três anos prendendo bandidos por aí, sei o

que é perigoso e o que não é!

— Céus, qual é o problema? Ninguém vai vir me sequestrar aqui dentro, falando desse jeito até parece que você se preocupa demais comigo!

Eu resisti à vontade de arrastar a minha cadeira e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

deixá-la ali, falando sozinha.

No fundo a Alana tinha razão: não tinha perigo, só mesmo o meu pequeno incômodo por ter visto o dono do lugar espiando-a. Claro, a não ser que o dono do lugar fosse algum maníaco, o que era uma possibilidade. Remota, mas existente. Eu já tinha visto casos assim na polícia.

— Nossa, meu Deus, tudo bem! — ela ergueu as duas mãos de repente, notando a minha expressão fechada. — Não precisa fazer essa cara, eu vou!

Eu, hein? Olha Roberto, eu acho que os anos na polícia estão te fazendo ficar paranoico!

Soltei um suspiro e apontei para o seu sanduíche.

— Você já está acabando?

— Oh, sim, claro! Eu só estava, você sabe,
matando a saudade do meu namorado pelo celular.

Você nunca namorou, depois de me botar um par

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de chifres?

Eu cerrei os olhos, impaciente. Não importava o
que eu dissesse, a Alana iria viver e morrer
preferindo não acreditar em nada que saísse da
minha boca.

— Vou te esperar lá fora. — informei e me pus de
pé, notando que a chuva tinha estiado um pouco.
Minha cabeça estava começando a doer e eu não
estava afim de discutir.

Será que era possível, pelo amor de Jesus, que as
coisas se solucionassem rápido e que nós
pudéssemos ir embora?

Um raio cortou o céu assim que meu pensamento
anterior passou pela minha cabeça, e eu me

questionei se por um acaso aquilo era uma resposta de Deus. Era um sim? Ou um não? Eu esperava que fosse um sim, porém mais tarde fui compreender

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que se tratava de um grande não. Deus não parecia muito disposto a ouvir minhas preces ultimamente.

— Ó, na real? Sinto muito, patrão! — o mecânico cuja calça estava caindo me olhou com má vontade.

— O estepe eu até que tenho, mas tá lá na minha outra caminhonete, que ficou com o meu primo Juarez.

Fiquei olhando para ele por pelo menos dois segundos, tentando fazer com que aquilo fizesse algum sentido na minha cabeça. Não fez.

— Hum... — eu finalmente murmurei. — E o que isso quer dizer? O seu primo mora longe?

— Mora logo aqui na esquina. — ele apontou e eu soltei o ar com alívio.

— Ótimo, nós vamos até lá. Obrigada, seu moço!

— a Alana sorriu, mas ele estalou a língua, o que me deixou apreensivo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O problema é que ele foi fazer uma entrega de verduras em Quiterianópolis e só volta amanhã cedo. — ele falou e a minha cabeça doeu mais ainda, o que provavelmente foi uma forma do meu cérebro de protestar por ter de absorver aquela informação.

— Tá. — eu concordei com lentidão. — Sei. Onde é que fica o outro mecânico mais próximo?

— Como assim o outro? — ele me olhou estranho e coçou o traseiro. — Sou o único mecânico bom por aqui, cabra! Isso daqui não é cidade grande não! O mais próximo agora é só a caminho de Massapê, mas *não dá de ir* andando, ainda mais com esse tempo.

Me perdoem a expressão, mas: puta que pariu!

— Olha, quer saber? Eu tive uma ideia! — a Alana

disse, tão atordoada quanto eu. Ela olhou de mim

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para o mecânico e então fez um sinal para que eu a seguisse até o lado de fora.

Que desgraça era essa que nos assolou?

— O que foi? — questionei, massageando as têmporas.

— Eu sei que parece loucura, mas que tal se a gente roubasse um pneu e deixasse o dinheiro do conserto no para-brisa do carro?

Corri os olhos pelo seu rosto, procurando por qualquer sinal de que ela estivesse brincando. Era uma hora bem ruim para se fazer piadas, eu diria.

— Estou falando sério, Roberto! — a Alana leu a minha mente. — Essas pessoas moram aqui, elas podem esperar até amanhã! Nós não!

Fiquei tentado a perguntar o que de tão importante a Alana tinha para fazer que não poderia esperar até o dia seguinte, mas rapidamente eu concluí que não

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

queria saber a resposta. E que eu também estava desesperado para ir embora.

— Alana... — cocei a testa. — Eu sou policial!

Nem se eu quisesse, eu poderia sair por aí roubando pneus!

— Ninguém vai descobrir que fomos nós! E, se descobrirem, eu assumo toda a culpa! Não, melhor: se ameaçarem chamar a polícia, você mesmo pode me prender. Porque você é a polícia!

— Não vou roubar nada. — decretei e soltei um gemido de pânico quando a chuva voltou a cair forte. Eu poderia ter um troço a qualquer instante.

— Eu não acredito... — a Alana tirou as palavras da minha boca. — O que é que nós vamos fazer agora?

Bom... Nós faríamos a última coisa que eu queria: passaríamos a noite em Mumbaba.

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

CAPÍTULO NOVE

"Não vou acreditar nesse falso amor

Que só quer me iludir me enganar isso é caô

E pra não dizer que eu sou ruim

Vou deixar você me olhar

Só olhar, só olhar, baba

Baby, baba"

- **Baba, Kelly Key.**

ALANA

— Oh, mas que excelente! — foi a primeira coisa que eu disse, após entrarmos no *único* quarto disponível da Pousada Estadia Feliz.

Passar por isso não estava nos meus planos, definitivamente.

Minha

ideia

principal

era,

basicamente, fugir do Beto como ele mesmo fugia da cruz, ou seja, como o diabo foge da cruz, e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

esfregar o Arthur na sua cara o tanto quanto fosse possível.

Eu estava tentando surtar com classe, embora o fato de notar que tínhamos apenas uma cama de casal a nossa disposição tivesse imediatamente me deixado um pouco... Apavorada!

— E pensar que nada disso estaria acontecendo, se você tivesse me ouvido. — falei para disfarçar o nervosismo.

— Estou tão feliz com a situação quanto você,
Alana. — o Beto disse e eu o encarei.

— Não estou feliz!

— Pois é!

Cerrei os olhos, mas desisti de falar o que quer que fosse quando o vi desafrouxar a gravata e começar a abrir os primeiros botões de sua camisa social.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que pensa que está fazendo? — eu praticamente gritei. Se tivesse uma vassoura, eu estaria prestes a batê-la em sua cabeça.

— Vou tomar um banho.

— Aqui?

— Obviamente não. No banheiro.

Ha. Ha. Ha.

— Muito engraçado. Permita-me refazer a pergunta: você vai se despir aqui?

— Não, Alana. Eu não vou. — Beto deu de ombros e abriu a porta do pequeno armário de madeira.

Depois, examinou o conteúdo interno até tirar de lá dois roupões e duas toalhas. — Você pode ir primeiro, eu espero.

— Não, fique a vontade. Vou enviar uma mensagem para o meu namorado. — me sentei na PERIGOSAS ACHERON PERIGOSAS NACIONAIS cama e ele apenas concordou, segurando a lateral da cabeça de forma inconsciente, como se estivesse com dor.

— Vê se pelo menos tira essa roupa molhada. — o traste sugeriu, antes de entrar no banheiro e fechar a porta.

Imediatamente, peguei meu celular e procurei pela conversa com o Arthur no WhatsApp.

"Ei, estou presa com o meu ex-marido num quarto minúsculo de uma pousada cujo nome é Estadia Feliz"

A resposta demorou quase cinco minutos para chegar, sendo que para isso eu precisei lhe dar uns três ou quatro toques.

"O que aconteceu?"

Contei ao Arthur os mesmos detalhes que eu havia dado ao namorado imaginário do meu "telefonema"

PERIGOSAS ACHERON
PERIGOSAS NACIONAIS

de mais cedo, quando o inimigo sequer conseguiu disfarçar a sua expressão de desgosto.

"Nossa... Vou te fazer somente um pedido: se for rolar qualquer coisa, tenha a decência de me avisar antes. Não é possível que eu vá ser chifrado até num relacionamento de mentira!"

O que? Arthur estava maluco?

Eu cliquei no ícone da chamada de vídeo e fui para o mais longe possível da porta do banheiro. Como assim "se for rolar qualquer coisa?".

Será que ele estava bêbado?

Quando meu amigo atendeu, eu primeiramente torci o nariz para a sua peça de roupa, afinal de contas, ele usava um pijama de algodão listrado e abotoado até o pescoço. Depois, eu prontamente o questionei:

— Ficou doido? A única coisa que poderia rolar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

entre eu e o Roberto é a cabeça dele!

— Se você está dizendo... — ele deu de ombros e eu notei seu rosto vermelho, o que imediatamente desviou minha atenção.

— Ei, o que houve com sua pele?

— Ah! — Arthur fechou a cara. — Sobre isso: eu adorei o passeio com o seu pai! Ficar horas em alto mar, pescando e debaixo de um sol escaldante? É mais relaxante do que eu poderia pensar!

Huuuum... Será que ele estava falando sério?

— Jura? — arrisquei. — Bem que eu te disse, que você e o pai logo se tornariam bons amigos!

— Estou sendo sarcástico, Alana! — Arthur ralhou.

— Olhe bem para a minha cara, eu devo ter pegado uma insolação! Além do mais, uma gaiivota defecou na minha cabeça! E o seu pai não é adorável, pelo menos não com alguém que ele acredita ser o seu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

namorado!

— Shhhh! — fiz um sinal com o dedo. — Fala baixo! O tinhoso está no banho, esqueceu? O inimigo fica ao redor!

— Por falar nele, é impressão minha, ou vocês dois vão dormir juntos? — Arthur quis saber e eu me apressei em negar.

— Não, de jeito nenhum! Tem um sofá bem ali no

canto, o Roberto que durma por lá!

— É! — ele riu. — Também, com essa sua cara de fugida do sanatório, até eu dormiria no sofá por livre e espontânea vontade.

Inverti a câmera e gritei alto ao notar a minha imagem. Eu parecia aquela assombração do filme "A Maldição da Chorona", com a maquiagem toda borrada.

— Alana? — escutei o Beto chamar e o chuveiro

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

foi desligado. — Tudo bem aí fora?

— Tudo! — falei num tom de voz que ele pudesse ouvir nitidamente. — Só estou conversando com o meu namorado!

Ele nem respondeu de volta, e então eu soltei um risinho de satisfação.

— Você vai para o inferno. — Arthur me garantiu e eu fiz com que ele voltasse para a tela maior.

— Deus me livre, de maneira alguma eu quero passar a eternidade ao lado do Roberto! Saiba que os anjos me esperam no céu.

— Aham. Só se forem os anjos caídos, aos quarenta

e sete do segundo tempo antes de você passar pela enorme porta dourada.

— Credo! — bati na madeira e comecei a limpar os borrões no meu rosto com a manga da minha blusa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Isso é bem anti higiênico. — Arthur disse, mas eu não parei.

— Tô nem aí! Preciso estar esplêndida na presença do meu opressor.

E, por falar nele, a porta do banheiro se abriu e eu gargalhei.

— HAHHAHAHAHAH! Ai ai, amor! — suspirei e o Arthur revirou os olhos. Será que eu estava parecendo um pavão outra vez? — Eu adoro essas histórias incríveis que você me conta! Essa da sua viagem para os Alpes Suíços, quando fechou acordo com os investidores de lá, é uma das minhas preferidas!

— É, foi um dia incrível. — ele disse, creio que somente para não me deixar na mão.

Olhei de rabo de olho para o Roberto, totalmente fazendo a egípcia, e vi que ele colocava sua roupa

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

molhada para secar no encosto de uma cadeira. O
que queria dizer que... Ai, céus! Ele usava o roupão
da Pousada Estadia Feliz e tinha os cabelos
molhados e recém penteados.

Um exibido, se querem saber!

— Hã... — murmurei para o Arthur, que soltou
uma risadinha de escárnio. — Eu... Que bom então
que está tudo bem, Tigrão! — falei e o seu riso deu
lugar a uma careta de desaprovação. — Eu te ligo
antes de ir dormir, tá? Vou sentir falta de ter você
aqui, do meu lado...

— Eu também, amor. — ele revirou os olhos outra
vez, já que apenas eu conseguia vê-lo. — Até mais
tarde.

— Até. — falei com um tom de voz choroso e
decidi emendar com um charminho básico: —
Hum... Desliga você, vai? — falei, mas o Arthur

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

fez o desfavor de assentir e simplesmente dizer:

— Sim, tudo bem.

E desligou!

Olha, alguém precisava dar umas aulas de romantismo para esse homem! Urgentemente!

— Ai, ai... Parece que a ligação caiu... Oh! — ergui os olhos de forma teatral e encarei o Beto. — Você está aí!? Nem notei!

— O banheiro está liberado. — ele informou e apontou para a toalha e o roupão que eu usaria. Eu os peguei evitando ao máximo olhar para o traste e então fui me banhar.

Enquanto estava debaixo do chuveiro, confesso que fiquei pensando nas várias formas de mandar o Roberto picar a mula da cama de casal, mas quando adentrei o quarto ele já estava acomodado no sofá.

Bom, pelo menos tinha senso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O traste estava com um dos braços sobre os olhos, tampando-os. Será que estava dormindo? Balancei as duas mãos na frente do seu rosto, para testar, e um vinco se formou em sua testa.

— O que está fazendo? — ele questionou e eu parei o movimento pela metade.

— Ah, nada, só espantando uma mosca.

O Beto desceu os olhos do meu rosto (agora limpo) para o meu corpo, muito bem protegido pelo roupão, e depois tornou a fechá-los, engolindo seco.

A Kelly Key em minha cabeça não resistiu e cantou um "Baba Baby".

Status: plena.

Me sentei na cama e minha barriga deu uma roncadinha. Eu estava cansada, mas também estava com fome. Na verdade, eu estava sonhando com

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

um prato de comida.

— Será que aqui tem serviço de quarto? — eu perguntei ao tnhoso.

— Não faço ideia, você quer alguma coisa?

— Jantar. — esclareci. — Você não está com fome?

— Estou cansado.

— Pois uma coisa é uma coisa, e outra coisa é outra coisa. Eu estou os dois. — argumentei e ele riu, tombando a cabeça para me olhar.

Quem o via assim, todo tranquilo, mal imaginava o poder de destruir corações que esse homem tinha.

Por sorte, claro, eu já era vacinada.

— O seu namorado não ficou incomodado? — ele quis saber e eu franzi a testa, fazendo-me de tonta:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Incomodado? Com o que? Por estarmos no mesmo quarto? Ah, não, não! — balancei a mão de um modo natural. — Nosso relacionamento tem uma base muito boa. Confiança, conhece? O Arthur sabe que eu não o trairia, afinal de contas, quem ama não faz esse tipo de coisa.

— É verdade. Concordo com você. — o Beto disse e se sentou, me fazendo franzir o cenho.

— Concorda?

Como assim ele concordava?

— Não que eu me importe, porque estou feliz e mais realizada do que nunca, mas então isso quer dizer que você nunca me amou de verdade, estou correta? — não me aguentei e joguei na cara.

O filho do pai da mentira apoiou o rosto nas mãos, mantendo-o baixo, e balançou a cabeça de forma

negativa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você sabe que eu te amei, Alana.

— Por um tempo, apenas? — meu coração estava apertado. — E então, quando o amor acabou, você decidiu ter um caso com a minha irmã?

— Eu... — ele abriu a boca, mas se conteve. —

Sério, não acredito que a gente está tendo essa discussão... — o Beto se pôs de pé e andou em direção à porta. — Vou providenciar o seu jantar.

Ah, mas espera aí!

— O que? Por quê? Não há necessidade, eu mesma posso providenciá-lo! — eu disse e me levantei, apressando o passo para segui-lo pelo corredor.

O Beto não parou de andar quando me viu ao seu lado e eu também não hesitei, afinal de contas, eu estava cem por cento apta a ir buscar o meu próprio jant-... Parei o pensamento abruptamente e meus olhos se arregalaram. Senti o sangue gelar ao notar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

aquele monstro dos esgotos.

Então eu fiz o que qualquer ser humano sensato
faria:

— AHHHHHHHHH! — gritei, correndo para trás
do tihoso e agarrando seus braços.

— Alana? — o Beto chamou assustado, tentando se
virar. — O que foi? O que-

— NO FINAL DO CORREDOR! — eu apontei e,
como se soubesse que eu estava falando dele, o rato
nojento começou a vir na nossa direção. — MEU
DEUS, MEU DEUS! — eu me desesperei, tentando
subir nas costas do traste.

— Alana, você está... — ele tossiu. — ...Me
sufocando!

— NÃO DEIXA ELE ENCOSTAR EM MIM!

MATA, MATA, MATA! — pedi, enlaçando
minhas pernas ao redor de sua cintura.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Jesus Cristo! Se você continuar assim... — o
Beto tentou afrouxar meu aperto em seu pescoço.

— ...Quem vai morrer sou eu!

Que espécie de estadia feliz era essa? Será que os
ratos faziam parte da experiência turística?

— AHHHHHHHHH! — gritei outra vez, ao ver aquela cauda nojenta balançando de um lado para o outro.

O bichano nos olhava que nem naqueles filmes de faroeste. Corrijo: não era um simples rato, era uma ratazana!

— ELA VAI NOS ATACAR!

— Alana, por favor, não grita no meu ouvido! — o Beto pediu, levando uma mão até a cabeça.

A ratazana do inferno deu alguns passinhos para a frente, fazendo barulhinhos aterrorizantes no carpete de madeira. Eu ainda estava agarrada ao

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

traste. Pode parecer que não, ao narrar dessa forma detalhada, mas as coisas estavam acontecendo muito rápido. De repente, sem mais nem menos, aquela bola de pelos nojenta... Saltou!

— CRENDEUSPAI! — berrei no ouvido do meu ex marido, agarrando-o com mais força. O Beto tropicou para trás, não sei se pelo susto ou se pela minha atitude, e apoiou um braço na parede. Foi isso o que nos impediu de cair.

— Porra! — ele xingou, se engasgando. — Alana...

— o traste tossiu. — Me solta! Você precisa me soltar, até mesmo para que eu possa fazer alguma coisa!

A ratazana mostrou os seus dentinhos nojentos e eu estremecei.

Soltar o tihoso? De jeito nenhum!

— VAMOS VOLTAR PARA O QUARTO!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

AGORA, PELO AMOR DE DEUS!

— QUE GRITARIA É ESSA? — um hóspede mal humorado berrou de algum dos cômodos.

— ESTAMOS SENDO ATACADOS! — informei e o bicho saltou novamente. — SOCORRO!

— Alan- — o Beto tentou se equilibrar novamente, mas dessa vez acabou falhando. Ele simplesmente caiu de bruços e eu fui junto, caindo por cima dele.

— AH MEU DEUS! — me debati e algumas portas do corredor se abriram. Será que a ratazana estava enrolada nos meus cabelos? Misericórdia!

— Mas que pouca vergonha é essa? — uma senhora ralhou. — Vão procurar um quarto, de

onde já se viu?

— Uma falta de respeito mesmo, olhem só! —

outra

pessoa

disse.

—

Nem

vestidos

adequadamente eles estão!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Olhei para os lados, desesperada, e a ratazana maldita havia fugido. Só restava eu e o traste, ambos de roupão e jogados no chão da Pousada Estadia Feliz.

— Alana? — o Beto murmurou, mas sua voz saiu abafada. — Você poderia, por favor...

— Claro, claro! — não esperei que ele terminasse, só rolei para o lado.

Então, como se tivesse sido combinado, as portas dos quartos foram batendo uma a uma, sem que eu sequer pudesse explicar o mal entendido. Quanto estresse!

O Beto se sentou e levou uma mão até a testa. Com a outra, ele pressionou a ponte do nariz e em seguida soltou um gemido de dor. Me pus de pé para ajeitar o roupão e ele fez menção de fazer o mesmo, mas se desequilibrou e eu lhe dei apoio.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tudo bem? Precisamos sair daqui! Ela pode estar em qualquer lugar, enfiada em algum buraco secreto!

— Dane-se o rato, Alana. Eu preciso de gelo. E um analgésico. — o Beto disse e tornou a se sentar no chão.

Oh-oh.

— Sinto muito. — me agachei. — O que houve? Você bateu com a cabeça?

Ele apenas assentiu, com os olhos fechados e uma das mãos ainda no rosto.

— Ei? — chamei, colocando minha mão sobre a sua e sentindo o meu coração perder uma batida. Será que dava para ele *perceber isso*? Eu esperava que não!

Eu abaixei seu braço e o Beto abriu os olhos.

Aquilo ali era o mais próximo que nós já tínhamos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

chegado em três anos. Quer dizer... Na verdade não, se contássemos que só naquele dia maluco ele já havia me carregado debaixo de sol e de chuva e que eu tinha me jogado em suas costas há poucos minutos. De todo o modo, estávamos próximos um do outro.

— Qual... — clareei a garganta, afastando a sensação estranha. Era mágoa acumulada. — Qual é o seu nome? — perguntei, mas diante do seu silêncio eu insisti: — É sério, Roberto! Qual é o seu nome?

— Você acabou de dizer. Roberto.

Hum... Droga!

— Qual é a sua idade? Onde você mora?

— 28. Fortaleza.

— Certo, muito bom! Você é policial ou apicultor?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Que tipo de pergunta é essa?

— Você está em dúvida? — estreitei os olhos.

— Sou policial.

— Ótimo. E qual é a fórmula de Bhaskara?

O Beto riu fraco.

— Estou bem, sério. Só não sei se me lembro dessa fórmula.

— É, que seja, nem eu. — dei de ombros e lhe estendi a mão, ajudando-o a se levantar. Tinha um galo se formando em sua testa e um hematoma começando a surgir no meio do ossinho do seu nariz.

Será que aquilo contava como desacato a autoridade policial? Se bem que ele não estava no exercício de seu cargo no momento do ocorrido.

— Nossa... — o Roberto resmungou e eu me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

preocupei, deixando de lado o devaneio.

— O que? Você está melhor?

— Sim, só tinha me esquecido das suas loucuras.

— ele respondeu, mas não parecia bravo.

— Vem, anda. Vamos pegar um gelo. — eu sugeri.

— Está começando a nascer um terceiro chifre na sua cabeça.

— É, eu imaginei. — ele concordou sem revidar e nós fomos até a cozinha da pousada, que estava prestes a fechar. Graças a Deus acabamos conseguindo jantar, além de termos descolado um pacote de ervilhas congeladas para colocar no local da pancada.

Voltamos para o quarto exaustos e eu nem vi quando caí no sono. Só lá pelo meio da madrugada é que acordei, com a bexiga doendo para fazer xixi. Será que a ratazana estava me esperando no

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

banheiro?

— Roberto? — chamei, ao notar seus pés balançando. Vi, pela luminosidade da lua, quando ele virou a cabeça só um pouco para me encarar na penumbra.

— Hum?

— Não tá dormindo?

— Ainda não.

Inclinei-me e peguei meu celular em cima do criado mudo.

— São duas e vinte e sete.

— Aham.

Torci a boca numa careta e me sentei. Ele não disse mais nada e eu me pus de pé, apertada demais para fazer o número um. Quando voltei para o quarto, com a visão mais adaptada à escuridão, notei que o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Beto tinha os olhos fechados. Dei alguns passos, chegando um pouco mais perto e...

— Espantando outra mosca? — ele perguntou e eu dei um pulo para trás.

— Não! Só queria checar se você tinha adormecido.

— Estou acordado. — Beto disse e eu me sentei na beirada da cama. Levantar tinha feito com que eu ficasse desperta.

— O sofá está desconfortável? — questionei.

— Não.

— Talvez a gente possa revezar, eu não me importo. — sugeri.

— O sofá está bom, Alana.

— Tudo bem, você é quem sabe. — dei de ombros e me deitei. Eu revirei na cama por uns dez

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

minutos, porém não achava nem o sono e nem uma posição confortável. Por fim, voltei a me sentar. — Não consigo dormir. — eu disse. — Acho que perdi o sono. O que você estava fazendo antes d'eu acordar?

— Tentando dormir.

— Você não dormiu nada, desde a hora em que fomos deitar?

— Ainda não. — ele bocejou, ajeitando-se no sofá.

— Pensei que você tivesse dito que estava cansado.

— E estou.

Fiquei quieta por um momento e em seguida me pus de pé. Andei até a janela, observei o lado de fora (não chovia) e fechei a cortina, eliminando a claridade.

Talvez isso ajudasse.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Obrigado. — o Beto murmurou e eu assenti, embora ele não pudesse me ver. Me deitei na cama outra vez e senti a cabeça pipocar com muitos

pensamentos.

Pensamentos demais.

O que é que a madrugada tem, que nos faz agir sem pensar?

— Se você me amava mesmo, como disse mais cedo... — comecei a falar sem mais nem menos e só depois caí em mim. O lado bom era que pelo menos a gente não conseguia se ver. — ...Então por que me traiu? Por que me abandonou quando eu mais precisei de você?

O Beto demorou para responder e eu pensei que tivesse finalmente pegado no sono, mas me enganei:

— Porque eu não conseguia ser o que você

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

precisava naquele momento, Alana. — ele disse e eu fiquei sem entender.

Não conseguia ser o que? Um marido fiel? Um esposo companheiro?

— Que espécie de justificativa é essa? —

perguntei. — É tudo o que você tem a dizer? Que me traiu por que não conseguia ser o que eu

precisava?

— Nossa! Mas é incrível como a maior distância entre duas pessoas é a porra de um mal entendido!

— o Beto disse e aquilo acabou mexendo comigo bem mais do que eu gostaria:

— Não fica batendo nessa tecla, por favor! — falei, tentando não me exaltar. — Não me coloca como a louca da história, porque eu vi você e a minha irmã juntos! Eu vi quando ela te beijou e você sequer reagiu! Eu e a Carina nunca fomos próximas, então

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que liberdade ela teria para frequentar o nosso apartamento? Além do mais, as coisas entre a gente não começaram a dar errado naquela noite, Roberto! Pelo contrário, elas terminaram de dar errado! A merda já estava feita há muito tempo, você vai negar isso também?

— Não, não vou.

Balancei a cabeça, frustrada.

— É muito ruim saber que, mesmo depois de tudo o que vivemos juntos, você não me amou o suficiente para ser o meu apoio quando as coisas

ruíram, Roberto! — falei.

Era estranho não vê-lo, mas talvez fosse melhor assim.

Novamente, ele demorou a dizer qualquer coisa.

Enquanto ele *sempre* pensava demais antes de falar, eu estava falando bem mais do que deveria.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Só me tira uma dúvida: eu não ter estado lá quando a Helena partiu tem perdão?

— Não, não tem. — nem hesitei. Talvez tivesse perdão há três anos, mas não agora. — Não só por não ter estado no dia, mas também por se ausentar nos meses que se seguiram. Deveria ser na alegria e na tristeza, Roberto!

Eu senti meus olhos se encherem de lágrimas e balancei a cabeça. Não queria que ele soubesse o quanto ainda exercia domínio sobre as minhas emoções. Não queria de jeito nenhum!

— O bom disso tudo é que o tempo passa, né? E, como dizem por aí, ele é o melhor remédio para um coração partido. Eu fui embora te amando muito, mas tudo o que eu sinto por você agora é raiva. E é

triste, depois de tudo o que vivemos juntos, que hoje eu odeie você. — saiu rápido demais, antes mesmo que eu pudesse ponderar.

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

Uma lágrima caiu e eu a sequei rapidamente. Eu queria socar o Beto por tudo o que ele fez comigo, mas também queria chorar por ter acabado de dizer que o odiava, embora isso fosse verdade. Ou não.

Eu não sabia!

Ajeitei o travesseiro e me preparei para passar o resto da noite em claro, sem conseguir pregar os olhos. Como eu sabia que ele não diria mais nada, finalizei:

— Sei que fui eu quem fui embora, Roberto. Porém não se engane. Escrevemos a nossa história juntos, mas o ponto final você colocou sozinho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

CAPÍTULO DEZ

"Esse é o meu problema, sabe?

Estou sempre sonhando

Desejando que heróis existam de verdade

Eu choro, vendo os dias

Não percebe que eu sou uma boba?"

- Oops!... I did it again, Britney Spears.

Enquanto isso, na praia do pôr-do-sol...

Tudo o que Arthur queria, após aquele dia definitivamente pavoroso, era deitar em lençóis limpos e repousar tranquilamente.

O homem era, sem sombra de dúvidas, um metódico: dormia todos os dias exatamente às nove, no máximo dez da noite, e acordava sempre desperto exatamente às seis da manhã. Suas oito horas de sono por noite eram sagradas, portanto, ele

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mal acreditou quando escutou algumas batidas na porta de seu quarto.

Seria César, disposto a levá-lo para um passeio

noturno no qual agora eles iriam caçar tubarões?

Cruzes!

Arthur estremeceu só com a ideia.

Aquele homem era assustador. De onde já se viu?

Sair por aí recebendo as visitas com um tiro de
espingarda?

— Alana? — ele ouviu uma voz feminina e
resmungou internamente.

Talvez, se ignorasse, a pessoa poderia desistir e ir
embora.

— Ei, Laninha? Iurruuuu? — quem quer que fosse
chamou outra vez, dando outras batidinhas
insistentes. — Sei que você está aí, porque fui até o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

seu quarto e ele está vazio! Sua safadinha! Quero
só ver como vai ser, se o tio César descobrir que
você está fazendo bobeirinhas com o seu-

Arthur abriu a porta e Tatiana se calou.

— Oh, oi! — ela riu. — Desculpe incomodar, mas
eu preciso falar com a minha prima. É importante.

— Alana não está.

— Ah não? — Tatiana questionou com surpresa.

— Não. Ela está presa da Pousada Recanto Feliz, porque o pneu do carro do Roberto estourou. — ele informou e depois pensou que talvez deveria fingir estar com ciúme, então tentou uma carranca.

— Nossa, sério? Que bosta! — Tatiana disse, embora no fundo ela estivesse secretamente agitada com a ideia de seu primo e de sua prima presos numa pousada. Se bem que era péssimo pensar assim, ainda mais com o novo namorado da Alana

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

bem à sua frente.

— É. Definitivamente, lamentável. Mas ao menos ela está bem. Boa noite. — ele fez menção de fechar a porta, mas Tatiana parou o movimento pela metade.

Ela estava precisando de ajuda.

— Ei, espera aí! Tem uma parada rolando! — ela falou, muito séria. — Preciso analisar uma encomenda daqui a vinte minutos, mas o Piolho marcou comigo num lugar bem esquisito.

Tinha *uma parada rolando*? Que espécie de papo era aquele? O homem de pijama listrado estava

confuso.

— Você usa drogas? — Arthur questionou na lata, pronto para explicar àquela mulher todos os efeitos do uso prolongado de substâncias ilícitas.

Morte por overdose era um deles.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Que? Não! Você usa? Tenho amigos de curso que fumam maconha e até defendem seu uso medicinal, mas eu particularmente sou contra.

— Não uso drogas. — ele negou. — Quem é Piolho?

— O Piolho é o cara que me vendeu a parada. — Tatiana explicou. — Pensei que a Alana pudesse ir comigo, porque eu queria fazer uma surpresa para a família. Algo para agitar a festa, sabe? — ela mexeu os quadris.

Arthur não estava entendendo nada.

Há menos de três minutos ele estava deitado, e agora estava tendo uma conversa estranha envolvendo um homem cujo apelido era o de um parasita artrópode e, sem dúvidas, asqueroso.

Qual era o problema das pessoas dessa família?

Elas não conseguiam ser normais?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— De que tipo de parada estamos falando? — ele questionou.

— De um bar com drinques exóticos. O Piolho marcou uma degustação hoje às 22:00, você bebe?

— Casualmente. — ele deu de ombros. — Não é um horário um pouco estranho?

— Sim, eu sei! — Tatiana concordou e levantou sua bolsa. — Estou levando um spray de pimenta, mas o Piolho me garantiu que marcou as dez porque só trabalha a noite. Eu também já fiz jiu-jitsu, mas melhor não arriscar ir sozinha. De toda forma, seria bom uma segunda opinião a respeito dos drinques. Você está ocupado?

Arthur estava num fogo cruzado. Ele precisava dormir e não podia quebrar todo um ritual assim, sem mais nem menos, mas, por outro lado, se Tatiana fosse sequestrada por um artrópode, Alana

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

nunca o perdoaria por tê-la deixado ir sozinha.

— Maldição! — ele sussurrou baixo e encarou a mulher à sua frente. — Tudo bem. Acho que posso ir com você até o Piolho, contanto que a gente volte antes das onze.

— Claro, tudo bem! Pode ficar de boa, porque eu aviso a Alana que era um caso emergencial. A propósito, será que você tem uma roupa mais... Descolada? — ela sugeriu e Arthur a analisou com atenção.

Tatiana usava calças pretas com correntes e uma camisa do Nirvana, além de um tênis all star porcamente sujo. Há quanto tempo aquele par de sapato não via uma água e um sabão?

Curuz!

— O que você quer dizer com *descolada*? — ele perguntou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ah não, tudo bem! — ela balançou uma mão, se tocando de que o homem realmente tinha um estilo um pouco diferenciado. — Seu pijama é até legal. Pode ir como der mesmo, esquece.

O problema era que Arthur levou aquela

recomendação muito a sério, de modo que se apresentou a ela, alguns minutos depois, trajando uma calça social e uma camisa engomada.

— Maneiro. — ela o encorajou, fazendo um joia com o dedão. — Vamos? Já chamei um uber.

O trajeto todo durou cerca de uns onze minutos.

Quando pararam de frente para uma casa com luzes neon e música alta — trocava Britney Spears —,

Arthur encarou Tatiana com dúvida.

— Estamos no lugar certo?

— Aqui diz... Rua dos Prazeres, número quinze. É, estamos sim. — ela assentiu e pegou o troco com o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

motorista do carro, que deu-lhes uma risadinha discreta.

Que dupla de bocós! , o homem pensou consigo mesmo.

— Toca do Piolho... — Arthur leu o letreiro assim que desceram do carro, sem acreditar no que via.

Onde é que eles estavam? Onde havia se metido? Já lhe bastava as confusões nas quais Alana o enfiava, ele não precisava de mais outras.

— Vem! — Tatiana o chamou. — Pela descrição, o Piolho usa dreads e tem uma tatuagem de girassol mexicano no braço esquerdo.

O que era um girassol mexicano? , Arthur se perguntou.

Eles adentraram o recinto e seus pés imediatamente estagnaram no chão.

Minha nossa, aquilo era o que ele estava pensando?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Estamos numa casa noturna? — ele questionou Tatiana, gritando por cima do som.

— É, parece que sim!

I'm mrs. you want a piece of me? tryin and pissin' me off. Well, get in line with the paparazzi, who's flippin' me of!

— O Piolho é um cafetão? — Arthur perguntou com horror.

— Eu não sei, mas agora eu entendo o motivo dele trabalhar somente a noite!

Eles andaram por entre as pessoas ao som de *Piece of Me* e só pararam quando um homem forte e musculoso, com um girassol mexicano tatuado no

braço esquerdo, entrou no campo de visão de ambos. Arthur odiava contato físico demais, e aquele lugar era tipo um pesadelo.

O que estava fazendo com sua vida naqueles dias?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você é o Piolho? — Tatiana chamou cheia de marra.

O homem os encarou e estalou a língua nos dentes, mostrando os dois caninos de ouro.

— Da parte de quem vocês querem saber? —

Piolho questionou, botando a mão numa arma em cima de sua mesa de cartas.

Se olhasse para o lado, Arthur poderia ver dançarinos se remexendo ao som de Britney, mas ele não fez isso porque estava paralisado.

— Qual é Piolho? Nós marcamos horário, se esqueceu? Sou a Tatiana! — ela o cumprimentou e o homem franziu o cenho, antes de finalmente soltar a arma.

— Ah sim, você veio para a degustação de drinques exóticos! — ele assentiu e se pôs de pé. — Sigam-me.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Tatiana parecia tranquila, enquanto Arthur tremia nas bases. Piolho lhe deu um olhar intenso e sorriu achando graça.

— Bela roupa.

Arthur bufou. O que havia de errado com sua roupa?

Eles ocuparam cadeiras diante de um bar e Tatiana cantarolou um trecho da música que tocava, mexendo os ombros no ritmo.

— Que bom que é uma casa noturna somente com homens, né? Alana me mataria se soubesse que eu lhe trouxe para ver mulheres arrastando a bunda no chão.

— Arrastando a... — ele começou a dizer, mas balançou a cabeça. — Enfim... É. Que bom.

— E então... — Tati sorriu enquanto o Piolho preparava as coisas. Arthur só esperava que a mão

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

do artrópode estivesse limpa. — Eu fico feliz que a Alana tenha encontrado alguém. Tá que você é um

pouco... Diferente do que eu imaginaria, mas que bom que vocês parecem estar num relacionamento sólido.

Arthur bem que ficou tentado a perguntar o que ela queria dizer com "diferente", mas entendeu que talvez fosse em comparação ao ex marido de sua prima. E sim, eles eram extremamente diferentes.

— Ah é. Estamos num relacionamento bem sólido, evidentemente. — ele concordou.

— Legal. Meu último namorado era um incompreensivo, sabe? Me cadastrei em alguns sites de relacionamentos após o término, mas só tem idiotas. Então eu fiquei pensando que talvez a minha metade da laranja não esteja no Brasil, e sim no exterior.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Arthur não pôde evitar torcer o nariz para aquilo.

Metade de laranja? Balela!

— É um pouco estúpido pensar na ideia de duas pessoas que irão se completar, você não acha? Esse tipo de pensamento é apenas o produto de uma sociedade que romantiza tudo, com esses filmes e

livros fantasiosos!

— Ôxe! — Tatiana se ajeitou com surpresa e depois o olhou com curiosidade. — Por que você diz isso? A Alana não te completa, por um acaso? Olha só, se você estiver apenas enrolando a minha prima...

— Não, eu não falei dessa forma! — ele se defendeu, interrompendo o sermão. — O problema é que as pessoas parecem estar, o tempo todo, loucas para viverem uma grande história de amor. Perdão, mas relacionamentos são superestimados!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Tatiana arqueou uma sobrancelha e só tirou os olhos de Arthur para pegar o primeiro drinque que Piolho os ofereceu. Ela o notou estudar o copo minuciosamente por pelo menos uns cinco segundos, antes de enfim bebericar um pouco do líquido.

— Olha... — o homem disse, depois de fazer uma careta em resposta à bebida forte. — Não estou dizendo que relacionamentos são ruins — sim, ele estava —, mas sim que esse negócio de metade da

laranja é uma grande bobagem! Depois, quando sua metade dá o fora, é você quem fica se sentindo incompleto. Você não deveria ser completo sozinho?

— É, pensando por esse lado, faz muito sentido. —

Tatiana concordou, refletindo sobre sua própria vida amorosa repleta de decepções. — Mas para um cara comprometido, você é bem pessimista em

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

relação ao amor.

— Eu sou um realista. — ele tentou enfatizar, mas ela não estava cem por cento convencida.

— Me deixa adivinhar: você também veio de um término ruim, que nem a Laninha?

Arthur deu de ombros, sem querer entrar no assunto. Era vergonhoso admitir que havia sido trocado por um coroa ricaço.

— Acontece, né? — foi tudo o que disse. Tatiana pegava as coisas no ar muito mais do que ele gostaria.

— Nossa, sinto muito, isso é uma bosta.

Não eram lindas palavras, especialmente a que se

referia aos excrementos de alimentos não digeridos pelo corpo, mas Arthur balançou a cabeça em concordância.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— De toda a forma... — Tatiana deu um gole em sua bebida. — ...Eu continuo acreditando no amor. Algo me diz que essa viagem de um ano vai mudar a minha vida, você entende?

Ele entendia, mas não no sentido que ela estava dizendo. Afinal, aquela viagem de sete dias vinha virando a sua própria vida de cabeça para baixo.

— É, mais ou menos. — concordou.

— Não que eu seja uma romântica incorrigível feito a Alana, porque ela, você sabe, é toda meiga e delicada e... — Tatiana riu, achando graça de si mesma. — ...E eu sou quase uma mula!

Ah, mas aquilo sim Arthur compreendia.

— Sim, sim. Sei como é.

— Mas enfim... — ela deu de ombros e pegou mais um drinque oferecido pelo Piolho. — Você gostou do primeiro drinque?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Achei um pouco forte demais.

—

É,

concordo.

—

Tatiana

assentiu,

experimentando o líquido azul. *Huuuum...* Tinha um gosto bom, e que a fez olhar para o Piolho com curiosidade. — Ei, o que tem nesse?

— Vodca, licor Blue, suco de limão, cubos de gelo, uma rodela de laranja e um toque de estimulante sexual.

Arthur cuspiu o líquido no mesmo instante, quase vomitando de desgosto logo em seguida.

— O que você quer dizer com estimulante sexual?

— ele perguntou com espanto e Piolho revirou os olhos.

— É uma casa noturna, cabra! As pipas têm que subir!

— Meu Deus! — Tatiana riu, achando muita graça daquilo. — Não, Piolho! Não preciso disso, eu...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Não quero as pipas dos meus familiares subindo, é uma festa de formatura!

— Ah sim, tudo bem. — o homem de dois metros assentiu e Arthur pegou um guardanapo, limpando-se daquela sujeira melecada.

— De onde já se viu? — ele resmungou, indignado.

— Que pena. Se a Alana estivesse aqui, você bem que poderia aproveitar os efeitos... — Tatiana sugeriu e Arthur a olhou feio.

— Não preciso de Viagra, obrigado!

— Iiih... Relaxa, cabra macho! — ela riu. — Estou apenas brincando!

Arthur morrinhou por uns segundos e depois acabou soltando um riso incrédulo. Era só o que faltava, tomar aquele líquido todo, totalmente desavisado, e depois ficar por aí... *Estimulado* na frente da prima de sua amiga, que a propósito era a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sua namorada de mentira.

Que ideia horrenda!

Mas a verdade é que quando enfim eles retornaram para a praia do pôr-do-sol, um pouco alterados pela bebida, Arthur até conseguia rir daquilo. Rir com vontade. Ele encarou o mar escuro à sua frente e quase gostou do cheiro de mangue, mas aquilo já era um pouco demais.

— Obrigada por me acompanhar. — Tatiana lhe agradeceu. — Amanhã, quando a Laninha chegar, vou dizer a ela que te aprovo como o seu novo namorado.

— Ué! Não aprovava antes? — ele a olhou.

— Na verdade eu precisava tirar aquela primeira impressão que ficou, depois de nos esbarrarmos na porta do meu avô.

Arthur concordou e riu.

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

— Desculpe, acho que fui um pouco grosseiro.

— Tá tudo bem, trabalhamos sem frescuras por aqui. — Tatiana apontou para si mesma e bocejou.

— Bom, já que você está entregue... Boa noite, cunhado!

— Boa noite. — ele respondeu e tropeçou num degrau, mas conseguiu se manter de pé e riu.

Aquela foi a primeira vez, em anos, que Arthur quebrou o seu ritual de ir se deitar às dez.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

CAPÍTULO ONZE

"Foi você quem começou tudo isso e agora é a única capaz de fazer parar

Eu sou o único que se sente perdido

Agora você quer que eu esqueça tudo o que você me disse,

Mas ainda ficou algo em minha cabeça"

- **That's Why (You Go Away), Michael Learns**

To Rock.

BETO

Mal preguei os olhos naquela noite.

Curiosamente, quando finalmente comecei a tirar um cochilo, uma música esquisita começou a tocar dentro do quarto. Abri os olhos pensando que fosse a Alana, mas ela babava em seu travesseiro.

—

Que.

porra.

é.

essa?

—

questionei

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pausadamente, tentando distinguir de onde vinha aquilo.

Baby won't you tell me why there is sadness in your eyes? (Meu bem, você não quer me dizer porque há

tanta tristeza em seus olhos?)

Me pus de pé e procurei por algum rádio.

I don't wanna say goodbye to yooooou (Eu não quero dizer adeus a vocêeee)

— O que é isso? — a Alana perguntou, mexendo-se na cama.

— Estou tentando descobrir. — lhe informei e alguém bateu à porta.

— De onde vem essa música? — ela insistiu e eu abri uma fresta da porta de madeira, notando a proprietária que havia nos recebido na noite anterior.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bom dia! — ela sorriu.

— Oi, hã, bom dia. Desculpe... — balancei a cabeça, tentando não soar mal educado. — ...São seis da manhã e tem... Tem uma música tocando dentro do nosso quarto.

— Ah, sim. Eu sei disso. — a mulher assentiu. — E

então, tiveram uma boa noite? Estão preparados?

Eu havia tido uma péssima noite, para falar a verdade. Mas acho que foi uma pergunta retórica.

— Olá, bom dia. Preparados para o que? — Alana quis saber, parando atrás de mim.

— Para o café da manhã, querida. É imprescindível que vocês desçam. Iremos servi-lo em... — ela olhou para o relógio em seu pulso. — Dois minutos.

Fiquei sem entender, confesso. Que espécie de lugar era esse, que acordava os seus hóspedes cedo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dessa maneira para avisar que o café da manhã seria servido?

E se eu não quisesse tomar café da manhã? E se eu só quisesse dormir?

I'm the one who's feeling lost right now (Sou eu quem está perdido agora)

A música continuava.

— Isso... — gesticulei com o indicador, girando-o no ar. — ...De onde vem isso? Esse som?

— Ah! — a proprietária maluca riu e tirou um controle de seu bolso, apertando um botão e fazendo o som cessar.

Graças a Deus.

E que estranho.

— O som ambiente serve para que vocês já acordem inspirados. — ela explicou e eu preferi

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

não perguntar o porquê. Talvez ela achasse aquilo realmente legal, e ninguém era obrigado a ser alvo do meu mau humor.

— Sairemos daqui a pouco para o café, muito obrigada por nos avisar. — a Alana disse e eu me virei para pegar as minhas roupas no encosto da cadeira, mas elas... Não estavam lá.

— Ei? — chamei a proprietária cujo nome eu não sabia. — Hã... Minhas roupas, elas sumiram. Eu as

deixei bem ali. — aponte.

— Não se preocupe, Roberto. O serviço de quarto as levou para lavar. Temos uma máquina secadora também.

— Uau, que gentil! — Alana sorriu achando o máximo, mas eu só conseguia pensar no quanto aquilo era uma invasão de privacidade. Quando é que o serviço de quarto entrou, afinal de contas?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Me sentei no sofá sentindo-me muito pior do que no dia anterior. Não era só a dor de cabeça, era uma noite mal dormida, um galo e um hematoma no nariz. E claro, um clima estranho entre eu e a minha ex mulher.

— Você não vai se aprontar? — Alana questionou.

Aquele era um belo dia para não ter acordado. Só o som da voz dela me fazia ser imediatamente esmagado por um caminhão invisível de culpa.

— Vou. Vou, claro. — assenti sem encará-la. —

Pode usar o banheiro primeiro.

Nós descemos para o café da manhã sem trocar muitas palavras, apenas o necessário. O lado bom era que ao menos ela ainda não tinha ligado para o Arthur na minha frente, porque isso sim seria demais àquela hora do dia.

Nos sentamos à mesa e eu analisei a comida à

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

nossa frente, bem como a quantidade de flores decorando o ambiente. Que exagero.

— Ah, aí estão vocês! — a mesma mulher que havia nos importunado há alguns minutos reapareceu. — Que bom que chegaram a tempo, pois a próxima hora será intensa. Creio que ambos têm muitos sentimentos enterrados no fundo da alma e nós precisamos resgatá-los.

Que?

— Espera! — ergui a mão. — O que a senhora disse?

— O que você quer dizer com sentimentos enterrados no fundo da alma? — a Alana também questionou.

— Ah, vocês sabem do que eu estou falando! — ela nos deu uma piscadela e eu senti um arrepio de pânico.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Desculpe. *Quem é você?*

Só me faltava dizer que era um espírito de luz!

— Sou Goreth, proprietária da Pousada Estadia Feliz. E também mentora da Terapia de Casais Felizes.

Hein? Que inferno era isso?

— Terapia de Casais?

— Não foi por esse motivo que vocês escolheram se hospedar na Pousada Estadia Feliz? Somos referência em terapia para casais em crise conjugal.

— O que? Não! — Alana negou, com os olhos

esbugalhados. — Não mesmo! Eu e o Roberto...

Não! Eu tenho namorado!

— Nós somos divorciados. — eu expliquei para a Goreth e ela levou uma mão até a boca.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Oh, jura? Que horror! Quer dizer... Que triste!

Eu, pessoalmente, sou uma enorme defensora da instituição matrimonial. Vocês não querem

experimentar uma sessão mesmo assim? Eu vejo...

— ela cerrou os olhos e balançou uma mão no ar,

como se estivesse espantando uma nuvem de

fumaça. — ...Vejo muita mágoa entre vocês dois. E

uma comunicação falha.

Eu estava bebendo um pouco de café somente para

não precisar dizer nada, mas me engasguei.

— Não estamos interessados em nem um tipo de

sessão. — a Alana respondeu por nós, assustada. —

Mas obrigada, senhora Goreth.

— Ah... — a mulher à nossa frente murchou e

então puxou uma cadeira. Ela olhou de mim para a Alana e simplesmente... Começou a chorar!

Não um choro comum, sabe? Ela começou a chorar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

compulsivamente.

— Meu Jesus! Hã... — gaguejei, sem entender nada e sem saber o que fazer. Ela estava chorando por termos rejeitado o seu convite? Estava chorando por causa do nosso casamento que acabou?

— Goreth? Está tudo bem? — Alana tocou seus ombros, preocupada.

— Sim, sim. — ela balançou a cabeça. — É que... Em todos esses últimos anos, ninguém nunca recusou uma sessão minha. Eu me lembro de quando era mais nova e as pessoas zombavam do meu trabalho. Elas diziam que eu não iria dar em nada, sabe?

Franzi o cenho. Não sabia o que dizer e me senti mal pela falta de sensibilidade, mas a Alana estava

ali para compensar:

— Oh, não fique assim! Olha só onde você chegou:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

você agora tem uma pousada para casais felizes

em... Onde estamos mesmo?

— Mumbaba. — respondi.

— Isso.

Que empolgante.

— Sim, eu sei. — Goreth fungou. — Me desculpem. Isso dói tanto. Vocês sabem como é, ter de lidar com lembranças dolorosas do passado?

— Claro, com certeza. — falei sem pensar e me arrependi. Alana não respondeu nada.

— Será que vocês... Vocês não querem pelo menos ver como funciona o meu trabalho?

Confesso que eu estava um pouco curioso. Seria Goreth uma espécie de vidente?

— Acho que a gente pode... Checar. — dei de ombros e a Alana me olhou de um jeito esquisito.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ergui as duas mãos de forma inocente. Porra, a mulher estava chorando!

— Ai, que bom! — ela juntou as duas mãos na altura do peito e sorriu. — Então eu espero vocês em cinco minutos, na primeira sala à esquerda.

Goreth se foi e Alana me olhou.

— Perdão. Não gosto de ver mulheres chorando. — eu expliquei e ela riu.

— Entendi, Roberto. Exceto eu, né?

Suspirei.

— Por um acaso eu estou te fazendo chorar, Alana?

Olha... Tem umas coisas que eu pergunto, mas depois penso que deveria mesmo era ter ficado calado. Essa era uma dessas coisas.

— Não, mas já fez e muito. E pareceu não se importar nada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

[...]

— Uh, que bom que vocês chegaram! Entrem, fiquem à vontade! — Goreth sorriu para mim e para a Alana, com uma animação que não acompanhava nem eu e nem a minha ex esposa.

A sala toda estava tomada por luzes coloridas, tipo essas de boates, mas a luz principal mesmo estava apagada. Tocava a mesma música de mais cedo, a que nos fez despertar no quarto.

— Roberto e Alana... — Goreth sorriu. Ela tinha um sorriso estranho, tipo aquele gato da Alice. Mas era simpática. — Bem, a terapia de casais consiste em explorarmos os cinco sentidos. Em cada sessão nós trabalhamos um deles, mas como demonstração nós exploraremos hoje apenas o paladar e o tato.

Aconteça o que for, se joguem na experiência.

A Alana gemeu em protesto e eu assenti, afinal, eu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tinha nos enfiado no meio daquilo.

— Excelente! — Goreth disse e estalou os dedos.

Num instante, um homem entrou com um carrinho.

Não dava para ver o seu rosto, por causa da escuridão, mas quando a tigela foi destampada eu arregalei os olhos.

Aquilo era... Puta que pariu! Era o prato que eu e a Alana pedimos quando comemoramos um ano de namoro?

— Como é que... — tentei falar, mas Goreth me parou com um aceno.

— Os astros me disseram.

Os astros? *Ques* astros?

Eu não conseguia ver a Alana com nitidez, mas ela estava completamente muda.

— Goreth sabe de muitas coisas, meu querido. —

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

aquela mulher estranha me deu um tapinha nas costas. — Agora vocês vão degustar esse prato e me dizer, em voz alta, a primeira lembrança que

lhes vier à cabeça.

Fiquei parado por um segundo. No que eu havia me metido?

— Comam! — Goreth ordenou e eu a olhei com incômodo, muito mais acostumado a dar ordens do que a recebê-las, mas depois acabei cedendo. Fui o primeiro a comer, porque a Alana estava feito o Chaves quando tem um piripaque.

— Você também, minha querida. — Goreth lhe afagou a cabeça com carinho.

Senti o gosto da comida e fechei os olhos.

— Aconteça o que for, não se esqueçam: se joguem na experiência... — a senhora doida tornou a dizer e eu fui tomado pelo momento.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Voltávamos de uma tarde na praia, após sermos pegos de surpresa por uma dessas chuvas de verão.

Alana havia cansado de correr e eu a tinha em meus braços, enquanto abria, com os pés, a porta

da casa da minha mãe.

— Ai, Beto! — ela se queixou e nós dois gargalhamos, depois da Alana bater a cabeça no umbral da porta.

— Perdão. Desculpa, Laninha.

— Me põe no chão! — ela riu. — Nós estamos encharcados e a tia Nice vai nos matar!

— Não vai não, a mãe ama você.

— Beto!

— Alana! — eu não estava nem aí, e fui nos conduzindo em direção ao sofá.

— Você tá maluco, né? Vamos ter que enxugar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

todo esse chão depois!

— A gente faz isso, oras! Qual é o problema?

— O problema é que eu vou ter que pagar por algo que eu não tive culpa, e isso é injusto! Você vai secar tudo sozinho, tá? Anda, vai lá buscar uma toalha! — ela tentou parecer brava, mas eu a

conhecia bem demais.

Quando a boca fala uma coisa e o coração fala outra, os olhos entregam.

A Alana não estava nervosa de verdade.

— Tá bom, tá bom! Eu até vou, mas primeiro... —

ergui o indicador. — Tem a taxa de locomoção.

Eu a deitei no sofá e ela não se conteve e sorriu, perdendo toda a pose que vinha sustentando.

— Hum. — a Alana revirou os olhos. — E que taxa é essa, hã?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Não respondi, só juntei nossas bocas.

Me lembro de que infelizmente o beijo não durou nem vinte segundos, porque naquele dia nós tomamos a maior bronca da minha mãe.

Abri os olhos e quase caí para trás, ao notar a Goreth me encarando.

— Hum... Interessante. E então?

— E então o que?

— Diga em voz alta a primeira lembrança que veio à sua cabeça, Roberto.

Ha. Hahahahaha.

Mas nem fodendo!

— Eu... — gaguejei e a Alana finalmente abriu a boca:

— Promessas. — ela falou de repente e eu franzi o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cenho. — Promessas quebradas, muitas. É a primeira lembrança que tenho em mente.

— Hum... — Goreth murmurou. — Muuuuito bom.

Muito bom? Como assim *muito bom*? O que tinha de bom naquilo?

Minha ex mulher me odiava, nossa, uau! MUITO

BOM!

— Sinto muito ressentimento no ar. — Goreth

falou. — Ressentimento é o antônimo de contentamento.

Torci a boca numa careta, sem entender nada do

que aquela mulher dizia. A música ambiente terminou e recomeçou.

— O que será que podemos fazer para inverter os polos? — a maluca questionou, mas não esperou por uma resposta. — E você, Roberto? Qual é a sua primeira lembrança?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Hã... — clareei a garganta. — Eu... Um dia de chuva. — foi tudo o que eu disse.

— Ótimo! — ela assentiu. — Afinal, nada como o perdão...

— Que? — franzi a testa.

Eu estava começando a pensar que Goreth era apenas doida mesmo. E de doidos já bastavam os meus familiares.

— O perdão é como um dia de chuva, meus queridos: lava a alma!

Me ajeitei na cadeira, incomodado. Quando achei que as coisas não poderiam ficar mais estranhas,

Goreth foi e falou:

— Fiquem de frente um para o outro.

— Como? — perguntamos juntos.

— De frente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Confesso que hesitei em arrastar a cadeira.

— Quer saber? Vamos acabar com isso logo! — a

Alana disse e ela mesma se sentou de frente para

mim. — Precisamos ir embora, porque o Arthur

deve estar sentindo a minha falta.

Confesso que a menção ao nome dele me fez ficar

muito menos... *Imerso* na experiência, como a

Goreth havia pedido.

— Alana, somente você vai fazer a tarefa de hoje.

— ela falou. — Portanto, coloque a sua mão sobre

o peito do Roberto e feche os seus olhos.

Que?

Espera! *O que?*

Não!

Não, não, não!

Eu arregalei os meus olhos em pânico e vi um

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

vislumbre de sorriso surgir no rosto da Alana. Quer dizer que ela achava engraçado? Talvez porque não era ela quem estava vulnerável, e sim eu!

Engoli seco e senti o calor de sua mão, então seus dedos roçaram meu peito, por cima do tecido do roupão e... E era um toque tão... Era gentil, mas também era doloroso. Senti o coração disparar e ofeguei.

Já chega!

Alguém tire essa música estranha (e ruim) e acenda a porra da luz!

— Hum, isso mesmo. Agora, sinta como o corpo dele reage ao seu toque. O coração disparado, a forma como ele não sabe ao certo como agir... —

Goreth disse e eu vi quando a Alana ficou rígida de repente.

Encarei seus olhos abertos e me arrependi por ter

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

concordado com aquela sessão do inferno. Além de sentir meu coração, será que ela podia ver o que estava estampado na minha cara?

Eu esperava que não.

— Bravo! — Goreth falou alto e a Alana se pôs de pé muito rápido, como se tivesse tomado um susto.

— Muito, muito bom! Vocês foram ótimos!

Fomos?

Fomos coisa nenhuma!

Balancei a cabeça e me senti um pouco zozzo.

— Para uma primeira sessão, eu acho que já é mais do que o suficiente! — Goreth disse.

Hahaha.

Claro, claro.

Para mim também: mais do que o suficiente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Para a primeira e ÚLTIMA sessão.

[...]

Depois de sairmos de nossa... *Sessão*, eu deixei a Alana no quarto e fui atrás do estepe, tendo ficado quase quatro horas fora até solucionar todo o problema.

Quando finalmente parei o meu carro de frente para a pousada, eu só pude pensar que aquele lugar deveria mudar o nome para Estadia *Infeliz*.

— Vamos? — chamei assim que abri a porta do quarto, encontrando a Alana já vestida com a sua roupa do dia anterior.

— Ah, oi. Conseguiu consertar o carro? — ela me encarou e eu assenti. — Ok, vamos então.

E lá estávamos nós, de volta à estaca zero como sempre.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Pegar três horas e meia de estrada foi complicado, primeiro porque o clima entre a gente estava

pesado e segundo porque eu estava esgotado em todos os sentidos, tanto físico quanto mental.

Portanto, quando finalmente chegamos na casa dos nossos avós e todos vieram nos recepcionar (inclusive o Arthur, dando um abraço demorado na Alana), eu decidi que estava sem saco para aquilo e fui embora.

O plano era tomar um banho e tentar apagar, porém eu dei de cara com o Joaquim sentado na minha calçada. Abri os vidros do carro e o chamei, ficando preocupado ao notar seus olhos vermelhos.

— Ei, o que houve?

Ele estava com o uniforme da escola e a mochila nas costas, mas pelo visto estava matando aula.

— Ô Betô... — o Joca fungou e limpou o rosto. —

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu não vou mais estudar não!

— O que? Por quê? Que história é essa? Lógico que vai, Joaquim! O que aconteceu?

— Eu tenho cara de ladrão, Betô? Por que é que todo mundo me confunde com um? Sumiu um celular de uma *mina* ontem, e hoje na entrada eles disseram que fui eu e que vão chamar a minha mãe! Mas não foi, eu juro! Eu não roubei! Ouvi suas palavras e nem acreditei num negócio desses.

— Entra no carro. — pedi e ele negou. — Anda, Joaquim!

— Você vai ir falar com a minha mãe?

— Entra no carro. — tornei a repetir e ele veio, todo com o rabo entre as pernas. Quando ocupou o banco do passageiro, eu lhe dei mais uma ordem:

— Coloca o cinto e olha para mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O Joaquim fez o que eu pedi e, assim que me encarou, seus olhos se encheram de lágrimas.

— Você roubou esse celular?

— Não, Betô! Eu juro!

— Tá. E você sabe quem roubou?

— Eu não sei, mas não fui eu! Não sou ladrão!

Botei a mão no seu ombro e apertei.

— Tudo bem, Joaquim. Eu acredito em você.

Ele me olhou com dúvida.

— A gente vai ir falar com a minha mãe?

— Não. — balancei a cabeça. — Vamos até a sua escola, e eu vou resolver isso com o diretor. Você não vai parar de estudar, porque quem precisa ter vergonha são as pessoas que te acusam, e não você.

— É... — ele assentiu, embora não estivesse cem

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

por cento convencido. — Minha mãe diz que as pessoas têm preconceito porque a gente é negro e pobre.

— Ruim para elas, né? Porque preconceito é crime, e por sorte você tem um amigo policial.

O Joaquim estava triste, mas pelo menos isso o fez sorrir.

Acho que deve ter sido o meu mau humor,
misturado à minha dor de cabeça que ainda se fazia
presente, mas eu pisei naquela escola bem puto da
vida, mostrando porra de distintivo e tudo. O
diretor veio com papo de que não estava ciente do
ocorrido, mas eu mandei logo na lata:

— Se a mãe do Joaquim quiser depor e prestar
queixa, esteja ciente de que eu mesmo faço questão
de dar toda a assistência necessária.

— Claro, claro. Eu entendo. E eu sinto muito,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

senhor. Em nome da escola e dos alunos, eu lhe
peço desculpas pelo ocorrido.

— Não é para mim que você tem que fazer esse
pedido, diretor. — falei o óbvio. — Não fui vítima
de absolutamente nada.

Ele assentiu e então encarou o Joca, que quase
chorava outra vez.

— Joaquim? Em nome de todo o corpo docente e

também de seus colegas, eu peço desculpas por
você ter sido acusado injustamente.

— . — o Joca apenas concordou com a cabeça,
esfregando os olhos para impedir que as lágrimas
caíssem.

Ele foi embora comigo porque já havia perdido
quase todas as aulas do dia, mas dessa vez eu nem
lhe passei sermão. Pelo contrário, eu o levei para a
minha casa ao invés de ir direto para a sua.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pode nadar na piscina hoje. — autorizei e ele
deu o primeiro sorriso sincero do dia. Isso
compensava tudo. — Mas eu tô morto de cansaço,
então se você quiser ir embora, tem uma chave
reserva bem ali. — aponte para o porta-chaves. —
Pode usar, só não perde. E cuidado para não deixar
o cachorro sair.

— Nossa! Você vai me dar a chave reserva da sua
casa, Beto? — Joaquim perguntou com surpresa e

eu neguei.

— Te dar não, estou te emprestando! Também não empolga! — falei, esperando que a mensagem por trás da minha atitude estivesse clara: eu confio em você.

— Caraca, que maneiro! — ele comemorou. —

Pode pular de mortal na piscina?

— Não.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ah, Betô!

— No máximo pular normal. Mortal não, porque é perigoso!

— E pular de botijão?

— Joca, faz o seguinte? — eu o olhei, doido para ir para o banho. — Só não faz nada que me obrigue e te levar daqui para um hospital, porque eu tô esgotado. Pode ser?

— Tá bom! — ele riu, jogando a mochila no chão.

— *Jaé!*

— Ah, e outra: faça o favor de avisar para a sua mãe que você está aqui! Pode até usar o telefone fixo para ligar, só não esquece.

— Mas aí não dá, Beto! Se eu ligar agora, ela vai saber o que rolou na escola e eu não quero isso.

A mainha fica triste.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ponderei por um segundo e concordei.

— Tudo bem. Mas liga mais tarde então.

— Fechado. — o Joaquim assentiu e eu o deixei lá fora, indo direto para o banheiro. Estava evitando pensar sobre qualquer coisa a respeito das últimas vinte e quatro horas, então fechei os olhos e tentei esvaziar a cabeça enquanto a água caía.

O problema era que as palavras da Alana ficavam lá, martelando: *eu odeio você*, ou *isso não tem perdão*. E ainda tinha aquela frase, que vinha feito uma cereja no bolo: *o ponto final você colocou sozinho*. Fora isso, eu não conseguia me esquecer

daqueles minutos estranhos na companhia da
Goreth.

Me enrolei numa toalha, respirei fundo e evitei me
olhar no espelho ao sair do banho, sem coragem
nenhuma de encarar o meu próprio reflexo.

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

O lado menos ruim era que ao menos faltavam
apenas cinco dias para que a Alana fosse embora e
essa tortura terminasse. Afinal, ter de vê-la e ainda
precisar lidar com o tanto de sentimento que eu
ainda carregava vinha sendo prova de fogo.

E ainda tinha o seu namorado e as cenas românticas
que os dois protagonizavam na minha frente,
embora, sendo sincero, eu desconfiasse de que
algumas delas eram apenas para me foder mesmo.

O mais difícil não era nem assistir a tudo, mas
precisar fingir que eu não me importava.

E, sinceramente, eu tinha certeza de que eu fingia

bem mal.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

CAPÍTULO DOZE

"Eu não te amo, mas eu sempre amarei

Eu não te amo, mas eu sempre amarei

Eu não te amo, mas eu sempre amarei

Eu sempre amarei"

- Poison & Wine, The Civil Wars.

ALANA

Fazia um sol de rachar mamona do lado de fora, mas mesmo assim eu estava enfiada debaixo dos lençóis da cama do Arthur, devorando um pote de sorvete e assistindo a *Uma Linda Mulher*. Funguei na cena em que os personagens de Julia Roberts e Richard Gere se veem pela primeira vez, apesar dela estar vestida de prostituta e de apenas perguntar a ele "oi gato, quer se divertir?", e o Arthur bufou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— E então? Você vai me contar o que aconteceu ou vai passar o resto do dia se entupindo de porcaria e vendo romances superestimados? — ele perguntou com impaciência e pausou o filme.

Enfiei mais uma colherada de sorvete na boca.

Como ele ousava chamar *Uma Linda Mulher* de romance superestimado?

— Não quero entrar em detalhes. — eu falei depois de engolir. — Mas em resumo: foi horrível, Arthur! Tudo estava indo mais ou menos bem, até aparecer uma tal de Goreth e nos enfiar numa terapia de casais felizes.

— Espera! O que? Vocês fizeram terapia de casal?

— ele perguntou com espanto e riu sem acreditar.

— E onde ficou o seu namorado nessa história toda? Esquecido no churrasco?

— Não, calma! Eu expliquei para a Goreth que eu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

era comprometida e o Roberto também disse que éramos divorciados, mas ela começou a chorar bastante e... Enfim, foi só um experimento. Ela queria nos mostrar como funcionava o seu trabalho. Tomei mais um pouco do sorvete. Eu poderia me entupir daquilo o dia inteiro e não acharia nem um tiquinho ruim.

— E não deu certo? — Arthur questionou. — A

terapia? Porque você está com uma cara de enterro horrível.

— É claro que não deu certo, Arthur! O que daria certo entre eu e o Roberto? Ontem a noite, a propósito, eu disse que o odeio!

Fechei os olhos e choraminguei.

Cada vez que eu me lembrava disso, ou de nós dois naquela sala escura e do seu coração disparado, um unicórnio morria em algum reino encantado. Por

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que eu estava pensando no tihoso? Eu sentia as chamas quentes do inferno chamuscando minha pele.

— Por que você disse que odeia o Roberto? —

Arthur questionou com dúvida e eu quase joguei uma colherada de sorvete na sua cara, mas me contive.

— Porque é a mais pura verdade! — menti um pouquinho.

— Aham. Você o odeia, mas está me torrando a paciência às quatro e meia da tarde por causa dele.

— O que você quer dizer com isso? — estreitei os olhos.

— Convenhamos, Alana: você não se envolveu com ninguém depois do seu divórcio. Pelo menos não de verdade, porque esse nosso namoro de mentira não conta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Oras! — me ofendi. — Isso não é verídico!

Teve o Paulo, da tesouraria!

— Quem?

— O Paulo, lá da empresa! Nós saímos uma vez.

E foi horrível.

Era o meu quinto mês em São Paulo e eu já estava cansada daquela vida de fossa. Paulo, o rapaz da tesouraria, sempre me lançava uns olhares significativos quando passava pela minha mesa.

No começo eu achei bem estranho, afinal de contas,

era o Paulo! E ele se vestia de uma forma levemente esquisita, isso sem falar no corte de cabelo que era horrível, mas... Bom, àquela altura do campeonato ele não me parecia tão ruim. Talvez, se eu o olhasse com atenção, ele até que era bem... Simpático.

Então, num ato de puro desespero, eu aceitei o seu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pedido para sair. Quer dizer, ele me enviou uma mensagem que dizia "e aí? O que vai fazer no sábado a noite?", e a minha programação para o sábado era me entupir de sorvete e assistir ao máximo de comédias românticas que conseguisse (nada mudou).

Isso foi o suficiente para que eu aceitasse o seu convite para ir ao show do... Molejo.

Bom, eu não preciso nem mais dizer como foi o nosso primeiro e último encontro. Já deu para perceber.

— Você saiu com o Paulo da tesouraria? — Arthur insistiu, incrédulo.

— Qual é o problema?

— O Paulo, *jura*?

Pensando bem ele não era de todo ruim, e o Arthur estava começando a despertar em mim um

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sentimento protetor em relação ao pobre coitado do Paulo.

— Eu estava carente, e daí? — dei de ombros. —

Ele é bem... Legal.

— Tudo bem! — ele riu. — É você quem está dizendo!

— Enfim... — suspirei. — Não fale asneiras, ok?

Nós precisamos reforçar as coisas entre a gente.

Talvez, não sei, você possa me pedir em noivado depois de amanhã.

— Pedir você em noivado? Ficou doida?

— Quase, Arthur!

— Seu pai vai me matar, Alana! Não piora as coisas para o meu lado!

— Que nada, o pai vai adorar! Ele vai sentir, bem lá no fundo, que você não está comigo só para

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

passar o tempo.

— Nem você acredita nisso, Alana. Estamos juntos faz o que? Cinco meses! Que espécie de relacionamento rápido é esse?

— Não há tempo certo para o amor! — me defendi e ele bufou. — A propósito, escuta aqui... Soube pela Tatiana que vocês saíram ontem.

— E daí? Ela disse que me aprova como o seu namorado. De nada.

— HUUUUUM. E o que vocês fizeram juntos, hein? — cutuquei sua cintura com o cabo da colher e o Arthur se afastou.

— Fomos a uma casa noturna provar drinques exóticos. Tinha um homem com um girassol

mexicano tatuado no braço e dançarinos rebolando
ao som de Britney.

— Spears?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não, Britney a minha avó! Obviamente a
Spears!

— Nossa... — me afundei mais no meio dos
travesseiros. Que estresse. — Foi legal, pelo
menos?

— É, foi.

Não me aguentei e soltei uma risadinha, o que fez o
Arthur me olhar feio.

— O que é?

— O que é o que?

— Que você está rindo feito uma hiena.

— Nada, só pensando aqui... Imagina que loucura,
se você veio nessa viagem só para conhecer a
Tatiana?

— Como? — Arthur fez uma careta e negou. — Tá

doida? NÃO!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ué, mas por que não?

— Porque não! Sou o seu namorado de mentira, se esqueceu? Também não estou interessado num relacionamento amoroso, além do mais, sua prima está de mudança para outro país. E, mesmo se não fosse por isso, eu só estou por aqui de passagem!

— Bom... — suspirei. — ...O que eu posso dizer?

O amor não é amor se não tiver obstáculos.

— O nome disso é hipismo, Alana! — Arthur disse e eu me sentei na cama, rindo de seu coraçãozinho amargo.

— Tudo bem. — assenti. — Vamos mudar de assunto. Eu acabei de me lembrar de algo muito, mas muito sério.

E então eu contei ao meu amigo sobre a conversa suspeita da Carina e do Roberto e sobre o envelope que ele havia tomado das minhas mãos. Arthur

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ouviu a tudo atentamente e esperou que eu terminasse para finalmente poder opinar:

— Escuta, isso é muito sério. — ele disse. —

Primeiramente você precisa de provas, antes de sair acusando os dois só porque estava enfiando o nariz onde não foi chamada e ouviu mais do que devia.

— Olha aqui, Arthur... Enfiar o nariz onde não foi chamada é uma expressão muito pesada! — ergui

um

dedo.

—

Eu

prefiro

dizer

que

estava *investigando*.

— Investigando, tá! Que seja! O que você pretende fazer? Colocar a sua irmã e seu ex marido contra a

parede?

— Que? Não, não, claro que não! Ai Arthur, não subestime a minha inteligência! — eu o olhei fazendo a linha ofendida. — Eles jamais diriam a verdade, mas a boa notícia é que eu tenho um

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

plano.

Vi quando ele hesitou, já temendo pelo pior.

— Santo Deus... Que plano, Alana?

— Na hora certa você saberá. Apenas... Fique atento ao celular, ok? — eu pedi e me levantei, deixando *Uma Linda Mulher* para mais tarde.

— Espera aí, aonde é que você vai?

— Dar um pulinho na Tatiana, mas eu já volto. Não saia daqui!

— É claro que não! Para onde mais eu iria? — ele revirou os olhos e eu parei.

— Não sei. Da última vez que te deixei sozinho, você foi parar numa casa noturna.

— É. E você, numa terapia de casais.

Nossa, que ofensivo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Uau! Como você joga baixo, Arthur! —

balancei a cabeça de um lado para o outro e deixei

o seu quarto, pronta para coletar informações

valiosas para a missão Pavão Misterioso.

[...]

Chamei a Tatiana para uma conversinha saudável

entre primas e nós fomos caminhar pela orla da

praia, que àquela hora da tarde estava muito bonita.

Depois, compramos duas casquinhas de sorvete

com um ambulante, porque sorvete nunca é demais,

e nos sentamos num banquinho de cimento.

— Escuta, Laninha... Eu espero que você não tenha

ficado chateada por eu ter levado o Arthur ontem,

mas é que eu precisava de uma companhia. — a

Tati explicou, já que falávamos da degustação de

drinques exóticos com o Piolho.

— Não, não! Imagina! — balancei a mão. — Você

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sabe que eu confio em você, Tati. Além do mais, o que você achou dele?

— Do Piolho? Eu acho que ele é gay.

— Não, do Arthur.

— Ah! O que eu achei? — ela me olhou e depois lambeu um pouquinho do seu sorvete. — Ele é legal. Um pouco... Bom, como eu posso dizer isso? É que pelo pouco que nós pudemos conversar eu percebi que ele não faz muito a linha romântico, então eu pensei "uau, esse negócio de que os opostos se atraem deve ser verdade mesmo", porque você é tão... Doce e tudo o mais.

— Ah sim, lógico. — eu sorri. — O que eu posso falar? O Arthur é... — olhei para os lados, buscando alguma inspiração e vi um vendedor de ostras caminhando pela areia. — ...Ele é o limão da minha ostra.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Que bonito! — a Tati riu.

— É, mas o que mais? Você o achou... Bonito?

Atraente, talvez? Ele faz o seu tipo?

— *Ques* espécies de perguntas são essas, Alana? —
minha prima franziu o cenho e eu dei de ombros,
fazendo a desentendida.

— Não, nada. Só... Curiosidade. Que nem quando a
gente ficava trocando impressões sobre os rapazes
bonitinhos da escola, lembra?

— Ô, se lembro! — ela sorriu. — Bom... Ele é
bonito sim. Atraente eu... Ai, eu não sei. Desculpa,
estou sendo honesta, mas é que aquelas roupas são
tão... Caretas.

Resisti à vontade de rir.

— É que o Arthur tem um estilo...

— Diferenciado. — Tatiana completou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É isso. Essa é a palavra correta. — concordei, mal vendo a hora de apresentar a ele esse novo adjetivo.

— Mas mudando de assunto, me conta uma coisa... Como foi... Ai, você vai me xingar, mas como foi a noite com o Beto?

Engoli seco ao me lembrar das últimas vinte e quatro horas mais sofridas dos últimos três anos, mas depois abri um amplo sorriso e menti:

— Tranquila. Na verdade... A gente se deu muito bem. Agimos como duas pessoas maduras, afinal de contas. Eu até combinei de ir... Levar uns biscoitos para ele, qualquer dia dessa semana...

— Uns biscoitos? Que legal! — Tatiana disse, parecendo verdadeiramente feliz. — Ai Laninha, que bom saber que vocês se deram bem, porque o Beto estava todo esquisito. Eu até o aconselhei,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sabe? Eu disse a ele: olha primo, não se preocupe,

Hakuna Matata! Mas você sabe como ele é, sempre teimoso!

— Ah sim, claro! — eu assenti, lambendo o meu sorvete que já estava derretendo. — Mas como eu ia dizendo, nós combinamos, mas eu me esqueci de pegar o seu endereço. O que é uma pena, porque eu estava tão animada...

— Ôxe, mas não seja por isso! — a Tati falou. — O Beto mora bem pertinho, a algumas quadras daqui. Posso te passar o endereço, e se você quiser eu até vou junto.

— UAU! Claro! — sorri largo. — Nossa, isso seria... Muito bom! Você tem o endereço tipo...

Agora?

—

Agora?

—

Tatiana

se

espantou.

—

Agora *agora*? Você quer ir lá agora?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— NÃO! — me exaltei e em seguida ri

discretamente. — HAHHAHAHAH Não, não!

Pufff... — soltei o ar pela boca e abanei uma mão.

— AGORA???! — arregalei os olhos. — De onde

já se viu? De forma alguma, nós acabamos de

chegar de viagem. Eu só... É para eu não me

esquecer, sabe?

A Tati riu e cruzou os braços, me olhando com

desconfiança.

— Laninha, o que você está aprontando?

Aiiii... Droga!

— Por favor... Confia em mim, Tati! — tentei

juntar as duas mãos em súplica, mas o sorvete ficou

acolhido no meio.

— Eu tenho é medo de fazer isso, ainda mais com

essa sua reação maluca. De verdade, Laninha... Por

que você precisa do endereço do Beto?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Oras, para o meu plano investigativo!

— Eu juro que não é nada de mais. — falei. — Eu só quero... Ver.

— Ver?

— Sim, ver onde ele mora. Se a casa é bonita ou não. Essas coisas, você sabe... — tentei e a Tati riu outra vez.

— Tá bom, viu? Vou fingir que você me convenceu. Só promete que não vai fazer nenhuma loucura, tipo mandar um homem-bomba na porta dele?

— Céus, eu jamais faria isso!

— Uhum... — ela me olhou com dúvida. — Ó, pelo que eu sei, o Beto sai todos os dias pela manhã para correr, sempre por volta das sete horas. Se você vai lá apenas para bisbilhotar, eu te sugiro ir nesse horário.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sete da manhã. Entendi. Anotado. — eu assenti e comecei a bolar, mentalmente, a segunda etapa do plano.

Afinal, eu precisava de um disfarce.

[...]

Eu acordei bem cedo no dia seguinte, quando o sol mal havia dado as caras. Coloquei dez alarmes para despertar e acordei no oitavo, mas tudo bem. As coisas estavam sob controle.

Encontrar um disfarce não tinha sido fácil, afinal de contas, quando eu saí em busca de uma fantasia no dia anterior, todas as lojas de festas já estavam fechando. Por fim, precisei pagar cinquenta reais para o rapaz que ficava fantasiado de frango na porta do Frango No Balde, a fim de que ele dissesse ao seu chefe que tinha sido roubado.

— Prometo te devolver amanhã. — lhe assegurei e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ele me olhou com súplica:

— Não, obrigado! Você está me fazendo um favor!

Odeio essa coisa!

Pobrezinho. Talvez eu pudesse me livrar daquilo

numa lixeira, depois de finalizar o meu plano.

De todo o modo, quando contei ao Arthur o que eu

faria, na noite anterior, ele disse que eu estava

louca e me fez prometer que eu desistiria da ideia.

Eu disse que sim, que tudo bem.

Mas menti.

No momento certo, Arthur seria acionado.

Estava saindo de casa na pontinha dos pés, quando,

de repente:

— Alana? Aonde é que você vai, vestida assim? —

eu ouvi a voz da Carina e parei, prestes a pisar no

lado de fora da casa do meu pai.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Droga.

Que enxerida!

Eu já devia ter saído vestida com a cabeça do frango, mas eu estava segurando-a com a minha mão direita.

— Eu? — me virei, jogando o cabelo para os lados bem plena e natural. — Oras, como assim aonde eu vou? Eu estou indo... Numa festa a fantasia.

— Festa a fantasia, uma hora dessas? — ela arqueou as sobrancelhas e se aproximou, toda trabalhada naquela sua cara de deboche. Eu havia me esquecido de que a cobra acordava cedo para ir trabalhar. — De quem? Seu namorado não vai?

— O Arthur está... — estalei os dedos, pensando.

— Terminando de se aprontar. E eu estava indo comprar um lanche. Mais alguma coisa?

A Carina riu e correu os seus olhos por mim, da

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cabeça aos pés.

— Ai Alana... Pensa que eu não sei que você está

mentindo?

— Mentindo? Pffff! Pois saiba que eu tenho zero motivos para mentir! — menti.

— Tudo bem. Se você está dizendo... — ela deu de ombros, pouco convencida. — De todo o modo, boa festa a fantasia. Se a recomendação era um traje ridículo, você está de parabéns!

Torci a boca para o seu comentário e nem revidei, só lhe dei as costas.

Quem ri por último, ri melhor.

E a Carina não iria me tirar o foco, de jeito nenhum.

Portanto, segui as coordenadas que a Tatiana me deu e parei na rua do Roberto, atrás de uma árvore.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu precisava ter certeza de que ele de fato não estaria em casa, então esperei por uns quinze minutos até que o tihoso finalmente saiu.

Era a hora de agir.

Peguei o meu celular — demorou um pouco,
porque os meus braços eram, na verdade, duas asas
— e disquei o número do meu amigo, já esperando
pela sua reação:

"Alô?"

"Arthur?"

"Alana?" — ele chamou enquanto eu andava pela
rua com o meu disfarce. — "Que barulho é esse?
Pensei que você estivesse dormindo"

"Deveria, mas não. Arthur, preciso ser rápida.

Escuta o que eu vou te dizer e não surta: eu estou a
aproximadamente sete passos e um muro para
entrar no mundo do crime"

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

"Espera aí... VOCÊ O QUE?"

Bom, aquilo era completamente o oposto de não
surtar.

"Em nome do nosso Senhor Jesus Cristo, Alana, eu
te imploro: me diga que você não está onde eu

penso que você está!"

"Hã..."

"Me diz!" — ele insistiu e eu bufei.

"Não posso mentir para você, ainda mais agora que você enfiou Jesus Cristo no meio. É pecado"

"Claro! E invadir a casa dos outros não deve ser, né?"

"Fala baixo!" — pedi. — "Imagina se meu pai ouve uma coisa dessas? Esse homem escuta pelas portas, eu lhe garanto!"

"Droga" — o Arthur murmurou. — "Droga. Merda.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Que infortúnio!"

"Preciso da sua ajuda, senhor Boquinha Suja"

"Claro que precisa!" — ele disse, exasperado. —

"E então, quando você for presa, eles me levarão como o seu cúmplice! Eles vão grampear seu telefone, ouvir essa conversa e acabar com a minha vida!"

"Arthur, você está surtando!" — chamei sua atenção, séria, enquanto encarava o muro à minha frente.

Não parecia tãaaao alto. Talvez uns dois metros.

Com sorte, se eu caísse, eu fraturaria apenas uns dez ossos.

"Alana, dê o fora daí! Agora!" — Arthur continuou. — "Você está sendo maluca e inconsequente! Seu ex marido é policial federal!

Certamente, há câmeras em sua casa! Ou, pelo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

menos, um bom sistema de segurança!"

Parei por um instante e hesitei.

"Será?"

E se eu realmente fosse presa? Aposto como o assistente do satã se encarregaria de me deixar mofando atrás das grades pelo resto da minha vida.

"Com certeza!" — Arthur me respondeu. — "Ou você pensou que seria simples assim? Ah, minha

nossa, vou ali pular o muro de alguém, invadir sua casa, xeretar suas coisas e sair normalmente! Isso é uma residência, Alana, não um shopping center, ou um hortifrúti!"

"Já disse que xeretar é uma palavra muito forte, eu estou investigando. É por um bem maior. Pelo bem da minha família e pelo futuro dos negócios da pousada"

"Meu Deus..." — ele morrinhou. — "Ao menos me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

diga que você não está usando aquela fantasia imunda e... Nossa! Só me diga que não está vestida de frango"

"Estou"

"MALDIÇÃAAAAO!"

Tirei o telefone da orelha por um segundo.

"Minha nossa, Arthur! Se acalma!"

Contornei a casa do Beto, que ficava na esquina, e percebi que talvez fosse mais fácil me apoiar na

lixeira, pois isso me daria pé para poder alcançar o topo do muro.

"Por qual motivo você pensou que sair por aí com uma fantasia de frango seria discreto? Isso é o oposto de discrição, Alana!"

Tá, tá.

Revirei os olhos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

"Era o que tinha, agora preste atenção... Sua participação no plano é muito simples: bota uma roupinha leve e vá para a praia dar uma caminhadinha. Preciso que você vá para o Posto 12, ok? Quando vir o Roberto se aproximar, você vai me enviar uma mensagem com o seguinte texto:

Pavão Misterioso"

"É o que?"

"É um código, Arthur. Quer dizer que o Roberto está voltando para a casa"

"Não vou fazer isso!"

"Vai sim, e eu conto com você. Não me deixe ser presa, amigo. Tenho todo um futuro pela frente. Até mais!" — falei e encerrei aquela ligação, imaginando o Arthur ao ponto de arrancar os cabelos.

Infelizmente eu não podia recuar. Era tudo por um

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

bem maior.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

CAPÍTULO TREZE

"Ele quis lhe pedir pra ficar

De nada ia adiantar

Quis lhe prometer melhorar, e quem iria acreditar?

Ela não precisa mais de você...

Sempre o último a saber"

- Ela Disse Adeus, Os Paralamas do Sucesso.

BETO

Como quase todos os dias, eu saí para correr às sete da manhã.

Ainda era cedo, mas o sol já estava queimando sem dó, então na volta eu parei para comprar uma água de coco na saída do posto 12.

Foi aí que algo curioso aconteceu.

— Roberto? — alguém me chamou e eu tirei os

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

olhos do rapaz que furava o coco, dando de cara com o Arthur.

— Ah, oi! — cumprimentei com surpresa. — E aí?

— E aí, cara... — ele se aproximou, dando duas batidinhas nas minhas costas. Seu rosto estava bem vermelho, acho que pelo sol quente e por ele ser muito branco, e o *namorado da minha ex mulher* (!) respirava ofegante.

Achei estranho, tanto a sua atitude quanto a sua

aparência, mas era melhor não comentar.

— Correndo muito? — ele quis saber e eu peguei o coco com o rapaz da barraca, agradecendo-o e voltando toda a minha atenção para o Arthur.

— Sim, pois é. Você também?

— ÚH! — ele riu e esticou os braços, como se estivesse se alongando. — Claro, eu adoro me exercitar! Ainda mais... Ainda mais nessa praia

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tão... Tão quente e com muitas pessoas.

— Ah! — eu sorri. — Não costuma ficar cheia tão cedo, é por causa da temporada. Sabe como é, as pessoas querem aproveitar ao máximo, né?

— Lógico, com certeza! Estão certas, eu absolutamente faria o mesmo. — ele assentiu e eu não soube mais o que falar, então um silêncio esquisito perdurou por uns três segundos até eu abrir a boca novamente:

— E então, está gostando da viagem?

— Nossa! — ele exclamou e balançou a cabeça. —

Sem sombra de dúvidas! Essa é... Como eu posso dizer? Uma viagem para não sair da lembrança!

Inesquecível!

— É? Que bom então, espero que você aproveite ainda mais os próximos dias. Tem muita coisa boa para se fazer aqui. — falei e o Arthur concordou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, sim! Eu sou um amante da natureza, até estive pensando em... Não sei, de repente fazer um passeio de buggy, eu e a Alana. Estou procurando um que seja em conta.

Mexi o canudinho dentro do coco e assenti.

— Claro, é um programa que vale a pena. — eu disse, fechando a cara sem perceber. Dentro de mim, eu estava mesmo era pensando "e o que eu tenho a ver com isso?". Era só o que faltava, eu agora virar guia turístico do casal! — Enfim... Bom te ver, Arthur. — emendei. — Mas tenho que ir.

Boa caminhada pela praia.

— Na verdade... — ele encarou o próprio celular, arregalou os olhos e depois balançou a cabeça. —

Nossa! Na verdade eu acho que a minha pressão caiu um pouco, deve ser o sol!

A julgar pela sua aparência, ele realmente não

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

parecia bem. Notei o homem cambalear para o lado e larguei o coco na mesa da barraca, puxando uma cadeira de plástico e ajudando-o a sentar.

— Ô Elias, vê uma água para o rapaz aqui! — pedi e meu celular vibrou no bolso da minha bermuda, mas eu não o peguei de imediato. — Arthur, coloca a cabeça entre as pernas, ajuda na circulação. — sugeri e, quando ele o fez, eu a pressionei por algum tempo.

— Minha nossa... — ele resmungou, meio morto.

— Tá melhor?

Meu celular vibrou novamente e dessa vez eu o

peguei, vendo... Espera! Era o número da minha casa?

"Ei, Joca? Aconteceu alguma coisa?" — atendi e fui logo perguntando, já que, com a permissão da sua mãe, o Joaquim havia dormido na minha casa

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

na noite anterior.

"Betôoo? Tentei falar com você, mas você não atendia, então eu liguei para a polícia!"

Santo Deus.

"Polícia?" — questionei assustado, já pensando no pior. Há uns dois meses, mais ou menos, tinham tentado entrar na casa de um colega do trabalho, como represália pela prisão de um bandido.

Ouvi o Arthur morrinhar umas coisas, mas eu não estava apto para lhe prestar socorro naquele momento.

"Joaquim?" — chamei. — "O que aconteceu? Onde você está? Não sai de dentro da casa, tenta... Tenta

se esconder na..." — parei, tentando pensar em alguma coisa.

Putá merda, hein?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Olhei para o Arthur e ele estava mais branco do que papel.

— Ei, preciso ir, é um pouco urgente. — eu avisei e dei um passo hesitante, mas me virei para ele e disse: — Come alguma coisa, vai ajudar.

Quando coloquei o telefone no ouvido outra vez, o Joaquim estava falando uma porção de coisas desconexas.

"Espera, não estou entendendo! O que é, Joca?

Estou a caminho!"

"É um frango!"

"Um frango?"

"Tem um frango no seu quintal, ele tá... Acho que tá tentando roubar o seu carro e... Ele fez carinho no cachorro"

Que?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

"Joaquim, como assim tem um frango no meu quintal?" — atravessei a rua sem pensar direito e precisei me desculpar, depois de um motorista frear de forma abrupta.

"É um frango humano, Betô!"

Frango humano? Como assim um frango humano?

"Joca, não existe frango humano! Tem uma pessoa vestida de frango no meu quintal, é isso?"

"É!"

Nossa, as coisas só ficavam ainda mais estranhas.

"Escuta, Joaquim... Aconteça o que for, não saia de casa! Tranque a porta e me espere, porque eu já estou chegando. Você consegue ver se... Se o frango está armado?"

"Não, eu não consigo! Mas pelas sirenes parece que a polícia está chegando e... Caraca, que maneiro! É

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que nem filme!"

"Não saia da casa! Chego aí em alguns minutos" —
eu falei e desliguei, correndo feito um doido pelas
ruas.

Quando botei meus pés na esquina da minha casa,
depois de fazer o trajeto num tempo recorde, um
carro da Polícia Militar estava parado com as
sirenes silenciadas e dois policiais tinham as suas
armas apontadas para o meu portão.

— Atenção, temos uma emergência! Um meliante
vestido com uma roupa de frango invadiu uma
casa, pedimos reforços! Repito: é uma emergência!
— o primeiro policial falou na escuta e o segundo
ordenou:

— Teremos que arrombar o portão!

— Não! — eu pedi, impedindo-os, e ambos me
encararam. — Eu moro nessa casa, tenho as chaves.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sou o proprietário. — aproveitei e peguei o distintivo da PF dentro da carteira, antes que eles perdessem tempo me revistando.

— Ok, positivo. Senhor? — policial um falou. — Nós recebemos uma ligação alegando que há um meliante vestindo roupa de frango dentro do seu quintal.

— Sim, sim. Procede. — concordei. — Tem um amigo meu do lado de dentro, foi ele quem ligou para vocês, mas não soube informar se o elemento está armado.

— Correto. O senhor desconfia de alguma represália, ou sabe se o seu amigo pode estar sendo feito de refém?

Deus queira que não!

— Eu acredito que o Joaquim não está sendo feito de refém. Pelo que ele disse, trata-se de um roubo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de carro.

— Positivo. — policial dois assentiu. — O senhor tem a posse das chaves?

— Sim, tenho.

— Então vamos agir. — ele disse e eu destranquei o portão, recebendo cobertura de um deles.

Depois os dois policiais assumiram a dianteira, já que eu estava desarmado. Fui seguindo logo atrás e não havia nem sinal de frango nenhum. Eu só esperava que aquilo não fosse um trote, pois até então o Joaquim nunca tinha me visto nervoso.

Nós checamos o carro e ele estava aberto, porém sem sinal de furto ou arrombamento. Até porque, expliquei aos policiais:

— Eu costumo deixá-lo aberto na garagem.

Um deles parou para revistar o interior do veículo e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

também analisou a parte de baixo e o porta-malas.

— Tudo limpo, senhores. — ele disse depois de um tempo.

Policiais dois então gritou:

— Atenção, meliante! Saia de onde está com as mãos para cima! É uma ordem!

Nada aconteceu.

— Repito: saia de onde está com as mãos para cima!

Xinguei um palavrão baixo e já fui pensando na bronca que eu iria dar no Joaquim. Nossa, mas ele iria escutar até o próximo ano!

Os dois policiais se entreolharam, acho que pensando o mesmo que eu, e eu bufei sem acreditar.

Foi então que vi o Spider latindo e abanando o rabo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

na direção da sua casinha. Ele era um cachorro de porte grande, portanto, um ser humano de porte médio e vestido de frango poderia facilmente se esconder lá dentro.

— Ei? — chamei a atenção dos policiais. — Ali, na

casa do cachorro!

— Positivo, senhor!

— Atenção, meliante! — policial dois tornou a gritar. — Sabemos que você se encontra escondido na casa do cachorro! Saia com as mãos para cima, ou vamos atirar!

Eu confesso que mal acreditei quando a porra de um frango saiu de dentro da casinha do Spider, porque no fundo eu realmente esperava que fosse um tipo de piada. Mas não, não era.

— Ei, esse daí não é aquele frango lá do Frango No Balde? — o policial um questionou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Pensando bem, era mesmo.

Que diabos o frango do Frango No Balde estava fazendo no meu quintal?

Então, quando penso que não, o frango saltou e tentou escalar o muro.

— Atenção! — policial dois gritou. — Mãos para

cima, é uma ordem! Repito: mãos para cima!

— Não atirem, ele está desarmado! — eu pedi, aproximando-me.

Eu *também* estava desarmado, mas creio que ninguém numa roupa de frango conseguiria iniciar qualquer tipo de luta corporal.

Quanto mais eu andava, mais o frango tentava subir.

— Ei? — ordenei. — Tire a máscara!

O frango não me deu ouvidos. Pelo contrário, ele se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

agarrou no muro e depois se espatifou no chão.

Olhando assim, mais de perto... Nossa, que ladrão idiota!

Ouvi a porta da casa se abrindo e o Joca se aproximou, todo curioso. Nem me dei ao trabalho de pedir para ele entrar, só ordenei que ficasse atrás do campo de tiro.

Eliminei a distância entre eu e o meliante e ele

tentou se levantar, então um dos policiais engatilhou o revólver. Por fim, imobilizei o elemento.

Bom... Se eu achava que as coisas já estavam fora do normal, a verdade é que demorei uns cinco segundos de *delay* até realmente processar o que eu via, depois de tirar a máscara do frango.

— Não acredito nisso... — eu primeiro sussurrei, para então encontrar a minha voz: — Alana???

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Surpreeeesaaaa! — ela sorriu de forma nervosa, arregalando os olhos.

[...]

— Enfim... Mais uma vez eu peço as mais sinceras desculpas aos senhores, por causa de todo o mal entendido. Tenham um bom trabalho e um ótimo dia. — falei para os policiais, depois de lhes servir uma água e de levá-los até o portão.

Aproveitei e dispensei o Joaquim junto com eles,

porque a conversa que viria a seguir eu queria ter a sós.

E eu esperava uma *ótima* explicação.

Quando fechei o portão, respirei fundo e tentei não ficar irritado com a Alana. Aliás, minto: eu tentei não ficar possesso, porque irritado eu já estava!

De onde já se viu, porra?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ficou doida, Alana? — perguntei assim que entrei na sala da minha casa, onde a deixei sentada no sofá e com um saco de gelo no joelho esquerdo.

— Tem noção de que se o Joaquim não tivesse me ligado e de que se eu não tivesse chegado a tempo, você poderia ter tomado um tiro? E eu acho bom você ter um excelente motivo para estar vestida de... De frango na porra do quintal da minha casa!

—

Calma

aí,

Roberto!

Você

está

desproporcionalmente nervoso! — ela disse e gemeu de dor, o que amenizou um pouco a minha irritação.

Quer dizer... Amenizou *momentaneamente* a minha irritação.

— Onde dói? — eu quis saber e a Alana apontou para o seu joelho e para o seu cotovelo direito, onde agora eu podia ver um ralado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Suspirei e me sentei ao seu lado, segurando seu braço e analisando.

— Tira essa fantasia suja e... E estranha, que eu vou buscar um algodão e uma água boricada.

Ela concordou sem falar mais nada e eu me pus de pé, ajudando-a a fazer o mesmo.

— O banheiro fica na terceira porta do corredor. —

apontei e fui direto para a área de serviço, onde eu guardava a maleta de primeiros socorros.

Até então, minha cabeça tinha dado um nó.

Por qual motivo a minha ex esposa estava na minha casa vestindo a roupa do Frango No Balde? Não, pior: ela quase foi presa, ou baleada!

—

Inacreditável...

—

balancei

a

cabeça,

murmurando sozinho. — Quando penso que já vi de tudo, me vem mais essa!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu voltei para a sala e a Alana estava futricando a minha estante, onde tinham algumas fotos. Por um momento — só por um momento —, eu parei na porta e corri os olhos por ela. Mas então, quando a

Alana me encarou, fechei a cara e ordenei:

— Senta aí!

— Não fica mandando em mim não, Roberto!

— Senta aí, *por favor!* — repeti e ela o fez.

Molhei o algodão com a água boricada e segurei seu braço, começando a limpar o machucado. A Alana enrijeceu e eu a encarei.

— Dói?

— Um pouco.

— Mas dói para mexer ou só arde?

— Só arde.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— E o seu joelho?

— Dói, mas acho que é porque eu bati com força.

Balancei a cabeça, indignado.

— Você poderia ter se machucado de uma forma mais grave, Alana! Meu Deus, você tentou fugir depois de receber uma ordem policial! Imagina se eles disparam a arma?

— Eu não previ que isso pudesse acontecer. — ela pareceu envergonhada e puxou o braço de forma inconsciente, depois d'eu tentar limpá-lo outra vez.

— Isso o que? — eu quis saber.

— Isso tudo. Policiais.

Suspirei.

— Vem cá. — pedi, segurando-a pelo cotovelo novamente. — Você não vai me explicar o motivo de ter invadido a minha casa? A propósito, quem

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

foi que te deu o endereço?

— São perguntas demais. — a Alana desconversou, mas eu fui irredutível:

— São só duas, ambas muito simples de se responder.

— Tá, tá! Tudo bem! — ela concordou. — Eu peguei o seu endereço com a Tatiana, e fiz isso porque... Bom, porque eu queria ver o Spider.

— Que? — franzi o cenho.

— Spider, o cachorro.

— Eu sei quem é Spider, Alana! Mas digo... Se você queria ver o cachorro, por que não me pediu?

— Porque... Porque... Oras, como assim por quê? Porque nós não temos uma convivência saudável a esse ponto, é claro!

Eu a encarei por uns segundos, incrédulo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você é doida! — finalmente falei e ela concordou:

— Eu sei.

— Doida e irresponsável! E ainda colocou a própria vida em risco!

— Ah, mas vê se não exagera, Roberto! Foi só uma consequência ruim, porque se o seu amigo não estivesse aqui, nada disso teria acontecido!

Lógico, a culpa agora era do Joaquim!

— Tsc! — estalei a língua com indignação e abri um band-aid, colocando-o por cima do seu

machucado. — Sabe de uma coisa? Eu deveria é ter deixado aqueles homens te levarem presa! A

propósito, você roubou essa fantasia de frango?

Tipo aquela sua ideia sem pé nem cabeça de roubar o pneu lá em Mumbaba?

— O que? É claro que não, eu paguei por ela! — a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Alana disse, mas eu não acreditei nem um pouco.

— Está duvidando? Pode ir perguntar para o rapaz!

— Dobra a perna. — eu falei, ignorando-a e me

agachando na sua frente. Toquei seu joelho e a

Alana hesitou, então eu a encarei e ela fez o que eu

pedi. — Dói?

— Dói. — ela assentiu e eu pressionei com

cuidado, sentindo o músculo inchado.

— Você poderia ter quebrado um braço, uma

perna, ou... Ou sei lá, o pescoço!

— Credo, Roberto!

— Eu que o diga! — falei firme e capturei o saco

de gelo em cima do sofá, que àquela altura já estava quase todo derretido. Em seguida, o coloquei sobre o hematoma. — Acho que foi só uma contusão.

Quer tomar um relaxante muscular?

— Não.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mais vai. — me pus de pé outra vez, deixando-a por conta de segurar o saco de gelo.

— Sabe, eu não sei porque você pergunta! — a Alana disse, enquanto eu abria a maleta de primeiros socorros que tinha levado comigo para a sala. — Entra ano, sai ano, e você continua mandão!

Ri de seu comentário e fui até a cozinha, a fim de pegar um copo de água. Ao retornar, lhe entreguei o remédio e me lembrei de uma coisa:

— Encontrei com o seu namorado na praia, ele estava caminhando. O Arthur está ciente de que você veio até a minha... Não, melhor: ele está

ciente de que você invadiu a minha casa, vestida de frango?

— Não! — ela negou de prontidão. — É claro que não! Quer dizer... Ele não sabe sobre a parte do

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

frango e nem da invasão, mas eu avisei que viria até aqui ver o Spider. Porque, afinal de contas, temos um relacionamento bem transparente.

Me sentei no sofá e ri.

— Qual é a graça, Roberto?

— Tudo! Você! Essa situação! — virei o rosto para encarar a Alana e ela estava séria. Por um segundo confesso que eu viajei, olhando-a tão perto.

— Eu acho que vou ligar para o Arthur, para ver se ele pode me buscar. — ela disse com incômodo e eu segurei seu pulso.

— Não precisa, eu te levo.

— Não precisa, eu ligo.

— Estou de carro, Alana! Vocês não!

— Tá, tanto faz! — ela concordou e correu os olhos pelo cômodo, parando-os na estante de fotos pela

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

segunda vez. — Sabe, eu não imaginava que você tinha tantas fotos nossas. Digo... — a Alana corou, ajeitando-se. — ...Fotos de quando éramos crianças.

— Mesmo? — franzi o cenho e acompanhei seu olhar. Tinha foto junto dela, foto junto da Tati, foto com os nossos avós e também da família toda reunida. — Por quê? Pensou que eu tivesse queimado todas elas? Ou, não sei, que eu tivesse feito chifres com canetinha nas que tinham você?

— Bom, o que posso falar? — ela deu de ombros, antes de admitir: — Eu fiz isso com algumas fotos suas.

— E o pior de tudo é que eu acredito.

A Alana deixou escapar um riso espontâneo e nesse exato momento uma porção de pensamentos

indesejados me veio à cabeça.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Saudade de te ver sorrir.

Sinto sua falta.

Sinto muito por tudo.

— Enfim, acho melhor eu ir embora. — ela disse de repente, me arrancando um pouco daquele devaneio.

Pisquei de forma lenta e assenti, mas não me movi.

Ela então me encarou e eu umedeci os lábios, nervoso. Queria falar alguma coisa. Qualquer coisa, mas aí seu celular tocou.

— É o Arthur. — a Alana disse depois de olhar o visor, me fazendo tomar um choque de realidade.

— Ele deve estar super preocupado comigo.

— É? Atende então. — encorajei e me levantei, indo em busca da chave do carro. O lado ruim era que a casa não tinha isolamento acústico, portanto...

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

"Oi amor! ...O que? Tudo, tudo bem! Não se preocupe!" — ela pausou por um momento e então riu alto. — "Sim, estou indo para a casa, espera por mim" — outra pausa. — "É que pensei em almoçarmos juntos num restaurante bem legal, e depois fazermos algum passeio. O que acha?"

Me sentei na beirada da minha cama, e com a chave do carro na mão eu respirei fundo.

Pela primeira vez, desde que a minha ex esposa tinha voltado, eu me toquei de um detalhe óbvio e senti o baque vir forte.

Afinal de contas, eu ainda amava aquela mulher, mas a realidade era que agora ela amava outro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

CAPÍTULO QUATORZE

"Eu detesto o jeito dela, mas pensando bem
Ela fecha com meus sonhos como ninguém"

- **Garota Nacional, Skank.**

Em algum lugar do Posto 12, na orla da praia...

...Arthur estava a ponto de ter um treco.

Quando ouviu a palavra "polícia" sair da boca de Roberto, o homem imediatamente teve uma espécie de experiência sobrenatural e viu todos os próximos anos de sua vida passarem bem diante de seus olhos: abandonado numa cela imunda, dividindo-a com bandidos fedidos e batendo uma caneca de alumínio nas grades.

Preso por ser cúmplice de mais uma loucura de sua amiga.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O homem se levantou, cambaleante, e dispensou a água que o rapaz da barraca o entregava. Afinal, vá saber se aquela garrafa estava sendo mantida em

condições de higiene adequadas. Além do mais, ele não estava realmente passando mal. Quer dizer... Pelo menos não até um minuto atrás. Agora ele parecia prestes a ter uma síncope.

Ele tentou falar com Alana diversas vezes por mensagem, mas ela simplesmente não o respondia mais. Então, sua próxima reação foi caminhar de forma catatônica até aquele hospício que chamavam de lar da família Speziali.

Quando colocou seus pés por lá, porém, precisou recuar muitos passos ao ver nada mais, nada menos do que César, parado tranquilamente na sacada de sua casa e desempoeirando sua espingarda.

Aquele homem ranzinza tinha parafusos a menos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Olá, cunhado! — Tatiana surgiu de algum lugar misterioso, fazendo-o saltar de susto.

— Maldição, mulher! — ele levou a mão ao coração, que havia disparado em reposta. — Não

me assuste dessa forma!

Tatiana riu, notando-o ofegante.

— Está tudo bem? É impressão minha, ou você está se escondendo do meu tio?

— Não é impressão, é um fato. — Arthur admitiu com um aceno de cabeça. — Esse homem é intimidador e eu não estou... Não estou... — ele se abanou e por pouco não colocou a língua para fora, como nos desenhos animados. — ...Enfim, não estou em condições de...

— É, tudo bem, eu acho que entendi mais ou menos. — ela o interrompeu, compadecendo-se da situação do rapaz. — Você quer uma água?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, por favor! Um copo limpo e uma água gelada seria ótimo! — ele assentiu, seguindo-a em direção a sua casa e tomando todo o cuidado do mundo para não ser notado por aquele gavião sanguinário.

Tatiana deixou Arthur na sala e foi até a cozinha, a fim de providenciar a água. Ele, por sua vez, mandou mais uma mensagem para Alana e depois ergueu os seus olhos, dando de cara com um filme pausado na tevê.

— Harry Potter e as Relíquias da Morte? — ele apontou para a tela logo que a ruiva retornou, o que a fazer sorrir.

— Sim! Pausei para tirar o lixo, e foi então que vi você em apuros. Toma aqui a sua água. — ela estendeu o copo e se jogou no sofá.

— Muito obrigado. — o pobre coitado disse,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

examinando o objeto por um segundo e só depois dando um longo e agradável gole.

— Mas e então... — Tatiana o observou com curiosidade. — Cadê a Laninha?

Arthur quase cuspiu, ao ouvir o apelido daquela irresponsável desmiolada.

— Ela... — ele suspirou, imaginando-a algemada num camburão da polícia. — Ah, vá saber! — ele tinha plena noção de que aquela resposta vaga deixaria a mulher à sua frente intrigada, então decidiu mudar rapidamente de assunto: — Quer dizer que você é fã de Harry Potter?

— Bom... — Tatiana sorriu com orgulho. — O que posso dizer?

Fui

totalmente

educada

na *Castelobrujo*. — ela brincou e depois fez uma careta, achando graça. — E pelo visto você também curte, porque até reconheceu o filme pausado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, sim! — Arthur acenou com a cabeça. —

Foi o primeiro livro que li quando criança.

— Sério? Eu também! — ela exclamou. — Eu

assisti ao primeiro filme no cinema, junto da Laninha e do... — Tatiana hesitou, pensando se seria bola fora falar do primo ali, na frente do atual namorado de sua melhor amiga.

— Não se preocupe. — Arthur deu de ombros, notando a sua atitude. — Eu não me importo.

— Enfim... — ela sorriu com alívio. — Nós assistimos juntos. Eu adoro os filmes, mas, particularmente, sou muito mais fã dos livros.

— Sim, lógico! — ele espalmou, colocando o copo de água sobre a mesa. — Muita gente já me julgou por falar isso, afinal, óoooh, é o Daniel Radcliffe e a Emma Watson, mas...

— ...Mas é que os livros são bem mais detalhados,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

né?

— Exato! — Arthur concordou, deixando escapar um sorriso sincero no meio de todo aquele caos interno que estava a sua cabeça.

Tatiana então se ajeitou de repente, ficando um pouco séria.

— Olha, Arthur... Você é um cara bem legal, e agora eu tenho ainda mais certeza disso. Portanto, vou ser cem por cento honesta com você, a respeito de uma coisa que vem me encucando.

Ele assentiu e se aprumou, aguardando com curiosidade para ouvir o que ela lhe diria. Foi aí que veio a frase de impacto:

— Eu sei o que está acontecendo entre você e a Alana.

Insira aqui um instrumental de surpresa, algo como um TÃN!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sabe? — Arthur arregalou seus olhos cor de oliva, surpreso e assustado. E claro, sempre esperando pelo pior: Tatiana iria expor para toda a família a farsa que era aquele relacionamento, e então César daria um tiro em seu traseiro.

Que destino pavoroso! Ora preso, ora numa cama de hospital!

— Sei. — Tatiana afirmou, balançando sua cabeça bem devagar.

Sob a ótica de Arthur, tudo estava em câmera lenta. Os movimentos de Tatiana, a sua boca se mexendo, a voz em *slow motion*...

Era definitivamente o seu fim.

— Estou por dentro de que vocês estão tendo problemas de adaptação no relacionamento. É por isso que a Laninha não está aqui com você, correto? — ela falou e, de repente, foi como se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

alguém desse *play* e a cena voltasse para a velocidade normal.

Arthur parou por um segundo. Sua testa se franziu.

Então ele soltou o ar com alívio e disse:

— Sim, claro! Nossa! Como você soube?

— Ah, eu pego as coisas no ar! — ela piscou,

estando muito convencida de sua façanha. Então, botou seus pézinhos descalços e imundos para cima do sofá e disse: — Eu amo a minha prima e quero o melhor para ela, então decidi que preciso te ajudar. Embora também amasse o primo, Tatiana queria ver Alana feliz naquele novo relacionamento e, se isso era o melhor para a sua amiga, então o destino se encarregaria de colocar uma nova mulher na vida do Beto.

Certo?

— Me ajudar. — Arthur repetiu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Isso! Para que o relacionamento de vocês seja completo e duradouro, entende? Não é isso o que você mais quer?

— Claro, totalmente!

— Que bom, Arthur. — Tatiana sorriu. — Porque sabe, eu estava reparando em você e nas suas atitudes e o que percebi me preocupou. Minha

prima é uma mulher muito romântica e, me perdoe a honestidade, mas eu te achei um pouco... — ela gesticulou, buscando a expressão que se encaixaria.

— Seria amargurado, a palavra correta?

Arthur imediatamente estreitou os olhos para a mulher à sua frente.

Amargurado? Como assim? Ele não se achava um homem amargurado!

Tudo bem que ele estava um pouco enferrujado para essa coisa de relacionamento amoroso, mas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

daí a ser chamado de amargurado?

Aquilo era um pouco demais!

— Também estive refletindo sobre isso e sabe no que eu acredito? — Tatiana o cutucou. — Que o seu último relacionamento trágico deve ter te machucado muito, então você simplesmente se tornou... — ela tornou a gesticular, o que o fez começar a entrar no modo defensivo.

— Desculpe, mas você está... — Arthur balançou a cabeça, cortando-a. — Está se propondo a me ajudar no que, exatamente?

— A ser um homem mais romântico para a Alana, é claro! Minha prima precisa disso, afinal, ela é uma mulher muito doce e sensível!

— Entendo. — ele assentiu de forma lenta. — Mas mal lhe pergunte, quais são mesmo as suas experiências

positivas

com...

Você

sabe,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

relacionamentos amorosos?

— Nossa! — Tatiana riu, ficando surpresa com a acidez por trás do questionamento. — Você por um acaso ficou ofendido com o que eu te falei?

— Ofendido, eu? Não, não! — ele prontamente

negou, fazendo sua melhor expressão blasé. — Até porque, eu já deixei bem claro que sou um homem realista, e não um amargurado. A propósito, sobre o meu último relacionamento, não estou machucado. Estou ótimo. Isso absolutamente não me afeta mais em nada. É passado.

— Hum... Sei, mas é que não parece. — ela opinou na maior cara de pau, o que o fez torcer o nariz para tamanha... Como ele poderia explicar? Desfaçatez! Oras, mas de onde já se viu? Desde quando Arthur tinha pedido alguma opinião para a aparente e repentina encarnação de Hitch, O Conselheiro

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Amoroso?

— Sabe, Arthur... Depois do meu último término, eu vi uma coisa super interessante em uma série de tevê. É uma reflexão bem profunda e que eu quero compartilhar com você, então preste muita atenção... — Tatiana pigarreou, inspirada. —

"Algumas pessoas guardam tudo para si mesmas e então ficam velhas, tristes e esquisitas. Você não pode simplesmente fingir que não aconteceu".

Depois de ouvir aquela baboseira, Arthur encarou Tatiana por exatamente três segundos inteiros.

Então ele ergueu uma sobrancelha.

— É essa a reflexão profunda?

— Sim.

Uau. Ele estava profundamente tocado.

— O que quer dizer com isso?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Posso ser cem por cento honesta? Sem ofensas?

— Sim, por favor.

— É que você é um pouco... Esquisito. E

pessimista.

Oras!

Mas que... Petulância!

Há quanto tempo aquela mulher o conhecia? Três dias, no máximo? Quantas vezes eles tinham estado

no mesmo ambiente, ao ponto dela sair tirando conclusões tão profundas ao seu respeito?

Essa era uma família de enxeridos, isso sim!

— Tudo bem eu ter dito isso? — ela quis saber e ele se obrigou a sorrir em concordância. Porém, claro, não foi o sorriso mais natural do mundo.

— Claro. Tudo bem. Não estou afetado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ai, que bom! — Tatiana levou uma mão ao peito. — Porque antes de me dispor a te ajudar, eu precisava colocar para fora. Afinal, o primeiro passo para se alcançar a melhora é o autoconhecimento.

Que

tal

se

agora

nós

começássemos a bolar algumas formas de você

surpreender a Alana?

— Como assim?

— Não sei! Rosas ou... Um jantar romântico.

Talvez você pudesse recitar um poema enquanto ambos degustam camarões em algum restaurante na orla da praia, sob a luz de velas. A Laninha adora poemas e também camarões, você sabe, né?

Arthur não pôde evitar torcer o nariz para a ideia.

Primeiro

porque

ele

odiava

camarões,

especialmente aqueles que vinham com as cabecinhas repletas de imundícies. Fora isso, a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ideia de recitar poemas lhe soava a coisa mais brega do mundo.

Cruzes!

— Além do mais... — Tatiana se inclinou no sofá, como se estivesse prestes a lhe contar um segredo.

— ...Depois vocês podem dar uma passadinha lá no Piolho, para tomarem um pouco daquele drinque exótico e *caliente!*

Ela só estava provocando, certo?

Tatiana soltou uma risadinha e Arthur pensou, provavelmente pela centésima quinta vez naquela viagem, no porquê de ter aceitado se enfiar nessa furada. Chegou a conclusão de que não tinha um motivo. Ele era apenas um bom amigo, que sabia o que era ser magoado pela pessoa que se ama. E bons amigos, às vezes, precisam fazer loucuras uns pelos outros.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Estou brincando! — Tatiana gargalhou. —

Sobre a parte do Piolho, eu digo. Porque o que eu falei antes é para ser levado a sério. E então, Arthur? O que me diz? Conheço a Alana como a

palma da minha mão. Posso ser a sua mentora?

Por dentro ele estava bufando e revirando os olhos.

Não queria receber direcionamentos sobre como manter um relacionamento de mentira, ainda mais vindos de uma maluca que aparentemente tinha no currículo uma série de casos fracassados, mas fazer o que? Ele era obrigado a seguir o papel de namorado atencioso e dedicado, quando na verdade só queria mesmo era esganar a Alana.

Que infortúnio!

Finalmente, depois do seu *eu interno* maldizer repetidas vezes aquela situação infeliz, Arthur se forçou a sorrir e concordar:

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

— Claro. Isso vai ser *ótimo*.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

CAPÍTULO QUINZE

"Me mostre um caminho agora

Um jeito de estar sem você

O apego não quer ir embora

Diacho, ele tem que querer"

- **Dona Cila, OutroEu.**

ALANA

Quando o tihoso retornou das profundezas do inferno com a chave do seu carro, sua expressão não era das melhores. Me ergui do sofá com a fantasia de frango devidamente em mãos e o Roberto disse, seco:

— Vamos?

— Claro. — eu sorri.

Era um trajeto simples e curto até a casa do meu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pai, porém logo que o portão da garagem foi aberto, o Spider passou por mim e pelo traste feito um raio.

— Oh meu Deus! — ofeguei. — Spider!

— Não se preocupe, ele sempre volta. — o tihoso tentou me tranquilizar, logo que eu fiz menção de ir atrás do cachorro. Foi então que eu o encarei.

— Olha só, Roberto... — ergui o indicador. — Não seja leviano! Você não pode concluir que tudo o

que você deixa ir, necessariamente irá voltar! Eu sou um exemplo disso!

Sua expressão se fechou como se nuvens cinzas e raios estivessem sobre a sua cabeça. Eu, no entanto, não poderia perder tempo. Lhe dei as costas e incorporei o cavalo manco da Joelma, trotando com o meu joelho machucado em direção à rua.

— Era só o que faltava... — ouvi o Roberto resmungar, antes de me seguir e dizer: — Entra no

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

carro, Alana! É muito mais fácil alcançá-lo dirigindo do que indo a pé!

É, aquilo até que fazia sentido.

Entrei no carro e nós rodamos o quarteirão todinho, mas sem sinal do Spider. Como era possível uma coisa dessas? O cachorro era o Sonic?

— Vai ver ele foi em direção à praia. — eu sugeri e o Roberto (ainda emburrado) não respondeu, apenas concordou e seguiu com o veículo para lá.

Só quando chegamos na Avenida Beira-Mar é que ele disse:

— A praia está lotada. Mais alguma sugestão?

— Vamos descer e procurar por ele.

— Alana... — o Beto suspirou, mas logo desistiu de falar o que quer que fosse. — Enfim... Ok. Vou estacionar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele parou o carro de qualquer jeito numa das pouquíssimas vagas disponíveis e desceu batendo a porta. Céus, que mau humor!

— E então? — Roberto abriu os braços assim que eu também coloquei o meu corpinho para fora, parando bem ao lado dele. — Onde você sugere procurarmos primeiro? Na barraca de espetos? No carrinho de picolé? Ou, não sei, talvez na fila de aluguel das cadeiras?

— Uau! Por que você está tão irritado? — questionei com incômodo. Oras, de onde já se viu?

Ele que abaixasse esse tonzinho!

— Porque não faz nem quatro horas que eu me pus de pé e o dia de hoje já valeu por pelo menos uns cinco! Era só o que faltava, primeiro você invade a minha casa, quase é presa, ou baleada, e agora eu vou rodar a orla da praia inteira atrás de um cachorro, só para não precisar ouvir você jogando

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

na minha cara que eu fui um péssimo esposo!

Eu não tinha jogado na cara, tinha apenas argumentado.

— Nossa! — exclamei. — Pensei que já tivéssemos superado essa parte da casa. Eu não fui na intenção de realmente invadir, mas sim de fazer uma visita ao Spider.

Era uma pequena mentirinha, mas ele não precisava saber disso. O Beto fechou os olhos e respirou fundo três vezes. Depois, ele me olhou e disse:

— Anda, vamos.

Nós atravessamos a rua e paramos no calçadão,
indecisos sobre o que fazer. Cocei a cabeça e
encarei o traste.

— Se você fosse um cachorro, para onde você iria?

— Para onde *você* iria?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não sei, talvez fazer uma trilha. — aponte para
a pedra. — Cachorros gostam desse tipo de coisa,
né?

— Eu não faço ideia, nem entendo o porquê de
você ter chegado a essa conclusão.

— É só um sexto sentido. — justifiquei, mancando
na direção da pedra.

— Alana, nós não vamos fazer uma trilha, você mal
consegue andar direito!

— Tudo bem, não vamos, mas podemos subir no
topo do início dela e gritar pelo Spider.

— Ah, que bom! É esse o plano? E se ele não
aparecer? Qual é o próximo passo? Talvez ele

tenha ido dar um passeio de barco, vá saber...

Eu encarei o Roberto com irritação, mas ele riu,
menos mal humorado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Espera aí, me deixa te ajudar. — ele se ofereceu,
pegando na minha mão a fim de que eu pudesse me
firmar no chão escorregadio da pedra. Foi um gesto
muito íntimo, e que conseqüentemente fez com que
o meu coração saltasse feito a Flávia Saraiva.

Como reposta de pânico, puxei meu braço e o
tranco inesperado me fez cair de bunda na rocha.

— Meu Deus, Alana!

— Não fica me tocando sem permissão! —
esbravejei, muito mais nervosa com a minha
própria reação do que com ele.

— Desculpa! — o Beto ergueu as duas mãos
enquanto eu me punha de pé.

Oras, que abusado!

Quem é que havia lhe dado aquela liberdade toda?

Eu era, afinal de contas, uma dama comprometida.

De mentira, tudo bem, mas esse era um mero

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

detalhe!

Nós demos alguns passos em silêncio e então

paramos no início da trilha. Enchi meus pulmões de

ar e gritei, sem aviso prévio:

— SPIDEEEEER?

Um casal de turistas que passava por nós se

assustou e depois me olhou estranho. Cara feia para

mim é fome.

— Jesus, que ideia maravilhosa! — o Beto disse.

— Prefiro pular dessa pedra direto para o mar, a

ficar ouvindo você gritando em vão.

— Ah é? Pois pule! — eu o desafiei.

De onde estávamos não era tão alto, no máximo um

metro e meio de queda, mas o mar parecia agitado

naquela manhã.

— Não vou pular, era uma metáfora.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ni vi pilir, iri imi mitifira! — revirei os olhos e o Beto riu. Depois, olhou para um turista qualquer que passava e falou, apontando para mim:

— Vinte e sete anos de idade, dá para acreditar nisso?

Oras, que absurdo!

— Pois saiba que eu sou uma mulher com senso de humor. — me defendi. — Estou muito melhor do que há três anos, bem mais forte e amadurecida.

— Ah é, percebi.

Ele estava sendo irônico, por um acaso?

Eu o encarei e o tihoso sorria muito tranquilo, então, para não sorrir de volta, comecei a cantar:

— EI, SPIDER? ESSA É PARA VOCÊ: NÃO
FINJA QUE EU NÃO ESTOU FALANDO COM
VOCÊ, EU TÔ PARADA NO MEIO DA...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PEDRAAAA, EU TÔ ENTRANDO NO MEIO
DOS CARROS, SEM VOCÊ A VIDA NÃO
CONTINUAAAAA!

— Me desculpem. — o Beto falou de um modo
verdadeiramente envergonhado, para um grupo de
pessoas fitness que ia subindo. — Ela acabou de
sair de um sanatório, eu vim levá-la de volta.

— Pare de me maldizer, inimigo!

— Vamos embora, anda! — o traste pediu,
parecendo aliviado com o fim da minha curta
cantoria. — Não faz sentido nenhum estarmos aqui.
Se o cachorro não quiser voltar agora, ele não vai
voltar e pronto. Não adianta insistir, porque isso só
vai fazer com que ele corra para mais longe.

— Uau! — eu cruzei os braços, impressionada. —

É isso o que você pensa?

— Estou falando sobre o cachorro, Alana.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É? Você está me comparando a ele? Acha que

eu sou... Uma cadela?

O Beto levou as duas mãos até o rosto, xingou alguma coisa muito feia e então simplesmente...

Saltou da pedra!

— Ai meu Deus! — arregalei os olhos com desespero.

O que tinha na cabeça desse homem? E se o mar o levasse para alguma profundidade da qual ele não conseguisse sair? Tinham alguns animais estranhos que habitavam as águas mais escuras, eu li numa matéria da internet. Algo como peixes de três olhos e polvos gigantes que não eram o Lula Molusco, que, a propósito, eu costumava dizer que era a versão do Arthur em desenho animado.

Sem pensar muito, minha atitude seguinte foi me jogar na água também. Não foi um pulo muito

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

gracioso, porque eu caí de barriga. Talvez, se tivesse tido mais alguns segundos, eu poderia tentar

algo mais impressionante, tipo aquelas pessoas das Olimpíadas, que davam giros e caíam na piscina.

— AH MEU DEUS! — gritei de aflição quando senti algo me tocar. Seria um peixe com chifres nas nadadeiras?

— Alana? — ouvi a voz do Roberto, são e salvo, e... E... E então simplesmente fechei a mão em punho, socando o seu braço com força.

— Nunca mais faça isso! — esbravejei, indo para lá e para cá com as ondas do mar. — Por um segundo, eu pensei que você fosse morrer! Eu não posso carregar essa culpa, sou nova demais!

— Alana, eu... Espera! Como é que eu poderia morrer, meu Deus do céu? Nós estamos a uns seis metros da costa, no máximo!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Parei por um instante e pensei sobre aquilo.

— É que... É que há... — gaguejei, com a voz já voltando para o tom normal. — Há correntes de

retorno. Que puxam as pessoas para o... Para o fundo do mar.

O Beto sorriu e fechou os olhos, depois balançou a cabeça de um lado para o outro como se mal pudesse acreditar. Eu, por outro lado, deveria focar a minha atenção em qualquer coisa que não fosse o próprio assistente do satã à minha frente, mas ele estava tão... Molhado e... E bonito, com a luz do sol realçando seus traços demoníacos.

Eu esperava pelo menos estar à altura, tipo uma daquelas sereias que saem do mar e hipnotizam os homens. Afinal, não era justo que a Kelly Key dentro de mim estivesse babando por aquele traste.

O Beto abriu os olhos e me encarou. Quando fez

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

isso, me aproveitei do momento para jogar os cabelos para o lado, que nem aquelas mulheres provocantes e sensuais que saem da água nos filmes. Mas foi então uma onda veio e...

— Alana? — o traste chamou assustado, depois d'eu dar um giro de trezentos e sessenta graus debaixo da água e ainda engolir um pouco daquela maravilha salgada.

— Eu... — tossi, batendo as mãos e os pés para sair do mar. — ...Isso foi de propósito! O que eu fiz se chama... Manobra do... Manobra do giro completo!

— Claro, claro, entendi. — o Roberto assentiu e nós subimos na pedra novamente. Em seguida, nos deitamos no chão, respiramos fundo, olhamos um para o outro e... Simplesmente começamos a rir! Nós rimos até que nossas barrigas doessem e depois ficamos em silêncio por longos minutos,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

apenas olhando para o céu. Então eu falei:

— Preciso voltar, o Arthur deve estar maluco.

O Beto tombou a cabeça e me encarou. Eu notei, só pela sua expressão, que ele travou uma rápida batalha interna antes de finalmente tomar coragem

e perguntar:

— Você... Você o ama? Você ama esse cara?

Engoli seco e senti o corpo gelar, apesar do sol estar muito quente.

Eu entendia o que ele estava me perguntando. Ele queria saber se eu amava o Arthur como homem, ou seja, como namorado e, talvez, como futuro marido. Um nó se formou na minha garganta, mas eu me obriguei a fazê-lo voltar de onde veio.

Porque a resposta verdadeira era "eu amo você", mas a certa não. E foi por isso que eu disse:

— Eu o amo. Claro que sim, eu o amo muito.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O Roberto assentiu e confesso que fiquei sem entender, ao ter a leve impressão de ver seus olhos marejarem. No entanto, ele logo os fechou e se sentou.

— Vamos. — ele falou depois de um segundo. —

Vou te deixar em casa.

Então, sem mais nem menos, o Spider reapareceu e veio descendo o morro da trilha, correndo até nós. Soltei um riso fraco e o acariciei.

— Ei, filho!

— Não acredito que você estava certa. — o Beto disse, meio amuado, mas tentando soar

descontraído. — Acho que nada nesse dia pode ficar mais estranho.

— Quer um conselho? Nunca fale isso! — alertei e me pus de pé.

Se eu soubesse que aquele conselho também valeria

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para mim, confesso que teria me preparado melhor para o que viria mais tarde.

[...]

— Sua... Louca varrida e totalmente sem noção das coisas! Eu pensei que você tivesse sido presa!

Presa, Alana! Sabe o que é isso? — o Arthur xingava, muito vermelho, enquanto eu enxugava os meus cabelos com a toalha.

Fazia mais ou menos uns vinte minutos que eu havia pisado em casa, e eu tinha acabado de tomar um banho.

— Se acalma, Arthur! — pedi. — Estou bem e livre, ó! — girei meus pulsos, mostrando que eles estavam sem algemas. — Só um machucadinho aqui e outro ali, mas nada de mais.

— Nada de mais? Nada. De. Mais? Você me liga as sete da manhã pedindo para que eu vá para o quinto

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dos infernos distrair o seu ex marido, invade a casa dele, não responde as minhas mensagens, me faz pensar que nós vamos ser presos e vem me dizer

que NÃO É NADA DE MAIS?

— Sim. — assenti, pegando a escova para começar a desembaraçar os fios. — Tudo deu certo.

— Como assim tudo deu certo?

— Eu consegui o que eu queria, só ainda não sei o que é.

— Do que... — Arthur balançou a cabeça e então se sentou na cama. — ...Do que você está falando? Como você pode conseguir algo que não sabe o que é?

— O envelope, *dãr!* — dei um soquinho na minha testa, provocando-o. — Eu o escondi dentro da fantasia de frango, mas não tive tempo de checar o seu conteúdo, porque a polícia chegou. Também,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

né? Aquele amigo do Roberto é bem enxeridinho, viu?

— Quem?

— Tinha um amigo dele dentro da casa, foi ele

quem chamou a polícia.

— Ah, lógico, entendi! É ele quem estava errado!

Porque é muito comum mesmo, um ser humano usando roupas de frango pular o muro do seu quintal e começar a fuçar nas suas coisas! Acontece todos os dias comigo, lá em São Paulo! Estou tão habituado que até tenho deixado uma vasilha de água e comida para ele!

— Jura? Que gentil da sua parte! — sorri e o Arthur me olhou com fúria mortal.

— A propósito, só para você saber, a sua prima agora se ofereceu para ser a mentora da nossa relação! Adivinhe só? Ela disse que sou um homem

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

amargurado, esquisito e... Qual foi mesmo o outro adjetivo? Pessimista! E então, como se não bastasse, depois veio com uma história de que você é uma mulher doce e sensível, que precisa de um homem que coma camarões enquanto recita

poemas melosos!

Gargalhei.

— Oras, que coisa mais atenciosa da parte dela! A Tati se preocupa muito comigo, é por isso que eu a amo tanto. Você topou?

— É claro que sim! — ele se exaltou, impaciente.

— Afinal, parece que vontade própria é uma coisa que eu não tenho nesse lugar! Eu preciso bancar o namorado bom e atencioso o tempo inteiro, que maldição, que infortúnio!

— Shhhh! Fala baixo, Arthur! — taquei a escova nele e ele a afastou, provavelmente por frescurinha

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

com meus fios de cabelo. — Céus, desse jeito o pai pode ouvir!

— Eu não duvido! Não duvido mesmo, afinal, vocês são tudo um bando de futriqueiros enxeridos!

— Não é para tanto também! — eu dei de ombros achando graça e peguei a minha fantasia de frango,

desdobrando-a até ter acesso ao envelope que eu secretamente furtei do porta-malas do tnhoso.

Me sentei na cama, ao lado do Arthur, e o encarei.

— O que vamos fazer se eu descobrir que eles estão roubando a minha família?

— Bom, não sei... Você vai contar ao seu avô, ou ao seu pai. Na verdade, vai contar aos dois. —

Arthur sugeriu e eu concordei. — E depois, claro, vai torcer para que o seu ex marido não te denuncie por invasão de privacidade e roubo.

Será que aquele era um risco?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Enfim...

Olhei para o envelope por um segundo e me preparei para o que quer que fosse. Talvez, não sei, ali tivessem informações que comprovassem o desvio absurdo de dinheiro para alguma conta misteriosa na Eslováquia.

Eu o abri com receio e puxei as folhas que tinham

lá dentro.

Então, depois de ler e reler as palavras, senti como se o chão sumisse debaixo dos meus pés e como se alguém tivesse arrancado o meu coração sem dó nem piedade.

— Arthur, eu não... — as palavras saíram trêmulas e a voz, embargada.

— O que houve, Alana? — ele se aproximou com preocupação. — O que foi? O que tem aí?

Era como se uma ferida antiga estivesse sendo

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

reaberta. Doía. Entreguei os papéis para o meu amigo e explanei:

— A Carina e o Roberto vão ter um filho!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

CAPÍTULO DEZESSEIS

"O que está acontecendo?"

O mundo está ao contrário e ninguém reparou

O que está acontecendo?"

Eu estava em paz quando você chegou"

- Relicário, Cássia Eller e Nando Reis.

BETO

Depois de deixar a Alana no tio César, eu passei em casa para colocar o Spider para dentro e fiquei pelo menos meia hora estirado no sofá, encarando o teto e tentando inutilmente acalmar as coisas dentro de mim. E também procurando, de alguma forma, lutar contra um sentimento que eu não conseguia descrever e nem externar.

Confesso que eu estava muito frustrado por não saber como lidar comigo mesmo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Só quando a fome finalmente bateu é que eu fui até o mercado, onde encontrei com a mãe do Joaquim.

Ela sorriu ao me avistar e se aproximou.

— Ô Beto, que bom encontrar com você por aqui!

Eu estava mesmo querendo te ver e te agradecer.

— Me agradecer, é? Por qual motivo?

— Porque o Joca me contou o que aconteceu lá na

escola. — ela disse. — Obrigada por ter ajudado, e também por cuidar do meu filho com tanto apreço.

— Ah sim! Imagina, Rita! Só fiz o meu dever. Se você quiser tomar alguma providência, aliás, eu me coloco totalmente à disposição de vocês.

— Bom, aí eu já não sei. Vou conversar com o Joca sobre isso primeiro, né? Ver o que ele quer e como ele se sente. De toda forma, obrigada por se preocupar com o meu menino. O Joaquim te admira muito, ele agora até diz que quer estudar para ser

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

como você quando crescer.

— Ah! — eu ri (de nervoso), pensando que o Joaquim deveria se espelhar em alguém que pelo menos soubesse o que estava fazendo com a própria vida, o que não era o meu caso. — Que bom, Rita. Fico feliz por ouvir isso.

— Você é um homem de ouro, Beto. Merece muitas coisas boas. — ela falou e tocou meu braço

com afeição. — Quando tiver filhos, vai ser um pai incrível.

Eu *quase* achei graça do quanto aquilo me soava irônico, só não o fiz porque suas palavras me afetaram bem mais do que eu gostaria.

Especialmente para um dia que parecia só piorar.

— Obrigado, Rita. — me obriguei a dizer. —

Obrigado. Eu... — gesticulei sem jeito e ela assentiu, entendendo que era a minha deixa. Não

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sei, mas talvez estivesse estampado na minha cara que eu não estava cem por cento bem.

— Vai lá.

— Mande um abraço para o Joaquim.

— Mando sim. — a Rita sorriu e eu fui direto para o caixa. Quando botei os meus pés para o lado de fora do mercado, meio aéreo, ouvi alguém chamar o meu nome e avistei o Davi.

Ele era um rapaz que eu conhecia da vizinhança e

com o qual a Carina tinha saído algumas vezes,
mas que vinha escondendo isso da nossa família.
Primeiro porque o cara era humilde e ela tinha
vergonha. E segundo porque ela estava esperando
um filho dele.

Ninguém sabia disso, nem o próprio Davi.

E eu descobri não porque nós éramos grandes
amigos (na verdade, muito longe disso), mas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

porque, por um acaso, cruzei com a Carina aos
prantos num certo dia, antes mesmo de eu ir tirar
férias. Minha prima havia acabado de descobrir a
gravidez e estava desesperada, então eu a fiz ir ao
médico e depois tentei, em vão, convencê-la a falar
com o Davi e com a nossa família.

— Oi, Beto! — o Davi se aproximou. — Tô até
sem graça de te cumprimentar assim, todo sujo,
mas é que tô voltando do horário de almoço.

— Imagina. — apertei sua mão. — Tudo bem?

— Tudo, tudo. — ele assentiu e passou as mãos manchadas de cimento seco pelo seu cabelo loiro.

— Então, eu... Eu conversei com a Carina. Ela me disse que você aconselhou que ela me procurasse e que fosse sincera comigo.

— Disse? — franzi o cenho com surpresa.

— Sim. Eu... Diacho, não sei nem o que dizer!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Estou mal, mas de todo o modo, obrigado.

— Bom, pois é, é complicado. — falei, destravando o carro e jogando as sacolas de compras no banco de trás. — Vocês têm uma grande responsabilidade em mãos, falo isso por experiência, então façam as coisas do jeito certo. Conversem com o tio César, oficializem a relação de vocês, isto é, se for da vontade de ambos, e o mais importante: levem essa gestação a sério.

Eu juro que estava todo crente de que tinha dado um bom conselho, mas, quando o Davi

empalideceu, percebi de imediato que havia algo muito errado.

— Gestação. — ele repetiu. — Eu... A Carina... O que...

Ah, mas puta que pariu!

— Mal lhe pergunte... — arranhei a garganta e dei

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de ombros, como quem não quer nada. — Sobre o que mesmo vocês conversaram?

— A Carina me disse que... Que iria passar um tempo fora. E que você... Você a aconselhou a ser...

Honesta comigo.

Nossa, mas que maravilha!

— CLARO! — estalei o dedo e balancei a cabeça.

— Claro, claro! É isso! Foi isso o que eu quis dizer!

— Espera. Roberto, o que...

— Sabe o que é, Davi? — fechei a porta de trás e abri a do motorista. Que inferno! Era só o que

faltava: mais problema para a minha vida! — Eu
estou bêbado.

— A Carina está...

— Meu Deus! — levei a mão até a testa, apertando-

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

a. — Ainda é uma e meia da tarde e eu já estou...

Nossa, muito bêbado!

— Ela está grávida?

— O que? Grávida?

Fodeu!

Mas também, cá entre nós, né? Por que diabos a
Carina tinha inventado essa mentira e ainda me
enfiado no meio? Será que era querer demais, um
pouco de paz na minha vida?

— Beto, me explica isso. Como assim gestação?

— Davi? Davi! Ó! — balancei uma mão na frente
do seu rosto. — Quer saber? Essa conversa nunca
aconteceu. Foi... Não sei, considere como uma
alucinação!

— A Carina está esperando um filho meu?

Me encostei na lataria do carro e bati a cabeça

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

umas três vezes no teto.

— Roberto? Por favor, me explica isso direito. — o Davi insistiu.

— Ok. — respirei fundo. Da forma como as coisas vinham acontecendo, não demoraria até eu ter uma crise de estresse e ir parar num desses retiros para reencontrar a paz interior. — Davi, talvez a Carina não tenha sido cem por cento honesta com você, mas isso é algo que vocês têm de resolver a sós. E, preferencialmente, sem enfiar pessoas que não têm nada a ver com isso no meio. Eu incluso.

— Meu Deus! — ele levou as duas mãos até a cabeça, desesperado e me ignorando. — Por que ela não me disse? O que é que... Como é que nós vamos fazer agora?

— Olha, eu não deveria ter lhe contado isso. Fiz

merda, mas é que quando você me disse que a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Carina tinha aberto o jogo, eu pensei que fosse em relação à gestação. Sei que você deve estar muito desesperado, mas me deixa falar com ela primeiro, tá? A minha prima não vai reagir bem quando souber que eu lhe expus a verdade.

Eu devia estar com algum ímã para desgraça, só isso explicava!

Chequei o relógio e pensei que, pela hora, minha prima ainda devia estar na casa do tio César, pois o horário de almoço dela ia até umas duas da tarde.

— Tudo bem. — o Davi concordou. Acho que só fez isso porque a ficha ainda não tinha caído, caso contrário, eu teria que contê-lo antes que ele chegasse na casa do tio e fizesse a situação ficar ainda pior do que eu já havia deixado.

Mas enfim... Larguei para trás um Davi sem reação e dirigi sem paciência, já me preparando para lidar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

com a Carina fora de si. Em minha defesa, porém, eu também estava puto. Afinal, de onde já se viu, mentir com o meu nome e sequer me avisar nada?

Não que eu estivesse disposto a acobertar essa palhaçada, porque longe de mim!

Parei o carro de qualquer modo e bati à porta do tio César umas cinco vezes. Quando finalmente alguém me ouviu e me atendeu, eu dei de cara foi com a Alana. Ela tinha os olhos vermelhos e inchados, e isso imediatamente me preocupou.

— Ei!? — franzi o cenho. Fazia pouco menos de duas horas que eu havia lhe deixado em casa e até então tudo parecia bem. — O que houve? Você está chorando?

— Não encosta em mim, Roberto! — ela recuou um passo quando eu estendi a mão. Em seguida, secou o próprio rosto com raiva. — Está tudo ótimo! O que você quer?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Pensei em insistir na pergunta, mas ela poderia estar tendo algum problema com o namorado e de jeito nenhum eu gostaria de me enfiar no meio de uma discussão de relacionamento de ambos.

Embora, claro, a ideia da Alana chorando por causa do Arthur, ou por causa de algo que ele fez, me deixasse imediatamente incomodado.

Podem me chamar de hipócrita.

— Sua irmã está em casa? — eu disse, pensando em como justificar a pergunta sem que eu tivesse de explicar a causa real de estar atrás da Carina, ou sem que a Alana pensasse que eu estava procurando a sua irmã por algum motivo íntimo.

Acabei chegando à rápida conclusão de que essa era uma missão impossível, pois, de todo o modo, a mulher à minha frente parecia estar sempre inclinada a esperar o pior de mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É que eu preciso tratar de um assunto sério com ela. Não um assunto que envolva... — gesticulei, me atrapalhando. — ...Que envolva eu e ela, mas... Ela e... Enfim! A Carina está?

— Não, Roberto. Ela não está. — a Alana me respondeu de uma forma seca. — Imagino que vocês possam tratar de assuntos sérios numa outra hora. Com licença!

E então ela fechou a porta.

— Toda. — eu respondi, em vão, encarando a madeira. Depois, me sentei no primeiro degrau da casa do tio e tentei ligar para a Carina.

A porra do telefone chamou, chamou, chamou e caiu na caixa postal.

Minha vontade era de jogar o meu celular bem longe, mas depois eu teria de ir buscá-lo e isso me irritaria ainda mais. Por fim, enviei uma mensagem:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

"Encontrei com o Davi, e ele está ciente de que você não está indo passar um tempo fora. Posso ter dito alguma coisa sobre você estar grávida, afinal, parece que você andou usando o meu nome para acobertar a sua mentira. Te falar, viu? Porra Carina, não dá para blefar sobre uma coisa séria dessas!"

O pior de tudo é que eu tinha certeza de que a minha prima ia ficar toda ofendida e que ainda me acusaria de ser o fofoqueiro da história. Mal sabia a Carina que a "sorte" dela era que, na ocasião da viagem, a Alana não tinha fuçado os exames que ficaram esquecidos no meu carro, porque aí sim a notícia poderia cair no ouvido do tio César. Não que desse para esconder a verdade por muito mais tempo, pois logo a barriga começaria a crescer e a ficar evidente. A propósito, eu adoraria estar bem longe quando esse dia chegasse.

— Beto? — ergui os olhos dos meus próprios pés e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dei de cara com a minha mãe. — Oi, filho. Não

sabia que você estava por aqui. Tudo bem?

— Tudo, mãe. — me levantei. — Benção.

— Deus abençoe.

— Tudo certo?

— Sim, tudo certo. Aconteceu alguma coisa?

Aconteceu. Um monte de coisa.

— Não. Quer dizer... — me lembrei da Alana e da

sua expressão triste. — A Alana não me parece

bem. Eu acho que ela estava chorando, mas

obviamente eu sou a última pessoa com a qual ela

conversaria sobre o motivo. Então você podia, não

sei, chamar ela para ir tomar um café.

— Nossa, claro! — a mãe assentiu, parecendo

preocupada. Ela e a Alana costumavam ter uma

relação muito próxima, isto é, há três anos. — Vou

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

chamá-la, com certeza. Vocês brigaram? Você fez

alguma coisa?

— Não, eu não fiz nada! Porra, por que todo mundo sempre acha que eu tenho culpa no cartório?

— Bom, Beto... Você quer que eu responda a verdade, ou quer que eu aja como mãe amorosa?

— Aja como mãe amorosa, por favor. — eu pedi, quase implorando, e ela riu.

— Ótimo, ficarei calada então. Ah, antes que eu me esqueça: o seu avô quer reunir a família hoje a noite, a fim de traçarmos um plano estratégico para a pousada. Ele disse que conta com você.

Ta aí: tudo o que eu menos queria.

— Sério, eu mal vejo a hora de voltar a trabalhar e de ter desculpas reais para fugir disso. —

resmunguei e dei um beijo no topo da cabeça da

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

minha mãe. — Vou indo, tá? Tem compra para tirar de dentro do carro.

— Tudo bem, mas eu posso avisar ao seu avô que
você vem mais tarde?

— Pode, mãe. Pode. — suspirei. — Eu me
comprometi a ajudar, né? Então acho que não tem
como fugir disso.

E foi exatamente nessa hora que, imagino eu, o
narrador da minha vida entrou em cena com a
seguinte frase de efeito:

Pobre coitado. Ele deveria sim ter fugido.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

CAPÍTULO DEZESSETE

"É uma bela noite

Estamos à procura de algo bobo para fazer

Ei, querida

Eu acho que quero me casar com você"

- Marry You, Bruno Mars.

ALANA

— Arthur, é sério, você precisa me pedir em casamento! — eu disse assim que fechei a porta na cara daquele traste traidor e cara de pau, também conhecido como o meu ex marido. — Eu não acredito que ele me viu chorando...

Apenas para fins de esclarecimento, eu estava chorando fazia pelo menos uns trinta minutos.

— O que o Roberto queria?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Falar com a minha irmã! — expliquei e soltei uma risadinha incrédula. — Dá para acreditar nisso?

— Bom... — o Arthur murmurou e se sentou no sofá da sala. Estávamos sozinhos. — Não sei, Alana. Acho que podemos acabar nos enrolando com essa história de pedido de casamento. Já ouviu aquele papo de que quando você conta uma

mentira, você acaba se tornando refém dela? Uma mentira vai puxando a outra, e a sua família vai pensar que essa maluquice é real. O que faremos quando eles descobrirem que não haverá casamento algum?

— Não faremos nada! — ergui o dedo. — Porque, claro, eles não irão descobrir a tempo. Logo estaremos voltando para São Paulo e daí eu posso inventar que, sei lá, nós terminamos por divergências pessoais.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Divergências pessoais.

— É, Arthur! Coisas do tipo: eu não passava o álcool em gel cinquenta vezes ao dia e você não aguentou a pressão de lidar com isso, ou eu não suportei a sua mania irritante de torcer a cara para tudo na vida.

— Eu não torço a cara para tudo na vida.

— Você torce um pouquinho sim.

— Você dá bom dia ao sol, Alana! Sou um homem normal, apenas não acordo todo santo dia pensando que vivo no fantástico mundo encantado da Alana e os seus pôneis mágicos!

Hum, que ofensivo.

— Nossa, uau! — aplaudi mesmo assim. — *Isso é* o que eu chamo de divergência pessoal! Pronto, está aí o motivo do nosso término! Sobre o pedido de casamento: você pode, por favor, fazer uma cena

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

romântica? Preferencialmente quando o traste estiver por perto?

— Por falar nele, o que você pretende fazer com a informação da gravidez? Porque, se me permite opinar, eu não acho que isso seja da sua conta, embora afete o seu emocional.

— Bom... O que eu posso fazer, Arthur? — encolhi os ombros. — Vou precisar dar um jeito de devolver esse envelope onde achei e depois fingir

que nada aconteceu. De todas as traições que a Carina e o Roberto poderiam tramar, essa para mim foi a pior. Imagine? Grávida! Oh, minha nossa, um novo bebê está prestes a chegar na família! — ergui as duas mãos com sarcasmo e, repentinamente, a voz do meu pai soou feito um trovão pelo cômodo: — Grávida? Você está grávida, Alana?

Fruta. que. partiu!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Grávida? — arregalei os olhos e vi o Arthur ficar tão pálido, mas tão pálido, que poderia ser facilmente confundido com um membro da família Cullen. — Quem, eu?

— Ah, seu... — o pai balançou a cabeça e cerrou os olhos, encarando o meu namorado de mentirinha com fúria. — ...Quer dizer então que você andou tocando a minha filha antes de consumir o ato matrimonial?

— Senhor, olha... Eu... Não é... Nós... Não...

O pai levou a mão até a sua velha espingarda, que repousava gentilmente atrás da porta, e eu poderia jurar que o Arthur estava prestes a sofrer um desmaio. Então eu fiz o que qualquer pessoa sensata faria num momento tão crítico:

— OH MEU DEUS! — gritei, levando uma mão até a barriga. — Estou tendo contrações! Não

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

briguem, por favor!

— Não, não está não! — o Arthur pareceu recuperar a fala e balançou o indicador freneticamente. — Você não está tendo contração nenhuma!

— E quem é você para dizer se a minha filha está ou não tendo contrações? — o pai esbravejou. — Seu desvirtuador de mulheres puras!

— *Ai pai, para!* Não é para tanto também! — eu falei, esquecendo por um segundo da careta de dor.

— Eu já fui casada, eu e o tihoso já... — gesticulei

e o pai cerrou os olhos. — ...Bom, o senhor sabe. É assim que os bebês são feitos.

— Alana Speziali, você não ouse fazer o seu pai pensar sobre isso! — ele ordenou, muito bravo, e encarou o Arthur. Então, antes que abrisse a boca, ou até mesmo que desse um tiro no pobre coitado

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

do meu amigo, eu voltei a gritar:

— AAAAAAAAI!

Ambos correram imediatamente na minha direção

— o pai com preocupação, e o Arthur querendo me matar.

— Não ouse tocar na minha filha! — seu César ordenou, pegando-me no colo e me levando até o sofá, onde deitei. — Onde dói, Alana?

Meu coração.

— Meu útero! — choraminguei. — Parem de brigar, por favor! Não mate o Arthur, pai! O meu filho não pode nascer órfão!

O Arthur saltava atrás do pai, fazendo um gesto que, basicamente, era uma ameaça de cortar o meu pescoço.

— Aaaaaai...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Acho melhor te levar ao médico. — o pai disse e eu arregalei os olhos, sentando-me de repente.

— O que? Não! Já estou melhor! Ufa! — sorri, ajeitando-me. — Foi só um sustinho!

— Alana! — o Arthur chamou de forma irritada e eu fechei os olhos.

— Tsc, tsc, tsc, tsc, tsc! — estalei a língua. — Está tuuuuuudo bem! Não se preocupem!

— Seu César, nós n-

— Shhhhhhhh! — cortei meu amigo. — Passou! Fiquem calmos!

— Meu Deus! — o pai se sentou no sofá. — Você está grávida, filha! Eu não acredito nisso! Você conhece esse sujeito há cinco meses, mal sabe a

verdadeira índole desse rapaz!

— É, mal sabe se eu posso te matar enquanto você

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dorme! — o Arthur disse e eu o olhei feio, assim
como o meu pai.

— Como é que é, cabra?

— Ele só está brincando, paizinho! — eu o segurei
pelo braço, contendo-o. — Arthur tem um senso de
humor exótico. Além do mais, não se preocupe.

Nós vamos nos casar.

— Nós... O que... Alan- Grrrrr, maldição! Olha seu
César, não é bem assim! — o Arthur tentou
desconversar e o pai o encarou de uma maneira
que, sério mesmo, até eu fiquei com medo.

— O que quer dizer com "não é bem assim"? Está
insinuando que engravidou a minha filha e que vai
deixá-la cuidar dessa criança sozinha?

— NÃO! Quer dizer... Não! Eu... Não!

— Ótimo, pois marquem a data. — o pai

simplesmente disse e se pôs de pé. — Eu quero

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

essa data o quanto antes. Agora, se me dão licença, eu vou dar uma volta para esfriar a cabeça, ou não sei o que faço com esse rapaz. — ele apontou para o Arthur com o cano da espingarda, fazendo-o tremer nas bases.

E então se foi.

Alguns segundos de silêncio se passaram até eu finalmente tomar coragem e dizer algo:

— Desculpa.

— DESCULPA? — Arthur explodiu. —

MALDIÇÃO, ALANA! FICOU DOIDA?

— Fala baixo, Arthur! Meu Deus do céu! — lhetaquei uma almofada. — O que eu poderia fazer?

Confessar ao pai que roubei um exame de gravidez? Foi mal, mas não quero que seja eu a porta voz da grande notícia de que aqueles dois traidores terão um filho!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu ainda não queria acreditar nisso.

— É incrível! As coisas só pioram... — o Arthur balançou a cabeça de um lado para o outro.

— Fica calmo, tá? Deu tudo certo. Você está vivo!

— É, por enquanto! E o que faremos depois, já que sua barriga obviamente não irá crescer?

— Eu posso dizer que foi um engano, oras! Que eram gases! Tenho um pouco de intolerância à lactose, então você sabe como é... — gesticulei e o Arthur fez uma careta de reprovação.

— Que coisa horrível! Guarde somente para você essa informação!

— Enfim... — suspirei. — São só mais três dias.

Aguenta mais um pouco, por favor. O pai não vai te matar, embora às vezes pareça que sim.

O Arthur nem teve tempo de negar o meu pedido,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

porque fomos brutalmente interrompidos por duas batidinhas na porta. Arregalei os olhos e cutuquei meu amigo, em pânico.

— Vai lá!

— Eu? Por que eu?

— Como assim por quê? — eu o empurrei. —

Porque pode ser o tihoso outra vez, e eu não quero ter de encará-lo!

O Arthur bufou e se pôs de pé com toda a má vontade do mundo, mas, ao abrir a porta, eu pude avistar não o traste e sim a tia Nice.

— Oi. — ela sorriu. — A Alana está?

— Oi, tia! — me levantei, chamando sua atenção.

— Tudo bem?

— Tudo, e com vocês? — ela olhou de mim para o Arthur, que lhe respondeu com um humor peculiar:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ótimo. Tudo *ótimo*.

— Ah, que bom! Eu acabei de passar um café e fiz

bolinhos de chuva, então pensei: será que a Alana e o seu namorado não gostariam de vir comer uma bobagenzinha?

— Claro, claro! Nós adoraríamos! — me empolguei, afinal, eu era apaixonada pelos bolinhos de chuva da minha tia. Logo depois, porém, pensei no tinoso e senti a euforia ir embora. — Hã... Por um acaso... O Roberto está lá, tia?

— O Beto? Não, ele não está. Foi embora faz pouco tempo. Aconteceu alguma coisa?

— Hum, nada. Só por curiosidade mesmo. Enfim... Vamos, Arthur?

Tá que ele ainda tinha uma carranca bem feia no rosto e tá que talvez ele tivesse um pouquinho de razão, mas ainda assim meu amigo me deu a mão e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

me acompanhou, em direção à casa da melhor tia do mundo.

[...]

Pela primeira vez desde que conseguia me lembrar, eu não me senti bem ao entrar naquela casa. Ela costumava ser o meu terceiro lar, mas naquele momento só serviu para me trazer lembranças que não eram bem-vindas. Mesmo assim, me esforcei ao máximo para parecer à vontade e para que tivéssemos uma tarde agradável.

Então, quando eu e o Arthur finalmente nos levantamos para ir embora, tia Nice veio até mim, me deu um abraço apertado e sussurrou algo no meu ouvido, para que somente eu pudesse escutar:

— Se precisar conversar sobre qualquer coisa, saiba que estou sempre aqui.

Sorri fraco e engoli a vontade de voltar a chorar,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pois de forma alguma eu poderia expor para a tia Nice o real motivo da minha tristeza. Isto é, o seu filho desalmado.

— Obrigada, tia. — eu disse, pensando em como

ela poderia ter notado que eu não estava bem.

De todo o modo, logo que retornamos para a casa do meu pai, eu imediatamente comecei a matutar sobre a cena romântica que eu e o Arthur iríamos protagonizar mais tarde.

— Diga palavras bonitas. — eu pedi. — Você por um acaso sabe cantar?

— Nem inventa!

— Tá, tudo bem. Apenas diga palavras bonitas.

— Eu ainda não acredito que vou fazer isso. — o Arthur morrinhou para si mesmo. — Francamente, eu odeio casamentos! E nem preciso explicar o porquê disso!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bom, você odeia muitas coisas e confesso que não entendo o motivo da maioria delas, mas nesse caso eu posso dizer que te compreendo. Pense nisso como um teatro, ok? Você já quis ser ator?

— Não.

— Eu já.

— Jura? Não entendo porque desistiu, afinal, você tem a habilidade de atuação do Cigano Igor!

— Nossa, Arthur! — estreitei os olhos e fiz a linha ofendida, enquanto procurava por uma roupa que me fizesse parecer linda e plena na reunião de mais tarde. — Mas agora falando sério: como homem, o que você acha que eu deveria vestir para sambar de salto quinze na cara dos inimigos?

— Jeans e camiseta?

Peguei uma meia perdida e lancei na sua direção.

Ele se afastou com horror.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Arthur, estou falando sério!

— Não sei, Alana! Um vestido, talvez?

— É, pensei nisso. — bati o indicador sobre os lábios. — Estou cogitando esse... — inclinei-me sobre a mala e joguei algumas roupas no chão, encontrando uma peça floral. — Ou esse. — puxei

outra de cor marsala.

Arthur analisou por um tempinho.

— Acho que o segundo.

Torci a boca, incerta.

— Prefiro o primeiro.

— Então por que me perguntou?

— Nossa, Arthur! Você não está ajudando!

— Ah, jura? Eu não estou ajudando? *Eu?*

Corri até o banheiro antes que ele começasse com

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mais uma crise de estresse. Confesso que precisei

fazer alguns movimentos bem estranhos, algo

parecido com o que uma minhoca faria ao ser

jogada no asfalto quente. Tudo isso para conseguir

entrar no vestido marsala.

Droga, eu sabia que devia parar de comer

bobagens!

— Ficou horrível! — lamentei, retornando para o

quarto. — Céus, olhe só para isso! — bati com uma

das mãos na minha barriga, sendo tomada por uma onda de desespero. — Eu estou que nem a Karen, em As Branquelas! Alana e sua enorme pança falante!

Arthur gargalhou.

Eu estava prestes a ter uma crise de ansiedade e ele estava se divertindo às minhas custas.

— Bom, o que posso falar? Vocês dizem que sou

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

um homem pessimista, mas tente ver o lado positivo: pelo menos a sua família vai acreditar que você está grávida. De Cheetos.

— Não tem graça! — me joguei no chão com os braços e as pernas abertas, feito uma estrela do mar cansada e acima do peso.

— Eu achei engraçado. Mas enfim, né? — o meu amigo se pôs de pé. — Vou me aprontar. Boa sorte na escolha.

Bufei.

— Você é um homem mau, Arthur.

— Eu sei. — ele disse e então simplesmente se foi, me deixando a sós com os meus muitos dilemas internos.

[...]

Algo curioso aconteceu antes da reunião.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Isto é, eu vi a Carina e o Roberto discutindo do lado de fora, lá na calçada.

Não que eu estivesse bisbilhotando, porque eu não estava. Dessa vez eu juro que foi uma mera coincidência.

Mas aí, num certo ponto, minha irmã lhe deu as costas, entrou no seu carro e saiu cantando pneu.

— Uau! — exclamei, impressionada. — Que relacionamento saudável!

— Vê se pare de enfiar o nariz onde não foi solicitada! — o Arthur chamou a minha atenção e eu soltei a cortina da casa dos meus avós. Então,

quando o tihoso finalmente botou os seus pés no lado de dentro, eu agarrei o braço do meu namorado de mentira e ri com naturalidade.

— Cheira o meu pescoço. — pedi e o Arthur me olhou sem entender.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Como é?

— Cheira o meu pescoço, Arthur! Faça algum movimento íntimo!

— Eu detesto esse seu perfume, ele é muito doce!

— Anda, Arthur!

— Que inferno, mulher! — ele xingou e se aproximou, dando uma cheiradinha rápida.

Céus! Misericórdia nesse homem!

— Não assim, como se estivesse checando se o feijão da panela está azedo! — me queixei. — É um cheiro no cangote, Arthur! Um cheiro caprichado!

— Tá, tá! — ele bufou e encostou seu nariz no meu

pescoço, o que me fez rir de verdade com as cócegas.

O tihoso nos encarou, mas logo desviou o olhar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Status: os humilhados finalmente seriam exaltados.

E foi assim, entre muitas risadas e cheiradas no cangote, que nós seguimos para a reunião. Eu estava apenas esperando pelo momento certo, sabe?

O momento ideal para fazer o grande comunicado.

Quando a vovó surgiu, sugerindo uma pausa para um lanche, eu chutei a canela do Arthur e lhe dei uma piscadela.

— É agora.

— Agora *agora*?

— É, Arthur. Agora.

— Alana, não sei se-

— OH MEU DEUS! — exclamei, levando uma mão até a boca. — Eu não sei nem o que dizer...

Eu... Me casar... Me casar com você na Península

Escandinava?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Jesus Cristo, Alana... — eu o ouvi sussurrar, antes de sorrir e de se ajoelhar à minha frente (conforme tínhamos combinado). — Bom... Eu ainda não... Não tive tempo de comprar um anel bonito e nem nada do tipo, mas Alana, quero te fazer esse pedido na frente de toda a sua família e, principalmente, na frente do seu pai. Você quer se casar comigo na... — ele hesitou por um momento e eu sussurrei:

— Península Escandinava.

— Península Escandinávia?

— Escandinava.

— Daaaane-se! — ele riu de uma maneira afetada, falando entredentes. — Você quer?

Levantei a cabeça e me esforcei para fazer a linha emocionada, encarando o rosto de todos os presentes. O tinoso olhava diretamente para mim.

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

Não sei descrever qual era a sua reação, mas eu logo desviei o olhar, sentindo um nó me subir à garganta.

Bom, pelo menos isso me ajudaria no teatro.

— Eu... — levei uma mão até a minha barriga de Cheetos e a alisei. — Sim! Sim, meu amor! Claro que sim! Quero constituir uma família ao seu lado! Eu, você e... E o nosso filho!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

CAPÍTULO DEZOITO

"Mas a verdade é que eu sou louco por você

E tenho medo de pensar em te perder"

- **Evidências, Chitãozinho e Xororó.**

Enquanto Alana e Arthur brindavam seu falso

noivado...

...Um Roberto ainda sóbrio digitava a seguinte mensagem para a sua prima, que estava a poucos metros dele:

"Tati... Aquela proposta que você me fez há uns dias, de ser a minha companhia para encher a cara... Ela ainda está de pé?"

Não demorou para que ela respondesse. Talvez, se tivesse levado alguns minutos a mais, o pobre homem teria desistido da ideia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

"Ai

primo...

:(

Eu

sinto

muito.

Chama

um *uber* daqui a dez minutos, tá? Vou dar um jeito da gente fugir"

E ela de fato deu. Eles logo seguiram rumo ao Praianos, um bar na orla da praia que tinha música ao vivo e que era o lugar ideal para afogar as mágoas e sofrer por amor.

— Me vê qualquer coisa forte. — Roberto pediu ao atendente do bar, enquanto Tatiana o encarava com preocupação.

Não demorou para que a noção fosse embora e, quando a bebida entra, as palavras simplesmente... Saem.

Ainda mais quando o vocalista da noite começou a cantar Will Always Love You numa versão sertaneja bem esquisita e duvidosa, mas que mesmo assim foi um estímulo para a sofrência:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Bittersweet memories, that is all I'm taking with me... So good-bye, please don't cry... We both know

I'm not what you, you need... And I will always love you... I will always love you

(Lembranças agridoces, é tudo o que estou levando comigo... Portanto adeus, por favor não chore...

Pois ambos sabemos que não sou o que você, o que você precisa... E eu sempre amarei você... Eu sempre amarei você)

— Vou ligar para a Alana. — Beto choramingou de cabeça baixa. — Ou talvez mandar uma mensagem.

— Ah, mas não vai mesmo! — Tatiana riu, prontamente disposta a proteger a dignidade do primo. — Que tipo de pessoa eu seria se deixasse você fazer isso assim, bêbado?

Que Deus abençoasse essa mulher.

— É, pensando bem, você tem razão. Eu não vou

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ligar. Até porque, eu não tenho mais o número dela.

Eu não tenho mais nada dela! — Beto levantou a cabeça, frustrado, e tudo girou, girou e girou. Então

ele prosseguiu: — Não acredito que ela vai se casar, Tita! Na Península Escandinava! Quer dizer... Isso nem é a porra de um lugar, é uma península!

— Desculpa, não entendo muito de Geografia. —
Tatiana encolheu os ombros.

— Que inferno, Tita! Que inferno! — ele resmungou, sendo que foi exatamente aqui que as coisas começaram a ficar vergonhosas. — Eu a perdi! Quer dizer... Tá! Não é de hoje, né? — Beto disse e seus olhos marejaram. — Mas eu cansei de tentar dizer que foi um mal entendido! Sabe o que é o pior? Eu a amo! Puta que pariiiiiiiiu, eu a amo muito!

— Shhhh, não fica assim, primo... — Tatiana

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tentou apresentar algum consolo, mas a versão de homem triste e bêbado à sua frente balançou a cabeça e virou mais um copo de bebida.

— E tem mais essa: eles vão ter um filho! Tipo...
Porra! Como isso é possível? Até hoje de manhã a Alana estava... Ela estava pulando o meu muro vestida com uma roupa ridícula, mas que... Mas que ficou linda nela e... E isso é um pouco estranho. Na verdade é *muito* estranho, porque aquele treco era bem feio e eu estou me sentindo meio mal por achar isso, então esquece. Esquece, Tita!

Mas Tatiana não o fez. Pelo contrário, ela arqueou a sobancelha e o encarou com surpresa.

— A Alana fez o que?

— Deixa para lá, Tita! Tudo o que importa agora é que ela está carregando um... Bebê... Um bebê

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

frango dentro daquela... Dentro daquela barriga. —
o Beto bêbado parou e pensou por um segundo, ficando imediatamente irritado. — Parando para refletir agora, ela poderia ter perdido esse filho,

porra! Essa mulher não pensa, ela não... Porra,

Tatiana! Ela está grávida de outro homem!

— Eu sei, primo. Eu sei. É horrível. Sinto muito. —
ela disse, tentando cuidadosamente tirar outro copo
de bebida de sua mão. Não que quisesse ficar
regulando, mas também não queria que ele passasse
mal.

— É culpa minha. — ele choramingou. — Não fui
um bom marido e nem um bom pai, mas... Mas
tipo, não foi *totalmente* minha culpa, sabe? Não
foi só minha culp- — ele parou de falar de repente,
para, pasmem, começar a chorar.

Bêbados...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Pelo visto, a ressaca do dia seguinte também
seria *moral*.

— Ô primo... — Tatiana se aproximou, com dó.

Ela o abraçou de lado e Beto tentou respirar fundo
e se acalmar.

Não conseguiu, mas isso não o impediu de prosseguir com o desabafo:

— Eu acordo e durmo com essa culpa, você entende? — ele encarou sua prima, embora mal conseguisse enxergá-la. — Se eu pudesse eu trocaria de lugar com a Helena sem hesitar, Tita. Eu daria a minha vida para ter ela aqui. Eu queria ter estado lá no dia em que ela se foi, mas e... — ele arquejou. — Eu não sabia! Eu não sabia, Tita!

Como eu ia sa... Saber?

— Beto, se acalma... — Tatiana afagou suas costas.

— Eu sei, eu sei! Você está se culpando por algo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que não estava no seu controle. A nossa Helena se foi muito cedo e infelizmente ninguém pôde fazer nada para impedir, nem mesmo você. Esse tipo de coisa não tem como prever.

Roberto pressionou os olhos com os dedos e jogou a cabeça para trás. Tinha um peso enorme em seu

peito, uma sensação quase física e não apenas metafórica.

— Eu tô tão cansado, Tita. Tão, mas tão cansado.

Tem hora que... — ele parou e só ficou em silêncio.

— Tem hora que a gente precisa colocar para fora mesmo, para renovar a energia e continuar sendo

forte. — Tatiana disse, dando uma finalidade

àquela linha de pensamento. Ela se preocupava

muito com ele. Para Tati, Roberto era como um

irmão, e não era de hoje que ela vinha notando-o

distante. — Você tá guardando muita coisa, Beto.

Isso não te faz bem. Desse jeito, daqui uns tempos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— você vai é adoecer. Eu li num lugar que o que não vira palavra, vira sintoma.

— Ai... Para de falar frase de agenda, Tita. Por

favor! — ele pediu e apoiou os braços na mesa,

deitando sobre eles e escondendo o rosto.

Beto se calou por um tempo, pois até mesmo a sua

versão bêbada sabia que deveria se poupar da fase de autocomiseração que acompanhava o porre.

Em sua cabeça, porém, dois pensamentos iam e voltavam:

Alana vai se casar. Alana está grávida.

Alana vai se casar com Arthur na Península

Escandinava (?). Alana vai ter um filho de outro homem.

— E então, público... — o vocalista da banda falou com empolgação, fazendo com que Beto fungasse e levantasse a cabeça com curiosidade. — Agora

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

vem um momento da noite que é muito especial.

Sempre que nos apresentamos, a gente faz questão de convidar todos para cantarem o hino nacional brasileiro, e aqui não poderia ser diferente!

— Mas que porra é essa? — Roberto resmungou.

— Vocês podem ficar de pé, por favor? — o

homem ao microfone pediu e Beto até tentou, por

educação, mas estava tão mal que Tatiana precisou ajudá-lo. — Bom... Essa daqui vai para todos os brasileiros que já sofreram por amor! Cantem comigo, galera! Cantem comigo! — ele convidou e a banda começou a tocar os acordes de... Espera aí! Evidências?!

— Ai minha nossa, que bosta! — Tatiana logo previu o desastre emocional.

Se as coisas já estavam ruins, agora é que tendiam a piorar ainda mais.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— *Quaaando digo que deixei de te amaaar...* — o vocalista cantarolou com voz de dor de barriga, sendo imediatamente acompanhado pelo seu primo:

— *É porque eu te amooooo...*

— *Quando digo que não quero mais vocêeee...*

— *É porque eeeeu te queeero!*

— Beto, vamos embora? — Tatiana sugeriu, tocando-lhe o braço. — Você não está nada bem.

— *Eu tenho meeeeedo de te dar meu coração...* —

a banda prosseguiu e ele, claro, também:

— E CONFESSAAAAAAR QUE EU ESTOU EM
SUAS MÃAAOS!!!!!!!

— Minha nossa, Beto! — Tatiana arregalou os
olhos, vendo-o erguer o tom de voz. — É sério, vou
chamar um *uber!*

Ela abriu o aplicativo em seu celular, mas o primo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sequer a ouvia, imerso naqueles versos de dor e
sofrimento:

— MAS NÃO POSSO IMAGINAR O QUE VAI
SER DE MIM... — pausa para engolir o choro. —

...SE EU TE PERDEEEER UM DIAAAAA!

Tatiana riu, ainda que obviamente fosse meio
errado.

Se ela conhecia bem o primo, ele iria morrer de
vergonha ao se lembrar disso na manhã seguinte.

Isto é... *Se* ele se lembrasse.

— *Eu me afasto e me defendo de você...*

— MAS DEPOIS ME ENTREEEEEGO!

— *Faço tipo, falo coisas que eu não sou, mas depois eu nego...*

— MAS A VERDAAAAADE É QUE EU SOU
LOUCO POR VOCÊ! E TENHO MEEEEDO DE
PERIGOSAS ACHERON
PERIGOSAS NACIONAIS
PENSAR EM TE PERDEEER!

Tatiana olhou da tela de seu celular para o seu primo, em dúvida. Ela ponderou por um segundo, mas, quer saber? Acabou decidindo chutar o balde! Então, sem mais nem menos, passou seu braço pelos ombros daquele homem que ela amava como um irmão e se juntou a ele na cantoria, negando as aparências e disfarçando as evidências.

— Lembra do que eu te disse? — ela falou para Beto num certo momento, tentando recuperar o fôlego depois de muito se esgoelar. — Não vou soltar sua mão, seu doido! Se tudo der errado, nós

estamos juntos.

— Obrigado, Tita.

— De nada. E Hakuna Matata!

Eles riram.

Afinal, era para isso que serviam os amigos. E, se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

eles calhassem de ser a sua própria família, então
melhor ainda.

[...]

— Bom dia, Bela Adormecida! — Tatiana disse na
manhã (quase tarde) seguinte e Beto levou uma
mão até a cabeça, sentindo-a doer.

Quando foi que ele tinha ido parar no quarto dela?

— Nossa! — foi a primeira coisa que falou.

— Dormiu bem?

— Você está me zoando? — ele se sentou,
agradecido por notar um copo de água em cima do
criado mudo.

— Estou, né? — ela riu. — E aí, como está se

sentindo?

— Melhor do que nunca.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É sério, Beto.

— Estou péssimo. — ele confessou e Tatiana se sentou ao seu lado, lhe entregando um comprimido.

— Obrigado.

— De nada, primo. Olha, desculpa falar isso assim, logo depois de você acordar de uma noite ruim e com ressaca, mas nós não temos muito tempo.

— Falar o que, Tita?

— Beto, não fica nervoso, mas eu acho que você e a Alana precisam urgentemente de uma conversa longa e séria.

Ele suspirou, cansado.

— Vamos conversar sobre o que, Tita? Ela não acredita em mim, não quer me ouvir! Ela disse que me odeia e... — ele pausou, sentindo a cena da noite anterior vir com tudo: Alana e Arthur.

Península Escandinava. — E agora ela vai se casar!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

E ter um filho!

— A Laninha não te odeia, Beto. — Tatiana começou pela parte menos complicada e o primo fechou os olhos sem dizer nada sobre, porque seu estômago revirou.

— Quanto foi que eu bebi?

— Muito. Tá enjoado? — ela quis saber e ele assentiu. — Vem, eu te ajudo a ir até o banheiro. Só não vomita no meu chão, por favor. Sou uma boa pessoa, mas não tanto. Vou te fazer limpar tudo.

Roberto se ajoelhou de frente para o sanitário e tentou se forçar a lembrar dos acontecimentos que se sucederam depois de começar a beber. Spoiler: não deu certo.

— Como eu vim parar aqui? — ele então questionou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Obviamente eu te trouxe, porque afinal, zero condições de te deixar sozinho na sua casa, né? Foi o meu pai que me ajudou a te colocar para dentro.

— É sério?

— Juro.

— Puta merda! — ele balançou a cabeça, envergonhado. — Não fica aqui não, Tita. Acho que vou vomitar, de verdade.

— E eu lá tenho nojinho de vômito, Beto? Sou médica, seu bostinha! Só não vou limpar!

Ele riu.

— Anda, por favor! Mete o pé daqui!

— Escuta o que eu vou te dizer... — ela o ignorou.

— Vou sair com o Arthur. Não sei como, mas vou dar um jeito, pois nós meio que temos um esquema amigo agora.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Hum... — Roberto resmungou, sem querer saber detalhes sobre essa nova amizade que, aliás, ele sequer sabia que existia.

— Daí você... — ela o cutucou, prosseguindo. — Vai procurar a Laninha para ter uma conversa séria! Posso ouvir um amém?

— Não vou fazer isso! — ele negou, irritado somente com a ideia. — Sem condições, Tita!

— Pois você vai sim! — Tatiana ordenou. — Sei que a Alana pode vir com sete pedras nas mãos, mas, se for preciso, pega a porcaria de um par de algemas e prende essa mulher até ela te escutar! Tá me ouvindo, policial? Você vai dizer a ela tudo o que me disse ontem!

— O que eu te disse ontem? — Beto a encarou, assustado.

— Que você a ama e blá-blá-blá-blá-blá. E alguma

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

coisa sobre a Península Escandinava. — ela riu e ele sentiu o rosto queimar. — ...Mas enfim, não estou falando disso, e sim do resto. Beto, é sério: conversem. Para de guardar as coisas só para você! Não é possível que eu tenha que te embebedar outra vez, mas, se for preciso, saiba que eu o faço! E eu estou falando sério, então vê se não me enche o saco!

— Tá bom, Tita! Tá bom! — ele a cortou com um aceno de mão. — Mais alguma coisa importante? — Sim! — Tatiana assentiu e não se conteve, gargalhando na frente do primo. — Você cantou Evidências na frente de todo o público do Praianos. Mas não se sinta mal, Betinho. Até que sou bonito.

E foi então que ele finalmente vomitou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

CAPÍTULO DEZENOVE

"Dê ao seu corpo alegria, Macarena

Hey Macarena"

- **Macarena, Los Del Rio.**

BETO

Nunca me senti tão ridículo em toda a minha vida.

Era o fundo do poço mesmo: vinte e oito anos de idade, divorciado, tomando porre e cantando

Evidências num bar.

O fundo do poço do amor não correspondido.

Meu celular vibrou e eu li a mensagem que a

Tatiana tinha acabado de enviar, enquanto eu

aguardava no seu quarto depois de tomar um banho

e pensar sobre as minhas últimas atitudes

vergonhosas:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

"Estou saindo com o Arthur. Eu disse para a Alana

que nós vamos preparar uma surpresa para ela,

então essa é a sua deixa. Não me decepcione! Ela

está no vovô"

"Ok"

Havia um pouco de pressão naquele "não me

decepção". Pensei em dizer isso, mas a Tatiana viria com mais um discurso longo e eu, honestamente, dispensava.

Me levantei sem acreditar que eu faria aquilo.

Estava indo, por livre e espontânea pressão, em direção à situação que eu queria evitar a todo o custo: um embate com a minha ex mulher.

Então, quando cheguei à casa do meu avô, eu meio que tentava ensaiar (internamente) um diálogo. No entanto, é claro que as coisas não saíram como o previsto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ah, olha quem chegou! — ele disse, apontando para mim com alívio.

Sabe quando você sente que alguma coisa vai dar merda e que você deveria, simplesmente, dar as costas e ir embora? Pois é.

Meu avô, minha avó e a Alana estavam sentados à mesa. Só de olhar para ela eu sentia o rosto queimar

de constrangimento pelo meu comportamento na noite anterior, mas ainda assim eu busquei pela minha voz:

— Boa tarde. O que houve, vô?

— Um imprevisto horrível! Temos um cliente insatisfeito na pousada, ele está quebrando todo o quarto!

— Como? — me aproximei com preocupação.

— Uma verdadeira baderna! Acabaram de ligar da recepção, então será que vocês poderiam... — ele

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

apontou de mim para a Alana. — Dar um pulinho lá? O Beto é policial, vai saber como agir. Mas a Alana é quem tem jeito com as palavras.

Estreitei os olhos, sentindo-me levemente ofendido, mas logo fui tomado por um outro pensamento assustador: tinha uma única forma de chegar à pousada e era indo pelo mar, de escuna.

Eu. Ressaca. Estômago ruim. Escuna. Mar. Ondas.

Que boa combinação!

— É claro que nós podemos, vovô! — a Alana respondeu por nós, levantando-se de sua cadeira. — Não se preocupe e nem faça esforços, tá? Vamos resolver tudo!

— Oh, que anjo! — nossa avó falou com amor, mas, assim que os olhos da minha ex mulher pousaram sobre mim, sua expressão era a do oposto de um ser angelical.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vamos. — ela disse, seca, e passou feito um foguete.

Que bom. Era assim mesmo que eu esperava encontrá-la, a fim de convencê-la a termos um diálogo decente.

— Ei, Alana? — eu chamei, tentando alcançá-la. — Posso... Será que a gente pode... Conversar? Depois?

— Conversar? — ela cruzou os braços. — Sobre o

que, exatamente?

Que inferno. Eu não contava com essa pergunta.

Dizer que era "sobre nós" seria muito ousado da minha parte, e ela com certeza diria "não".

— Sobre... — eu pensei, porém não cheguei à nenhuma resposta boa e simplesmente balancei a mão na frente do seu rosto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sobre...? — ela repetiu meu gesto.

— A vida.

Meu Jesus!

— Você quer conversar comigo sobre a vida?

— A gente pode?

— Não sei, Roberto. Não sei se quero conversar com você. — ela disse e acenou para o rapaz da escuna, que já nos esperava do outro lado da rua.

Pelo menos "não sei" era melhor do que "não".

Nós atravessamos a calçada, fomos até o cais e eu entrei naquela porra de barco torcendo para não

vomitaram. Então, quando penso que não, um grupo de pessoas entrou junto com a gente e uma mulher disse, ao apontar para mim:

— Ei?! É você, não é? O moço do bar? O cantor?

Senti o corpo congelar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Inferno! Era só o que faltava!

— Desculpe, você deve estar me confundindo. —

eu disse e ela negou, tirando um celular de dentro da bolsa.

— Não, não, não! Era você mesmo! Evidências, né? Eu te entendo, moço...

Olhei para a Alana com desespero e ela nos encarava com curiosidade.

— Aqui, ó! — a mulher enxerida me cutucou, dando play na... Meu Deus do céu!

Na porra de um vídeo! Meu! Bêbado!

Não era possível isso!

— Moça, será que... — tentei desesperadamente

pausar aquele treco, tamanha era a vergonha e a humilhação pública. — ...Você pode parar essa coisa? E deletar?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É um vídeo? — a Alana se aproximou, atraída.

— Deixa eu ver! Você agora canta, Roberto?

— NÃO!

"E NESSAS LOUCURAS, DE DIZER QUE NÃO

TE

QUERO,

VOU

NEGANDO

AS

APARÊNCIAS,

DISFARÇANDO

AS

EVIDÊEEENCIAS" — minha versão bêbada se esgoelava, abraçado à Tatiana.

— Não sou eu! — tentei negar, encarando aquela

mulher do cão com um olhar mortal. — Você pode tirar esse vídeo?

— Como não é você? — a Alana questionou. —

Olha a Tatiana ali!

Eu juro que estava prestes a ameaçar a moça com um processo, afinal, meu eu bêbado não tinha dado autorização para ser filmado, mas meu estômago deu *aquela* revirada, enquanto a escuna balançava

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para lá e para cá.

"TITA, ELA VAI SE CASAAAAR!" — eu gritei

(no vídeo).

Me pus de pé num impulso, inclinando o tronco para o lado de fora da escuna. O vídeo foi pausado (graças a Deus), mas o estrago já tinha sido feito.

Isto é, eu já tinha sido exposto, em poucos segundos, ao ápice da vergonha alheia.

Quer dizer... Não tanto. Piorou mais quando eu vomitei.

Perdão, seres viventes do oceano.

— Roberto? — a Alana tocou meu braço e eu fechei os olhos. Talvez eu pudesse pular no mar e me afogar de forma rápida, sem que tivesse de encará-la. — Céus! Tudo bem?

Não, tudo péssimo!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É uma música. A letra de uma música. — eu disse, ainda sem me mover. — "Tita, ela vai se casar". É tipo... Carla, do LS Jack. Ou... Anna Júlia, dos Los Hermanos. Só não é muito conhecida.

Ainda. Enfim...

A Alana ficou em silêncio e então eu me virei, dando de cara com seus olhos confusos e muito próximos.

A moça do vídeo, aquela sem noção duma figa, me encarou com pesar e ergueu a tela de seu celular, mostrando-me que estava deletando os registros da minha cena vergonhosa.

Obrigado por nada!

Bufei mentalmente e voltei a olhar para a Alana.

Então, de repente, a brisa do mar balançou seus cabelos e ela piscou lentamente. Quer dizer...

Talvez ela não tenha realmente piscado lentamente,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mas a cena na minha cabeça estava acontecendo assim. Minha ex mulher mordeu o lábio inferior e meus olhos foram imediatamente até lá. Não era bem uma cena romântica, pois: (a) eu havia acabado de ser humilhado publicamente e (b) eu tinha vomitado; porém, mesmo assim, por um segundo eu tive vontade de beijá-la. O que seria nojento, mas...

— Roberto? — ela estalou os dedos na minha frente. — Você está passando mal? Você está um pouco branco, será que vai desmaiar? Você bebeu? Roberto, é sobre isso que você queria conversar comigo? Ai, céus! Você... Está tendo dificuldades

para abandonar a bebida?

E então a vontade esquisita simplesmente se foi.

— O que? — franzi o cenho.

— Bem que eu notei você um pouco acabado... —

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ela torceu a boca e estendeu a mão. — Me dá,
anda!

— Te dar o que?

— O frasquinho de bebida que você está
escondendo!

— Não estou escondendo frasquinho de nada! —
eu disse, saindo de perto dela.

Alguém me tire dessa escuna dos infernos!

— Vamos, Roberto! — a Alana me seguiu. —

Você consegue!

Eu nunca mais iria beber. Isso não era promessa de
bêbado, que não tem valia, era promessa de sóbrio.

Me agarrei à borda, pois ainda estava enjoado.

— Cadê? Anda! — a Alana apalpou meus bolsos e

eu saltei, tamanha a invasão de espaço pessoal.

— Quer parar com isso, Alana? Não sou

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

alcoólatra!

— Só estou tentando ser útil, Roberto! Saiba que
você só vai vencer essa tentação quando parar de
negar ajuda!

Saí de perto dela outra vez, irritado com a situação,
mas aliviado por pelo menos estarmos próximos do
cais da ilha. Vi que a Alana trocou algumas
palavras com a mulher do vídeo e ambas me
encararam com a expressão de pesar. Era só o que
faltava mesmo!

Por fim, ao desembarcamos na entrada da pousada,
minha ex mulher encostou a mão no meu ombro e
sorriu de forma condescendente.

— Minha reposta é sim, Roberto. Podemos
conversar depois.

[...]

Mal tive tempo de pensar sobre as palavras da

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Alana, pois assim que botamos os nossos pés no lado de dentro da pousada, o rapaz que ficava na recepção nos encarou com desespero.

— Graças a Deus! Roberto, o hóspede do quarto dezenove está fora de si! Ele parece estar bêbado e, além do mais, incontrolável! Até ameaçou um funcionário!

Olhei para a Alana com preocupação e ela olhou de volta para mim da mesma forma.

— Me deixa ir primeiro, ok? Fica aqui. — eu sugeri e ela negou.

— Não! Sei que pode ser difícil para você. Eu vou!

— Alana, você fica!

— Eu vou, *você* fica! Não quero que você corra o risco de ter uma recaída!

— Será que você pode parar de falar isso? Eu já te

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

disse que não tenho problemas com bebida! Aquilo

lá foi... — gesticulei, sem saber o que dizer. —

...Ontem foi um episódio isolado!

— Tudo bem. — ela assentiu, embora não

parecesse convencida. — Vamos os dois e não se

fala mais nisso. Pode ser?

Não podia, mas a julgar pelo olhar de desespero da

funcionária que surgiu às pressas na recepção, nós

não tínhamos tempo para discutir quem ia e quem

ficava.

— Tá, você vem. Mas fica atrás de mim. —

decretei e nós caminhamos em silêncio até a porta

do quarto dezenove.

Dei dois toques e abri. Um homem calvo,

levemente acima do peso e peludo (ele estava sem

camisa) nos encarou com raiva.

— O QUE FOI AGORA? — ele gritou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Com licença. — eu disse, calmo. — Nós recebemos informações de que o senhor está bêbado e ameaçando alguns funcionários. Será que podemos conversar por alguns minutos?

— É. — a Alana assentiu. — Queremos te ajudar. Saber o que está acontecendo. Pode abrir o seu coração, pois eu sei que algo muito doloroso está escondido bem aí dentro.

— Menos, Alana. — eu sugeri.

— ESTOU MUITO ESTRESSADO! — o homem gritou, puxando os próprios cabelos. — MINHA

MULHER

ME

DEIXA

LOUCO,

MEUS

CLIENTES SÃO COMO... COMO SARNA,

FAZENDO MINHA PELE COÇAR! E O MEU

PSIQUIATRA

DISSE

QUE

EU

TENHO

PROBLEMAS PARA CONTROLAR A RAIVA!

VÊ SE PODE?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Que loucura da parte dele dizer isso. — falei,
aproximando-me e tomando o cuidado de não
deixar a Alana ficar à minha frente.

— Que coisa horrível, seu moço. — ela disse. —
Mas nós estamos aqui para te ouvir, tá? Você gosta
de conversar?

— NÃO SEI!

— Um bom diálogo com velhos amigos pode
aliviar um pouco, você não acha? — ela sorriu. —
Mas primeiro você precisa se acalmar. O que você
gosta de fazer para ficar mais tranquilo?

— Eu ouço músicas. — ele falou, dessa vez num
tom mais baixo, mas ainda nos observando com

desconfiança.

— Jura? Eu também adoro relaxar com músicas!

Roberto? — a Alana me olhou. — Que tal se você colocasse uma música aí no seu celular?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Hã... Claro. — balancei a cabeça e encarei o homem triste, raivoso e peludo. — O senhor tem preferência por algum estilo?

— Põe Macarena, por favor. — ele disse.

...Oi?

Hesitei por um segundo.

— Desculpe... Você disse... Macarena? A

Macarena tipo... — gesticulei, levando os dois braços à frente.

— Sim.

Tá. Isso era estranho.

Abri o Youtube e digitei o nome da música, dando play. Eu aumentei o volume e o homem à nossa frente sorriu um pouco.

— Eu adoro essa canção! Vocês podem... Podem dançar? Dançar comigo?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não acho qu- — comecei a dizer, mas a Alana riu e me deu um empurrão no ombro.

— Claro que a gente pode, seu...?

— Élcio.

— Élcio! Nós podemos sim!

O hóspede peludo se pôs de pé e começou a remexer o corpo, conforme o ritmo da música.

Fiquei parado, atônito. Meu Deus do céu! Eu não iria me prestar a esse papel, pois já me bastava o que eu tinha feito na noite anterior. Um homem sensato tem lá os seus limites!

— Olha aqui, Roberto... — a Alana de repente se aproximou, sussurrando entredentes e balançando os ombros. — Vê se mexe essa sua bunda! Nós precisamos acalmá-lo!

— Não acho que eu esteja muito no clima.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ah, pois vai entrar agora! — ela decretou,
segurando minhas duas mãos e me forçando a
acompanhá-los.

Socorro!

*Move with me, chant with me, and if you're good,
I'll take you home with me...*

—

DALE

A

TU

CUERPO

ALEGRIA,

MACARENA! QUE TU CUERPO ES PA'

DARLE ALEGRIA Y COSA BUENA... — o

hóspede começou a cantar junto com a música,
enquanto eu era obrigado a me mover conforme a
coreografia.

— ...DALE A TU CUERPO ALEGRIA,

MACARENA! — a Alana o acompanhou e depois os dois ainda disseram, em uníssono:

— HEEEEY, MACARENA! AAAAY!

Dei um saltinho para o lado e levei uma mão a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

frente, sem acreditar que aquela cena estava de fato acontecendo. Então, olhei para a porta do quarto de rabo de olho e o rapaz da recepção nos encarava de um jeito esquisito, mas depois ele nos deu as costas e se foi. Não o julguei, pois eu faria o mesmo se pudesse.

— Meu Deus! — o Élcio riu. — Isso é tão divertido!

— Eu sei! — Alana concordou. — E então? Quer aproveitar que estamos dançando para valer e nos dizer o que te deixou tão chateado?

Dançando para valer.

— Ah... — ele arquejou e depois tomou um fôlego.

Sério, eu não acreditava que de fato ele iria começar a desabafar. Era de longe uma das situações mais estranhas que eu já tinha vivenciado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É a minha vida! Minha vida é uma droga! —

Élcio bufou. — Eu trabalho muito, me esforço todos os dias para suportar clientes que estão me deixando cada dia mais careca, mas a minha mulher só sabe morrinhar na minha cabeça! Estou ficando doido de estresse! É por isso que eu vim para cá! Estou fugindo por uns dias!

— Fugindo do que? Ou de quem, exatamente? — a Alana questionou.

— De tudo! — ele riu de um jeito afetado. — Minha mulher não me entende! Ela pensa que só ela está certa, sempre! É a dona da razão! Se eu chego em casa e não quero ficar de conversa, obviamente é porque estou cansado, mas nãaaa! Para ela, é porque eu estou esquisito! Ou porque

estou tendo um caso com outra! Antes fosse, né?

Antes fosse! Mulher dos infeeeernos!

Troquei um olhar rápido com a Alana e o homem

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

prosseguiu:

— Não sei quando o meu casamento ficou essa
merda. Na verdade, acho que burro mesmo eu fui
quando pensei que me casar era um bom negócio.

Faz dez anos que eu vivo um purgatório na terra!

Onde estava com a cabeça, minha nossa senhora?

Suspirei e abaixei um pouco o som, achando meio
esquisito começar uma conversa séria ao som de
Macarena.

— Olha, hã... Élcio, né? — me arrisquei a dizer. —

Sinto muito por você estar nessa situação, mas
creio que o senhor está olhando tudo sob uma ótica
errada.

— É mesmo? — a Alana franziu o cenho, enquanto
ainda se movia para lá e para cá. — Conte-nos mais

sobre isso, Roberto!

— Você já foi casado, por um acaso? — o fã de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Los Del Rio me encarou com pouco caso,

acompanhando-a no deboche.

— Já. — assenti, aguentando firme. — Sendo sincero, já estive na sua pele. Já fui o marido que chegava em casa cansado e, às vezes, de saco cheio de tudo. Sei como é passar por isso.

— Oras... Sinto muito, cabra. — ele me deu um tapinha no ombro, simpatizando um pouco mais com a minha pessoa.

— Eu também. — concordei. — Mas sinto muito porque fiz tudo do jeito errado, da mesma forma como você está fazendo. Você deveria procurar a sua esposa e conversar, ao invés de encher a cara sozinho aqui nesse quarto.

O Élcio parou sua dança estranha para me olhar, irritado.

— Foi a Cleuza quem te mandou aqui?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quem?

— Não foi a Cleuza que nos mandou. — a Alana respondeu por mim. — E, se quer saber, esse traste aqui — ela apontou o dedo na minha direção — até que tem razão. Talvez, o que a sua mulher mais precisa é de um tempo com você. Eu aposto como vocês deviam conversar bastante, no início do relacionamento. Estou errada?

— Conversávamos um pouco. — ele concordou parcialmente, sem querer dar o braço a torcer.

— Pois é! O amor nasce nos mínimos detalhes, sabe Élcio? Mas ele também morre pela ausência deles. Para mim, pode ser que tudo o que a sua esposa quer é... Salvar o casamento de vocês, mas sozinho ninguém salva amor nenhum. Ela pode estar apenas confusa e sem entender o seu...

Distanciamento. Por que você não pensa um pouco

sobre isso?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Senti o tapa na cara e admito que foi merecido.

Então, diante do silêncio que se fez, clareei a

garganta e perguntei:

— Você ama a sua esposa?

O homem peludo e esquisito suspirou, rendendo-se.

— Amo. Apesar de tudo, eu amo aquela mulher dos infernos.

— Então procure ela e peça perdão. — falei. — Se quiser, traga ela para cá e tenham um tempo juntos.

A hospedagem fica por minha conta.

Imediatamente, ele torceu o nariz outra vez e me encarou com resistência. Eis aqui a maior merda que a gente faz quando está num relacionamento: insistir na bobagem de que toda discussão é uma competição sobre quem está certo e quem está errado. Às vezes é melhor dar o braço a torcer estando com a razão do seu lado, do que deixar o

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

orgulho falar mais alto e acabar ferrando com tudo.

No final das contas, quando o outro lado perde, a verdade é que os dois perdem juntos.

— Por que eu faria isso? Por que eu pediria perdão?

Soltei um riso seco e meio amargurado. Eu poderia dizer a ele tudo o que pontuei ali em cima, mas confesso que preferi ir pelo caminho mais curto e objetivo:

— Acredite no que eu vou te dizer, Élcio: porque depois pode ser tarde demais.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

CAPÍTULO VINTE

"Entre nós dois há velhos sentimentos

Pensei que não voltariam jamais

Sei que nós dois tivemos uma história

Que nos deixou no meio dessa solidão"

- **Aún Hay Algo, RBD.**

ALANA

Eu e o tinoso deixamos o quarto do Élcio em silêncio, e confesso que eu estava um pouco reflexiva. Nós fomos até a recepção, o Roberto trocou algumas palavras com o rapaz e depois me olhou.

— Ei? Você se importa se a gente comer alguma coisa por aqui, antes de voltarmos? Estou com o estômago vazio desde a hora em que acordei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não, por mim tudo bem. — assenti e ele pediu para que um dos funcionários lhe conseguisse uma escova de dente, de um dos quartos.

Foi então que eu me lembrei do episódio do vômito na escuna.

Sinceramente, jamais imaginei que o traste pudesse estar tendo problemas desse tipo. Será que ele não pensava no filho que iria ter? Que espécie de pai

ele seria, se saísse por aí enchendo a cara como um adolescente maluco?

De todo modo, eu não poderia julgá-lo. Tínhamos as nossas divergências? Sim, mas em nome de toda uma vida juntos, eu estaria ali para lhe apoiar e, se preciso, para indicar uma saída.

— Hã... A tia Nice comentou que você esteve fora por alguns dias. — eu disse, enquanto esperávamos pela escova de dente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim.

— Você estava fazendo algum tratamento? Ou tentando?

— Desculpe? — ele franziu o cenho e eu olhei para os lados, aproximando-me para cochichar bem perto do seu ouvido:

— Não precisa ter vergonha, não estou aqui para julgar você.

— Ai meu Deus! — o tihoso lamentou, meio

irritadiço. — Alana, pela última vez: não tenho problemas com bebida! Eu estava fora com um amigo da polícia, porque nós fizemos um trabalho voluntário! Não estava numa clínica de reabilitação e nem nada do tipo!

— Hum, entendi. Mas saiba que tudo bem se você estivesse. — toquei seu ombro com afeto e ele bufou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O moço da recepção acabou interrompendo o nosso diálogo, ao entregar ao traste uma escova de dente.

Então o Roberto seguiu em direção ao banheiro masculino e eu fui até a cozinha, onde eram servidas as refeições.

Admito que eu estava repassando mentalmente a conversa que tínhamos tido com o Élcio, tendo ficado mais mexida com ela do que gostaria de admitir. Afinal, será que se eu e o tihoso tivéssemos feito aquilo o que dissemos ao nosso

amigo bêbado, as coisas teriam terminado tão ruins?

Meu celular vibrou no bolso e eu me assustei, voltando um pouco à realidade. Era uma mensagem do Arthur, com o seguinte conteúdo:

"Estou com problemas, Alana! É sério! Sua prima quer que eu compre um anel de noivado extremamente caro para você! Ela disse que não foi

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

romântico da minha parte fazer o pedido de casamento sem ter providenciado uma dessas porcarias!"

Deixei um sorriso bobo escapar, achando a situação tão hilária que chegava a ser engraçada.

"Nossa! E quanto custa? Será que eu não valho o preço?"

"Eu estou falando sério, Alana!"

"Diga a ela que você não sabe o meu número de anel, oras!"

Alguns segundos se passaram e eu pensei que tínhamos resolvido o problema, mas então o Arthur me mandou mais essa:

"Ela disse que o seu número é 17! Alana, juro, você vai me pagar centavo por centavo..."

Até cheguei a matutar uma resposta, mas o traste

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

retornou e eu acabei me esquecendo do celular,

quando ele se sentou à minha frente e me olhou.

— Você pediu alguma coisa? — o tihoso quis saber.

— Ainda não, mas pensei em moqueca de camarão, porque faz tempos que não como. E, claro, a daqui é a melhor!

Cá entre nós, eu adorava a moqueca de camarão que só o meu país nordeste sabia fazer de maneira perfeita.

— Bom... Por mim pode ser. — o Roberto sorriu e encarou o mar, através da janela de vidro do local.

Um garçom logo chegou para nos atender e, assim que nos deu as costas, o traste tomou um fôlego e disse: — Eu... Queria conversar com você, Alana.

Pressionei um lábio contra o outro e assenti lentamente,

tentando

me

mostrar

o

mais

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

compreensiva e aberta possível.

— Estou aqui.

— Sim, mas não sei se esse é o melhor lugar... — o

Beto suspirou, falando mais para si mesmo do que

para mim. — Olha... Entende o que eu vou te

perguntar, tudo bem? Por favor, não me interprete

mal.

Me ajeitei na cadeira e ele ficou em silêncio,

esperando por uma réplica minha.

— Pergunta logo, Roberto!

— Você se importaria se, depois de comermos, nós voltássemos para a costa e fôssemos até a minha casa? Não quero ter essa conversa assim, no meio de tanta gente.

Ah, pois eu me importava! É claro que eu me importava! De onde já se viu? Que espécie de convite esquisito era esse?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu abri a boca para me opor, mas o Beto me olhou com uma expressão tão... Eu não sei! Tinha algo de diferente. Então ele praticamente me implorou:

— *Por favor!* Se for o caso, eu me justifico para o seu namorado depois.

— Meu noivo. — eu o corriji.

— É. Seu noivo.

Suspirei, dividida. O que o tinoso tinha para tratar comigo e que só poderia ser feito em seus

aposentos infernais?

— Olha... — ergui o dedo. — Se você tentar qualquer gracinha...

— Ai Alana, pelo amor de Deus! — ele logo me cortou, ofendido. — Até parece que você não me conhece a vida toda!

Pensei em rebater, mas não encontrei um

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

argumento válido para aquilo, então meio que fui obrigada a ceder:

— Tá, tudo bem! Se você se sente melhor falando sobre o que quer que seja na sua casa... Então ok. Eu acho que posso ir.

— "Sobre o que quer que seja". — o Beto riu. — Sério, não acredito que você ainda está cogitando a possibilidade d'eu ter problemas com álcool...

Cruzei as mãos em cima da mesa, observando-o.

— Oras! E você nega que estava bêbado naquele vídeo?

— Não, não nego. — ele balançou a cabeça, ficando imediatamente envergonhado. Eu achei engraçado vê-lo assim, admito. O tihoso nunca foi muito de extravagâncias. No nosso relacionamento eu era a parte extrovertida e ele, a introvertida. Às vezes, costumávamos dizer que eu era a dose de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

loucura da qual o Beto precisava. Já ele, era a minha dose de sensatez.

Sorri ao me lembrar disso e as sobrancelhas dele se ergueram com curiosidade, então eu caí em mim e voltei a ficar séria. Que horror! Que lembrança mais terrível! Pavorosa!

— Hum... — eu murmurei e arranhei a garganta, tentando voltar ao assunto em que estávamos antes da minha cabeça começar a flutuar por essa nuvem cinza de memórias absurdas. — Então você está dizendo que a bebedeira de ontem foi mesmo um fato isolado?

— Completamente. — o traste assentiu e eu me lembrei de sua frase, "Tita, ela vai se casar!". Era de mim que ele estava falando, obviamente.

Portanto, devo admitir que a minha Alana interna se sentiu lisonjeada pela sofrência do inimigo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Entendi. — foi tudo o que eu finalmente disse, antes de cairmos num silêncio esquisito. Me mexi de maneira inquieta e olhei para o tihoso, sendo que ele me olhou de volta. Tenho quase certeza de que a gente se encarou por mais tempo do que o necessário, até o garçom chegar e colocar dois copos e dois pratos vazios à nossa frente, mais os talheres.

— Então... — o Beto pigarreou após ficarmos a sós outra vez. — Quer dizer que... Você e o Arthur...

Você está grávida?

Sim, de Cheetos.

— Sim, mas ainda não sabemos o sexo. E você?

— Eu o que? — ele perguntou, olhando-me com uma expressão confusa.

— Fazendo muitos filhos? — perguntei com naturalidade, ou seja, como quem não quer nada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Suas duas sobrancelhas se ergueram.

Hum... Com essa pergunta você não contava, não é mesmo?

— Não. — contudo, foi isso o que ele disse.

Ora, ora! Mas que mentirosinho duma figa! Até quando ele e a cobra da minha irmã pensavam que poderiam manter essa gravidez em segredo? O pior era a vontade de esbofetear a sua cara, ao me lembrar disso. Traste traidor e desalmado!

— Me fala um pouco da sua vida lá em São Paulo.

— ele sugeriu um novo assunto, diante do meu silêncio profundo e absolutamente ressentido. —
Você mora sozinha? Tem trabalhado com o que, exatamente?

Fiquei tentada a dizer que eu morava com o meu falso noivo, mas confesso que achei melhor não me enrolar ainda mais nessa teia de mentira. Então,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pelo menos dessa vez, optei pela verdade:

— Moro num apartamento alugado e trabalho no setor financeiro-administrativo de uma empresa.

Tudo muito normal, nada tão empolgante quanto empunhar armas e prender mafiosos! — gesticulei com exagero.

— Ah! — o traste riu e revirou os olhos. — Claro, claro! Acontece todos os dias, embates com mafiosos e coisas do tipo. É quase um Tropa de Elite, só que pior.

Sorri fraco, me lembrando de que quando o Beto foi aprovado no concurso da Polícia Federal eu realmente pensei que a sua rotina fosse ser algo mais ou menos assim. Claro, tinham vezes em que ele era enviado para operações arriscadas, mas, na

grande maioria dos casos, o trabalho de fiscalização era mais tranquilo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Cada vez que ele ia passar um tempo fora, porém, uma parte do meu coração ia junto e a outra parte ficava tão preocupada que chegava a quase doer.

Com toda a certeza, a melhor sensação do mundo era vê-lo voltando para a casa bem. Às vezes eu me pegava pensando quando foi que a gente se perdeu tanto um do outro.

— Nem um tiro? Nesse tempo todo, você jura que não tomou nenhum? — eu perguntei, entrando na onda só para não precisar lidar com os meus pensamentos nostálgicos.

— Por que a pergunta? Você quer atirar em mim?

— Às vezes eu quero. — admiti de brincadeira (ou não, fica esse mistério no ar). — Mas pode ser em algum lugar que não cause muitos danos. Na perna, talvez.

— Deus que me livre, é bom saber disso! Vou

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

esconder as armas quando chegarmos lá em casa. — o tihoso falou e eu sorri, tendo a minha atenção desviada ao notar alguns salva-vidas treinando braçadas no mar. Me distraí por um momento e então suspirei, sendo vencida pela curiosidade:

— Ei, traste? — chamei e ele de fato me olhou, o que era um pouco engraçado. — Sobre o que exatamente você quer conversar comigo?

Vi que o Beto hesitou e ergui a minha mão com urgência, impedindo-o de falar quando uma ideia doida me tomou a mente.

— Espera! Antes... Eu vou te contar uma história, pode ser? Uma história que aconteceu com a amiga de uma colega minha.

— Assim? De repente?

— Sim, é que preciso de uma opinião. — falei e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

esfreguei uma mão na outra, nervosa. — O nome dela é... Elana.

O Beto passou os dedos pela barba por fazer e assentiu, incentivando-me a continuar. Mordi o lábio inferior, pensei por um instante e prossegui: — Acontece que a Elana foi casada com o... Bento.

O tihoso riu, mas não disse nada, apenas murmurou:

— Hum...

— Na verdade, eles cresceram juntos. Eles eram muito amigos, sempre próximos um do outro. Daí, inevitavelmente, acabaram se apaixonando e isso os levou ao casamento. Tudo ia bem até que algo muito ruim aconteceu, e o Bento passou a ficar distante. Eles mal conversavam um com o outro, sabe? Então, num certo dia, a Elana pegou as suas coisas e saiu de casa. Ela fez isso porque estava se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sentindo triste e sozinha, mas logo caiu em si e decidiu voltar e tentar salvar a sua história de amor com o Bento. Só que ele a traiu da pior maneira possível, você pode imaginar? E depois, ainda por cima, simplesmente a deixou ir embora.

Limpei a garganta sem acreditar que eu estava mesmo fazendo aquilo (se vocês ainda não notaram, às vezes eu tinha umas atitudes meio malucas) e o Beto permaneceu sério, apenas me ouvindo.

— Porém, acontece que depois de quase três anos os dois se reencontraram, em circunstâncias totalmente diferentes. Absolutamente tudo mudou. — exceto o sentimento que ela sentia em relação à ele, mas essa parte eu achei melhor omitir.

Também não citei o fato de que agora ele seria pai.

— Enfim... — suspirei. — O negócio é que o Bento procurou a Elana e a pediu para conversarem em

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

um lugar mais reservado, mas sem especificar qual seria o teor da conversa...

— É? — o traste questionou diante da minha pausa para olhar o céu, um pouco perdida. — E o que ela disse?

Sorri fraco e revirei os olhos.

— Obviamente ela diria que não, afinal, a Elana agora vai se casar e o futuro marido dela pode não gostar nem um pouco disso, mas é que o Bento...

Ele estava meio estranho naquele dia. Ela não soube dizer o porquê, mas ele simplesmente estava.

Então ela disse sim. Portanto, se você pudesse aconselhar essa amiga da minha colega, o que diria a ela? O que aconselharia que ela fizesse em relação ao Bento e a essa conversa?

— Bom... Eu com certeza chutaria a bunda dele, porque ele é bem babaca. — o Roberto disse com

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

um sorriso amuado e completou: — Mas depois eu ouviria o que ele tem a dizer.

— Por quê?!

— Porque talvez eles precisem dessa conversa. — ele prontamente argumentou. — Pelo que você me disse, a... É a colega da sua amiga?

— A amiga da minha colega.

— Isso! Pelo que você me disse, me parece que ela seguiu em frente, mas ele... Eu acho que ele não.

Então eu chuto que ele precisa dessa conversa para conseguir se livrar da culpa pelas escolhas erradas que fez e que foram muitas, te garanto. Talvez... — o Beto hesitou e fechou os olhos por um segundo, abrindo-os outra vez antes de continuar: — ...

Talvez ele esteja estranho porque... Não sei. Porque ele vem carregando esse peso há tanto tempo que nem percebeu o quanto isso vem lhe deixando

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cansado. É por isso que eu acho que você deveria

ouvir o que ele tem a dizer.

Senti meus olhos se encherem de lágrimas e tentei impedi-las de começarem a cair, mas foi em vão.

Então, imediatamente o Beto ergueu seu braço sobre a curta distância da mesa que nos separava e levou o polegar até o meu rosto, a fim de enxugá-las. Foi um gesto muito íntimo, mas eu não recuei.

Pelo contrário, levei a minha mão até a sua e a mantive ali, com os meus olhos fechados.

Se eu pudesse descrever o que acontecia naquele momento, eu diria que era como se um E.T. tivesse simplesmente possuído o controle da minha mente e me feito agir feito uma maluca desmiolada.

Tomei um longo fôlego e encarei o traste, notando seus próprios olhos muito tristes.

— Sabe... A gente estragou tudo, Beto. — falei,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

muito pouco ciente da forma como eu tinha acabado de chamá-lo.

— *Eu* estraguei. E sinto muito.

Torci a boca para impedir que um choro esquisito viesse, afinal, eu não tinha seguido *tãao* em frente quanto ele pensava. Como reação, o Beto rapidamente se pôs de pé, tirando a mão do meu rosto para poder se mover e ocupar a cadeira ao meu lado. Então, quando ele me abraçou, eu apenas... Chorei feito uma criança bobona e ressentida. Confesso que nem vi quando o garçom chegou com a nossa moqueca, sendo que só caí em mim quando as lágrimas finalmente cessaram e a razão começou a retornar: misericórdia! Eu estava abraçada ao tihoso! Estava chorando por causa dele nos braços dele! E tinha lhe chamado de "Beto", e não de "Roberto", ou de traste! Céus! Onde tinha ido parar o meu senso do ridículo?

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

Me afastei de repente e o encarei com olhos de

tandera,

esperando

por

algum

comentário

impertinente ou, sei lá, por alguma gracinha. Mas a realidade é que o Beto estava muito sério.

Minha nossa, eu tinha *mesmo* perdido o juízo!

Arranhei a garganta e minhas bochechas coraram.

— Escuta, Roberto... Não importa o que você diga,

ou o que você pense... — murmurei, enxugando o

rosto e me pondo de pé, a fim de ocupar a cadeira

que antes era dele. — ...Isso aqui... — gesticulei,

apontando de mim para ele e dele para mim. —

...Definitivamente nunca aconteceu. Nunquinha. E

não se fala mais nisso!

Porém, a verdade totalmente vergonhosa é que o

leitor sabe que sim. Aconteceu sim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

CAPÍTULO VINTE E UM

"Eu tô com uma saudade apertada de ir dormir bem cansado

E de acordar do teu lado pra te dizer

Que eu te amo, que eu te amo demais"

- Quando Bate Aquela Saudade, Rubel.

BETO

Confesso que depois de passar com a Alana no nosso avô, a fim de pegar o meu carro, eu dirigi para a minha casa meio avoado.

Não fazia nem ideia de como começar aquela conversa, até porque eu tinha o dom de trocar os pés pelas mãos e estragar tudo. Então, quando adentramos a minha sala, ambos silenciosos, eu abri os braços e arrisquei qualquer coisa que quebrasse o jejum de palavras:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Fique a vontade.

— Obrigada. — a Alana assentiu de forma séria, sentando-se no sofá. Fechei a porta para que o Spider não entrasse e depois me acomodei de frente para ela, me sentindo ansioso.

— Ok. — falei e passei os dedos pelo cabelo, penteando-o para trás. — Eu... Queria conversar

com você num lugar onde a gente não pudesse ser interrompido, por isso te trouxe aqui. Obrigado por ter vindo.

Obrigado por ter vindo.

Minha nossa.

— Enfim... Sei que não é o melhor jeito de se começar uma conversa, mas você estará a caminho de São Paulo em dois dias e eu... — tomei um fôlego e busquei pelo olhar dela. — Eu quero te pedir perdão, Alana. Por tudo. Por não ter sido um

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

bom marido, por não ter sido um bom pai e por ter te negligenciado quando você mais precisou de mim.

Como a Alana permaneceu em silêncio, eu meio que me obriguei a puxar na memória o dia em que tínhamos descoberto a gestação da Helena, porque foi ali, afinal, que tudo começou.

— Eu fiquei muito feliz quando soube da nossa

filha. Tudo o que eu queria era ter uma vida incrível e... E meio doida, do seu lado, então parecia perfeito: eu tinha conseguido um bom emprego, tinha me casado com a mulher que eu amava e ainda por cima ela estava grávida. Tudo correu bem até... — puxei o ar e a coragem. — ...Até o dia em que a Helena se foi.

Notei quando os olhos dela marejaram outra vez e me senti culpado por estar fazendo com que ela chorasse. De todo o modo, eu sabia que aquela

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

conversa não seria nem um pouco fácil para nenhum dos lados.

— Eu estava no trabalho e não vi o meu celular tocar, então a Cristiane rejeitou a sua ligação e eu fiquei sem carga depois. Não sei se foi na maldade ou não, e eu prefiro acreditar que não, mas nós discutimos feio quando eu fiquei ciente da notícia, embora eu nunca tenha sido de... De discussões,

você sabe.

A Alana não esboçou reação alguma e isso é que era o pior: não ter noção do que ela estava pensando. Às vezes, o feitiço se volta contra o feiticeiro e naquele momento eu vinha provando do meu próprio veneno. Mesmo assim, prossegui:

— De todo o modo, já era tarde demais, porque eu estava longe de casa e você já tinha... — pausei e a Alana piscou de forma rápida, tentando não deixar as lágrimas caírem. — Bom... — suspirei, lutando

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para que eu mesmo não vacilasse. — ...A Tatiana me disse que já tinham feito a curetagem.

— Pois é, Roberto... Será que você tem ideia... — ela começou a falar, com a voz meio falha por causa do choro contido. — ...Ou será que tem pelo menos um pouco de noção do que foi passar por isso, sem ao menos ter você lá do meu lado?

— Não, não tenho. — fui honesto. Creio que a

minha dor, como pai, não chegava nem perto do que era a dor dela como mãe. Então, antes mesmo d'eu pensar sobre, ela abriu a boca e resumiu em palavras:

— Foi horrível! — a Alana chorou. — Ver aquelas pessoas me... Me tocando e... E tirando a minha menina de mim. Eu me senti tão invadida, tão... — ela balançou a cabeça e eu, por mais que quisesse, achei melhor não me aproximar, a fim de não forçar nada. — Sabe, não ter você comigo foi a pior

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

parte, porque eu acho que nunca me senti tão sozinha na minha vida inteira!

— Eu sinto muito. — murmurei essas três palavras de merda, sentindo meus próprios olhos marejarem, mas sem querer me permitir fraquejar e não finalizar aquela conversa.

— Sei que hoje você sente, até acredito nisso. Mas não adianta, porque eu queria que você tivesse

sentido há três anos, não agora! O mais doloroso foi te ver se distanciar quando eu mais me senti vulnerável, porque eu tinha acabado de perder uma parte de mim e não estava pronta para perder outra, Roberto!

— Eu sei... — assenti e engoli o nó na garganta, me vendo obrigado a falar de coisas sobre as quais eu até então nunca tinha falado com ninguém. —

Alana, eu sei! O problema era que... — hesitei e passei as duas mãos pelo rosto, pois colocar aquilo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para fora era mais complicado do que eu cogitei que fosse.

— Era o que, Roberto? Qual era o problema? O problema estava comigo? Eu era como a esposa daquele homem bêbado do quarto dezenove? Que só sabia cobrar e não te compreendia? Por favor, me fala!

— Não. — neguei, baixo. Foi quase um sussurro,

na verdade. — Não, o problema era comigo, Alana! Eu era o problema! Porque eu não soube lidar com o luto e muito menos com o fato de não ter estado lá do seu lado. Eu me culpei e... — eu *ainda* me culpo por isso — ...e me distanciei de você porque eu não conseguia ser o que você precisava naquele momento.

— Sério? E o que eu precisava? — ela questionou, exaltada e deixando algumas lágrimas caírem. —

Você disse isso naquela noite lá na pousada, mas,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

honestamente, eu quero ouvir da sua boca. O que eu precisava, Roberto?

— . — hesitei mais uma vez e a Alana balançou a cabeça, deixando seus ombros sacudirem com o choro.

— Eu precisava de você presente! Só isso! Eu não queria que você fosse forte, porque afinal de contas, nós dois tínhamos perdido a Helena! Só que

você preferiu ir por um caminho totalmente doloroso e destrutivo e isso acabou com o que restou da gente!

Eu entendia a queixa dela e assumi totalmente culpa, assentindo.

— Hoje eu vejo que agi errado, Alana.

— Pena que hoje é tarde demais, Roberto!

A Tatiana ficaria decepcionada se visse o rumo que aquela conversa vinha tomando tão rapidamente,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pois a verdade é que eu não tinha ideia do que dizer, senão repetir aquela porra de discurso de "eu sinto muito".

No lugar da Alana, eu já teria *me* mandado ir se foder.

Senti o peito apertar e a garganta fechar, me trazendo uma sensação de sufocamento. Então, soltei o ar com dificuldade.

— Eu sei que é tarde, Alana. E a pior parte é que eu

não tenho nenhuma justificativa, senão admitir que fui um babaca covarde. — falei. — Fui eu quem estraguei as coisas e sinto muito, embora eu saiba que ficar repetindo essa frase soa muito mais irritante do que sincero.

A Alana ofegou e nada disse sobre, entrando num assunto que era tão delicado quanto o anterior. E eu digo isso porque, a respeito desse, eu nutria certo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ressentimento em relação à minha ex-mulher.

— O que aconteceu entre você e a minha irmã foi só... Foi só a gota d'água, Roberto.

— Alana...

— Eu saí de casa porque estava cansada de tentar lidar com o seu silêncio, e de não saber o que se passava na sua cabeça! Mesmo quando a gente discutia, você vinha com um papo de que preferia se calar a me magoar, como se a sua atitude por si só já não fizesse isso! Sério, que espécie de

relacionamento era esse onde um dos lados não se expunha de forma alguma? Eu quis salvar o nosso casamento, eu juro que quis, mas parecia que eu estava lutando sozinha por nós dois! E, sabe, o momento em que eu finalmente decidi abandonar a luta foi naquela noite, quando eu encontrei você e a Carina juntos no nosso banheiro!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Suspirei, cansado demais dessa porra de discussão de traição.

— Não foi o que você pensou, Alana...

— Ela beijou você, Roberto! Estou mentindo?

— Não.

— E então?

— Eu não traí você, eu estava bêbado demais e a sua irmã me levou até a nossa casa! Isso porque a única notícia que eu tinha sua, se resumia a uma mensagem pedindo que eu te desse a... — engoli o palavrão. — ...Um tempo!

— Isso não faz sentido! — ela balançou a cabeça.

— Faz e você sabe que sim, Alana! Eu fui até a casa do seu pai, mas você não estava lá! Eu te esperei o final de semana todo até que finalmente dei o braço a torcer e decidi te procurar, mas eu não

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

te encontrei e a Carina achou por bem me levar até a nossa casa! Sei que o que você viu sugeria de todas as formas que eu estava te traindo e eu não culpo você por pensar isso, mas você sequer quis me escutar!

A Alana hesitou por um instante e eu soltei o ar, chateado.

— A verdade é que grande parte de mim assinou aquele divórcio por culpa, mas a outra parte, a que restou, foi por mágoa. No fim das contas, era a minha palavra contra a da sua irmã e você preferiu acreditar nela.

— Não, Roberto! — a Alana negou. — Era a sua

palavra contra o que eu vi, e contra todas as suas atitudes estranhas! Quando encontrei você e a Carina juntos naquele banheiro, de repente tudo fez sentido na minha cabeça: nossas discussões, o seu distanciamento... Por fim, acabei encontrando uma

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

resposta para aquelas perguntas que você mesmo não se esforçava para responder. E a verdade é que você não pode me culpar por não ter te escutado, afinal, isso foi o que eu tentei fazer por meses, e em vão!

Me calei porque, por mais que fosse ruim ter de dar o braço a torcer, ela tinha toda a razão.

Portanto, só me restava ressaltar o que ainda não parecia óbvio:

— Não te traí com a sua irmã, Alana. Tenho culpa de todo o resto, mas não disso. Eu bebi demais e foi um mal entendido, então só queria que você acreditasse que eu estou sendo sincero agora.

Ela me olhou com dúvida, porém acenou com a cabeça e encolheu os ombros. Não sei se acreditava ou não em mim, mas a verdade é que eu não tinha mais o que fazer para convencê-la.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Portanto, resolvi retornar ao tópico anterior:

— Enfim, Alana... Eu te peço perdão por tudo. Te decepcionei de uma porção de maneiras e, às vezes, quando paro para pensar, acho até que você colocou expectativas demais em cima de mim.

Porque eu sempre fui meio inclinado às falhas, de todo o modo. — suspirei, cansado. Então, a Alana resolveu me perguntar:

— O que você sentiu?

— Como?

— O que você sentiu, quando recebeu a notícia da Helena? Sei que é muito tarde para se ter essa conversa, mas acho que era isso o que a gente deveria ter feito. E eu não falo de culpa, eu falo

de... — ela arquejou, contendo um soluço. — ...De sentimentos, porque "sinto muito" nem é um sentimento, Beto!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Pensei sobre a pergunta dela e acabei me calando por muito tempo, de modo que a Alana achou por bem falar por mim:

— Sabe... Você tem muita dificuldade de externar seus sentimentos ruins e agora, ao invés de sentir raiva de você, eu estou é preocupada. — ela disse e eu a encarei, meio confuso. — Não fui só eu que fugi de você, Beto. Essa sua dificuldade já vinha fazendo você fugir de mim há tempos, naquela época.

— Eu sei. — admiti com pesar. — A propósito, confesso que evitei essa conversa o tanto quanto pude, mas adiá-la por tanto tempo só vinha fazendo com que você e eu ficássemos presos a esse monte de ressentimentos, e eu não quero mais ser egoísta

com você. Sei que eu estraguei as coisas entre a gente e não foi só o nosso casamento, foi uma amizade de anos. E eu te peço perdão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Foi a vez da Alana ficar em silêncio.

Cocei os olhos, me sentindo um pouco exausto, e minha ex mulher ficou de pé. Eu não fazia ideia do que aquilo significava. Ela queria ir embora?

Estava puta comigo? Ela me perdoava? Ou não? Na dúvida, me pus de pé também.

Eu não tinha nem noção do que havia por trás da sua atitude e do seu silêncio, mas a encarei e seus olhos eram tristes, então, da mesma forma como havia feito na pousada, eu a abracei. A Alana me abraçou de volta e eu apoiei o rosto na curva do seu ombro, sentindo meu próprio peito arder. De pesar e de saudade. De arrependimento e de saudade. De culpa e de saudade. Sempre a porra da saudade dela, que já não era mais minha.

— Beto? — a Alana sussurrou entre o abraço.

— Hum?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Me perdoa também.

Me afastei um pouco, meio confuso, mas não a soltei. Apenas queria encará-la.

— Pelo que?

— Eu acho que você também precisava de apoio, só que o seu jeito de mostrar isso era um pouco...

Diferente.

— Diferente ruim.

— Diferente ruim. — ela concordou. — Se a gente tivesse tido essa conversa há três anos...

— Eu sei. — a cortei, sem conseguir impedir que a minha própria voz falhasse. — Se tivéssemos tido essa conversa há três anos, eu não teria perdido você. De todo o modo, não precisa me pedir perdão. Não tem o que perdoar.

Busquei pelo seu olhar e ela torceu a boca, lutando

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

contra um choro contido que ameaçava escapar
outra vez.

— Eu acho... — a Alana tentou dizer. — Acho
injusto você carregar esse sentimento em relação à
Leninha. Sim, você agiu feito um traste, mas não
posso permitir que você se culpe pelo que
aconteceu com ela. Não estava no nosso controle,
infelizmente. Você... Entende isso?

— Eu vou tentar entender. — lhe garanti e passei a
mão pelo seu rosto, enxugando as lágrimas. Por
fim, a Alana se afastou e eu respirei fundo.

Não era como se pudéssemos apagar tudo de ruim
que nos aconteceu, mas estávamos decidindo
finalmente virar a página. Afinal, a vida não é um
livro triste. E, com sorte, aquele tinha sido apenas
um capítulo péssimo.

[...]

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Enquanto voltávamos para a casa dos nossos avós, naquela tarde, o pôr-do-sol na praia parecia mais bonito do que nos outros dias. Não fui o único a notar, aliás, porque a Alana se inclinou sobre a janela do carro e sorriu.

— Ei, traste? Para aqui! — ela pediu e eu hesitei.

— É sério! Desde que eu cheguei de viagem, não parei para aproveitar a praia um dia sequer.

Não me opus. Estacionei o carro numa das vagas e a Alana desceu, sorrindo largo ao encarar a paisagem.

— De verdade, amo esse lugar. — ela disse. — São Paulo não é ruim, mas... Entre prédios e dias de chuva, eu prefiro praia e dias de sol.

Joguei o celular dentro do carro e bati a porta, olhando para a minha ex mulher.

— Se lembra de quando a gente apostava corrida

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

até a pedra? — aponte para a rocha que ficava só um pouco distante da costa e a Alana riu. — Você sempre perdia. — completei.

— Isso não é bem verdade. — ela se opôs e eu a encarei com a testa franzida.

— Hum...

— Uma vez eu quase ganhei, mas você roubou.

— Não me lembro disso não.

— Você é mau perdedor, Roberto! Admita!

Eu era. O pior que eu era. Minha dor de cotovelo por vê-la com o Arthur era uma prova clara disso.

— Foi só uma vez. — eu dei o braço a torcer, notando que a gente estava caminhando em direção ao mar enquanto falávamos.

— Pois é, você fingiu estar se afogando! E quando eu voltei para lhe salvar, louca de preocupação,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

você se mandou na minha frente e ainda teve a audácia de comemorar!

Achei graça da memória e confesso que de uma outra coisa também, que eu já vinha reparando fazia alguns dias e que acabei externando:

— Desculpa, não dá para te levar muito a sério com esse seu sotaque cearense-paulista, *visse?*

A Alana riu e tirou as sandálias, me deixando momentaneamente confuso.

— Você vai entrar?

— Vou, é claro! Você não?

Não era como se estivéssemos vestidos para aquilo, mas a Alana nunca tinha sido muito de seguir protocolos. Ela correu em direção ao mar usando jeans e camiseta e eu, ainda que estranhando, tirei o sapato e a camisa, deixando-os num canto junto da chave do carro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ei, tihoso? Aqueça as águas do mar com as suas chamas infernais, porque isso aqui está muito frio! — a Alana gritou enquanto eu sentia a água

bater na minha cintura e congelar tudo.

— Puta. Que. Pariu. — resmunguei, estagnando no lugar.

Ela riu e cortou uma onda, que me fez tomar na cara. Então, quando a segunda veio, dei um jeito de me enfiar rapidamente debaixo dela, a fim de me acostumar com a temperatura da água.

Não sei quanto tempo a gente ficou ali, feito dois bobos no mar, mas por fim nós paramos de cortar as ondas e apenas nos deixamos levar pelo movimento de vai e vem da maré.

— Sabe no que eu estou pensando? — a Alana disse num certo momento e eu a encarei.

— Hum?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Será que tem algum polvo de tentáculos esquisitos nadando por alguma água obscura?

— Provavelmente tem.

— Cruzes! Tomara que ele não tenha comido o seu

vômito.

— Minha nossa, sério, não me lembra disso! —

pedi com constrangimento e a vi sorrir, achando graça da minha desgraça.

— Evidências, hein Roberto?

— Fazer o que, Alana?! — encolhi os ombros. —

Como você disse, sou mau perdedor.

A Alana riu fraco e eu observei seu rosto, notando cada traço dele sob os raios de sol daquela tarde.

Ela era linda. Se eu tivesse sequer um sinal de que ela ainda sentia qualquer coisa que fosse por mim

— isto é, exceto ódio —, talvez eu pudesse

acreditar que não era tarde demais. E que eu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

poderia lutar por ela. O que era um pensamento meio mesquinho e idiota, mas...

Enfim... O negócio é que ou ela era muito boa de esconder as coisas, ou eu era muito lento para pegar os sinais, ou minha ex mulher de fato queria me ver

agonizando nas chamas do inferno. Eu torcia para que fosse uma das duas primeiras opções.

Aéreo, me aproximei dela e a Alana trocou um olhar demorado comigo. Não sei se dava para ler na minha cara o que eu estava pensando, mas ela levou uma mão até o meu peito, talvez para me conter, e o seu toque só serviu para provocar a mesma reação daquela manhã, lá na terapia esquisita de casais felizes da Goreth. Afinal, a verdade é que eu já vinha entregando o jogo fazia alguns dias.

Sorri fraco e as sobrancelhas dela se ergueram.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

É, amo você. Ainda amo você.

Mesmo no calor do momento, me obriguei a lembrar alguns tópicos importantes, como: a) ela iria se casar; b) ela iria ter um filho; c) ela disse que me odiava; d) o noivo dela estava junto da minha prima, preparando uma surpresa para ela; e,

finalmente, e) eu não estava pensando direito.

Mas nada fez muito sentido. A verdade é que parecia o que o meu cérebro estava rapidamente ignorando

todos

os

tópicos

trazidos

pelo

departamento da razão e então declarando-o

fechado,

proclamando

o

funcionamento

do

departamento do grande foda-se.

E, para uma pessoa que pensava muito antes de agir, eu estava confuso.

A Alana fez menção de se afastar e eu a segurei.

Sem raciocinar direito, levei as duas mãos até o seu

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

rosto e a vi respirar com dificuldade.

Eu queria muito beijá-la. Queria *demais* poder sentir os lábios dela outra vez, mas, mesmo assim, não poderia fazer isso sem a sua permissão. Então eu sussurrei, todo besta:

— Alana, eu não vou fazer nada que você não...

— Céus! — ela me cortou. — Para de falar, Roberto!

E foi assim, diante de palavras tão acolhedoras, que eu chutei a porra do balde e a beijei.

Engraçado, né?

Tínhamos acabado de resolver uma velha situação entre a gente, e já estávamos rapidamente dando o melhor de nós para ferrar com outra nova.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

CAPÍTULO VINTE E DOIS

"Você é riacho e acho que teu rio corre pra longe
do meu mar...

Mar *marvado* seria o rio

Que correndo do meu riacho...

Levaria o que acho

Pra onde ninguém pode achar..."

- Camarada D'água, O Teatro Mágico.

Enquanto Alana e Beto faziam tudo errado

como de praxe...

...Arthur forjava um mal estar, a fim de não gastar espantosos dinheiros após a mulher da loja de jóias sorrir para ele e dizer:

— Esse par de alianças é maravilhoso mesmo! É banhado a ouro, tem pedras de diamante e, o melhor de tudo: está uma pechincha! Apenas dois

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mil seiscientos e noventa e três reais e sessenta e seis centavos! Nós damos três por cento de desconto à vista e dividimos no cartão de crédito em duas vezes!

Curuzes!

Diante de tamanho absurdo não restou escolha alguma ao pobre homem, senão apoiar-se no balcão e se abanar.

— Acho que a minha pressão caiu! — ele usou a boa e velha tática de sempre. Mas a atendente,

preocupada em não perder a venda, sugeriu rapidamente:

— Nós podemos ir passando o seu cartão enquanto o senhor toma uma água, o que acha?

Arthur, que não estava nem um pouco disposto a gastar tamanha quantia apenas para sustentar um noivado de mentira, encarou Tatiana com desespero

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

e disse:

— Maldição, mulher! Eu não vou me casar com a sua prima!

Francamente?

Alana

que

arcasse

com

as

consequências daquilo, afinal, ela vinha lhe

ignorando desde o momento em que ele mandou

uma mensagem desesperada de socorro. Fora isso, tinha também o fato de que Arthur era um capricorniano rancoroso.

Já Tatiana, a pobre mulher desinformada, teve como primeira reação a confusão. Ela encarou Arthur e riu, antes de perguntar:

— O que? Como assim você não vai se casar com a Laninha?

— É tudo uma mentira! — ele explicou com impaciência, puxando-a para fora daquela loja pelo braço e deixando a atendente a ver navios

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

(literalmente, afinal, a loja tinha uma vista privilegiada para o mar).

— Uma mentira? Não estou entendendo, Arthur!

Você não a pediu em casamento ontem a noite?

Vocês até disseram que vão se casar na... Bosta! É

Península alguma coisa, como é mesmo o nome?

— Não importa! — Arthur abriu os braços,

exasperado. — De todo o modo, isso nem é um lugar específico, é uma península!

— Ôxe! Por que diabos todo mundo parece entender de Geografia, menos eu? — a ruiva se queixou, mas logo caiu em si de que aquele era um questionamento irrelevante, diante da situação que se descortinava à sua frente. — Escuta aqui, cabra! Que papo é esse de casamento de mentira? Por um acaso você está enganando a minha prima?

— Não! — ele quase gritou, tão fora de si que até

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

se sentou num desses bancos imundos do corredor do shopping. — Que infortúnio, mulher! Você não entende? Sua prima é quem vem mentindo para todos vocês, mas isso é um segredo! Nós não somos namorados de verdade!

Ora, ora, ora... Por aquela Tatiana definitivamente não esperava!

Então,

quando

as

palavras

começaram a fazer algum sentido, ela levou uma mão até a boca e conteve um "OH!".

— VOCÊ É UM GIGOLÔ?

— O que? — Arthur arregalou os olhos.

— Um acompanhante de luxo? — ela quis saber, em choque. — Minha nossa, sério, eu nunca pensei que a Laninha fosse capaz disso!

Se bem que...

— Só por curiosidade mesmo... — Tatiana se aproximou. — Quanto é que você cobra para ser o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

namorado de mentira de alguém?

— Ficou louca, mulher? — o homem se pôs de pé,

ofendido. "De onde já se viu?", ele pensou,

conforme ajeitava o colarinho da camisa. — Eu não

sou um gigolô! Sou apenas um amigo daquela
louca desesperada!

Tatiana cerrou os olhos, desconfiada.

— Amigo, é?

— Sim!

— Quer dizer que você se prostitui de graça?

Arthur parou por um segundo, incomodado. Será
que ele estava fazendo aquilo?

— NÃO! — ele negou, embora secretamente
estivesse um pouco em dúvida.

— Diaaaaacho! — Tatiana riu, achando tudo uma
loucura, mas, ao mesmo tempo, a cara de sua

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

prima. — Então vocês não são mesmo namorados?

— Não! — ele tornou a dizer.

— Minha nossa! — ela gargalhou e Arthur se
sentiu um pouco culpado por ter dado com a língua
nos dentes, mas, assim que se lembrou do preço
daquelas malditas alianças de ouro e diamantes, ele

logo ficou bem outra vez.

Além do mais, Tatiana parecia ser alguém que se importava com Alana e que, portanto, não iria sair por aí gritando aos quatro ventos que a prima tinha contratado um... Prostituto. Não que ele fosse um.

— É, pois é, mas escuta...— mesmo assim, Arthur achou melhor deixar um certo detalhe bem claro:

— Ninguém da sua família pode saber disso! O principal motivo pelo qual a Alana me propôs esse acordo ridículo foi, segundo ela, manter a sua dignidade intacta!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por causa do Beto, certo? — Tatiana perguntou e ele assentiu. — Entendo. E vou te dizer que adiantou, tá? Porque meu primo está mal, coitadinho!

É, mais ou menos. Naquele momento ele não estava tão mal assim, mas, de todo o modo, nem Tatiana e nem Arthur sabiam disso.

— Pois bem. Ficamos assim acordados. — ele disse, o que fez Tatiana rir e torcer o nariz.

— Deixe de ser abestado, homem! Fale que nem gente! Estamos combinados, relaxa! Mas agora me diga: o seu nome é mesmo Arthur? Aliás, você é... Gay? Não que eu tenha qualquer coisa contra, pelo contrário! São amigos muito fiéis e divertidos!

— Não sou gay! — o homem revirou os olhos. — E sim, o meu nome é Arthur.

Tatiana estava achando tudo aquilo muito surreal e,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ao mesmo tempo, o máximo. Eles caminharam até a saída do shopping enquanto ela lhe fazia várias e várias perguntas, porém acabaram parando quando a ruiva sentiu a barriga roncar.

— Estou com uma fome porreta! — ela declarou de repente. — Já que a surpresa para a Alana provavelmente ficou para outra vida, será que a gente pode comer qualquer coisa? Tem um

restaurante de frutos do mar bem al-

— Por Deus, eu odeio frutos do mar! — Arthur a interrompeu, feliz por finalmente poder ser ele mesmo. — A propósito, cancele a surpresa, os frutos do mar e o poema à luz de velas! Essa sua ideia foi tão...

— Brega?

— Sim! — ele assentiu e acabou rindo, sendo acompanhado pela própria Tati.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bom, me desculpe, eu só estava tentando ajudar. Para alguém que se dizia namorado da Alana, você era bem pouco romântico. Aliás, por via das dúvidas, você está secretamente apaixonado pela minha prima? Porque se estiver, então nós precisamos manter a ideia.

Arthur torceu o nariz.

— Eu amo sua prima, mas somos amigos.

— Com benefícios? — Tatiana sugeriu.

— Apenas amigos.

Ela riu porque ainda achava tudo aquilo muito engraçado. Então, guiou o rapaz até o La Cociña, um bar e restaurante que servia pratos variados e não apenas frutos do mar. Eles ocuparam uma mesa, fizeram os seus pedidos e conversaram sobre diversas trivialidades. Ou seja, sobre a vida dele em São Paulo e sobre a vida dela em Fortaleza, sobre

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

suas profissões, sobre algumas desilusões amorosas e sobre a mudança de Tatiana para o exterior.

Daí, quando a ruiva se retirou para ir até o banheiro, algo para lá de esquisito aconteceu. Isto é, uma mulher muito bem dotada, usando um vestido rodado e uma rosa enorme no cabelo, surgiu sabe-se lá de onde e se sentou bem do seu lado.

— Olá... — ela começou a falar num tom de voz aveludado, sem mais nem menos. — Sou a

Madame Soraya.

Arthur ergueu uma sobrancelha.

— Que bom. — ele disse. — No que posso ajudá-la?

— Não, não, não, meu jovem! O correto seria: no que *eu* posso te ajudar!? Estou aqui para lhe dar uma direção. — ela sorriu, deixando-o confuso. —

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Me dê a sua mão, rapaz!

— Lhe dar a minha mão? Por quê?

— Porque tenho um recado importante para você.

Arthur hesitou, duvidoso. Num segundo tudo parecia normal e, no outro, tinha uma mulher estranha à mesa pedindo a sua mão. Porém, sem muito o que dizer e sem noção do que estava acontecendo ali, Arthur apenas... Fez o que ela pediu e esticou a sua mão direita.

Antes não tivesse feito isso.

— Hummmm... — Madame Soraya balbuciou,

assim que botou seus olhos misteriosos sobre ela.

— Hum. HUUUUUUUUUU... Hum. HUUUUUUUU? HUUM!

Interessante!

Arthur franziu o cenho, vendo-a murmurar muitos

"hum's" conforme corria seus dedos estranhos e

finos pela palma de sua mão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que você está fazendo? — ele quis saber,

incomodado.

Madame Soraya o encarou.

— Shhh! Não atrapalhe a conexão!

— Conexão? Que tipo de conexão?

Ele fez menção de puxar a sua mão, mas Madame

Soraya a segurou com afinco.

— Eu vejo uma bela mulher... — ela começou a

dizer, sem mais nem menos. — Mas também vejo

você muito confuso, negando os seus sentimentos

mais profundos. Eu... — Madame Soraya fechou os

olhos, concentrando-se. Arthur estava começando a

ficar branco feito papel. Do que aquela maluca estava falando? — ...Huuuummm...

Credeuspai! Arthur queria correr para longe dali! Seria possível que Tatiana só o levasse para lugares com pessoas anormais? Primeiro o Piolho e agora...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Isso? O que estava acontecendo, afinal de contas?

Aquela doida estava lendo a sua mão? Vendo seu futuro? Ele não gostava nada da hipótese!

— Você vê essa linha aqui? — Madame Soraya correu seu dedo pela palma da mão de Arthur. — Esse é o riacho do amor. O seu riacho. Mas a questão é que o seu riacho e o riacho da sua bela mulher estão correndo para caminhos distantes um do outro.

Arthur quase riu. Riacho do amor? Sério mesmo?

Só podia ser brincadeira!

— Perdão, mas eu não quero saber! Não acredito nesse tipo de coisa! — o homem puxou sua mão e

então Madame Soraya ergueu os seus olhos
profundos e enormes, encarando-o.

— Você vai perdê-la, caso não caia em si. E então
viverá para sempre solitário e amargurado, criando

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

gatos e arrependendo-se por não ter aberto o seu
coração.

Arthur a olhou com horror, arrepiando-se com as
palavras daquela mulher esquisita e igualmente
intrometida. Por um segundo ele quase entrou em
pânico, mas depois caiu em si de que era tudo
balela. Afinal, aquela tal de Madama Soraya não
sabia nada sobre a vida dele. Se soubesse, aliás,
adivinharia que ele jamais criaria gatos, pois,
apesar de serem adoráveis, eles soltariam muitos
pelos e o deixariam louco.

— Agradeço o conselho, mas não tem mulher
alguma! — Arthur negou, pondo-se de pé. Ele
olhou para os lados, a procura de Tatiana, e a viu se

aproximar da mesa onde estavam. Então, recolheu todos os seus pertences rapidamente e deu uma última olhadinha naquela maluca fugida do hospício.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— São cinquenta reais. — ela disse.

— O que?

— A consulta.

Arthur riu, incrédulo e sempre pão duro.

— Tá bom! Não vou te pagar cinquenta reais!

— É o preço pelo meu serviço, rapaz!

— O que está acontecendo aqui? — Tatiana quis saber.

— Essa doida! — Arthur apontou sem nenhuma papa na língua. — Ela veio com um papo de ler a minha mão e agora quer que eu lhe pague cinquenta reais! Vê se pode? Eu nem pedi por isso!

— Ler a mão? Jura? — a ruiva arregalou os olhos.

— Diacho, pois leia a minha também!

— Tatiana... — Arthur chamou pelo seu nome,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

porém ela já havia se sentado de frente para

Madame Soraya.

Que... Infortúnio!

— Hum... — a mulher morrinhou, ao bater os olhos

na palma da mão da jovem. — HUUuum. Hum.

HUUuum?! HUUuum!

— Caramba! Uau! — Tatiana exclamou, olhando para Arthur de rabo de olho. Ele bufou pela cena à sua frente. — Chega o corpo a arrepiar!

— É. Claro, claro! E o bolso também, pelo calote!

— ele morrinhou para si mesmo.

— HUUUUuum. Hum. HUUUUummmm!!! Olha... —

Madame

Soraya

finalmente

disse

algo

compreensível. — Eu vejo um avião. Você está indo para uma viagem, estou certa?

— Diaaaacho! — Tati arregalou os olhos, levando uma mão até a boca. — Sim, está certíssima!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— HUUuum. Muito bom. Eu vejo também que você teve muitas decepções amorosas, mas que está em busca de um novo companheiro.

— Meu Deus, SIM!

Madame Soraya sorriu, sentindo que já tinha os cinquenta reais da consulta garantidos.

— E o que diz aí? Porque tem que ter mais! —

Tatiana se inclinou sobre a mesa, com curiosidade.

— Eu vou encontrá-lo? Vai demorar? Ele está lá fora, certo? Digo... Nos Estados Unidos?

Arthur balançou a cabeça, indignado por Tatiana, uma mulher tão inteligente e estudada, estar levando aquela lorota toda a sério.

— Bom... Eis aqui tudo o que tenho para te

falar: — Madame Soraya fechou os olhos e puxou um longo fôlego. — O tempo... Dirá!

— Pffff! — Arthur debochou com ceticismo,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

porém Tatiana balançou a cabeça de maneira afirmativa.

— Eu... Nossa, eu não tenho nem palavras! Isso é...

É tão... É tudo o que eu precisava ouvir!

— O que? — o homem, indignado, questionou e Tati o olhou.

— O tempo dirá, Arthur! Você não entende?

— Para falar a verdade, NÃO!

— É simples! — ela sorriu. — Existe um pensamento oriental que diz que há uma linha vermelha, isto é, uma linha imaginária, que conecta todos os que estão destinados a se encontrar. E não importa o lugar ou as circunstâncias, o tempo sempre faz com que essas pessoas se cruzem! Ou seja, o tempo, mais cedo ou mais tarde, trará o meu

companheiro! E eu acredito firmemente que será
nessa viagem! Não foi isso o que você quis dizer,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

moça? — Tatiana encarou Madame Soraya, que
assentiu.

— Sim! Foi exatamente isso!

— Não é possível! — Arthur revirou os olhos,
dando-lhes as costas a fim de ir fechar a conta no
caixa. Afinal, absolutamente qualquer coisa era
melhor do que ouvir aquelas lorotas e dar dinheiro
para aquela tal Madame Caloteira.

De onde já se viu um negócio desses?

Arthur não nutria sentimentos amorosos por
ninguém. E Tatiana era uma doida, se acreditava
mesmo que "o tempo dirá" era a resposta para os
seus dilemas internos.

Fala sério, que enorme bobagem!

Então, na fila para o pagamento, uma nova
mensagem de texto apitou no celular de Arthur. Era

Alana, finalmente. Ele se preparou para dizer a ela

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

que havia dado com a língua nos dentes, mas o que
leu em nada tinha a ver com o assunto das alianças.

Tinha a ver com chifres, na verdade.

"Arthur, precisamos conversar! É urgente!"

"O que houve?" — ele enviou e a resposta demorou
poucos segundos para chegar:

"Eu acabei de te trair com o capiroto!!!!!!!"

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

"Não, eu não quero confundir as coisas,

Eu não quero forçar demais,

Apenas um tiro no escuro e você poderá

Ser o único que eu estive esperando por toda a
minha vida"

- **Just A Kiss, Lady Antebellum.**

ALANA

Sabe aquela sensação estúpida pela qual somos tomados antes de fazermos alguma coisa para lá de insensata? Tipo saltar de bungee jump de uma

altura

perigosamente

mortal,

fazer

uma

"comprinha" no shopping e parcelar no cartão de crédito, ou beijar o ex marido enquanto o sol se põe na praia? Pois então! Num segundo você pensa "uau, essa é uma ótima ideia", mas logo depois,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quando já está feito, você cai em si da bobagem que acabou de cometer.

Mas, infelizmente, já é tarde demais para voltar atrás.

— Oh meu Deus! — me afastei num rompante dos braços fortes e infernais do tihoso e arregalei os meus olhos, ainda sentindo o coração disparado por aquele maldito beijo que nunca deveria ter acontecido. — Eu... O que...

— Espera! — o Roberto pediu quando fiz menção de me afastar. O problema de estar no mar é que não dava para simplesmente sair correndo, então eu me sentia como um pinguim muito inútil e desajeitado. — Alana?

— Não! — evitei encará-lo, desvencilhando-me do seu toque no meu braço.

Céus, quanta coisa estava errada! O Roberto seria

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pai e eu... Eu iria me casar e ter um filho! Não de verdade, mas... Mas mesmo assim! Eu tinha acabado de... Minha nossa!

— Eu traí o Arthur! — falei com horror, saltando as ondas a fim de chegar logo na areia. Que espécie

de melhor amiga eu era? Eu o tinha chifrado até mesmo num relacionamento de mentira, tornando-o sócio majoritário da nossa Associação de Cornos Anônimos! Se bem que talvez, caso o tihoso tivesse mesmo dito a verdade, eu não tinha sido chifrada de fato. Quer dizer... Minha irmã o beijou, mas ele estava bêbado, então isso contava apenas como um meio chifre, certo?

Oh céus! Eu era tipo um unicórnio, com um chifre único e pequeno na testa, enquanto o Arthur tinha acabado de se tornar um alce!

— Alana, espera! Por favor, vamos conversar! — o Beto pediu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Só que não dava para conversar. Era inviável. Se eu apenas olhasse para o tihoso, certamente eu começaria a relembrar a sensação da sua mão aninhando o meu rosto, dos seus dedos nos meus cabelos, do meu corpo contra o dele, ambos

separados apenas pelo tecido fino e molhado de
nossas roupas e também de nossas bocas se
movendo em sincronia. Tudo isso viria de uma vez
para a minha cabeça, só por causa de uma
olhadinha inocente. Não, não, não! Eu não poderia
arriscar!

— Alana?

— Não estou ouvindo você! — levei as duas mãos
até o ouvido, finalmente pisando em solo firme.

Então corri feito uma maluca, derrubando o castelo
de areia de uma criança durante o trajeto. —

Droga! — me queixei e retornei alguns passos, sem
querer ir para o inferno por causa daquilo. — Oi

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

criancinha fofinha! — sorri para ela, que estava
pronta para abrir o berreiro. — Me desculpa, tá?

— UÉEEEAÁÁÁÁÁÁÁÁÁÁÁÁHHHHH! — a
garotinha chorou alto.

Ah, por favor! Era um castelo bem feioso, se

querem saber!

— Alana, sério?! — o Beto se aproximou e eu peguei um punhado de areia do baldinho, lançando-o em sua direção.

— Aparta-te de mim, Roberto!

— Ei, quem são vocês? — o pai ou responsável pela criança questionou, olhando-nos com estranhamento.

— Desculpa, seu moço! — abanei as duas mãos, sorrindo amarelo. — Já estou de saída, não quero sequestrar a sua filha e nem nada do tipo! Já esse daí? Nunca nem vi, porém ele pode ser suspeito! —

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

apontei para o Roberto, que revirou os olhos.

Apressei o passo, mas o infeliz me alcançou muito

rápido, pondo-se na minha frente. Ele já tinha vestido sua camisa e estava com minhas sandálias na mão. Sem saída, então, fiz o que qualquer um faria: ergui os punhos e o bati. Uma, duas, três, quatro... Muitas vezes! O Beto não fez nada, sequer tentou se esquivar ou me segurar. Foi só quando me cansei que pude ouvi-lo suspirar.

— Alana, podemos falar sobre isso como dois adultos?

— Sim, podemos! — assenti e tomei um fôlego, me rendendo e olhando em seus olhos. Droga, droga, droga! A sensação de estar nos braços dele, de me sentir segura outra vez... Senti tanta saudade disso...

— E que tal começarmos com essa pergunta: por que você me beijou?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Não que eu não tivesse retribuído, mas isso não vinha ao caso.

— Porque eu sinto a sua falta. — ele mandou sem

hesitar e meu coração voltou a tamborilar. — Sei que você está grávida e que vai se casar com o Arthur, e sei que foi egoísta da minha parte beijar você estando ciente disso, mas... — o Beto parou e desviou os olhos por um instante. — ...Bom... Não sei como dizer isso sem parecer que estou me dando crédito demais, mas se você disser que me deu permissão para esse beijo porque ainda sente qualquer coisa por mim, exceto o ódio já declarado, então eu vou saber que não é tarde demais, Alana! E que eu não estou sozinho nessa!

Senti a boca secar não apenas por suas palavras, mas também pelos seus olhos me encarando com expectativa. No entanto, a verdade era que a pior coisa que nós poderíamos fazer era tentar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ressuscitar o nosso relacionamento, afinal, eu iria embora para São Paulo em dois dias e o Beto seria pai de uma criança, que merecia sua atenção e

carinho completos. Mesmo que, claro, a mãe daquela criança fosse a minha irmã maquiavélica.

— Roberto, eu não... Nós não podemos fazer isso. É... Tarde demais.

— Pode ser que não! — ele balançou a cabeça e eu não consegui mais encará-lo, pois tinha muita coisa naquele olhar. — Eu... Nós... O que você quer que eu faça?

— Não há nada a ser feito! — falei, sentindo o peito doer pela situação. — Eu perdoo você por tudo o que aconteceu entre a gente, mas isso não pode significar que vamos ficar juntos outra vez! Somos outras pessoas, Beto! Temos vidas diferentes agora, e novas responsabilidades também! Tanto eu quanto você!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Principalmente você, já que o meu noivado e a minha gravidez são uma grande mentira!

— Só me responda uma coisa então. — o Beto

pediu e eu engoli seco, sem querer prolongar aquela conversa. Tudo o que eu almejava era chegar até a casa do meu pai e remoer o dia inteiro aquele beijo que, eu tinha certeza, não sairia da minha cabeça tão cedo. — Ontem, na praia, eu perguntei se você amava o Arthur e você disse que sim. Não estou perguntando se você me ama, porque isso seria esperar demais, mas...

— Não faz isso! — eu o cortei já prevendo qual seria a sua pergunta, mas o tihoso continuou a falar mesmo assim:

— ...Você ainda tem qualquer sentimento, senão o ódio?

Droga!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu não odeio você, Beto...

— É claro. — assenti, lutando com muitos sentimentos conflituosos e com borboletas tolas, que pareciam querer ressurgir no meu estômago. O

segredo era controlar a praga antes que ela se
alastrasse novamente e, para isso, nada como um
banho de água fria. — Tenho um carinho por você
que nem o tempo e nem a mágoa podem apagar,
por tudo o que vivemos juntos, mas isso não quer
dizer que... Bom... Isso não é suficiente. Acho que
agora somos... Amigos.

Amigos. Tenho certeza de que eu nunca
conseguiria olhar para o traste apenas como um
amigo. Era fácil enxergá-lo como um inimigo, pois
eu conseguia lidar melhor com a raiva do que com
o que eu estava sentindo naquele momento, mas
pelo visto eu teria que me acostumar. Além do
mais, a distância entre São Paulo e Fortaleza seria

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

um fator contribuinte.

Ergui o rosto quando o Beto riu de um jeito
estranho e então assentiu, mas ele não disse nada
sobre isso. O tihoso apenas brincou com a chave

do carro em sua mão e me encarou.

— Vamos. Vou te levar de volta.

Santo Deus, me levar de volta? De forma alguma!

Eu estava emocionalmente instável e, portanto,
nada disposta a entrar no carro com ele!

— Não se preocupe, Roberto. Posso ir a pé. Daqui
para a casa dos nossos avós são só três quarteirões
e, além do mais, eu prefiro assim.

— Tá, tudo bem. — o Beto concordou e depois
hesitou, antes de abrir a boca e dizer: — Olha, me
desculpe. Não me arrependo de ter te beijado, mas
peço desculpas por ter feito isso sabendo de todas
as suas... Enfim, suas novas responsabilidades. —

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ele repetiu meu argumento e eu assenti.

— É. Eu...

— Não vou falar nada para ninguém, não se
preocupe com isso.

Suspirei.

— Obrigada, Beto. Eu até aprecio o gesto, mas o Arthur precisa saber. Vou contar para ele assim que chegar em casa.

— Se você quiser eu posso-

— Melhor não! — o interrompi, imaginando a cena caso a situação fosse real: meu ex marido indo comigo para nada mais, nada menos do que contar ao meu atual noivo que a gente se beijou.

Misericórdia! Aliás, se eu parasse para pensar, agora era eu quem tinha assumido a atual posição de traste e traidora oficial. Que fase...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Como você preferir. — o Beto passou a mão pelo rosto e eu notei, pela primeira vez naquele dia, que ele parecia muito, mas muito cansado. Por um momento, me peguei pensando há quantas noites ele não dormia bem. Senti vontade de erguer o braço e lhe tocar, mas, tão rápido quanto o pensamento maluco veio, ele também se foi e eu

logo caí em mim.

Uma loucura por vez, Alana!

— Bom, hã... — estiquei a mão e o Beto fez menção de se aproximar, talvez pensando que aquilo fosse um convite para um abraço de despedida, mas eu recuei. — Minhas sandálias.

— Ah, claro! — ele piscou rapidamente, entregando-as.

Eu as peguei e depois, acreditem, dei dois tapinhas tímidos em seu braço esquerdo, sorrindo amarelo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ér... Fica com Deus. — desejei sem mais nem menos e o tihoso franziu o cenho, porém assentiu.

— É. Amém. Você também.

— Obrigada.

— ...

Lhe dei as costas e obriguei minhas pernas teimosas e bambas a saírem do lugar.

Não vou negar que nos primeiros cinco passos a

minha cabeça fervilhou com o questionamento de eu estar ou não fazendo a coisa certa, mas então eu me obriguei a andar mais rápido e, depois, a correr, antes que eu retornasse e nós fizéssemos alguma bobagem pior.

[...]

— VOCÊ E O BETO SE BEIJARAM? — a

Tatiana absolutamente gritou assim que ela e o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Arthur adentraram o meu quarto, após o passeio de ambos.

Arregalei meus olhos com espanto, ao mesmo tempo em que fiz um "shhhh" e o meu amigo foi rápido em tentar se explicar:

— Conte a verdade para a Tati, Alana. Isto é, que não somos namorados de verdade. Em minha defesa, eu não iria gastar quase três mil reais num par de alianças, de jeito nenhum!

— Diacho, mulher! — a Tati riu, pulando na minha

cama enquanto eu ainda absorvia as palavras do Arthur. — Por que não me disse que você tinha contratado um gigolô, sua maluca?

— Já disse que não sou nada disso! — o Arthur se queixou e eu suspirei, muito mais aérea do que gostaria.

— Era para ser um segredo, Tati. Perdão por não

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ter dito a verdade, mas é que você e o Roberto são amigos.

— Sim, mas eu sou sua amiga também, ôxe! — minha prima disse como se isso fosse óbvio e eu encarei o Arthur com pesar, por ora ignorando o fato dele ter dado com a língua nos dentes.

— Desculpe, amigo. Sinto que te transformei num alce, isto é, num animal com muitos chifres.

— Não se preocupe. Para falar a verdade... — ele alisou o queixo. — Estou mais curioso do que qualquer outra coisa. Afinal, como foi que isso

aconteceu?

E então eu contei tudo a eles. Desde o momento em que eu e o Beto tínhamos nos encontrado na casa dos nossos avós e ele havia me pedido para conversarmos, até a nossa despedida estranha envolvendo um "fica com Deus". Por fim, o Arthur

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

riu e a Tatiana revirou os olhos.

— Fica com Deus, jura? — ela questionou e eu soltei o ar, frustrada.

— O que mais eu poderia dizer?

— Muitas coisas! — o Arthur opinou.

— É mesmo? Como o que? — eu o desafiei e ele deu de ombros.

— Ué, aí já não é problema meu!

— Sério que depois de tudo o que aconteceu, vocês deram um beijo e vão se tornar apenas amigos? — minha prima perguntou com o tom de voz indignado, continuando com sua lamúria. —

Diacho, Alana! Por que não disse a ele que você e o Arthur não estão juntos? Se a ideia era fazê-lo sofrer, eu posso lhe garantir que já deu certo!

— Oras, como assim por quê? Porque... — porque

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ele vai ter um filho??? — ...Porque eu vou embora para São Paulo em dois dias e, além do mais, onde é que ficaria a minha dignidade? De onde já se viu, admitir que forjei um noivado e uma gravidez apenas para sair um pouco por cima?

— Pois dane-se isso tudo! — a Tati rebateu e eu afundei mais ainda entre os travesseiros. —

Laninha, você ainda o ama? Porque ele ama você e, antes que pergunte, sei disso porque a versão bêbada do Beto se declarou uma porção de vezes!

Senti o coração acelerar e o meu rosto queimar como reposta. É claro que eu tinha percebido os sentimentos do Beto em relação à mim. Na verdade, comecei a notá-los desde a nossa viagem

para Mumbaba, quando Goreth me fez tocá-lo daquela forma tão íntima. Porém, a realidade era que ouvir outra pessoa afirmar isso era diferente, pois fazia eu ter certeza de que não era só coisa da

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

minha cabeça.

— Não é tão simples assim, Tati. — morrinhei e o Arthur bufou.

— Por que não é tão simples? — ela quis saber.

— Porque não dá para retomarmos o nosso relacionamento, oras! Tudo mudou e muita coisa aconteceu em três anos! Eu moro em São Paulo, ele mora aqui e, além disso... — hesitei e o linguarudo do Arthur completou por mim:

— Além disso, a Alana está insegura porque agora, aparentemente, o Roberto vai ser pai.

— HÃ? O BETO O QUE? — a Tatiana berrou e eu lancei um travesseiro na sua direção.

— Céus! Qual a dificuldade de vocês dois em falar

baixo? Eu já disse mil vezes que as paredes dessa casa têm ouvidos! E, Arthur, pelo visto manter a língua dentro da boca tem se tornado uma tarefa

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

árdua, não?

— Menos, mulher! — ele deu de ombros como se nada fosse. — É melhor colocar logo para fora, ao invés de ficar morrinhando sobre isso somente no meu ouvido. Haja paciência!

— Como assim o Beto vai ser pai? — a Tati questionou e eu a encarei com curiosidade.

— Então quer dizer que você também não sabe?

— Não sei o que? Sejam mais claros!

Me levantei da cama e fui até a minha mala, tirando o envelope de lá de dentro. Envelope esse que, a propósito, eu precisava dar um jeito de devolver o quanto antes.

— O que é isso? — a Tati franziu o cenho.

— O envelope que a Alana furtou, após invadir a

casa do Roberto usando uma roupa fedida, que ela

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

comprou por cinquenta reais do rapaz do Frango no Balde. Aliás, ela quase foi presa.

— ARTHUR!

— O QUE? — minha prima arregalou os olhos e eu encolhi os ombros.

— Não me julgue! — ergui as duas mãos. — Eu pensei que o Roberto estivesse roubando a pousada, mas enfim, essa é uma outra história... De todo o modo, resolvi investigar e foi isso aí o que encontrei. — aponte para o envelope e a Tati balançou a cabeça com incredulidade, antes de abri-lo.

Lancei um olhar de fúria para o Arthur, sendo recíproco da parte dele, e a Tati perguntou, após alguns segundos de análise:

— É da Carina? Que diabos é isso?

— São exames, Tati. — expliquei. — Minha irmã

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

está esperando um bebê. É por isso que o meu pai e, agora, toda a família acham que eu estou grávida.

— Como assim?

— Seu César nos ouviu falar sobre a gravidez e, para não confessar seu crime, a Alana mentiu dizendo que estava esperando um filho meu.

— Diacho! — a Tati exclamou, meio chocada. — Sério? E como foi que o tio não furou o seu bucho, homem?

— Na verdade, ele quase fez isso. — o Arthur falou e a minha prima me olhou com dúvida.

— Laninha, sério, talvez a gente deva perguntar ao Beto. Esse abestado não faria uma burrada dessas sem me dizer nada.

— Perguntar ao tihoso? Ficou doida? — arregalei os olhos. — Ele vai me prender, Tati!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É claro que não!

— Pois deveria... — o Arthur opinou, porém eu o ignorei.

— Laninha, o Beto obviamente não vai prender você. Talvez ele te dê uma bronca, porque é a cara dele fazer isso, mas é melhor esclarecer as coisas, você não acha? Ou você prefere abordar a Carina?

— Não! Nessa altura do campeonato eu prefiro qualquer coisa que não inclua a minha irmã, mas não sei... — encolhi os ombros e a Tatiana colocou a mão no meu braço, acariciando.

— Prima, seja lá o que for acontecer entre você e o Beto, é melhor acabar com qualquer mal entendido que ainda exista. Você concorda?

O pior é que ela tinha razão. Assenti e a Tati sorriu, tirando seu celular de dentro do bolso da calça. Ela ia fazer o que eu achava que ela ia fazer?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que você vai fazer? — verbalizei o

questionamento e ela levou o aparelho até a orelha, despreocupada.

— Vou tentar falar com ele, ôxe!

— Mas assim? Agora? Agora não, Tati! Eu preciso absorver tudo o que aconteceu hoje, então talvez seja melhor conversarmos... Não sei, amanhã!?

Minha prima me olhou com um pouco de dúvida, porém acabou assentindo e daí encerrou a chamada.

— Tudo bem, Laninha. Eu compreendo. Além do mais, ele não me atendeu. Deve estar feito você.

Graças a Deus!

— Mas enfim, amanhã sem falta. Combinado?

Ai meu Deus...

— Arthur? — eu chamei e ele me olhou, já na defensiva.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sem Arthur, Alana! O que tem eu?

— Você vai com a gente?

— Com certeza não!

— Por um acaso você pretende contar ao Beto que você e o Arthur não são noivos? — a Tati quis saber e eu mordisquei o lábio inferior, em dúvida.

— Não sei, prima. Mas queria que o Arthur fosse, até mesmo para o caso d'eu decidir confessar a verdade.

— Ou seja... — ele recomeçou com a murmuração.

— Para eu ser exposto a uma situação ridícula e de muita vergonha alheia!

Céus, que homem difícil!

— Por favor?! — juntei as duas mãos e ele bufou.

— Não!

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim?

— Não!

— Por favorzinho?

— Não, Alana!

— Sim? Ou você prefere ir passear com o meu pai?

— Maldição, mulher! — ele se exaltou, irritado. —

Tá, tá! Que seja então! Que infortúnio!

— Ótimo! — sorri com gratidão e encarei a Tati.

— Amanhã então.

O único problema foi que, cerca de uma hora e meia depois, enquanto o Arthur tomava banho e a minha prima assaltava a cozinha, o celular dela tocou e eu o atendi sem checar o número.

E então, vi o nosso plano do dia seguinte ir por água abaixo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

"Então eu tento entender o que eu não consigo

segurar na minha mão

E tudo o que eu encontrar

Vou encontrar o meu caminho de volta para você”

- **Home, Jack Johnson.**

BETO

Depois de me despedir da Alana de um jeito para lá de estranho, assim que entrei no carro, o meu celular tocou. Eu estava com a cabeça tão cheia pelos últimos acontecimentos que, confesso, quis ignorar quem quer que fosse. Além do mais, meu celular tinha caído entre os dois bancos e eu estava muito pouco disposto a fazer malabarismos para pegá-lo.

O problema foi que a pessoa insistiu e continuou a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ligar, portanto eu me vi obrigado a tatear o chão com muita má vontade, em busca do aparelho.

Quando li o nome no visor — Carina —, me arrependi por ter feito tanto esforço. Mesmo assim, atendi.

"Alô?"

"Beto? Preciso da sua ajuda, eu acho que... Estou

tendo um sangramento!"

Fiquei sem reação por um momento.

Embora eu estivesse constantemente pouco me importando com a minha prima, a verdade era que ela estava carregando uma criança que nada tinha a ver com os erros da mãe.

"Você está no trabalho?"

"Sim, no banheiro do escritório..." — ela choramingou. — "Me ajuda, Beto. Eu estou desesperada e só você sabe da minha gravidez!"

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Não era verdade, pois o Davi também sabia, mas aquele era o último momento para entrarmos numa discussão desse tipo. Pedi para que a Carina se acalmasse e me passasse o endereço do seu trabalho, e depois lhe assegurei de que eu estava a caminho. Então, dirigi até lá bem preocupado e desrespeitei uma porção de leis de trânsito, certo de que em breve eu receberia pelo menos uma

notificação de multa. Quando a encontrei no banheiro do prédio onde ela trabalhava, após uma burocracia da porra para passar pela portaria, minha prima desabou a chorar e eu a peguei no colo.

— Se acalma, Nina. — usei até o nosso apelido de infância, tamanho era o desespero dela. — Vai dar tudo certo.

Depois da longa conversa que eu tinha tido com a Alana, ainda naquela tarde, a verdade era que aquela cena doía em mim também. Eu olhava para

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

a Carina e só sabia imaginar a minha ex mulher em seu lugar, desesperada e sozinha.

Ignorei os olhares atravessados e curiosos que recebemos tanto pelos corredores, quanto pelo elevador da empresa e corri com a minha prima em direção ao mesmo hospital onde tínhamos feito os seus primeiros exames, sendo que a equipe de atendimento, graças a Deus, passou com a Carina

na frente dos demais pacientes, dando-lhe a pulseira de urgência. O estranho foi que, quando procurei pelo envelope de exames que havia ficado perdido no meu porta-malas, a fim de entregá-lo para alguma enfermeira, eu não o encontrei. E eu poderia jurar que tinha deixado ele lá.

Mas enfim... Sem muito o que fazer, me sentei num dos bancos da sala de espera e desejei ter o número do Davi, pois queria avisá-lo. Afinal, não era justo que o pai da criança não soubesse o que estava

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

acontecendo, e eu dizia isso por experiência própria. Infelizmente, porém, o telefone da Carina tinha senha.

Passei as mãos pelo rosto e respirei fundo. Parecia que quanto mais o tempo corria, mais eu ficava ansioso. Nunca fui adepto à ideia de vingança, então de forma alguma eu queria que a minha prima perdesse o seu filho, ou filha. Na verdade, eu

não desejava esse tipo de dor para ninguém, nem mesmo para ela. Fui até o balcão pelo menos umas duas vezes, a fim de saber notícias sobre o estado da Carina, mas ninguém sabia me dizer nada.

Procurei pelo meu celular no bolso, decidido a falar pelo menos com a Tatiana. Não me parecia nem um pouco certo que a nossa família não estivesse ciente da gravidez, afinal, se qualquer coisa acontecesse com a minha prima, ou com o bebê, todo mundo me culparia por eu não ter dito nada (e com toda a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

razão). O problema foi que eu percebi que tinha largado o aparelho no carro e, quando pensei na hipótese de ir buscá-lo, uma das enfermeiras surgiu no corredor e chamou pelo acompanhante da Carina.

— Sou eu! — ergui a mão. — Como ela está? E a criança?

— Você é o pai?

— Não, sou primo dela. — expliquei e a enfermeira assentiu.

— Bom, foi só um susto, mas é necessário ficar alerta. Houve um descolamento do saco gestacional e nós administramos um inibidor de contração uterina, mas o sangue ainda pode continuar saindo por alguns dias, aos poucos. Portanto, é muito importante que a sua prima repouse e que faça um acompanhamento rigoroso com a médica dela.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Fiz algumas perguntas, a fim de tirar uma ou outra dúvida e logo que a Carina foi liberada, eu tratei de dizer a ela, enquanto seguíamos em direção à saída do hospital:

— Sei que você vai ficar nervosa pelo que eu vou falar, mas a nossa família precisa saber sobre a gravidez, e o Davi tem de ser o primeiro informado quando algo sério acontecer. Também seria bom que você pegasse alguns dias de licença do seu

trabalho. Na verdade, isso não é nem uma opção.

— Vou ver o que faço. — ela simplesmente falou e eu respirei fundo, tirando paciência de onde eu já nem tinha mais. Afinal, cá entre nós: eu vinha de um dia para lá de intenso, fora a ressaca insistente da noite anterior.

— Carina, é sério! Se algo de mais grave tivesse acontecido hoje, com que cara eu daria a notícia para a nossa família? Além do mais, o Davi-

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tá bom, Beto! Chega, ok? Você ouviu o que a enfermeira disse? Eu preciso de sossego! Se for jogar na cara o que fez por mim, me avise logo, porque aí da próxima vez eu me viro sozinha!—
minha prima me cortou e, juro, só não me emputeci com ela porque outra coisa mais importante me chamou imediatamente a atenção: a porta do meu carro estava com sinais de arrombamento.

— Nossa, mas que maravilha! — ri de nervoso. —

Era só o que faltava!

Prejuízo resumido: a fechadura estava estragada e o som e o celular tinham sido levados. Sem saco nenhum para caçar fazer B.O naquele dia, deixei a Carina em casa e passei no mecânico só mesmo para solicitar um orçamento. Lógico que ele acabou descobrindo mais uma porrada de problemas no veículo, o que gerou um futuro arrombo financeiro. Que alegria.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

De verdade? Tudo o que eu almejava era chegar em casa, tomar um banho, cair na cama e tentar descansar, enquanto repassava os acontecimentos importantes do dia — e eles eram muitos. Mas então, eis aqui o que de fato aconteceu: quando entrei na minha rua, a porta da minha casa estava tomada por policiais, tanto militares quanto federais (todos trabalhavam comigo), pela minha família quase toda, incluindo até mesmo os meus avós e,

pasmem, pela imprensa local.

Repito: pela imprensa local.

— Que porra é essa? — questionei, já prevendo que alguma coisa muito séria tinha acontecido. Eu só esperava, de verdade, que a Alana não tivesse tentado invadir a minha casa outra vez.

Parei o carro no início da rua, já que ela estava cheia, e comecei a caminhar em direção ao fuzuê.

Já era noite, então eu estava passando batido e,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quando me aproximei o suficiente, ouvi uma repórter (vocês estão me entendendo? A. porra. de. uma. repórter) dizer:

"Estamos aqui na porta da casa do senhor Roberto Speziali, onde os familiares e a polícia se reuniram a fim de tentarem se comunicar com os sequestradores. Segundo um colega de trabalho da vítima, que também é policial federal, o crime pode ter sido motivado por uma represália, tendo em

vista as últimas operações efetuadas pela equipe.

Para falar um pouco mais sobre a ação da polícia em relação a esse sequestro relâmpago, está aqui comigo o delegado Alex, responsável pelo departamento da PF onde a vítima atualmente trabalha. Senhor Alex, boa noite!"

Put. que. pariu!

Eu ia entrar em pânico. Ou, não sei, ter uma crise de estresse. Que porra estava acontecendo ali na

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

minha porta? E pensar que eu só queria descansar!

Só isso!

"Boa noite, Fabiana. Pois é, nós estamos estudando o melhor jeito de fazermos a abordagem, porém, claro, sem colocarmos em risco a vida da vítima.

Está mais do que na hora do mundo do crime sentir a força da polícia de Fortaleza, pois situações como essa não podem de forma alguma acontecer. O policial é policial vinte e quatro horas, a nossa

profissão é uma profissão de risco. Não dá mais para sairmos de casa sem sabermos se vamos ou não voltar. Precisamos, urgentemente, de rever as leis para crimes hediondos"

Crimes hediondos!!!

Olhei um pouco mais à frente e vi que a minha mãe chorava, sendo amparada pelo meu tio César.

Já chega!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Me aproximei, tentando abrir espaço entre o aglomerado de curiosos, mas devo ter demorado pelo menos uns dois minutos até passar pelas pessoas. Quando finalmente alcancei a área onde os policiais, a minha família e a imprensa estavam, também conhecida como a porta da minha casa, tudo aconteceu feito uma daquelas cenas em câmera lenta: um por um, cada um deles olhou para mim e abriu a boca num "O".

— Beto? — o Alex perguntou.

— Filho?

— Traste?

— Roberto?

— Oh meu Deus! Ele foi solto!

E então, uma porrada de flashes estourou na minha cara.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Que diabos está acontecendo aqui? — eu imediatamente quis saber, levando uma mão até o rosto para me proteger da exposição. Não que fosse adiantar muita coisa, é claro.

— Roberto? — a repórter se aproximou. — Você é o senhor Roberto Speziali? Dê-nos uma palavrinha, por favor! Como foi que você conseguiu fugir dos sequestradores? Os criminosos te ameaçaram?

Você confirma a hipótese de crime por represália?

— Desculpe, eu... Com licença! — passei por ela e fui até o Alex, confuso e meio transtornado.

— Cara, sério, que porra toda é essa aqui?

— FILHO! MEU MENINO! GRAÇAS A DEUS,
EU REZEI TANTO! ELES TE MACHUCARAM?

— a minha mãe me agarrou, chorando muito.

Eles quem? Quem poderia ter me machucado?

— Irmão... — o Alex meio que gaguejou. — Você

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

não foi sequestrado?

— Sequestrado? — franzi o cenho e abracei a
minha mãe, tentando fazê-la se acalmar. — Tá tudo
bem, mãe. Estou bem.

— Sim! Nós recebemos uma ligação da sua família,
informando que criminosos entraram em contato
através do seu número e que até mesmo te puseram
na linha!

— É verdade, primo! — ouvi a voz da Tita e me
virei, a fim de vê-la. Junto dela estavam também a
Alana e o Arthur, que ainda não devia estar ciente
dos últimos acontecimentos entre eu e a sua noiva,
ou desconfio de que ele nem estaria ali. — Nós

falamos com você!

— Não, não! Ninguém falou comigo! — balancei a cabeça de um lado para o outro, sendo que a câmera continuava a me filmar. — Por favor, será

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que vocês podem desligar isso? — pedi e dois policiais militares se aproximaram, olhando-me com reprovação.

— Sério, irmão? Alarme falso de novo?

Eram os mesmos do dia anterior, quando a Alana fez a patifaria de pular o meu muro. Dei de ombros, porque eu não estava em condição de falar nada sobre isso. Na verdade, eu não estava em condição de falar nada sobre coisa alguma. Eu estava era a um segundo de surtar!

— A Tatiana recebeu uma ligação há cerca de três horas! — a Alana falou. — Eram criminosos cruéis, e eles falaram com a gente pelo seu número! Quer dizer... Na verdade, um deles até que era mais

bonzinho, mas o outro era realmente mau. Ele disse que ia te matar caso não pagássemos a fiança, e depois ainda te pôs na linha para clamar por socorro!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não era eu! — neguei de imediato. — Não fui sequestrado! Meu celular foi roubado!

— OOOOOH! — houve uma exclamação coletiva.

— Então quer dizer que o senhor afirma que não sofreu um crime hediondo? — a repórter tornou a enfiar o microfone na minha frente. Que inferno.

— Não houve tentativa de sequestro. — afirmei, almejando acabar logo com aquele circo de horrores. — Tive o meu carro arrombado e furtaram alguns pertences pessoais, sendo que o meu celular era um deles.

Notei que a Tatiana estava aferindo a pressão do meu avô, creio que por precaução devido a todo o estresse, mas isso me preocupou. Na verdade, isso

provavelmente foi o estopim para eu dar um passo para trás e tontear, sentindo uma taquicardia repentina. Tentei respirar fundo e só pude pensar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que, para a situação ficar pior, só restava mesmo eu ter a porra de uma crise de nervos bem ali.

— O senhor está dizendo que tudo não passou de uma tentativa de golpe? — a repórter insistiu no questionamento e eu encarei o Alex, meio desesperado.

— Faz esse pessoal ir embora, ou eu vou surtar de nervoso! Pelo. amor. de. Deus!

Com as mãos meio trêmulas, busquei pela chave do carro e da casa no bolso da minha calça e chamei pelo pai da Alana:

— Tio? Você coloca o meu carro na garagem? Ele está parado na esquina.

E então, depois de muito, mas muito custo, consegui colocar os meus familiares para dentro até

que toda a confusão estivesse acabada, ou pelo menos controlada. Me sentei no sofá, exausto, após

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

esclarecer as coisas com os meus colegas de trabalho, e botei a cabeça entre os joelhos.

— Em nome de Jesus, alguém pode me explicar, com detalhes, por que é que a equipe do CETV, da PF e da PM pensaram que eu tinha sido sequestrado? — perguntei para basicamente todo mundo, puto da vida, e foi a Alana quem me respondeu:

— Primeiramente, se acalme. *Segundamente*, foi mais ou menos assim: ligaram para o celular da Tati e era um homem muito nervoso. Ele disse o seguinte... — ela mudou o tom de voz. — *Coé mermã, coé mermã! Tamo aqui com o Roberto, tá ligada? Nóis vai dá cabo nele, caso vocês não paguem a quantia de quinze mil reais!*

Em outro momento eu poderia até achar a sua

imitação engraçada, porém eu estava com um humor bem ácido. Além do mais, quinze mil reais!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu estava valendo quinze mil reais!

— Daí, claro, a gente pensou que fosse trote... — a Tita falou. — Mas quando vimos que eles tinham ligado do seu número, não teve outra: todos nós nos desesperamos!

— Eu fiquei tão preocupada, filho. — minha mãe choramingou, enquanto os meus avós também concordavam.

— Tá. E que história foi essa de que vocês falaram comigo?

— É porque eles te colocaram na linha. — a Alana disse. — Que dizer... Não era você de verdade, porém a gente pensou que fosse. E você pediu por socorro.

— Foi horrível! — a Tita assentiu. — E foi por causa disso que começaram as negociações por

WhatsApp.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Negociações por Whatsapp. — repeti sem acreditar.

— Sim. — minha ex mulher afirmou e me entregou o aparelho da Tita. — Ouça você mesmo.

Respirei fundo. Então, em seguida, dei play no primeiro áudio, que era dos criminosos:

"COÉ MINHA IRMÃ, O BAGULHO É ESSE AQUI: QUERO QUINZÃO NA MÃO, POR OBSÉQUIO, OU EU DOU PAU NO PLAYBOY"

Automaticamente, o WhatsApp deu play no próximo áudio. Era da Tatiana:

"Escuta aqui, cabra! Solta o meu primo, tá ligado? Ele é policial federal e o meu tio é militar, portanto nós vamos te descer o cacete!"

Olhei para a Tita e ergui uma sobrancelha. Se a minha vida dependesse dela, eu provavelmente estaria morto. Em seguida, logo após a fala da

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

minha prima, tinha uma fala da Alana:

"Olha só, seu moço... Ou melhor... Senhores moços, já que eu acho que vocês são dois. Sei o que está acontecendo. Provavelmente vocês estão passando por uma fase difícil, certo? Não liguem para a Tatiana, ela é brincalhona assim mesmo! O Beto não é policial, ele é... Apicultor. Não, não, não! Na verdade, ele está desempregado! Nessa crise não está fácil para ninguém, né? É por isso que nós não temos quinze mil, mas que tal conversarmos e negociarmos uma outra forma de vocês não matarem o traste?"

Já se dependesse da Alana, iríamos todos para uma sessão de terapia. Não que eu não estivesse mesmo precisando.

"TÃO TIRANDO, É? TÃO PENSANDO QUE É BAGUNÇA?" — um dos criminoso enviou e, depois, uma voz que supostamente deveria ser a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

minha clamou por socorro. Ergui os olhos sem acreditar e os corri por todos os presentes ali, isto é, meus avós, minha mãe, a Alana, a Tati, o Arthur e o meu tio, que tinha acabado de passar pela porta da sala.

— Sério? Vocês pensaram mesmo que isso era eu?

Porra, velho!

— Eu avisei que estava estranho, mas ninguém nunca me ouviu. — o Arthur disse e a Alana o encarou com irritação.

— O que você queria que nós fizéssemos? Era o número do Beto! Além do mais... — ela me olhou.

— Que tipo de pessoa não põe senha no celular? Se você fosse uma pessoa mais ou menos precavida, nada disso teria acontecido!

— Claro, a culpa é toda minha! — assenti. —

Então, depois disso, vocês acharam viável chamar a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

polícia e a imprensa?

— A polícia sim, mas a imprensa foi uma consequência. — a Tatiana explicou. — Uma coisa meio que puxou a outra, porque nós pensamos que fosse um daqueles casos de sequestro dentro de casa, entende?

— Não, não entendo. — neguei com a cabeça e ousei pegar o controle em cima da mesa de centro, ligando a tevê. De verdade? Não foi uma boa ideia.

— Puta que pariiiiiu! — me exaltei, ao ver nada mais, nada menos do que a minha foto no noticiário local.

— Roberto, não diga essas coisas! — minha avó me xingou.

— Como não, vó? Sou eu ali! — apontei para a tela e, nesse exato momento, cortaram para a imagem minha ex mulher. Ela estava chorando.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

"Sim, eu afirmo que é verdade, sequestraram ele!

Nos ligaram faz umas duas horas e colocaram o

Beto na linha" — ela falava para a repórter. —

"Estou com muito medo de que algo aconteça e...

Ei, será que eu posso dar um recado? Traste, se

você estiver vendo isso aí do seu cárcere privado,

saiba que eu não quero que você morra! E que eu

não odeio você! Eu... Eu..."

"É uma pouca vergonha esse nosso país, não há

mais segurança em lugar nenhum!" — meu tio

surgiu na filmagem, interrompendo a fala da minha

ex mulher.

Ele começou a dizer frases de indignação, mas eu

já não prestava atenção, pois tinha os olhos

voltados para a Alana. Ela, por sua vez, parecia

envergonhada. Tudo o que eu queria, ali, era

mandar geral embora para poder falar com ela. Eu

queria perguntar se era verdade que ela não me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

odiava, e também queria beijá-la outra vez. E não deixar ela ir embora de novo.

— Ei, neto desnaturado?! Onde foi que você se meteu, afinal de contas? — meu avô perguntou, arrancando-me do devaneio.

Balancei a cabeça para tentar organizar os pensamentos e o encarei.

— Eu... Tive um imprevisto. Na verdade, vocês precisam conversar com a Carina. Tem a ver com ela, e não comigo.

— Com a minha filha? — tio César questionou, confuso e preocupado. — O que houve?

— Não cabe a mim dizer, tio. Mas aconselho que o senhor a procure. — falei e tornei a olhar para a Alana, que tinha uma expressão diferente no rosto.

Foi quando a poeira enfim abaixou e os meus familiares decidiram voltar para as suas casas, que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

eu aproveitei a deixa e tentei falar com a minha ex

esposa, quando ela veio se despedir de mim:

— Ei, eu...

— Fico feliz que você esteja bem. — ela me interrompeu, rápida. — Sobre aquilo lá... Ér...

Sobre o que eu disse na tevê... Eu ia dizer que eu...

Esperai, mas ela parou de falar e encarou o chão.

— Você?

— Eu... Eu não odeio você, Beto. Eu gosto de você como um amigo. Entende?

Não. Quer dizer... Entendia, mas como mau perdedor não queria aceitar que isso fosse verdade.

Abri a boca para dizer qualquer coisa, porém o tio

César se colocou entre nós com uma expressão fechada.

— Podemos ir, filha? Estou cansado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Claro. Vamos, pai.

A Alana se afastou e eu suspirei, ciente de que o tio ainda me encarava.

— Ela agora está comprometida, Roberto. — ele disse e eu cruzei os braços. — Minha filha já sofreu bastante, deixe que ela siga em frente.

— Não estou impedindo-a de seguir, tio. — *ou estava?*

— Mesmo? Pois você teve três anos para procurá-la, então não faça isso justo agora, quando ela parece estar tão feliz em outro relacionamento.

Antes d'eu pensar no que responder, a Tita se aproximou da gente e sorriu para mim.

— Ei, abestado? Estava pensando comigo mesma e decidi que vou ficar por aqui essa noite. Tem problema?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não. — neguei sem ponderar muito, pois ainda estava com a cabeça na Alana e nas palavras do meu tio.

— Que bom, porque se você dissesse que sim, eu iria ficar de todo o modo. — ela riu, porém eu não

retribuí. Não estava muito no clima para piadas, se é que me entendem. Não é todo dia que você se fode o tempo inteiro e, ainda, vai parar na televisão. Quando todos os meus familiares finalmente foram embora, eu tomei um banho longo e me joguei sobre o sofá, exausto e me negando a acreditar nos últimos acontecimentos. A Tati estava vendo algum filme na televisão, mas colocou no mute e me encarou.

— Tudo bem, primo?

— Tudo. — menti e ela estalou a língua.

— Olha, tenho duas coisas para te falar, e foi por

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

causa delas que eu fiquei aqui. Então, quando eu terminar a minha última frase, você vai levantar essa sua bunda do sofá, vai pegar o seu carro e vai dar o fora. Tá me entendendo?

— Não. — eu disse. — Tita, sério, estou cansado.

Não inventa outra maluquice, porque acho que por

hoje já deu.

— É mesmo, Beto? E você vai esperar eu falar, ou vai ficar resmungando feito um velho chato?

Que inferno.

— Fala, vai. — me rendi e fechei os olhos.

— Primeiro: você vai ser pai?

— Que? — franzi o cenho, confuso.

A Tati se ajeitou e refez a pergunta, tornando-a ainda mais absurda:

— Você por um acaso engravidou a Carina?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ficou doida, Tatiana?

— Sim ou não?

— É lógico que não, porra! Aliás, como é que...

— Não faça muitas perguntas, porque a sua batata está assando. — ela ergueu o indicador, mas eu neguei com a cabeça.

— Como você sabe da gravidez? A Carina te contou?

— Não, Beto. Mas isso não vem ao caso agora. O que vem ao caso é: a Alana pensa que você vai ser pai.

— QUE?

— E outra: eu acho que você deveria procurá-la. Tipo agora, já que em dois dias ela irá embora para São Paulo.

Eu era o retrato da confusão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tita, como assim a Alana pensa que eu vou ser pai?

— Isso não vem ao caso agora. — ela tornou a dizer e eu bufei, impaciente. O que é que vinha ao caso então, porra? A Tatiana, pouco se fodendo para a minha cara de mais perdido do que cego em tiroteio, pegou a chave do meu carro que estava sobre a mesa de centro e a lançou no meu colo. — Vai!

— Que? Ir aonde?

— Para a p- — ela começou a dizer, mas se conteve. — Tome vergonha na fuça e não me obrigue a te dar uma resposta mal criada, primo.

— Tati... — suspirei. — Não estou entendendo nada!

— Pelo visto eu vou ter que desenhar, já que você é devagar e quaaaase parando: levanta essa sua bunda

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

bonitinha do sofá, vá até a Alana agora mesmo, esclareça as coisas e dê um beijo beeem caprichado nela, que é para a minha prima sequer cogitar voltar para São Paulo.

Hein? Que ideia descabida era aquela?

— Não posso fazer isso, Tita! Queria muito, é lógico, mas não posso! A Alana agora tem o Arthur, e o tio César fez questão de deixar isso bem claro, quando pediu para eu deixá-la seguir em frente.

— Ai, Beto! — a Tati revirou os olhos. — Da

missa o tio César não sabe um terço! Será que toda vez eu vou precisar te dar um chega para lá, para que você tome uma atitude? Porra, primo!

— Porra um caralho! — me irritei e ela riu alto, achando graça da situação. Na minha opinião, não era engraçado. Eu estava esgotado e muito, mas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

muito sem saco. — Não é questão de ser devagar, é questão de senso também! Eu conversei com a Alana, Tita! Ela sabe o que eu sinto e o que eu quero, mas eu preciso, acima de qualquer coisa, respeitar o fato de que agora ela é noiva do Arthur!

A Tatiana assentiu e respirou fundo, ficando em silêncio por alguns segundos. Então ela fez uma careta e morrinhou qualquer xingamento, antes de dizer:

— Tenho quatro palavras para você: confie em mim e pare de pensar demais. Só vai!

Ah tá.

— Isso não dá quatro palavras, Tatiana! De onde você tirou que essa caralhada toda que você disse são só quatro palavras?

— Ôxe! E você achou mesmo que eu ia contar, abestado? Agora vá, anda! Some daqui! Vou

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

assistir um filme e secar a sua garrafa de vinho caro.

Me pus de pé um pouco contra a minha vontade e a encarei.

Eu

não

estava

compreendendo

absolutamente coisa nenhuma, mas, pelo visto, a

Tatiana sabia de algo do qual eu nem fazia ideia.

— Você não vai me dizer o que está acontecendo?

— Não, sinto muito. — ela negou. — Pergunte para a Alana.

— Ok. — assenti, mal humorado. — Mas ó: vê se não acaba com o vinho todo, porque se essa sua ideia sem pé nem cabeça der errado, eu quero você sóbria, que é para eu poder te culpar.

— Ai Betinho, relaxa! — ela piscou. — Faça tudo direitinho e você só terá motivos para me agradecer, tá bom?

Eu não tinha tanta certeza disso. Primeiro porque

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

eu estava indo até a casa do meu tio totalmente às cegas, já que a Tita não queria me deixar a par de nada. E segundo porque, convenhamos, fazer as coisas direito não era lá a minha especialidade. De todo o modo, mesmo morto de cansaço, estressado, confuso e todo o resto do pacote, eu entrei no meu carro e dirigi em direção à casa do tio César.

No entanto, foi só quando eu cheguei lá que pensei que não dava para simplesmente bater à porta e pedir para falar com a Alana, afinal, o meu tio iria

me olhar feio e tudo o mais. Portanto, sem opção, catei umas pedrinhas da calçada e me posicionei de frente para a janela onde costumava ser o quarto da minha ex mulher, torcendo para que ninguém além dela me escutasse.

Infelizmente não surtiu nenhum efeito, então o meu segundo passo foi tentar escalar a sacada lateral.

Não era tão difícil, e eu sabia disso porque já tinha

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

feito algo parecido quando ainda namorávamos. Eu só precisava subir na mureta, segurar nas grades de proteção do segundo andar e tomar um impulso.

Quer dizer... Tá. Não era tão difícil, mas também não era tão fácil.

Foram necessárias umas cinco tentativas até eu finalmente conseguir impulsionar o corpo até o lado de cima, arfando pelo esforço de subir e de ainda não fazer barulho. Porém, quando apoiei os meus pés na sacada, pronto para passar para o outro

lado, a porta de vidro da Alana foi aberta e ela saiu num rompante, esguichando a porra de um spray ardido no meu olho.

— OH MEU DEUS! UM LADRÃO! — ela GRITOU.

O resumo da ópera? Tombei para trás e me fodi no processo.

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

CAPÍTULO VINTE E CINCO

"Senti saudade, vontade de voltar

Fazer a coisa certa: aqui é o meu lugar

Mas, sabe como é difícil encontrar

A palavra certa, a hora certa de voltar

A porta aberta, a hora certa de chegar"

- Eu Que Não Amo Você, Engenheiros do

Hawaii.

ALANA

Fruta. Que. Partiu!

Trêmula e com o spray de pimenta na mão,
inclinei-me sobre o parapeito da sacada do meu
quarto e arfei com o susto.

— Beto? É você?

Drooooga, era o tihoso lá embaixo? Caramba, o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que foi que eu fiz?

Desesperada com a situação, e também com a
possibilidade de ter me tornado uma assassina,
corri até o quarto do Arthur e bati à sua porta com
urgência. Ele, graças a Deus, abriu bem rápido,
olhando-me com dúvida e usando o seu pijama
horroroso de sempre.

— Ei, que barulho foi esse? Você ouviu? — o
Arthur quis saber e eu agarrei seu pulso, puxando-o
pelo corredor.

— Ah, nada de mais, eu apenas acho que acabei de, tipo, matar o meu ex marido!

— HEIN? COMO É? — ele falou alto e estagnou no lugar, chocado. — O que você fez, Alana?

— Não sei... — choraminguei e o obriguei a voltar a andar. — Eu estava no meu quarto, pronta para curtir o meu soninho da beleza, quando ouvi alguns

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

barulhos no vidro da janela. Logicamente pensei que fosse um ladrão, então peguei o meu spray de pimenta e...

— E?

— E joguei bem na cara do Beto, que estava estranhamente escalando o parapeito da minha sacada.

— Que? Minha nossa! — o Arthur arregalou os olhos e eu abri a porta da casa do meu pai, correndo em direção ao local do crime e torcendo para não encontrar o cadáver do Roberto.

O lado bom foi que eu logo percebi que ele não estava morto. Ufa! O lado ruim, porém, era que o traste estava sentado no chão e segurava o braço esquerdo contra o tronco; pela sua expressão, ele sentia dor.

— Beto? — me agachei ao seu lado, muito

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

preocupada. — Me desculpa! Céus, me desculpa!

Eu pensei que você fosse um meliante!

Ele assentiu com a cabeça, mas não disse nada, apenas gemeu baixo e esfregou os olhos, que deviam estar ardendo por causa do spray de pimenta.

Status: culpada e arrependida.

— Maldição, mulher! Não seria o caso de levá-lo até um pronto atendimento? — o Arthur sugeriu, abaixando-se também.

— Sim, é claro que sim!

O Beto não negou e isso rapidamente me deixou

apreensiva, porque, em condições normais, ele iria prontamente bater o pé e dispensar a sugestão. Daí, para piorar, quando eu e o meu falso noivo tentamos ajudá-lo a se erguer, o meu coração partiu ao ver o tihoso se encolher e fazer uma careta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ai, ai, ai! Espera! — ele pediu e eu e o Arthur trocamos um olhar de preocupação.

— Tenta se apoiar em mim e na Alana, Roberto. — o Arthur falou. — Você consegue?

— Acho que não. — o Beto negou. — Não consigo erguer o meu braço esquerdo, porque eu caí com ele estendido.

— Tudo bem, tranquilo. Apoia só em mim então. Vou te sustentar pelo tronco e você passa o braço bom pelo meu pescoço, pode ser? — meu amigo sugeriu e, assim que ele fez o que disse e colocou a mão na costela do Beto, eu o vi apertar os olhos com força.

— Dói aqui também? — aponte, sentindo-me cada vez mais culpada.

— Aham. Um pouco. — o Beto concordou e o Arthur desceu com o braço para a cintura dele, a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

fim de não pressionar mais a costela.

— Céus! Vou ligar para a Tati e pedir ajuda! — falei, morta de angústia, porém o traste balançou a cabeça e negou:

— Não precisa nem tentar, porque vai ser perda de tempo. A Tita está secando uma garrafa de vinho na minha casa.

Droga!

— Bom... De qualquer forma, é melhor irmos até um pronto socorro, para que você possa tirar algumas radiografias. — o Arthur opinou e pegou a chave do carro com o Beto, dispondo-se a dirigir. Foi aí que o pai surgiu, sonolento e com a espingarda na mão.

— Será que alguém pode me dizer que patifaria é essa aqui? — ele fez a pergunta de praxe e nós três nos entreolhamos, isto é, eu, meu amigo e meu ex

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

marido, que, a propósito, eu quase assassinei.

— É, hã... Estávamos batendo um papo ali em cima. — o Arthur apontou para a sacada, mentindo.

— E o Roberto se desequilibrou e caiu.

— Hein? Como é? O Roberto caiu do parapeito? — meu pai perguntou com espanto, largando a espingarda de lado. — Vocês perderam o juízo, é?

— Foi um acidente! — justifiquei e encolhi os ombros, vendo-o se aproximar do traste.

— Ô lasqueira, viu! Diacho! Mas será possível que ninguém nunca ouviu dizer que não se pode mover a vítima?

— Não se preocupe. Está tudo bem, tio. — o Beto tentou amenizar a situação, porém conteve um gemido quando o pai lhe pressionou a costela.

— Para! Não faz isso, pai! — eu praticamente implorei, sem mais condições de ver o traste

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

daquele jeito.

Era lógico que não estava tudo bem, afinal, ele havia caído de uma altura de pelo menos dois metros e era graças ao bom Deus que o Beto estava consciente e inteiro. Em outras circunstâncias eu até poderia dizer que vaso ruim não quebra, mas a verdade é que eu estava com o coração apertado demais para maldizer o tihoso.

— Vamos levá-lo até um hospital. — o meu pai decretou, trazendo à tona a minha ideia e a do Arthur.

Nós acabamos colocando o carro do Roberto para dentro, já que a fechadura estava com problemas e, depois de trocarmos de roupa, entramos no veículo do meu pai. Ele foi dirigindo, com o Arthur ao seu lado no banco da frente, e eu e o traste fomos no

banco de trás. Vez ou outra eu o olhava com preocupação, porém ele tinha a cabeça tombada

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para o lado e os olhos fechados. Então, sem conseguir me conter, num certo momento eu simplesmente lhe cutuquei.

— Ei, traste? Está doendo muito?

O Beto abriu os olhos e me encarou, sorrindo fraco para me tranquilizar.

— Não, estou bem.

— Mentiroso... — acusei e ele riu, mas, logo em seguida, fez uma careta involuntária de dor, o que apenas reforçou a minha suspeita de que ele estava demonstrando muito menos do que de fato estava sentindo.

Sem pensar com clareza, levei a minha mão esquerda até a sua mão direita, que repousava sobre a sua perna, e a segurei. Em seguida, sussurrei bem baixo:

— Me perdoa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O Beto tornou a sorrir fraquinho e assentiu, tirando sua mão de baixo da minha e colocando-a por cima. Ele correu o polegar por ela e a acarinhou, como se me dissesse um "tudo bem". Não vou mentir: senti bem mais do que eu gostaria, com aquele gesto tão afetuoso.

Então, quando finalmente chegamos ao hospital, o pai foi até o balcão solicitar uma consulta com um ortopedista, ou um clínico geral, e eu encarei o Arthur com olhos de súplica.

— Escuta... Se o Beto precisar ficar internado e não puder voltar para a casa, eu também não vou embora. — avisei. — Então trate de levar o meu pai daqui, por favor.

— Mas que maldição, hein mulher? Não sei se consigo, porém farei o que estiver ao meu alcance.

— ele disse e eu o abracei sem aviso prévio,

agradecida pela atitude que ele vinha tendo desde o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

momento em que bati à porta do seu quarto. Aliás, minto! Na verdade, era desde o momento em que ele topou vir comigo para essa viagem doida.

— Obrigada, amigo. — falei. — De verdade, eu não sei o que faria sem você nesses últimos dias.

Você vale ouro, Tuzinho!

— Tá, tá, tudo bem. Por nada. — ele me deu dois tapinhas nas costas. Ô homem do coraçãozinho duro! — Mas chega, porque você fica bem grudenta quando está emotiva e o seu ex marido, além de estar dolorido em vários lugares, agora parece estar com dor de cotovelo também.

Me afastei e lhe dei um tapa no braço, achando graça. Em seguida encarei o Beto, que realmente nos observava, mas que desviou o olhar ao notar que tinha a minha atenção. Se havia uma coisa que o traste definitivamente não conseguia fazer, era

fingir costume.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Me aproximei em silêncio, junto do Arthur, e cerca de vinte minutos após darmos a entrada no hospital particular, o Beto foi chamado até a sala de atendimento e o meu pai o acompanhou. De lá, ele foi encaminhado para uma bateria de exames e, enquanto os resultados não saíam, a enfermeira o levou para receber um analgésico via intravenosa.

— Demora cerca de uma a duas horas até a entrega da pasta com os exames, e em seguida o médico irá checar os resultados. No entanto, nós pedimos que apenas um acompanhante fique com o paciente na sala de medicação. — ela informou o que eu já tinha previsto e eu olhei para o meu pai e, em seguida, para o Arthur.

— Vou ficar com ele! — falei na cara e na coragem, vendo um vinco se formar na testa do meu velho.

— Acho que seria melhor se *eu* fosse e você ficasse

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

com o seu noivo, Alana.

— Não! — balancei a cabeça, enfática. — Vou ficar com o Beto, pai! Está tudo bem para o Arthur, nós já conversamos.

— É verdade, seu César! — ele sorriu e ergueu o polegar, fazendo um joia. — Está tudo bem para mim!

— Viu só? — espalmei e tratei de ir me afastando na maciota, antes que o pai me cobrasse

explicações

complexas

demais

para

aquele

momento. Então, quando ele chamou pelo meu

nome, eu já estava a uns cinco passos de distância

dele, o que julguei ser o suficiente para fingir

demência e surdez.

Segui a enfermeira até a sala de medicações, onde o Beto estava deitado sobre uma das macas e parei ao seu lado, tocando seu braço e fazendo-o abrir os

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

olhos.

— Oi. — ele disse e eu sorri, balançando a cabeça de um lado para o outro. Então, fiz a pergunta de um milhão de reais:

— Que diabos você estava fazendo escalando o meu parapeito, Beto? Ficou maluco e resolveu fazer que nem eu? Invadir a casa dos outros?

— Ah! Então quer dizer que agora você finalmente admite que invadiu a minha casa? — ele riu e, novamente, enrijeceu com a dor que esse simples gesto lhe causava.

— Bom, o que posso falar? Eu tinha lá os meus motivos... — dei de ombros e me sentei na cadeira ao lado da maca, lutando contra a vontade de tocá-

lo e de checar se ele estava mesmo bem.

— Claro, claro. Digamos que eu também tive os meus motivos. Tentei chamar a sua atenção antes

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de subir, mas você não me ouviu.

— Você diz... Os barulhos na janela?

— Sim.

— Eu escutei, mas pensei que fosse um ladrão tentando entrar. Porque sabe como é, né? Acho que toda essa história de sequestro me deixou com os nervos à flor da pele. Mas quero esclarecer que eu não queria ter te machucado, tá?

— Tudo bem. Eu sei, Alana. — ele assentiu e eu olhei para o acesso venoso no seu braço, pesarosa.

— E então... — suspirei. — Vou perguntar novamente: por qual motivo você estava escalando a minha sacada, hein?

O Beto não falou nada por um instante e eu o encarei, sustentando o seu olhar por um momento.

Ele parecia me analisar e eu franzi o cenho, curiosa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Porque... — o traste disse e tentou se ajeitar na maca, então eu me pus de pé e lhe ajudei a se sentar de uma maneira mais confortável. — Obrigado.

— Não por isso. — sorri e tornei a me acomodar.

— Bom... — ele retomou a fala. — Em primeiro lugar, fiz isso porque queria falar com você sem precisar passar pelo seu pai.

— É mesmo? É tão importante assim? —
questionei, me perguntando o que de tão urgente o traste tinha para me dizer, ao ponto de não poder esperar até o dia seguinte.

— Para falar a verdade, um pouco. Depois que vocês foram embora lá de casa, a Tita me disse algumas coisas e uma delas me deixou desacreditado.

— É? Que tipo de coisa? — me mexi na cadeira, ansiosa. Será que a Tatiana tinha contado a verdade

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para o tinoso e agora ele iria rir da minha cara?

— É sobre a Carina. — ele falou, sério, e me fez murchar por dentro. Em seguida, porém, o Beto mandou direto na lata: — De onde você tirou que eu vou ser pai, Alana?

Droga! Droga, droga, droga! Será que a fofqueira da Tatiana não poderia ter esperado nem mais um pouquinho?

Me pus de pé e enrolei uma mexa de cabelo, pensando numa maneira rápida de lhe explicar que eu havia, de certa forma, furtado o envelope de exames da minha irmã. Porém, como o meu cérebro em pane se recusou a trabalhar, não me restou mais nada, senão dizer a verdade:

— Eu roubei os exames que estavam no seu carro!

— confessei e ergui os dois pulsos, assim que vi sua testa se franzir. — Pode me prender, Beto! Eu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cometi crime de furto e, hoje, quase matei você!

Sou uma ameaça para a sociedade!

— Alana, para de falar bobagem! Como assim você

roubou o... Ah! Não, espera! O pior é que faz

sentido mesmo! Eu procurei pelo envelope hoje,

mas não o encontrei. Quando foi que você fez isso?

Ontem, quando pulou o meu muro vestida de

frango?

— Sim. — admiti, dando-lhe um sorrisinho

amarelo. — Mas escuta, eu só fiz isso porque

naquele dia, na viagem, você tomou o envelope da

minha mão e me fez pensar que estava roubando a

pousada da família!

— Você... O que... Não! Você pensou O QUE?

— Não me julgue, tá? — me pus na defensiva. —

Porque eu aposto como você, no meu lugar,

pensaria a mesma coisa!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ah claro! — o Beto ergueu o braço bom, que estava com a medicação. — É lógico que essa seria a minha primeira conclusão! Óbvio!

Sabe, eu tive a leve impressão de que ele estava um pouquinho irritado...

— Fica calmo, Beto! — pedi, notando que o seu sangue começava a voltar pelo acesso. — E vê se abaixa esse braço, pois eu não posso ver sangue!

— É mesmo? Que pena! E eu não posso com as suas loucuras! — ele disse. — Porra, Alana! Não é possível que eu tenha sido assim tão ruim, ao ponto de você só pensar absurdos ao meu respeito! E não que seja da sua conta, mas eu não vou ser pai!

É, ele estava puto comigo.

— Não?

— Não, da mesma forma como não estou roubando o dinheiro da nossa família! Para isso eu trabalho!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Beto... — suspirei, MUITO mais aliviada do que

culpada. — O que você queria que eu imaginasse?

Ele abriu a boca para falar alguma coisa, mas fechou os olhos, respirou fundo, conteve um gemido de dor e se calou.

Toquei o seu braço com cuidado, abaixando-o para o sangue parar de voltar, e nós ficamos em silêncio por um tempo. Finalmente, tive de engolir o orgulho e ceder:

— Desculpa se eu tirei conclusões precipitadas.

Naquela primeira reunião com o nosso avô, quando ele levantou a hipótese da pousada estar sendo roubada, eu ouvi uma conversa sua com a Carina e a julguei como suspeita. Daí veio o lance com o envelope, quando eu juntei uma coisa com a outra e, portanto, decidi investigar. Foi por isso que eu entrei na sua casa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O Beto balançou a cabeça com incredulidade, soltou um daqueles risos secos que faz o ar sair

pelo nariz e estalou a língua. Para piorar, ele continuou sem dizer nada.

— Fala alguma coisa! — implorei e ele me olhou, todo irritado.

— Se eu for falar qualquer coisa agora, sei que vou me arrepender depois. Mas a minha vontade é levantar dessa porra de maca e te botar na cela de uma delegacia!

— Eu sei. — encolhi os ombros e ele bufou.

— Sabe coisa nenhuma, porque é lógico que eu não faria isso com você! Estou puto de raiva, mas não faria! — o Beto falou e nesse momento eu tive de conter um sorriso, porque o negócio era sério. —

De onde já se viu? Tudo bem você pensar essa asneira em relação a Carina, eu até entendo, mas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

daí a acreditar que eu iria passar a perna em todo mundo? É de foder, né Alana?

— Desculpa, traste! Em minha defesa, fui

influenciada pela mágoa e pelas sérias dúvidas a respeito do seu caráter!

O Beto encarou o teto, correu a língua pelo lábio inferior e depois me olhou com fúria. Oras, por que ele parecia ainda mais nervoso? Era para ter sido uma confissão boa!

— Mais alguma coisa que você queira dizer? Por um acaso, você também solicitou uma investigação secreta a respeito da minha vida?

— Na verdade, não pensei nisso.

— Que bom, fico mais tranquilo. — ele falou com ironia e eu engoli seco, sentando-me na cadeira outra vez.

A enfermeira chegou para checar a medicação e fez

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

algumas perguntas ao Beto, enquanto eu o observava. Então, depois que ela se foi, caguei e andei para a sua irritação e ousei perguntar a ele:

— O que o médico te disse?

Ele bem que demorou uns segundos para me responder, mas a realidade é que depois acabou cedendo:

— Ele suspeita de uma fratura no osso superior do braço, o úmero, e também numa das costelas do lado esquerdo. Mas também pediu mais um tanto de exames, que é para descartar um tanto de coisa do qual eu não faço muita ideia. Não sei se os resultados devem demorar a sair, mas acredito que leve algum tempo.

— De uma a duas horas, segundo a enfermeira. — falei e o Beto assentiu.

— Pois é. Inclusive, você pode ir para a casa. Está

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tarde.

Oras, tá bom! Mas que ideia absurda era aquela?

— Não vou a lugar algum! — neguei e revirei os olhos. — Se esqueceu de que a culpa de você estar aqui é minha? Sou um monstro!

— Ai meu Deus... Sério... Não me obriga a ser gentil com você, Alana.

Sorri achando graça e depois deixei escapular um bocejo, afinal, eu estava um pouco cansada. Cá entre nós, aquele dia tinha sido muito intenso, até mesmo para alguém fora dos trilhos como eu.

— Quer deitar aqui? — o Beto sugeriu, notando a minha exaustão. — Eu troco de lugar com você.

— Ah, vê se pare de bobagem, né? — balancei a cabeça. — Eu até agradeço, mas tenho uma ideia melhor... — falei e me pus de pé outra vez. —

Chega para lá!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu juro que pagaria para registrar a cara de confusão do tnhoso, ao me ver subir na maca e me sentar ao seu lado.

— Estou te machucando? — eu quis saber e ele negou com a cabeça. Depois, o Beto pensou por um momento e suspirou.

— Alana... Posso te perguntar uma coisa?

— Pode, traste.

— O que há entre você e o Arthur? De verdade?

Porque ele mentiu para o seu pai e, além disso, não pareceu incomodado com o fato de que eu estava escalando a sua sacada. Sendo bem sincero? No lugar dele, como o seu noivo, eu provavelmente ficaria puto e ameaçaria quebrar mais duas costelas minhas.

Senti o coração disparar e respirei fundo, enrolando para lhe oferecer uma resposta. Justo quando eu e o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Arthur tínhamos dado alguns furos, o Roberto tinha começado a ler as entrelinhas. Que lástima de vida!

— Nós, hã... Eu... O Arthur... — suspirei. — Ele é muito compreensivo!

— Compreensivo? — o traste ergueu uma sobrancelha e todo o meu rosto corou. — Alana, por favor, seja sincera comigo.

Fiz menção de me levantar e ele, num reflexo, esticou o braço machucado para me impedir. Só esse pequeno movimento o fez empalidecer, então eu parei.

— Toma cuidado, Beto! O remédio não está adiantando? Você está com dor?

— Acho que demora um pouco para ele fazer efeito, né? — o Roberto falou, mas eu não me dei por satisfeita.

— Mas está doendo muito? Não mente para mim,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

fala a verdade!

— A costela só dói para valer quando eu faço algum movimento brusco, mas o braço dói um pouco mais.

Eu desconfiava de que aquele "um pouco", na verdade, queria dizer "muito", mas é lógico que ele não iria admitir de jeito nenhum, né?

— Você quer que eu peça a enfermeira para vir

checar, ou para verificar a disponibilidade de uma
medicação mais forte?

— Não, Alana. Obrigado. Quero que você responda
a minha pergunta.

Santo Deus, que homem insistente!

— Tudo bem, Beto. Vou te responder, ok? A
verdade é que... — tomei um fôlego, criando
coragem. — Eu e o Arthur temos um
relacionamento aberto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ah, qual é? O que eu poderia fazer, se a coragem
não vinha?

— Que?

— Poligamia. — fui mais clara.

— QUE?

— Ficou surdo do ouvido esquerdo?

— Antes eu tivesse ficado! Que história é essa,
Alana?

— Ué?! Não sei porque você parece tão descrente,

afinal, esse tipo de relacionamento é muito comum
hoje em dia! — falei na maior cara de pau.

— Tá, que seja, mas eu não... — ele balançou a
cabeça.

—

Não

consigo

ver

ocê

num

relacionamento aberto. De forma alguma.

— Oras! E por qual motivo você não me acha apta
para estar num relacionamento moderno e super

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

século vinte e um, hein? Não seja machista,

tinioso!

— Não é machismo, é porque você é doida, Alana!

Quando

éramos

casados,

você

às

vezes

encasquetava com umas coisas que não tinham o mínimo sentido, e agora vem dizer que está numa relação moderna? — ele disse bem assim, sem filtro. Engraçado... Aonde é que o respeito tinha ido parar?

— Tudo bem, Roberto! O que você quer que eu fale? — perguntei, tentando ao máximo manter uma expressão blasé. — Eu admito que não é exatamente por mim que nós optamos por um relacionamento desse tipo e sim pelo Arthur, que é um devasso. Cá entre nós, chegou num ponto em que somente eu não era suficiente para-

— Tá, tá, que seja! — o Beto imediatamente me cortou. — Não quero saber!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Oras, mas foi você quem perguntou!

— Sim, mas que inferno! Não quero saber da porra da sua vida devassa com o Arthur, Alana! E, se quer a minha opinião, você está mentindo!

— Ah, ué?! — abri a boca, chocada. — Então quer dizer que agora você deu para ser vidente, Pai Roberto?

O traste fez menção de dizer qualquer coisa, mas não aguentou e riu. E, como já é de conhecimento geral, rir não era uma boa ideia.

— Ai... — ele resmungou, tentando se conter.

— Viu só? Fique quieto, atormentado!

— Atormentada é você, Alana! Você quase me matou!

— Oras! Pensei que você tivesse entendido que não foi de propósito!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pois saiba que eu não estou entendendo mais nada! Preciso dormir para colocar as ideias no

lugar, é sério! Se eu parar para pensar, só hoje eu fui humilhado publicamente numa escuna, dancei Macarena com um bêbado, beijei a minha ex mulher e ela me disse que me vê apenas como um amigo, tive o meu carro arrombado, o meu celular furtado, vi a minha foto ir parar num noticiário local, caí do segundo andar de uma casa e, para completar, depois ainda descobri que estava sendo acusado não só de engravidar a minha prima e também ex cunhada, mas de roubar a minha família! Isso, lógico, sem falar dos acontecimentos ao longo da semana!

É, de fato tinha sido um dia atípico. Portanto, como fiquei compadecida, tentei contribuir positivamente para lhe ajudar, ressuscitando uma velha memória da nossa infância:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você está muito estressado, tá bom? Se acalma!

Quer jogar o jogo do contente?

— Que porra de jogo do contente o que, Alana?

— Quer ou não?

— Não!

— Tô nem aí! Saiba que o lado positivo de tudo isso é que você está vivo, Beto!

— É, uau! Mas poderia não estar! Porque você é doida!

— Veja bem! — ergui o indicador, bancando a ofendida. — Perceba que agora você está surtando de vez e descontando tudo em cima de mim!
Controle-se!

Para a minha surpresa, o Beto de fato parou para pensar e depois concordou, encolhendo os ombros.

— Verdade, você está certa. Perdão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que? — eu ri, achando graça. — Não, traste!

Estou brincando! Pode descontar em mim, eu mereço!

— Não quero descontar em você. — ele falou e

ajeitou a cabeça, aparentando estar um pouco sonolento. Graças a Deus, parecia que a medicação para a dor já começava a fazer efeito.

— Ei, tihoso? — chamei depois de uns segundos.

— Só por curiosidade, quer dizer então que beijar a sua ex mulher entra na lista de coisas horríveis que você fez hoje? — questionei e ele riu fraco, negando.

— Não, Alana. Beijar você foi a única parte boa, o que fode mesmo é o lance da amizade.

O Beto me olhou e eu também o encarei de volta, sendo que, de repente, um pensamento para lá de perigoso me invadiu a cabeça: eu sentia muita falta

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dele. Muita mesmo, tanto que quase chegava a doer.

— Não consigo te ver apenas como a minha amiga, Alana. — ele disse, fazendo meu coração disparar.

Qualquer coisa, eu poderia fazer a egípcia e alegar

um infarto. — Torço para que você seja feliz e não quero impedi-la de seguir em frente, porém tem uma parte minha, uma bem egoísta, que gostaria que a sua felicidade ainda fosse comigo.

— Ah... Nossa... Que... Que parte doida! — sussurrei.

— Pois é, nem me fala! E sabe o que é o pior de tudo? Sou péssimo em fingir que não ligo para nada!

— É, você é mesmo. — tive que concordar e o Beto me deu um sorriso triste e cansado.

— Sabe... A verdade é que eu estou totalmente às

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cegas, Alana. Pensei que você tivesse me dado permissão para te beijar porque ainda sentia alguma coisa por mim, e depois também pensei que há algo de muito estranho no seu relacionamento com o Arthur, mas, para ser honesto, minhas conclusões ultimamente estão sendo muito tendenciosas. Não

confio muito em mim quando se trata de você e,
por isso, queria que você fosse cem por cento
transparente.

*Jura que não confia, Beto? Pois deveria confiar,
porque você está mais do que certo.*

Confesso que a sinceridade do traste estava me
desmontando aos pouquinhos e foi por isso que eu
decidi que aquela era uma conversa para
terminarmos a sós, sem enfermeiras ou pacientes ao
lado.

— Podemos continuar esse diálogo depois? —
sugeri. — Você precisa descansar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O Beto não se opôs, creio que por pensar que eu
estava fugindo do assunto. Ele assentiu, vencido, e
nós trocamos algumas palavras a respeito dele estar
ou não com dor. Não muito depois ele acabou
pegando no sono e eu o observei dormir por um
tempo, até pegar no sono também.

Acordamos com uma enfermeira nos chamando, avisando-nos que os resultados dos exames já tinham saído. De acordo com o médico, o Roberto teve muita sorte. Primeiro porque, apesar das confirmações das fraturas no braço e na costela, nada de mais grave tinha lhe acontecido. E segundo porque eu e o Arthur não deveríamos tê-lo deslocado por conta própria. No fim das contas, o doutor lhe prescreveu analgésicos e o Beto saiu de lá com uma tipoia no braço esquerdo. Ele também precisaria fazer alguns exercícios em casa, para a recuperação da costela, além de retornar uma vez

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

por semana no hospital, por um período de um mês e meio, a fim de fazer fisioterapia.

Passava das três da madrugada quando nós entramos outra vez no carro do meu pai. Eu estava com sono e o Arthur tinha os olhos vermelhos, mas, por causa da medicação, o Beto era o que mais

estava capotando. Ele cochilou uma boa parte do caminho e eu pedi ao pai que o deixasse na própria casa dele, pois a Tatiana estava lá. Então, quando paramos à porta, antes de cutucar o traste, eu pigarreei e olhei para o meu pai, avisando-o:

— Eu e o Arthur também vamos ficar.

— Vamos? — o palerma perguntou e eu quase o matei, apenas com a força do meu olhar.

— Vamos! Porque afinal de contas você é homem e vai poder ajudar o Roberto no que ele precisar!

— Ah é. Verdade.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pois bem, amanhã então nós conversamos. — o pai falou num tom bem sério.

Fingi demência para não ter de render e acordei o Beto. Em seguida eu e o Arthur o ajudamos a entrar e, quando chegamos na sala, eis que encontramos a televisão ligada e a Tatiana dormindo de boca aberta no sofá, com uma taça de vinho vazia na

mão.

— Bom... Parece que, pelo menos para alguém, a noite foi boa. — o Beto brincou e eu segurei o Spider bem a tempo de impedi-lo de pular no traste, já que ele tinha vindo correndo de algum canto da casa.

— Ei, psiu?! Não pode, seu doido! — lhe expliquei, erguendo um dedo na altura do seu focinho. — Seu pai está dodói, você não viu não?

— Eu vou tomar um banho rápido, fiquem à

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

vontade para qualquer coisa que precisarem. — o Roberto falou, observando-me. — Se vocês puderem, por favor, acordem a Tita e peçam para ela ir para a cama. O penúltimo cômodo do corredor é o quarto de visitas, então, Alana, vocês duas podem dormir juntas. E Arthur, você se importa de ficar no sofá? Ele puxa por baixo e vira cama. Não é a coisa mais confortável do mundo,

mas é que infelizmente não tem outra opção.

— Não, tudo bem. — meu amigo concordou e, enquanto eu colocava o Spider para fora, o Beto nos deixou a sós e eu aproveitei para encarar o Arthur.

— É o seguinte... — sussurrei. — Você é quem vai ficar responsável por acordar a versão múmia da Tatiana, porque eu preciso terminar uma conversa importante. E, só por via das dúvidas, caso tudo fuja do controle, preciso que você saiba que eu e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— você estamos num relacionamento aberto e poligâmico porque você é um devasso, ok?

— É O QUE? — meu amigo basicamente gritou.

— Céus! — exclamei com desgosto e pedi, pelo que deveria ser a milésima vez só naquela semana:

— Fala baixo, Arthur!

— Eu não acredito que você está inventando mais mentiras! — ele disse, indignado. — Até o seu pai

já está desconfiado de que tem caroço nesse angu,
depois de você me deixar sozinho para fazer
companhia ao Roberto! Na verdade, acho que ele
pensa que você está prestes a me trair ou algo do
tipo, porque ele até foi simpático comigo!

— Oras, isso é ótimo! Mas não se preocupe com o
dia de amanhã, Arthur! Com o meu pai eu me
resolvo depois, ok? Além do mais, eu não inventei
mais mentiras, eu apenas adiei a verdade!

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

— Alana, sério mesmo? Some da minha frente! —
ele ordenou, mal humorado, e eu sorri abertamente.

— Você é um anjo, amigo!

— É, pois é! E você é um pesadelo!

Deixei o senhor Devasso na sala, depois de lhe dar
um abraço não solicitado, e adentrei o corredor em
busca do quarto do Roberto.

Seja o que Deus quiser.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

CAPÍTULO VINTE E SEIS

"Hoje eu preciso te abraçar

Sentir teu cheiro de roupa limpa

Pra esquecer os meus anseios e dormir em paz"

- Só Hoje, Jota Quest.

BETO

Logo que entrei no meu quarto, eu me sentei na cama e cheguei à conclusão nem tão brilhante de que seria praticamente impossível me trocar sem a ajuda de alguém. Além da tipoia não possibilitar o movimento do braço, eu estava alternando segundos de muito cansaço com segundos de dor.

Mas a verdade era que, convenhamos, minha única opção não era tão agradável assim: eu tinha apenas o Arthur à minha disposição, e não estava nem um pouco interessado em ter de pedir ajuda para o cara

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que, supostamente, era o noivo devasso da mulher que eu amava.

Portanto, tomado por esse orgulho totalmente besta, tentei fazer malabarismo para tirar a minha calça e me encolhi de dor, quando algumas fisgadas me acometeram a costela e o braço. Eu não era fraco

para dor, mas posso garantir que aquilo ali doía e não era pouco. Foi nesse momento que a Alana bateu à minha porta.

— Beto? — ela chamou e eu fechei os olhos, cogitando a possibilidade vergonhosa de apenas trocar de roupa e ir dormir. Só o ato de respirar já era sofrido. — Tudo bem aí dentro? Posso abrir?

— Pode, Alana. — falei com cansaço, porém num tom alto o suficiente para que ela pudesse ouvir.

— Olá! — ela fez uma saudação e então entrou.

Logo que me viu, porém, o sorriso que tinha sumiu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

do rosto e ela adotou uma expressão preocupada.

— Que cara é essa?

— Nada. — menti e a Alana cerrou os olhos, desconfiada. — Precisa de alguma coisa?

— Não exatamente, mas e você? Precisa de ajuda para se trocar?

Olhei para ela como quem dizia "como é que você

sabe?" e a Alana estalou a língua, afinal, anos de

convivência,

mais

um

adicional

chamado

casamento, tinham feito com que ela soubesse me

decifrar muito fácil.

— Sério, Roberto! Por que é que você

simplesmente não diz o que está sentindo? Qual é a

dificuldade? — ela se queixou, exortando-me. —

Vê se fica quieto aí, porque eu vou chamar o Arthur

para te ajudar.

— Não precisa! — foi a minha vez de agir de uma

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

maneira infantil, mas também, né? Não era possível

que eu não tinha esse direito! Ninguém é de ferro!

Além do mais, todo o conjunto da obra estava me

fazendo ficar mal humorado.

— Como assim não precisa? — ela cruzou os braços, menosprezando a minha capacidade de me virar sozinho. O que, como vocês já viram, era mesmo uma bela bosta. — E como é que você vai se trocar?

— Dou o meu jeito, Alana!

— Sério, Roberto?

— Nunca falei tão sério!

Ela

riu,

desacreditada,

e

caminhou

com

determinação até onde eu estava. Em seguida, fez menção de tirar a minha tipoia, mas eu me afastei como pude.

— Beto, você vai mesmo encarnar o nosso avô?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— . — abri a boca para me defender, porém a luz divina da maturidade e do senso do ridículo me iluminou e eu suspirei, cedendo. — Não.

— Então deixa eu te ajudar a tirar a tipoia e a camisa, e o Arthur *vai sim* te auxiliar com o restante, quer você queira ou não!

— Não estou em condições de ver o Arthur sendo legal comigo. — comentei enquanto ela se inclinava, soltando o velcro da tipoia. — Não tem nem motivo para eu detestar o cara, isso é que é o pior!

— Pois é, o Arthur é um anjo mesmo.

— Ah, não fode, Alana! — me irritei e ela riu, deixando o meu braço livre. A parte de tirar a camisa só não foi pior do que ter de tomar banho com o Arthur de babá. Quando terminamos de vestir a minha calça e eu me sentei no tampo do

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

vaso, um pouco tonto pelo esforço, ele suspirou e

botou a mão no meu ombro bom.

— Tudo bem, cara?

— Tudo. — concordei e o encarei, me prestando ao papel de idiota mais uma vez: — Arthur, como é esse negócio de relacionamento aberto? Você e a Alana são mesmo um casal?

Era incrível como eu praticamente pedia para me foder, né? Não bastasse ouvir da boca da Alana o quanto eles eram felizes juntos, agora eu ainda precisava ouvir da boca dele. Aliás, que tipo de pergunta era aquela minha? Qual era a possibilidade deles não serem um casal? A minha ex mulher era meio fraca das ideias, mas não ao ponto de forjar um relacionamento. Ou pelo menos eu achava.

— Olha só, Roberto... Vou ser sincero com você e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quero que você seja sincero comigo também. — o

Arthur começou a dizer e eu concordei, sério. —

Eu já tive o coração partido uma vez. Amei uma pessoa que me machucou bastante, e foi esse ponto em comum que me aproximou da Alana. Aquela mulher que está lá fora, por vezes, é um verdadeiro pesadelo na minha vida, mas eu a amo demais. Na verdade, a amo ao ponto de topar um tanto de loucura. E é por isso que eu te pergunto: *você* a ama?

— Muito. — falei, pouco me importando com o fato dele supostamente ser o noivo da Alana.

— É, dá para perceber. — ele disse e riu, porém eu não entendi qual era a graça. — De toda forma, não te perguntei isso para começarmos uma daquelas batalhas de faroeste e vermos quem vai ficar com a mocinha. Até porque, dado o seu estado físico, eu estou em vantagem.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Será? Tem uma arma lá dentro, e o meu outro braço está bom. — apontei na direção do meu

quarto e soltei um riso fraco, quando o vi hesitar.

— Qual é, Arthur? Diz logo o motivo dessa conversa! Se você estiver pensando em me propor fazer parte desse tal relacionamento aberto, saiba que estou cem por cento fora! Não sou moderno a esse ponto e também não iria suportar a ideia de te ver encostando nela. Agora, se for apenas para esfregar na minha cara que você a ama e que ela está com você, eu realmente vou te dar um tiro.

O Arthur riu e por um momento não falou nada. Ele me ajudou a ficar de pé e então, depois, me encarou com uma expressão séria e ergueu um dedo em riste.

— Você não faz ideia do que passei nesses últimos dias, só por causa dessa mulher louca. Portanto, se você magoar ela outra vez, saiba que eu a peço em

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

casamento de verdade. Só de ódio.

QUE?

— Espera! O que?

— Entenda como quiser, Roberto. Já falei bem mais do que eu deveria.

— Não, calma! — ergui o braço ruim, mas nem a dor me fez hesitar. — Como assim você a pede em casamento de verdade? Vocês... Calma!

Meu cérebro tinha dado pane.

Encarei o Arthur, com dúvida.

— Que porra é essa que você está insinuando? A Alana contratou você?

— Êeee maldição! Por que diabos todo mundo acha que eu sou um gigolô? — ele se irritou e eu passei a mão boa pela testa, em choque.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Todo mundo? Todo mundo quem? Isso quer dizer que vocês não são mesmo um casal? Quem é todo mundo? Quem mais sabe disso?

Putá.

Que.

Pariu!

Peguem aquela minha frase lá de cima, a que falava sobre a minha ex não ser capaz de forjar um relacionamento de mentira, e me chamem de OTÁRIO.

— Ah Roberto, vou ser honesto! — o Arthur ergueu as duas mãos. — Esquisito mesmo foi o fato de você não ter notado isso antes, porque a Alana como atriz é uma chacota! E vou te falar mais, irmão: você é bem devagar das ideias.

— É, um pouco. — concordei, atordoadado, mas depois balancei a cabeça e caí em mim. — Quer

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dizer... Porra, como assim? A Alana não está grávida?

— A menos que ela seja a nova virgem Maria, não.

Dava para acreditar num troço desses? Olhei para o Arthur e ri. Inacreditável!

— Vocês são o que, então?

— Amigos. E não, não sou gay e nem um gigolô.

Eu poderia facilmente chorar de alívio, mas isso seria ridículo e, cá entre nós, a minha cota de vergonha alheia já tinha sido usada pelo resto do ano.

— Até uns cinco minutos atrás eu estava muito disposto a odiar você, Arthur! — falei. — Quer dizer... Ainda não vou com a sua cara, mas agora nem quero mais te dar um tiro.

— Eu agradeço, de coração, porque de maluco

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sanguinário basta aquele pai macabro da Alana.

Mas enfim... O que eu falei é verdade: se você magoá-la outra vez, eu levo essa mulher para o altar só de raiva!

— Não faz eu te odiar de novo, Arthur.

— Então some daqui, porque também quero tomar um banho e tirar essa nhaca de hospital.

— Tá, tá. Te empresto uma roupa minha.

— Obrigado. E, por favor, faça isso antes de se enfiar no quarto com a Alana. — ele pediu e eu assenti, pesaroso por estar todo ferrado de dor. Afinal, confesso: era tentadora a ideia de calar a boca da Alana com um beijo, caso ela começasse com a habitual encheção de saco.

— Ei, Arthur? — chamei, antes de passar pela porta. — Quem mais sabia sobre vocês?

— Somente a Tatiana, mas ela descobriu hoje.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ah, então estava explicada a insistência da Tita para que eu fosse atrás da Alana! Se ela soubesse o que isso quase me rendeu... Mas não, ela mesma estava toda tranquila, desmaiada no meu sofá depois de detonar metade de uma garrafa de vinho. Fui até o meu guarda-roupa, peguei algumas peças limpas para o Arthur e pedi para que ele carregasse a Tita para a cama, assim que saísse do banho. Depois, procurei pela Alana no quarto de visitas.

— Oi. — chamei sua atenção, dando duas batidas na porta. — Você me ajuda com a tipoia?

— Claro, traste. — ela levantou, largou o seu celular para trás e veio andando na minha direção.

Eu não fazia ideia dos sentimentos dela por mim, porque a Alana era muito boa na arte da enrolação.

Aliás, acho que se um dia a gente contasse a nossa história, essa seria a parte em que geral já estaria

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sem paciência para nós dois. Mas a questão era que, embora eu não soubesse dos sentimentos dela por mim, eu tinha certeza dos meus e torcia para que isso bastasse.

Nós caminhamos em silêncio até o meu quarto e eu fechei a porta, observando-a por um momento.

Louca. Era isso o que ela era. Só Deus poderia explicar o porquê d'eu amar logo essa mulher.

— O que você tanto está olhando, tihoso? Tem um chifre na minha cara? Meu nariz está sujo?

Viram só?

Não falei nada, apenas continuei observando cada traço dela. Que saudade, meu Deus do céu!

— Está tudo bem? — ela franziu o cenho, preocupada, e eu tomei coragem para falar:

— Depende, você é quem vai me dizer. Eu amo você, mas preciso saber se você ainda gosta de mim

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pelo menos um pouquinho. Porque se ainda tiver um por cento de sentimento, juro que eu luto para reconquistar o resto.

Vi quando ela paralisou e tratei de observar cada reação sua, me lembrando de uma frase que eu havia lhe dito quando ainda namorávamos, e da qual eu tinha me recordado na terapia da Goreth: quando a boca fala uma coisa e o coração fala outra, os olhos entregam.

— Olha para mim. — pedi, porém ela evitou me encarar. Como se soubesse qual era minha

intenção. — Alana, sei que eu te magoei de muitas maneiras, mas queria que você acreditasse que eu aprendi com os meus erros. Quer dizer... Que eu tenho tentado aprender, porque como você mesma sabe, sou cheio dos defeitos irritantes. Fico mal humorado depois de um dia puxado no trabalho, tenho dificuldade para falar o que eu sinto, esqueço

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

a porra do celular no silencioso com frequência, sou desligado com detalhes e penso muito antes de agir, fora os outros tantos hábitos ruins, mas... — suspirei, temeroso com o fato de que ela sequer me encarava. — ...Mas eu não quero perder você de novo. Não que eu te tenha. Claro, não tenho, porém... Espera, deixa eu reformular a frase! Não quero deixar você ir embora de novo, sem nem ter feito nada para impedir. Essa semana foi a mais louca da minha vida inteira! Me fodi de todas as maneiras possíveis *e impossíveis*, mas eu viveria

tudo de novo, porque você meio que tinha razão quando me dizia que é a dose de loucura da qual eu preciso.

— O que aconteceu naquele banheiro, Beto? — a Alana perguntou, ainda sem me olhar, e eu me aproximei com cuidado.

— O Arthur me falou algumas coisas. — confessei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não pensei que você fosse doida o bastante ao ponto de pedir ao seu amigo para que ele fingisse ser o seu namorado, mas tenho duas considerações a fazer sobre isso. Primeira consideração: que bom que ele não é. Segunda: eu bem que mereci passar por essa tortura.

Foi só aí que ela finalmente me encarou, surpresa.

Deixei escapar um riso curto (doeu) e ela tampou o rosto com as duas mãos.

— Céus! Mas é impressionante como o Arthur é fofoqueiro! — a Alana se queixou e eu parei à sua

frente, erguendo o braço bom para abaixar as suas
mãos.

Em seguida, analisei o seu rosto e busquei por
algum sinal nos seus olhos. Qualquer um.

— Fala alguma coisa, por favor. — implorei
mesmo. — Nem que seja para me chamar de traste,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ou para me chutar daqui!

— Não posso te chutar daqui, Beto. É o seu quarto.

— Nem que seja para me chutar da sua vida. —
reformulei e ela riu, fechando os olhos.

— Desculpa, mas não tenho o que dizer. Isso é
loucura, e eu vou embora em dois dias.

— Eu sei.

— São Paulo fica a três horas e meia de voo de
Fortaleza.

— Eu sei.

— E eu posso não sentir mais nada por você.

— Eu... Sei.

— E mesmo que eu ainda sentisse, nós já tentamos uma vez e não deu certo.

— Alana...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sério, acho melhor eu ir embora. — ela passou por mim e correu para fora do quarto. Foi tão rápido que eu sequer tive tempo de reagir, até porque eu estava todo ferrado.

Por um segundo, fiquei sem saber o que fazer.

Então, no segundo seguinte, a porta se abriu outra vez e a Alana me encarou.

— Oras! Pensei que você tivesse dito que iria me impedir de ir embora, ou eu ouvi errado?

Balancei a cabeça e ri sem acreditar, enquanto uma sensação contraditória tomava conta de mim: a minha garganta estava fechada, mas um peso enorme tinha saído do meu peito.

— Vem aqui, por favor. — pedi e ela fechou a porta novamente, aproximando-se. Quando a Alana

parou na minha frente, a gente se olhou e depois
sorrimos um para o outro. Meu olhos estavam

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

marejados e os dela também.

— Desculpa por quase ter te matado. — ela falou,
branda. — Fiquei muito preocupada com você.

— Tudo bem. Desculpa por ter sido um babaca.

Digo... Num sentido bem amplo de tudo.

— Eu perdoo você, traste.

Ri e deixei algumas lágrimas caírem. Dava para
acreditar na sorte que eu tinha?

— Eu posso? — ergui a mão boa e a Alana
assentiu, então eu a puxei com cuidado para perto
de mim. Abracei aquela mulher como se ela
pudesse fugir outra vez e apoiei a cabeça na curva
do seu ombro, sentindo o seu cheiro enquanto tudo
dentro de mim ia se acalmando. — Senti sua falta.
Muito. — sussurrei sem esperar ouvir nada de
volta, porque quando falei sobre reconquistar o

sentimento dela por mim, eu estava sendo sincero.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

No entanto, mal pude acreditar quando a Alana me respondeu:

— Eu também senti a sua.

Precisei me afastar um pouco. Primeiro porque eu queria encará-la, e também porque aquela posição piorava a dor na costela e no braço, que ainda estava sem a tipóia. Mas é lógico que eu não iria dizer isso e estragar o momento. De jeito nenhum.

— O que foi, tihoso? — a Alana questionou, diante da minha expressão de surpresa. — Seu descrente!

— Pior que sou, né? Mas é que não dá para acreditar mesmo. — sorri e segurei a lateral do seu rosto com a mão, correndo o polegar pela sua bochecha.

— Sabe de uma coisa? Pode ser que daqui uns três meses a gente esteja se odiando outra vez. Manter

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

um relacionamento a distância não deve ser fácil,
fora que a gente é muito bom em estragar as coisas.

— *Você é boa. Eu sou excelente.* — corriji,
achando graça (ou não). — Mas não vai acontecer.
E se acontecer, eu conserto. E se o meu conserto
for muito ruim, a gente ainda pode procurar pela
Goreth. Né?

A Alana riu e balançou a cabeça, concordando.

Respirei fundo (doeu, para variar) e achei que seria
bom esclarecer uma coisa:

— Vou beijar você agora.

— Oras, Roberto! — ela revirou os olhos. — Por
que você sempre avisa?

— Não sei. Mas é que da última vez que eu fiz uma
coisa sem te avisar, você quase me deixou cego e
eu caí de uma altura de mais de dois metros.

— É, seu argumento faz sentido. Você vai me

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

prender?

— Deveria.

Ela sorriu e eu inclinei a cabeça, juntando os nossos lábios com muita saudade. Seria a maior confusão quando a nossa família maluca soubesse de tudo o que vinha acontecendo, fora que a gente precisaria se esforçar o dobro para fazer dar certo, mas ali, naquela madrugada, pela primeira vez em anos (quase três, para ser exato) tudo o que eu senti foi paz.

Com o caos a gente lidava depois.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

CAPÍTULO VINTE E SETE

"Esse cupido é cego, tá demitido

Sua flecha não tem ponta e nem sentido

Cupido amador, uma decepção

Me trouxe um amor encomendado do lixão"

- Meu Cupido é Gari, Marília Mendonça.

**Depois de tomar um banho merecido, torcendo
para que Alana não comesse o seu fígado com**

cebola...

...Arthur caminhou até o sofá da sala de Roberto e tirou a taça de vidro da mão de Tatiana, que jazia de boca aberta.

O ideal seria acordá-la e fazê-la escovar os dentes, afinal, imagine só o bafo de bode com o qual a mulher não despertaria na manhã seguinte? Isso, lógico, sem falar nas bactérias que, naquele

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

momento, deviam estar até bêbadas de tanto vinho, prontas para se transformar em cáries. Mas o fato era que Tatiana parecia uma defunta. Depois de cutucá-la duas vezes e não receber nenhuma reação satisfatória, exceto por alguns resmungos, Arthur pegou a ruiva nos braços (misericórdia, ele precisava mesmo se exercitar!) e a levou até a cama do quarto de visitas.

Assim que colocou Tatiana no colchão e quase cuspiu os pulmões para fora, porém, a bebum abriu os olhos e o encarou.

— Que horas são? — ela resmungou, confusa.

— Mais de quatro da madrugada.

Tatiana bocejou e se sentou, inclinando o tronco para poder *desentochar* a calcinha da bunda.

— Ótimo. — ela disse. — Cadê o meu vinho?

Ela estava bêbada?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que foi? Vai ficar só me olhando, garçom?

Traga o meu vinho!

É, ela estava.

Arthur pigarreou e disse, encarando-a:

— Que tal se você escovasse os dentes e depois fosse dormir?

— O que? Não! Quero o meu vinho, bosta! — ela coçou os olhos e os estreitou, observando-o com atenção. Oras, que estranho... — Ôxe, espera!

Arthur, é você? Você virou garçom?

Maldição, a mulher estava mesmo muito chapada de vinho caro!

— Senta aqui comigo! — Tatiana bateu na cama, alegre por ter esbarrado com o seu colega frescurento e amargurado. — Me conta as novidades, ficou sabendo que eu vou me mudar?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É mesmo? — ele perguntou, sem saber o que fazer. De jeito nenhum iria bater à porta do quarto de Roberto e ousar interromper uma possível cópula de reconciliação. Se bem que, de todo o modo, isso era improvável. Beto estava todo ferrado. Mas mesmo assim.

— É! — Tatiana sorriu, interrompendo suas considerações mentais. — Vou ficar um ano fora, cabra!

— Não me diga? — Arthur tombou a cabeça para o

lado e se sentou na cama. Ele estava caindo de sono, mas como é que iria se deitar e deixar Tatiana falando sozinha e a ver navios?

— Pois digo sim! A propósito, minha festa de formatura é amanhã a noite, e a de despedida é depois de amanhã. Você está convidado, tá?

— Obrigado. — ele assentiu e Tatiana franziu o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cenho.

— Ôxe, cadê a Laninha? Vocês terminaram?

— Você não soube? Eu acredito que terminamos sim. — Arthur respondeu, achando a cena até que muito engraçada, mas então, um segundo depois, a ruiva apenas... Começou a chorar!

Sem mais nem menos!

— Diacho! — ela resmungou, diante do olhar assustado do pobre coitado do Arthur. — É por isso que eu odeio os homens! Tenho certeza absoluta de que, para vocês terem terminado, você cagou feio no pau! Pobrezinha, meu Deus... A Laninha não merecia isso! Ninguém merece, na verdade! Nem eu! Esses relacionamentos de hoje são tudo uma farsa, é por isso que eu vim beber! Quer saber? O amor é uma bosta bem grande! Não, melhor: meu cupido come bosta, aquele desgraçado!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Meu Deus...

— Maldição, mulher! — Arthur arregalou os olhos.

— Do que você está falando? Por que está chorando?

— Não são lágrimas. — ela fungou. — É a minha alma transbordando de frustração!

Que poético.

Tatiana fez menção de se colocar de pé, porém tropeçou na própria perna e caiu de cara no chão.

Assustado, Arthur correu até o outro lado da cama bem a tempo de vê-la erguer o rosto e rir.

— Qual é o meu problema, hein? A verdade é que vivo dando conselhos para as pessoas, mas não faço

ideia do que fazer com a minha própria vida

sentimental! — ela prontamente choramingou,

oscilando de humor. — Olha só, eu sou uma

mulher inteligente! Também sou uma boa amiga,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

uma boa filha, uma boa prima, uma boa neta, não

dou spoiler e o meu ruivo é natural, juro! Mas eu

também já fui loira e morena...

— Tatiana... — Arthur tentou falar algo muito importante, mas ela o interrompeu:

— Na verdade, tive uma fase de pintar o meu cabelo a cada vez que eu terminava um rolo.

Mulher tem disso, de querer mudar, mas claro que

não deu certo, né? Da forma como as coisas iam,

ele iria acabar caindo que nem bosta!

— Tatiana...

— Por que você e a Alana terminaram?

— Maldição, mulher! A sua saia...

— Quer saber? Não fala! Deixa eu adivinhar... Meu último namorado terminou comigo porque disse que eu dou uns surtos do nada. Não é verdade! Tá que as vezes eu tenho vontade de sair metendo a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

porrada na cara do cabra infeliz que ousa tirar a minha paciência, mas, na medida do possível, eu até que sou uma companhia agradável. Gosto de ver filmes e de debater sobre a cura do câncer.

Você e a Alana viam filmes?

Arthur suspirou com incômodo e abriu a porta do armário que tinha ali, tirando um edredom de lá de dentro. Então ele o jogou sobre Tatiana, já que a saia da mulher havia subido depois do tombo e a sua bunda branquela estava praticamente à mostra. Engraçado... Aquilo era uma calcinha do Piu-Piu? Meio segundo depois de ter sido coberta, no entanto, ela se pôs de pé (ou pelo menos tentou) e Arthur teve de ajudá-la no processo, antes que ela caísse outra vez.

— A parte ruim de ir embora é que eu vou ficar longe da minha família, e são eles que fazem com que eu me sinta menos sozinha, sabe? — Tati disse

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

assim que se sentou na cama, ao lado de Arthur.

Ele sabia que não estava sendo de muita utilidade naquele monólogo e por isso resolveu opinar, a fim de não soar insensível ou mal educado:

— Sei como é ruim se sentir assim, Tatiana.

Também já tive um relacionamento frustrado.

— É mesmo? — ela o encarou. — Quer dizer... Na verdade, eu acho que você já comentou.

Não, ele não tinha comentado, mas ela tinha deduzido. Foi naquele dia da degustação de drinques exóticos, na casa noturna do Piolho.

— Pois é. Mas a questão é que você não precisa basear a sua vida apenas em viver um amor, sabe?

Tem coisas muito mais importantes.

— Tipo o que?

— Tipo trabalhar, se tornar um bom profissional e ser reconhecido por isso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Hum... — Tatiana resmungou, fazendo uma careta. — Sei lá. E quando a gente ficar velho? Não sei você, mas não quero ser uma velha solitária, amargurada e que cria gatos. Nada contra eles, tá?

Eu os adoro!

— Nem eu. A parte de criar gatos, eu digo. Eles soltam muitos pelos. — Arthur falou, o que fez Tatiana soltar uma risada.

— Ai, Arthur... Você é um fresco.

— Sou higiênico.

— Tanto faz, abestado! Eu aposto como você nem

guarda a vasilha suja no microondas de um dia para o outro, quando está com preguiça de lavá-las e vai receber visita.

Eca!

— E quem é que faz um negócio desses? — o homem torceu o nariz e ela revirou os olhos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ôxe, eu faço! De olhos fechados, ainda. Aliás, acho que todo mundo faz.

— Credo! Que bom que, de acordo com a minha mãe, eu não sou todo mundo.

— Boa, boa! — a ruiva riu e jogou o corpo para trás, vendo o teto rodar. Eles estavam girando? — Mas enfim, o que mais?

— Hã?

— Além do trabalho, o que tem de mais importante do que o amor?

— Ah, sim. Hum... Saúde mental.

— Coração inteiro.

— Sossego. — Arthur ergueu uma sobrancelha, mostrando o quanto aquilo era relevante. Tatiana, por sua vez, gostou tanto da dinâmica que continuou contribuindo com a lista:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Comer de três em três horas. — o que? Comer de três em três horas era sim mais importante do que se apaixonar! Os nutricionistas afirmam!

— Tempo livre para ler livros relevantes.

— Ter a tampa da privada sempre abaixada.

— Ter a tampa da privada sempre levantada.

Ambos riram, entreolhando-se.

— Economizar grana em datas comemorativas. —
a ruiva prosseguiu. — Isso é bom, porque eu estou
dura.

— Poder assistir o que quiser na televisão.

— Não tomar chifre.

— Não ter de comprar porcarias no mercado.

— Família. Família é, definitivamente, mais
importante do que ter um namorado. — Tatiana

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

disse e encarou Arthur. — A sua família é grande?

— Na verdade, não. Só meus pais e mais um irmão.

— Ah, que legal. Nunca tive irmãos, mas a Laninha
e o Beto são como se fossem. Aliás, espero que eles
não se esqueçam de mim nesse um ano em que eu
estiver fora, porque eu vou encher muito o saco via
Skype, principalmente do Beto. É que não parece,
mas ele vinha andando bem mal.

— Entendo. Mas, se quer saber, tenho quase
certeza de que agora ele está bem. — fora, claro, o
braço e a costela ferrados, mas Arthur estava
falando num sentido amplo. De qualquer forma,
Tatiana não entendeu o que aquilo significava. Ela
bocejou e ajeitou a cabeça no travesseiro. — Sei
que não somos muito próximos, porém, quando se

sentir sozinha, pode me ligar também. — Arthur sugeriu. Ele tinha esse jeito ácido e ranzinza, mas era, sobretudo, um bom amigo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Tatiana sorriu e assentiu, guardando aquilo na memória com bastante carinho. Tomara que ela se lembrasse disso no dia seguinte.

A ruiva virou para o lado e, cerca de poucos segundos depois, tão rápido quanto tinha acordado e começado a tagarelar, ela caiu outra vez em um sono pesado e incomum, onde corria atrás de um cupido com uma metralhadora na mão. O único problema era que o desgraçado corria mais rápido do que o Papa-Léguas, e ainda parecia usar um colete à prova de balas!

Maldito!

[...]

Quando abriu os olhos pela manhã, Roberto sentiu como se um caminhão, um trem, um patinete e um carrinho da Hot Wheels tivessem passado por cima do seu corpo pelo menos umas cento e oito vezes

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

(cada um).

Ele tomou um fôlego e doeu. Tentou se mexer e doeu. Mas então, ao olhar para o lado, ele viu Alana dormindo e sorriu feito um abestado que era. Ela estava usando uma roupa dele, que tinha

vestido após tomar um banho e retornar para o quarto na madrugada anterior.

Tudo bem que Alana até tinha cogitado a possibilidade de dormir com a sua prima, já que a pobre coitada estava desmaiada de bêbada, mas uma checadinha no quarto de visitas foi suficiente para encontrá-la babando de boca aberta e com Arthur cochilando ao seu lado.

Foi assim que ela voltou para o quarto do traste, onde ambos trocaram mais alguns beijos até finalmente caírem no sono, exaustos. Por falar no tihoso, ele ainda sorria que nem um bocó enquanto pensava que não conseguia acreditar no PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

fato de que a sua ex mulher estava ali, do seu lado.

Afinal de contas, nem em sonhos ele imaginou que teria essa sorte outra vez!

Ele se mexeu na cama, desconfortável, e os olhos da mulher que amava se abriram. Durante um segundo Roberto ficou apreensivo, imaginando que ela poderia dar a louca e fugir (típico!), mas então ela sorriu e ele respirou aliviado.

— Bom dia. — ele foi o primeiro a falar.

— Bom dia, traste. Que horas são?

— Não faço ideia, acordei agora também.

Há quanto tempo ele não dormia um sono tão pesado? Apesar da posição desconfortável de dormir de barriga para cima, ele tinha praticamente

apagado.

Alana se espreguiçou e Roberto a observou, com os cantinhos dos seus lábios se erguendo num sorriso

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sem que ele notasse. Era um abestado, de fato.

— Como você está? — ela quis saber. — Ainda com dor?

— Quase nada.

Mentiroso, não?

— Tem certeza?

— Não precisa ficar se preocupando com isso,

Alana. — Beto disse e ela riu, sentando-se com as pernas dobradas na posição de índio.

— Traste, me responda uma coisa. Nós realmente vamos tentar fazer dar certo?

— Que? Lógico! — ele nem hesitou em responder.

— Pois então! Já sabemos que não vai ser fácil, mas existem algumas coisas que nós, por experiência, temos certeza absoluta de que acabam em merda e que por causa disso podemos evitar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Essa sua atitude é uma delas.

Ele a observou e assentiu, prestando atenção em suas palavras. Se possível até mesmo anotaria num caderno, que era para não correr o risco de botar tudo a perder antes mesmo de terem tentado outra vez.

— Entendi. Você diz...

— Ficar nessa morrinha de não falar logo o que está sentindo! — Alana esclareceu de uma vez por todas, que era para não deixar margem para dúvida.

— Você está com dor? Desembucha, tinioso! Se você estiver com raiva, triste, feliz, chateado ou o que for, eu quero que você me fale. Você consegue fazer isso? Ou precisaremos procurar a Terapia de Casais Felizes?

— Não, por favor! Eu ainda consigo me lembrar daquela música infernal do quarto. — Beto fechou

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

os olhos e Alana riu.

— Minha nossa, é verdade! Não, não, não, pior: só me recordo de ter acordado com essa canção e com a sua frase mal humorada de sempre.

— Que frase?

— Que. porra. é. essa? — ela o imitou e ele riu com vontade, sendo acometido pelo monstro da dor.

— Ai... — o traste gemeu, tentando se conter, e Alana encolheu os ombros.

— Poxa vida, tinioso... Cada vez que você faz assim, um unicórnio morre em algum reino encantado, de tanta culpa que eu sinto.

— Que bom, Alana! Porque é para sentir mesmo!

— Oras, não era para concordar! — ela riu. — E vê se decide o que quer da sua vida, Roberto! Numa hora você diz que está tudo bem, e na outra quer

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

jogar na minha cara as coisas que eu fiz SEM

QUERER!

— Não, e tem mais! Ainda teve o dia em que você

me fez cair de cara no chão! — ele continuou,

ignorando-a. — Juro que não tenho ideia de como

ainda estou vivo, ou com sanidade mental!

— É mesmo? Eu já sei qual é a sua, traste! —

Alana estreitou os olhos. — Você se faz de

bonzinho e de compreensivo, diz que está tudo

bem, mas depois guarda tudo numa caixinha, que é

para trazer à tona quando lhe convém!

— Pois é, a caixinha dos vacilos. — ele assentiu e

riu, revirando os olhos em seguida. — Até parece,

né?

Se tinha alguém que sabia como jogar as coisas na

cara com maestria, aquele alguém era a própria

Alana, também conhecida como o cruzamento da

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Paulina Bracho, com a Maria do Bairro e a Maite

Perroni atuando em cenas dramáticas.

— Mas enfim... — Beto suspirou, tornando a falar

sério: — Sobre o que você me pediu, tudo bem.

Prometo tentar melhorar nesse aspecto, mas tenho

uma condição...

— Hum? Qual? — Alana o encarou, um pouco

(muito) distraída. É que observá-lo assim de perto,

após acordarem juntos, faziam-na lembrar da época em que ainda eram casados.

Status: nostálgica e com fogo no rabo.

— Você vai parar, pelo amor de Deus, de inventar mentiras! Nada de namoro falso, gravidez falsa, ou motivos falsos para invadir a minha casa!

As palavras de Roberto rapidamente lhe puxaram de volta para a realidade.

— Ooooras! — a doida se ajeitou, ofendida. —

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Não menti porque gosto, e sim porque eu precisava sustentar a farsa do meu acordo mais que perfeito com o Arthur! Inevitavelmente, lógico, uma mentirinha acabou puxando a outra, mas o que importa é que no final deu tudo certo. Quer dizer...

Não muito, porque a nossa família vai surtar quando souber da verdade!

— Sim, talvez. — Beto concordou, mas "talvez" nem era uma opção. A resposta certa, na verdade, era COM CERTEZA. — Mas enfim, não é para ficar se justificando, e sim para se comprometer a não

inventar

mais

nenhuma

dessas

suas

maluquices!

— Essa acusação é injusta, Roberto. Mas tudo bem.

— ela disse. — Só que, cá entre nós: que a ideia de vir investigar a sua casa foi muito genial, isso foi!

Não, melhor: eu ainda obtive êxito no processo, ao conseguir roubar o envelope! Fui eficiente ou não,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

hã? Vocês por um acaso precisam de uma detetive na Polícia Federal? Ou, não sei, talvez o FBI também me aceite...

— Ah sim, muito genial! Quase tomar um tiro é obter muito êxito mesmo! — Roberto exclamou, ficando irritado só de lembrar do risco que aquela doida correu. — Sério, Alana, escuta *bem* isso aqui: ter mais responsabilidade e senso do perigo acabou de entrar nessa tal lista de coisas importantes, entendeu?

— Iiiiih! — ela o olhou, secretamente achando graça. — Já começou com a mania de policial chato, mal humorado e mandão!

— Não é isso não, Alana! No dia em que eu te prender de verdade, só de raiva, você vai ver!

— Agora você está falando que nem o Arthur...

— Ah, pronto! E vê se não fala do Arthur agora,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

porque eu acabei de acordar e ainda não engoli o fato de que não vou mais precisar atirar nele!

— O que? Não, você não iria atirar no Arthur!

— Não que você saiba, né? Mas era uma possibilidade.

Alana riu e se aproximou dele, não resistindo à vontade de ficar mais perto. Dava para acreditar nisso?

— Dói se eu me apoiar aqui? — ela apontou para o braço bom do tihoso, que estava sentado e com a coluna recostada na cabeceira.

— Não, pode vir. — Roberto respondeu sem ter muita certeza. A verdade foi que doeu um pouco sim, porém ele nem se importou em ter que aguentar. Pelo contrário, ele sorriu ao tê-la ali e beijou o topo de sua cabeça.

— Será que o Arthur e a Tati já acordaram?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não sei, mas para de falar no Arthur... — ele pediu somente de brincadeira (ou não), mas a questão foi que Alana achou tão engraçado que insistiu:

— Será que o Arthur já tomou café da manhã?

— Pronto, agora começou...

— Será que o Arthur dormiu bem?

— ...

— Será o que o Arthur está fazendo?

— Chega, vou pegar a arma! — Roberto gesticulou como se fosse se levantar, porém permaneceu onde estava e Alana riu.

— Acho que se você pegar essa arma, eu mesma é

quem atiro naquele fofoqueiro linguarudo! E

depois, se bobear, ainda atiro em você!

— Em mim? Por quê?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por nada, só para matar uma vontade antiga...

— Deus que me livre! Do jeito que você é doida,
eu vou mesmo manter essa arma muito bem
escondida!

E, de fato, ele não estava brincando.

Alana soltou um risinho contido e levantou um
pouco o rosto, a fim de olhar nos olhos dele. Tinha
tanto sentimento ali, no olhar de ambos, que
parecia até loucura imaginar que eles ficaram tanto
tempo separados.

— Sabe no que eu estou pensando? — ela
perguntou, diante daquele clima bom.

— Hum?

— Nós ainda não escovamos os dentes.

Roberto riu. Ele parecia um velho dolorido a cada
vez que ria, pois soltava vários resmungos de dor,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

porém não teve como evitar.

— Do que você está rindo, traste? — ela riu
também.

— Não sei, de você. Pensei que fosse falar qualquer
coisa profunda.

— É? Tipo o que?

Ele não respondeu, mas pensou por um segundo.
Estava justamente buscando por uma frase boa,
quando ambos se encararam outra vez e o assunto
morreu. Alana se inclinou e juntou seus lábios,
esquecendo-se das frescuras de terem ou não
escovado os dentes. Na verdade, ela queria beijá-lo
desde a hora em que abriu os olhos e, quando suas
línguas se encontraram num beijo muito gostoso, as
mãozinhas ávidas dela correram por debaixo da
camisa daquele projeto de assistente do satã.

A vontade de fazer isso vinha lhe atormentando,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

secretamente, desde o dia em que os dois tinham se
reencontrado na cozinha dos seus avós e ela o
notou muito mais bonito e forte do que antes.

Pensando bem, agora ela estava feliz por ele não ter
ficado calvo, banguela e nem nada do tipo. Maldito
homem atraente!

Beto, por sua vez, só pôde pensar que odiava o fato
de estar todo ferrado, dolorido e com um braço
inutilizado, mas foi justamente com a mão boa que
ele percorreu as costas de Alana, fazendo-a
arrepiar. Então, como um extintor para apagar o
fogo no rabo de ambos, duas batidas na porta os
fizeram paralisar por um momento.

— Roberto?

Durante um segundo, nenhum dos dois disse nada.
Já no segundo seguinte, as sobrancelhas do traste se

ergueram com confusão e Alana levou uma mão até a boca, assustada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Fruta que partiu, é o meu pai?

— Puta que pariu, é sim! Como foi que ele entrou?

Na pressa de se colocar de pé, Alana deu uma cotovelada na costela de Roberto, que gemeu e se encolheu de dor.

— Oh meu Deus! Perdão! — ela sussurrou.

— Roberto? Posso entrar?

NÃO!

— Espera um minuto, tio! — ele pediu, ainda vendo estrelas.

— Vou me enfiar debaixo da cama! — Alana avisou, mas, assim que agachou e fez menção de rolar para as profundezas escuras, a manga da camisa que usava se agarrou no puxador do criado mudo e...

VRAAAAAP!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A blusa rasgou!

— OH MEU DEUS!

— Roberto? — César chamou de novo. Pelo amor de Cristo! Será que esse homem impaciente não poderia esperar?

— Estou terminando de... Me vestir!

— Não quer ajuda, filho?

— Alana? — Beto cochichou, pondo-se de pé. —

Sai daí! Que bobagem, a gente já foi casado!

— Estou seminua, seu traste! — ela cochichou de volta. — E meu pai não sabe que dormi aqui com você, nem que o Arthur não é o meu noivo! Nem que eu não estou grávida! Ficou doido, é?

Ah, lógico! E o doido era ele!

Ela rolou para debaixo da cama e Roberto deu dois passos em direção à porta, porém parou e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sussurrou:

— Alana?

— O que foi, tinhoso?

— Gostei do sutiã, combina com você.

Ela precisou segurar um riso, ao mesmo tempo em que sentiu as bochechas queimarem.

— Vai logo, Beto!

Quando ele finalmente abriu a porta, seu César parecia impaciente. Na verdade, ele sempre parecia impaciente.

— Vim trazer o seu carro. — ele informou e Roberto viu Arthur e Tatiana gesticulando logo atrás.

O que?

— Sinto muito! — Tatiana apenas moveu a boca.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Beto não entendeu o que era, mas Arthur também

tentou falar algo:

— Esse homem é o próprio demônio!

— Ah! — o traste arquejou, passou a mão boa pela testa, e encarou o tio. — Obrigado. Por tudo, na verdade. Por ontem e também por trazer o carro.

— Não por isso. — César assentiu, sério. — Posso entrar?

NÃO, mas que inferno!

— Pode, claro.

Alana sentia-se como Lex Murphy em "Jurassic Park: o Parque dos Dinossauros", naquela cena clássica da cozinha em que ela se esconde de um velociraptor.

Ela ouviu o barulho de passos, da porta se fechando e, depois, de molas. Eles tinham se acomodado na

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cama.

— Creio que você tem ideia do principal motivo que me trouxe até aqui, certo? — César disse.

— O senhor diz... Fora o carro? — Beto questionou e o viu acenar com a cabeça. — Bom, na verdade não.

Foi-se a época em que os dois eram como pai e filho, pois, depois do que aconteceu entre Roberto e Alana, o afastamento foi imediato.

— Certo. — César pigarrou. — Vim até aqui falar sobre a minha filha.

— Ah.

— A Carina.

— AH!

— Soube da gravidez. Eu a chamei para uma conversa franca, depois que você me incentivou a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

procurá-la. Não estou nem um pouco feliz!

Primeiro a Alana me aparece esperando um filho de um cabra desconhecido, e agora a Carina! Você por um acaso sabe quem é o pai?

— Já aviso que não sou eu! — Roberto logo

levantou a mão boa, antes que seu tio inventasse de quebrar mais algumas costelas suas. Então, em

seguida, ele omitiu a verdade sobre Davi. Mas também, né? Isso era assunto da sua prima, e chega de se meter em confusões! Da última vez ele quase

acabou morto, e nem nos seus cinco anos

trabalhando na Polícia Federal isso tinha

acontecido!

— Não é possível! Eu devo ter falhado na criação

dessas meninas, só pode! — César prosseguiu, um

pouco alheio. — Na verdade, tenho certeza de que

falhei! As duas sequer se olham!

Roberto sabia que aquilo não era verdade. Tudo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

bem que seu tio era um homem um tanto quanto

super protetor, mas que filha não gostaria de ter um

super pai? A vida inteira ele se desdobrou sendo pai

e mãe e, quando Beto precisou de um, ele também desempenhou o papel muito bem. Deu conselhos, broncas, e foi parte importante na formação do seu caráter. A relação de suas filhas só era ruim porque Carina nunca aceitou dividir a atenção com ninguém. Desde pequena ela já se mostrava egoísta, e quanto a isso um total de zero pessoas poderia ser culpado.

— Você é um grande pai, tio. — Beto disse, vendo-o erguer a sua cabeça grisalha. — Tem coisas que não estão ao seu alcance, e a Alana e a Carina são mulheres adultas. Elas sabem se virar e fazer as suas escolhas.

César pensou por um momento, tomou um fôlego e assentiu. É, fazer o quê?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Enfim... Obrigado por ter ajudado a Carina com os exames. Devo ir pescar qualquer dia desses.

Quando estiver bom outra vez, me fale.

Beto sorriu e assentiu.

— Pode deixar.

Então eles se colocaram de pé e seu César o abraçou de lado, meio sem jeito. Beto lhe disse para ficar a vontade para qualquer coisa que quisesse, pois ele só iria mesmo estender a sua cama e aí, quando a porta foi fechada outra vez, Alana rolou em direção à liberdade e deu de cara com um Roberto sério.

— Você vai dizer a verdade para ele, tá bom?

— Eu sei. Mas não agora, né? — ela lhe respondeu

e os dois foram surpreendidos por outra batida na

porta. É falta de sossego! Alana rolou outra vez

para debaixo da cama e Roberto suspirou, abrindo-

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

a.

— Oi, tio.

— Esqueci uma coisa. — ele disse, sendo que o

sobrinho imaginou que seria a carteira, ou o celular.

Mas a verdade era que não foi nem um, nem outro:

— Alana? — César chamou, fazendo-a congelar.

— Pode sair daí debaixo!

OH. MEU. DEUS!

Ela fechou os olhos e pensou que com certeza o pai

havia procurado por ela naquela casa e então,

quando não a encontrou, ligou "a" mais "b".

Francamente? Tatiana e Arthur eram mesmo dois

incompetentes, por tê-lo deixado entrar sem nem

avisar!

— Não tem nenhuma Alana aqui! — ela bem que

tentou, afinando a voz. Deu certo em "Lisbela e o

Prisioneiro", quando Leléu fugiu de Frederico

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

Evandro.

— Agora!

Malditos filmes fantasiosos!

Alana rolou para o lado mais uma vez e então, sem nem um pingo de dignidade, colocou-se de pé.

— Oi, paizinho lindo! — ela sorriu amarelo. César arregalou os olhos e Roberto também. Oh meu Deus, a camisa!

Mas já era tarde demais. O patriarca da família arfou, abismado, e acabou soltando a sua frase clássica:

— MAS QUE PATIFARIA É ESSA AQUI?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

CAPÍTULO VINTE E OITO | FINAL

"O amor é filme

Eu sei pelo cheiro de menta e pipoca que dá quando a gente ama

Eu sei porque eu sei muito bem como a cor da manhã fica

Da felicidade, da dúvida, dor de barriga

É drama, aventura, mentira, comédia romântica"

- O Amor é Filme, Cordel do Fogo Encantado.

Como tudo naquela família, a descoberta sobre as mentiras de Alana se tornou um evento.

Tiveram reações para dar e vender, mas é claro que a principal delas nunca poderia faltar:

— Quem é esse rapaz então? — tia Sandra apontou

para Arthur, chocada. — Um prostituto?

— NÃO! MALDIÇÃO! — ele se irritou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Seu César estava que era só o desgosto, embora também estivesse aliviado por saber que a sua filha descompensada não esperava um bebê de Arthur.

Afinal, bastava Carina, que tinha se enfiado no quarto desde o embate pela manhã. Já em relação à Roberto... Ah, mas eles teriam uma longa e demorada conversa...

Tia Nice estava igualmente chocada com tudo, especialmente com o fato de que o seu filho parecia ter sido atropelado pelo carro da pamonha.

Também, pudera: até então a pobre mulher estava totalmente por fora do pequeno "acidente" da madrugada passada, e não fazia ideia de que quem havia atropelado o seu filho foi, na verdade, o furação Alana.

Porém, o que mais chamou a atenção naquele fuzuê todo foi a reação de Pedro e Portíria, aqueles velhinhos sujos e manipuladores.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bem... Já que estamos trabalhando com honestidade, nós também temos algo a declarar. — seu Pedro disse, erguendo a sua bundinha magrela da cadeira de balanço. — Esperem um minuto. — ele pediu e saiu, arrastando-se para o interior da

casa.

O falatório, lógico, recomeçou. Eram perguntas para cá, perguntas para lá, uma verdadeira loucura, para fazer jus àquele hospício que chamavam de lar!

Quando Pedro retornou, segurando uma dessas malas de couro bem antigas, ele trocou um olhar cúmplice com Portíria e ambos sorriram. Velhinhos cínicos!

— O que é isso? — Alana questionou. — Vamos ver fotos?

— Não, querida. — vovó lhe sorriu, toda doce.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Então, num único movimento, a mala foi aberta e longos segundos de silêncio pesaram sobre o ambiente.

Tio Ricardo foi o primeiro a tomar coragem e perguntar:

— O que é isso? — ele apontou, embasbacado.

— Dinheiro. — vovô respondeu e bufou. Ele é que estava velho, mas o genro é quem parecia cego!

Pelo visto, ele e Portíria precisariam desenhar muitas coisas.

— Nós sabemos que é dinheiro, pai! — Nice falou.

— Mas o que isso quer dizer? De onde saiu todas essas notas?

— Obviamente, do caixa eletrônico. — o velhinho rabugento continuou a atacar. Todo mundo

permaneceu sem entender, até que Roberto, que nunca tinha caído muito naquela história de roubo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

da pousada, abriu a boca e disse:

— Puta que pariu, hein? Então era mentira mesmo?

— Modos, Roberto! Ou vou lavar a sua boca com sabão em barra! — Portúria o olhou feio. Em

seguida, ela sorriu e tornou a encarnar a vovó

inocente e fofinha. Até parece, viu? Bipolar! —

Mas sim, era mentira. Esse é o dinheiro da pousada.

— OOOOH! — houve uma grande exclamação

coletiva, exceto por parte de Roberto. Ora, ora,

ora... Até que, para alguma coisa, aquele ali não

tinha sido tão bocó.

— Diacho, como assim esse é o dinheiro da

pousada? — Tatiana quis saber. — Então nós não

fomos roubados?

— Não. — Pedro negou, sentando-se com uma

calmaria impressionante. — Para falar a verdade,

estamos melhores do que nunca. O turismo por aqui

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

está bem aquecido esse ano.

Viram só? Diabólicos!

— Não entendo, vovô! — Alana falou, sendo que o

seu cérebro estava feito o meme da Nazaré

Confusa. — Se a pousada não estava sendo

roubada, por que vocês disseram que sim?

— Não é óbvio? Por causa de você... — ele apontou o seu dedinho enrugado na direção dela e, em seguida, na direção de Roberto. — ...E daquele neto desnaturado!

— O QUE? — os dois perguntaram em uníssono, chocados e confusos.

Com isso Beto não contava! Mas também, né? Não se podia esperar muito daquela mente devagar. Um passo de cada vez.

— Precisávamos de uma maneira de fazer com que vocês tomassem vergonha na cara e se acertassem,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

fosse para continuarem juntos, ou não. — vovô explicou. — Afinal, eu não suportava mais ver esse meu neto abestado com aquela cara de cachorro do mato!

Beto bem que abriu a boca para tentar se defender, mas foi em vão. Ele estava como todos os outros ali: descrente.

— O que o Pedro disse é verdade. — Portíria assentiu. Ah, era mesmo? Beto adorou saber que a sua avó também concordava com o "cara de cachorro do mato". — Então, quando soubemos que a Alana viria passar uma semana aqui, nós começamos a pensar em tudo.

— Tim-tim por tim-tim! — Pedro piscou, orgulhoso. — O falso arrombo financeiro levou às reuniões, que levaram à viagem, e com isso a Alana

e o Roberto tiveram um tempo juntos. Mas, é claro, também tivemos um empurrãozinho do destino. Por

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

exemplo, não contávamos com aquele pneu furado à caminho de Mumbaba, porque a ideia era apenas deixá-los perdidos por algumas horas.

— Como assim? — Alana questionou, incrédula, e Roberto estreitou os olhos.

Arthur observava a tudo embasbacado. Quer dizer então que ninguém deu a mínima para o fato de que ele era o namorado dela? Tá, tá, tudo bem que era de mentira, mas cadê o respeito? A moral? Os princípios?

— Oras, meu anjo... — vovó sorriu para Laninha.

— No dia daquela viagem, o seu avô não estava realmente passando mal.

— Não?

— Não. — Tatiana respondeu e sorriu amarelo, erguendo as duas mãos como se dissesse **SOU CULPADA!**

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Todos os olhares se voltaram imediatamente para ela.

— Espera! Você sabia disso, Tita? — Beto questionou, horrorizado. — Você fez parte desse complô?

— Não exatamente! — ela riu. — Estou tão

surpresa quanto vocês, mas naquele dia os nossos avós me pediram um... Favorzinho especial. E eu, como estava dura, lógico que aceitei!

— Eles te pagaram? — Roberto perguntou, recebendo uma piscadela. — Porra, Tita! Suborno? Sério?

— Enfim... — Pedro pigarreou, achando aquela ladainha ética um verdadeiro tédio. — Não faça essa cara de desacreditado, Roberto! Naquele dia nós também subornamos o rapaz que lhes deu a informação errada a respeito da estrada que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

deveriam seguir, o dono de uma lanchonete e a Goreth.

— A GORETH? — Alana arregalou os olhos e Roberto balançou a cabeça, satisfeito com pelo menos uma coisa:

— Viu só? Eu disse que não estava perdido! Eu sabia que tinha seguido as instruções de forma correta!

— O que? Não é o momento para isso, traste! — sua ex mulher disse, tornando a encarar os seus avós. — Como assim vocês subornaram a Goreth?

— Simples, meu anjo. Embora, claro, tenha tido todo um trabalho complexo e minucioso por trás.

— vó Portíria falou e começou a explicar: — O Beto me ligou dizendo que vocês estavam perdidos numa lanchonete, na estrada para Mumbaba. O

número, óbvio, ficou registrado no telefone fixo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Então nós ligamos de volta para o dono do estabelecimento, que mandou um cabra seguir vocês. Foi ele quem nos informou que ambos passariam a noite na Pousada Estadia Feliz.

— Puta que pariu! Crime de suborno! — Beto morrinhou, sendo ignorado:

— Incrível, porque nós não conhecíamos a Goreth, mas demos uma pesquisadinha e descobrimos que a pousada dela era referência em terapia para casais.

— Pedro disse e sorriu, encarando Portíria todo cheio de si. — Podemos ir lá qualquer dia desses, não é?

— Por favor, só... Continuem! — Alana balançou as mãos, interrompendo o momento turístico dos avós. Vovô prosseguiu:

— Esse troço de terapia era coisa do destino mesmo, então tudo o que nós precisamos fazer foi

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dar uma dica aqui e outra ali.

Oras! Então aquilo explicava toda a possível bruxaria e adivinhação envolvendo o prato especial que Alana e Roberto degustaram. "Os astros" que Goreth disse eram, na verdade, aquele casal de criminosos!

— Espera! — Arthur interrompeu aquela

maluquice, simplesmente por não conseguir mais se conter. — Será que *realmente* ninguém pensou nos meus falsos sentimentos?

— Claro que sim, meu anjo. — vó Portíria o olhou.

— Mas o Pedro procurou pela sua rede social e lá constava que você estava solteiro. Que espécie de namorado de verdade não mudaria o status de relacionamento?

"Droga, é mesmo! Que bola fora!", Alana pensou.

— Hã? Vocês têm Facebook? — Arthur

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

questionou, estarecido. Quantos anos aqueles velhos doidos e caducos das ideias tinham? Claro, não que velhos doidos e caducos não pudessem ter redes sociais. Ques velhinhos mais modernos!

— Sim. E Instagram também. — vovó sorriu. — Adicione a gente lá, vai ser importante mantermos contato.

Jesus Cristo! De fato, a loucura era mesmo de família!

— Pera lá! — Beto falou, interrompendo mais um diálogo estranho daquele bafafá esquisito. — O homem bêbado e peludo que estava ameaçando os funcionários da pousada também foi subornado?

— O que você acha? É lógico! — vovô Pedro riu daquele jeito bem "hohoho" que os velhinhos riem, estilo Papai Noel. Ai, ai... Que neto trouxe! Aliás... Netos trouxas, no plural!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

E então, diante de tantas revelações bombásticas, o falatório recomeçou. Era pergunta para cá, pergunta para lá, uma risada aqui, outra risada ali...

Inacreditável!

Duas mentes diabólicas (e geniais, também) estavam por trás da maioria dos grandes acontecimentos da semana.

Beto riu. Ele olhou para tudo aquilo, para o rosto de cada um, e riu. Doía a cada risada que ele soltava, mas simplesmente não dava para evitar. Daí, depois de se comportar feito uma hiena da costela quebrada, ele abriu a boca e disse:

— Chega!

Estava na hora de botar ordem naquele galinheiro, afinal, faltavam poucas horas para a formatura de Tatiana e a grande maioria ali parecia vestida para uma invasão dos sem-teto. Inclusive a própria

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

formanda.

— Vocês são doidos! Todos, sem exceção! Só nessa semana, essa família cometeu uma porção de crimes! Alana? Vejam bem: furto, invasão de propriedade e tentativa de assassinato. Arthur? Cúmplice! Tatiana? Cúmplice! Meus avós? Mandantes do crime! Tio César? Ameaça de lesão corporal! Somente a minha mãe e os pais da Tita

parecem inocentes, mas eu aposto que, se eu procurar saber a fundo, também vou me surpreender! É sério, vocês precisam parar por aqui, antes que uma hora eu me veja obrigado a colocar toda a minha família atrás das grades! Hum... Hum... Vejam só?! Se achando inocente demais, não?

— Oras! Olha aqui, traste... — Alana botou a mão na cintura, toda cheia de si. — Se pararmos para pensar, você também cometeu crime por

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

perturbação do sossego e invasão de sacadas alheias!

— Alana, não vem com essa! Você quase me matou!

— Mas diacho, como assim? Não tinha sido um acidente? — César franziu o cenho e vovô Pedro bateu palmas, querendo a atenção para si outra vez.

— Contenham-se, abestados! Temos um último comunicado a fazer!

— Ah, não! Não vá dizer que vocês também mataram alguém e ocultaram o corpo! — Beto questionou. Parecia brincadeira, mas o medo era

real.

— Silêncio, traste! — vovó riu. Pelo visto, era oficial: não havia mais respeito naquela casa. — Na verdade, temos um convite a fazer para a Alana e o Arthur, pois sabemos que os dois trabalham juntos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

em São Paulo e que o Arthur não é um diretor milionário.

— Nossa! Mas vou te contar, viu? Céus! — Alana

ergueu

as

duas

mãos

acima

da

cabeça,

desacreditada. — Não se pode nem mentir em paz,

que vocês vão lá e descobrem tudo! Quem são

vocês, afinal? O FBI?

— FBS. Força Bruta dos Speziali. — Tatiana

sugeriu, achando o máximo.

— Que tipo de convite vocês querem nos fazer? —

Arthur perguntou antes que o assunto se desviasse,

afinal, ô família aleatória!

— Sem muita enrolação, vou direto ao ponto:

queremos que vocês assumam a administração da

pousada, pois recebemos a proposta de um

investidor e vamos ampliar. Inclusive, construir

uma segunda pousada em Jericoacoara está nos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

planos. — Pedro jogou a bomba assim, sem mais nem menos. — Estou velho e cansado, prestes a bater as botas, e ninguém da família se mostrou interessado quando sugerimos passar o cargo. Um bando de imprestáveis!

Uau!

Alana e Arthur se entreolharam, surpresos.

Já tinha algum tempo que os dois pensavam em tirar do papel a ideia de um negócio para administrarem juntos, mas aquilo era... Era um convite grande, em todos os sentidos. Envolvia mudanças drásticas demais, inclusive uma troca de estado e novas responsabilidades.

— Perdão, mas por que vocês entregariam a administração dos negócios da família na mão de um desconhecido e de uma louca mental? —

Arthur quis saber e a Alana o encarou, levemente

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ofendida.

— Ei? Estou aqui, viu? Sr. Difamador!

— Nós não somos burros. — Pedro respondeu. —

Primeiro verificamos toda a trajetória profissional de vocês dois, de modo que acabamos gostando muito do que descobrimos. Fizemos algumas ligações aqui, outras ali, e até pedimos a opinião da

atual chefe!

— Pronto! — Beto apontou um dedo, realmente preocupado. — Mais um crime! Suborno por troca de informações!

— Mas diacho, será que todo policial é chato assim? — vovô devolveu e suspirou, exausto.

Antes da formatura de sua neta facilmente comprável, ele ainda queria tirar uma boa soneca. — Enfim... Pensem sobre isso. De todo o modo, sabemos que há um processo de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cumprimento de aviso prévio, de organização das mudanças e *et cetera*. Mas pensem bem.

É, meus amigos... De fato, Arthur e Alana tinham muitas coisas para considerar. Ela, no entanto, não poderia negar que seus olhos brilharam já de cara.

Primeiro pela oportunidade incrível, e segundo porque... Ah, vocês já sabem o porquê! Começa com t e termina com e. Isso mesmo: pelo traste!

Mas, por enquanto, não vamos mais falar sobre isso. Vamos falar sobre a formatura de Tatiana, que foi um sucesso.

Com um vestido deslumbrante e um par de all star no pé, ela finalmente colou grau e ergueu o canudo.

Depois, tirou muitas fotos e ficou mais doida do que o Batman, esbaldando-se com os drinques exóticos do Piolho. Também teve a hora do discurso. Ah, que momento emocionante! Ninguém

entendeu porcaria nenhuma do que ela disse,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

porque ela estava bêbada e falando suas frases de agenda, mas todos aplaudiram e ela saiu ovacionada. Grande mulher! Grandes palavras!

Tatiana

sentia-se

inspirada

naquela

noite,

entendem? Como se pudesse voar e conquistar o mundo. Ela olhou para o céu, determinada, e ergueu um dedo.

— Escuta aqui, cupido de merda! Não sei onde você mora, nem sei se você tem visto ou passaporte, mas acho bom ter um americano gostoso esperando por mim! De preferência, gostoso e médico! Escutou? Vê se acerta o alvo dessa vez, seu maldito!

Hum... Acertar o alvo?

Será?

Em algum lugar numa terra distante dos cupidos, um cupido sacana passava uma mãozinha na outra

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

e ria de maneira diabólica.

Afinal, o que poderia acontecer se duas flechas fossem lançadas ao mesmo tempo?

E Alana e Arthur? Aceitariam a proposta da dupla de avós mais moderna e criminosa que vocês conhecem?

Não, e tem mais! E Alana e Roberto? Se acertariam de vez? Ou será que uma previsão macabra de Madame Soraya, a vidente que não foi subornada, abalaria as estruturas desse não-casal?

Oh meu Deus!

Com tantas perguntas a serem respondidas, certamente essas são cenas para uma próxima história.

Portanto...

Hasta la vista, abestados!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

[...]

[Cena pós-crédito]

Uma andorinha cortou o céu e cagou na cabeça de Arthur. Maldição! Nem nas últimas horas daquela viagem louca, o pobre homem tinha sossego!

Por um segundo, ele paralisou. Então, no segundo seguinte, deixou Alana a ver navios e apressou-se em direção ao banheiro. Precisava lavar os cabelos!

Que nojo! Decidir se eles aceitariam ou não o convite para a administração dos negócios poderia esperar.

Alana riu. Ela riu tanto, mas tanto, que saíram lágrimas de seus olhos. Parecia que os pássaros daquele lugar tinham uma fascinação por defecar

em Arthur. Justo nele!

Ela se espreguiçou na cadeira de plástico da sacada de seu pai e notou que seu tio Ricardo já estava

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

levando as malas de Tatiana para o carro. Bom, era isso. Estava chegando a hora. Alana, Arthur e Tati iriam juntos para o aeroporto, e o coração daquela maluca estava muito apertado.

Foi uma semana longa e doida. A mais inesquecível da vida de Alana, para falar a verdade. Ela jamais pensou que o acordo (im)perfeito que tinha feito com Arthur renderia tantos acontecimentos, mas lá estava ela: com as malas prontas para voltar para São Paulo, sendo que o coração estava ficando com o próprio assistente do satã, que ela jurou de pé juntinho que nunca mais iria amar.

Mas, cá entre nós, quando foi que esse amor morreu mesmo?

A realidade era que ele só ficou lá, adormecido e esperando o tempo certo para acordar tão, ou mais forte do que antes. E, aliás, por falar no traste...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Alana suspirou quando o viu passar pela porta de vidro da sacada, com o braço esquerdo sendo sustentado pela tipoia.

Ela não queria criar expectativas demais em relação aos dois, pois sabia que precisavam ir com bastante

cuidado, mas...

Ah, querem saber? Qual é? A quem estamos tentando enganar?

Naquele momento, Alana estava era pensando no dia em que contaria aos filhos que o pai deles, certa vez, tentou bancar o Romeu e quase acabou morto. Ela riu e Beto percebeu, pois sorriu junto da maluca sem nem saber o motivo.

— O que foi? — ele questionou.

— Só pensando, traste. — Alana deu de ombros e encarou o céu. — Será que vai chover?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Parece que sim.

Ventava um pouco e a maré estava agitada.

Beto ocupou uma cadeira ao lado de Alana e ambos se olharam com saudade antecipada. A verdade era que, com as revelações bombásticas do dia anterior, a formatura de Tatiana e a despedida daquela tarde, eles mal tinham tido tempo para ficarem a sós.

— Me avisa assim que pousar? — ele pediu, vendo-a assentir.

— Claro. Me avisa se sentir qualquer coisa? Você vai ficar na casa da tia Nice até se recuperar, né?

— Vou sim. Seu pai ficou de buscar o Spider mais tarde, e o Joaquim tem uma cópia da chave da minha casa. A mãe dele se ofereceu para dar uma ajuda com a limpeza.

— Hum... Joaquim é o X9 estraga-planos, certo?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Beto bufou, mas depois sorriu e assentiu.

— Sim. Se comporte em São Paulo, por favor. Não invada nenhuma casa, nem seja presa, ou tome um tiro.

— Vou tentar. — Alana piscou e riu, ao notar a expressão séria do traste. — Prometo!

Ele não acreditava muito naquelas palavras, mas fazer o que? Teria apenas que torcer para não precisar pegar um avião, todo quebrado, e ir dar uma bronca naquela desmiolada.

— O que você está pensando em fazer, a respeito da proposta daqueles manipuladores? — Beto questionou, curioso.

— Olha... Eu acho que é uma grande oportunidade, ainda mais porque vou estar junto da nossa família. Mas, de todo o modo, isso é algo que eu e o Arthur ainda vamos conversar, creio que lá em São Paulo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Agora, ele está muito ocupado tirando bosta de andorinha da cabeça.

Beto riu com vontade, aguentando a dor sem nem reclamar. Andorinha esperta!

Então, a equipe de efeitos especiais da vida daquele casal achou que seria bonito mandar uma chuvinha, só para encerrar que nem nos filmes.

Alana até chegou a soltar um gritinho, pondo-se de

pé, mas aí ela simplesmente se lembrou das
palavras da sábia Goreth, aquela subornada de uma
figa:

"O perdão é como um dia de chuva, meus queridos:
lava a alma!"

Oras! Pensando bem, e não é que era mesmo?

Alana e Beto não poderiam negar que se sentiam
muito, mas muito mais leves. Tinham certas
bagagens que não compensavam carregar, pois só

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

serviam para deixar a vida pesada. Mágoa, culpa,
ressentimentos... Nada disso valia a pena.

Aliás, foi só depois de abandonarem cada uma
delas que ambos puderam reencontrar o amor que
nunca deixaram de sentir um pelo outro. Na
verdade, ele estava escondido lá dentro do armário
das
emoções,
sufocado
pelas
bagagens
desnecessárias.

Mas agora era hora de colocá-lo para fora outra
vez.

Roberto e Alana se encararam, já encharcados pela
chuva, e ouviram a voz do tio Ricardo dizendo que
sairiam em trinta minutos. Ela torceu para
conseguir se secar e se aprontar em apenas cinco,

porque ali, naquele momento, a doida varrida tinha algo mais importante para fazer.

E sim, abestados! Beijar o traste debaixo de chuva

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

era prioridade máxima, não importava o que dissessem.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

AGRADECIMENTOS E CONSIDERAÇÕES

Ufa! Terminamos uma jornada juntos! Escrever esse livro, de verdade, foi muito divertido e muita gente especial fez parte desse projeto, seja deixando comentários carinhosos durante a fase de postagens no Wattpad, seja me mandando inbox surtando de rir ou de curiosidade pelo próximo capítulo. Sou grata a cada um que leu as loucuras de Alana, Arthur e Beto, tanto no Wattpad como na Amazon.

E não termina por aqui!

“Um Acordo Imperfeito” faz parte de uma série de três livros, chamada “O Acordo”, sendo que os dois primeiros são interligados e o terceiro é um livro independente, ou seja, ele poderá ser lido separadamente.

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

Para você que deseja me acompanhar nessa saga doida e divertida, o livro dois, “A Recompensa Perfeita”, já está sendo postado no Wattpad e em breve virá para a Amazon. Por lá eu também posto outros livros, que tal conhecê-los? Para me encontrar é muito fácil, basta procurar por @alespeziali. Pode mandar inbox a vontade, tá? Adoro falar com vocês!

Então, sem mais delongas, gratidão por cada um que deu uma chance ao meu livro doido. Vocês me incentivam a continuar! Obrigada mesmo, de coração!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON